

Ana Kaciara Wildner

**EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EM ESPANHOL:
UMA ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA**

Tese submetida ao Programa de Pós-
graduação em Linguística da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
doutor em Linguística.
Orientadora: Prof^a Dr^a Leandra
Cristina de Oliveira.

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Wildner, Ana Kaciara

Expressão do sujeito pronominal em espanhol :
uma análise sociofuncionalista / Ana Kaciara
Wildner ; orientadora, Leandra Cristina de
Oliveira, 2017.

272 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Linguística,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

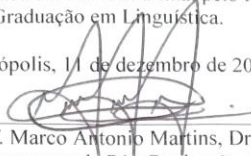
1. Linguística. 2. Expressão do sujeito
pronominal. 3. Diacronia. 4. Funcionalismo
Linguístico. 5. Sociolinguística. I. Oliveira,
Leandra Cristina de. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Linguística. III. Título.

Ana Kaciara Wildner

**EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EM ESPANHOL: UMA
ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de “Doutora em Linguística”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Florianópolis, 11 de dezembro de 2017.

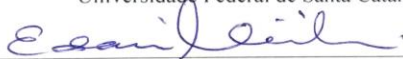


Prof. Marco Antonio Martins, Dr.
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística

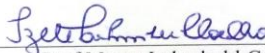
Banca Examinadora:



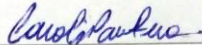
Prof.^a Leandra Cristina de Oliveira, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina



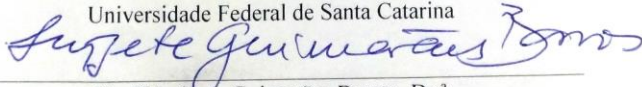
Prof.^a Edair Maria Görski, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina



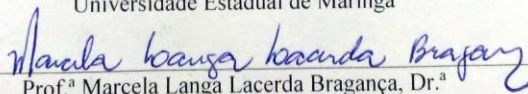
Prof.^a Izete Lehmkuhl Coelho, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.^a Carolina Parrini Ferreira, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.^a Luizete Guimarães Barros, Dr.^a
Universidade Estadual de Maringá



Prof.^a Marcela Langa Lacerda Bragança, Dr.^a
Universidade Federal da Fronteira Sul

Este trabalho é dedicado à minha mãe,
Maria Lucia Antunes dos Santos.

AGRADECIMENTOS

A Deus acima de tudo, por ter me dado fortaleza para concluir este trabalho, mesmo após o descobrimento de um câncer maligno (ainda não curado) e em meio às brechas das quimioterapias.

À minha mãe, por ter tido paciência comigo nos dias em que estive de mau humor e irritada por causa das demandas e dificuldades enfrentadas. Desculpe por ter feito você sofrer, mami. Agora teremos mais tempo para aproveitar a vida juntas.

Ao meu amor, Eduardo Santos da Silva, que sempre me apoiou e me confortou com seu abraço e suas palavras incentivadoras, nos momentos bons e ruins.

À minha orientadora, Leandra Cristina de Oliveira, por estar sempre ao meu lado, me guiando, me corrigindo, fazendo eu me superar, me incentivando a não desanimar. Mas, acima de tudo, obrigada a Deus por ter colocado você em minha vida. Você para mim é – além de uma profissional exemplar, super dedicada e competente! – uma pessoa a quem amo muito. Obrigada, amiga, irmã de coração!

À professora Izete Lehmkuhl Coelho, por ter me acolhido inicialmente no doutorado e ter me guiado durante boa parte do período do curso. Admiro muito seu amor pelo trabalho, seu carinho com as pessoas e sua competência. Minha gratidão a você será eterna!

À professora Edair Maria Görski, por sua preciosa contribuição no meu processo de construção de uma postura funcionalista, construção essa que ainda tem um longo caminho pela frente, considerando que meu percurso como pesquisadora foi marcado fortemente pela abordagem formalista. Obrigada, querida professora, por me auxiliar nesse novo e instigante caminho teórico!

À CAPES pelas bolsas recebidas durante estágio sanduíche, o que tornou possível minha manutenção em outro país e a concretização da presente tese.

Ao professor Florentino Paredes García, da Universidade de Alcalá, por ter aceitado me co-orientar durante meu estágio sanduíche na Espanha. Obrigada, professor, pelos materiais disponibilizados, orientações e sugestões.

A todos os professores que fizeram parte da minha vida! Cada um de vocês tem uma parcela muito importante nessa conquista. Obrigada!

Aos colegas da UFSC com os quais compartilhei momentos de aprendizagem e de amizade durante esses vários anos de estudo.

Aos colegas de trabalho do IFSC, campus Florianópolis-Continente, pela torcida e pelo carinho. Um agradecimento especial a

Patricia Matos Scheuer, que me incentivou a retomar e concluir a tese durante o período de tratamento. Seus conselhos de vida me ajudaram a entender que era possível concluir essa tarefa pendente – que me angustiava demasiado porque não havia previsão de quando eu estaria saudável novamente –, desde que diminuísse minhas expectativas e cobranças comigo mesma. Você me fez ver que tese alguma responderá a todas as perguntas sobre determinado tema, mas, certamente, cada tese contribui de alguma forma para que a ciência evolua.

À minha família amada e queridos amigos, pela força, pela torcida, pelas orações, pela paciência e pelo carinho de sempre!

A todos, muito obrigada, *muchas gracias, thank you very much, merci beaucoup, vielen dank...*

Cambia el rumbo el caminante / Aunque esto le
cause daño / Y así como todo cambia / Que yo
cambie no es extraño / Cambia, todo cambia
(JULIO NUMHAUSER, 1982)

RESUMO

Nesta tese, analisamos diacronicamente o fenômeno da expressão do sujeito pronominal na região dialetal de Castela (Espanha). Este trabalho se pauta no funcionalismo de vertente norte-americana, notadamente nos pressupostos givonianos (GIVÓN, 2012 [1979]; 1995; 2001) e na teoria da variação e mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; 1994; 2003). O objeto linguístico investigado suscita questionamentos acerca de suas motivações e comportamento, uma vez que há autores que consideram haver distribuição complementar entre sujeitos expressos e implícitos (LUJÁN, 2009) e ser motivado exclusivamente por fatores discursivos (CORREA, 2009), enquanto outros, por meio de pesquisas empíricas, demonstram ser este um fenômeno variável (ENRÍQUEZ, 1984; SILVA-CORVALÁN, 1982; SOARES DA SILVA, 2006; WILDNER, 2011). Na presente pesquisa são analisadas quatro peças teatrais escritas no período de dois séculos por autores madrilenos: i) período XIX-I: *La visionaria*, de Juan Eugenio Hartzenbusch (1806-1880); ii) período XIX-II: *El nido ajeno*, de Jacinto Benavente (1866-1954); iii) período XX-I: *El pobrecito embustero*, de Víctor Ruiz Iriarte (1912-1982); e iv) período XX-II: *Siete hombres buenos*, de Juan Mayorga (1965). O *corpus* de análise foi coletado, transcrito e analisado em território espanhol durante estágio sanduíche realizado de setembro/2015 a fevereiro/2016. A análise quantitativa dos dados buscou identificar as variáveis independentes condicionadoras da presença e ausência do sujeito e verificar se houve ampliação dos contextos de uso do sujeito pronominal. Nossa expectativa era de que os resultados obtidos fornecessem indícios a favor da hipótese de sintaticização, construída com base em Givón (2012 [1979]; 2001), segundo a qual a presença do sujeito pronominal, na variedade analisada, é inicialmente motivada por fatores discursivos e pouco frequente (mais marcada), sendo que a sobreutilização do pronome sujeito em lugar de sua omissão levaria a uma desmarcação e sintaticização do sujeito pronominal, sendo sua presença sintaticamente motivada e frequente (não marcada). Conforme prevíamos, nossos resultados apontam forte influência de fatores relacionados ao discurso, uma vez que as variáveis comparação e ambiguidade foram selecionadas em todas as amostras. Contrariando nossa expectativa, houve um acentuado decréscimo dos percentuais de sujeito expresso do período XIX-I para o período XX-II. Contudo, ao analisarmos qualitativamente os resultados, observamos que essa

diferença contrastante era devida, principalmente, ao comportamento do pronome de tratamento *usted(es)*, recorrente nas amostras mais antigas e praticamente ausente na amostra mais recente. Ao isolarmos essa forma de tratamento e o indeterminado *uno(a)*, constatamos que os pesos relativos para os outros pronomes aumentaram da primeira (XIX-I) para a última peça analisada (XX-II). Outro resultado que reforça nossa hipótese é o fato de a posição do sujeito posposto ao verbo ter decrescido significativamente ao longo do período analisado e seu comportamento alterado. Dessa forma, ainda que os fatores relacionados ao discurso tenham se mostrado os principais condicionadores do fenômeno investigado, encontramos indícios de que um sujeito pronominal expresso também é usado com valor apenas anafórico/dêitico, em contextos não comparativos, de continuidade referencial, com verbos de atividade externa, de desinência exclusiva.

Palavras-chave: Expressão do sujeito pronominal. Funcionalismo linguístico. Teoria da variação e mudança. Diacronia. Peças teatrais.

ABSTRACT

In this thesis, we analyse diachronically the phenomenon of the expression of the pronominal subject in the dialectical region of Castile (Spain). This work is inserted in the theoretical framework of the North American functionalist approaches, specially in the givonian work (GIVÓN, 2012 [1979]; 1995; 2001), and in the theory of variation and change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; 1994; 2003). The linguistic object investigated here raises questions about its motivations and behaviour, because there are authors who consider there is complementary distribution between express and implied subjects (LUJÁN, 2009) and that the explicit subjects are motivated solely by discursive factors (CORREA, 2009), and there are others, on the other hand, that demonstrate by empirical research that this is a variable phenomenon (ENRÍQUEZ, 1984; SILVA-CORVALÁN, 1982; SOARES da SILVA, 2006; WILDNER, 2011). In this survey we use four plays written in the period of two centuries by authors from Madrid/Spain: i) 19th century (XIX-I): *La visionaria*, by Juan Eugenio Hartzenbusch (1806-1880); ii) 19th century (XIX-II): *El nido ajeno*, by Jacinto Benavente (1866-1954); iii) 20th century (XX-I): *El pobrecito embustero*, by Víctor Ruiz Iriarte (1912-1982); and iv) 20th century (XX-II): *Siete hombres buenos*, by Juan Mayorga (1965). The *corpus* of the analysis was collected, transcribed and analyzed in Spanish territory during split PhD (from September/2015 to February/2016). The quantitative analysis of the data made possible to identify the independent variables of the presence and absence of the subject and to verify if the contexts of the use of the pronominal subject were expanded. Our expectation was that the results obtained provided clues in favour of the syntaxcization hypothesis, constructed based on Givón (2012 [1979]; 2001); according to it, the presence of the pronominal subject, in the variety analyzed, is initially unfrequent and motivated by discursive factors (more marked), and the overuse of the pronoun subject in place of its omission would lead to syntaxcization of the subject, stage of the linguistic change in which its presence is syntactically motivated and frequent (not marked). As we predicted, our results pointed to a strong influence of discursive factors, since the comparison and ambiguity variables were selected in all samples. Contrary to our expectation, there is a decline in the percentages of the express subject from XIX-I century to XX-II century. However, when we analyse qualitatively the results, we observed that this contrasting

difference was due primarily to the behaviour of the treatment pronoun *usted(es)*, recurring in the oldest sample and practically absent in the most recent sample. By isolating this form of treatment and the indeterminate *uno (a)*, we find that the relative weights to the others pronouns increased from XIX-I century to XX-II century. Another result that reinforces our hypothesis is the fact that the pospost position of the subject to the verb has decreased significantly their rates over the analyzed period and its behavior is altered. In this way, although the factors related to the speech have shown to be the main conditioners of the phenomenon investigated, we find evidence that an express subject is also used with merely anaphoric value, in no comparative context, in referential continuity contexts, and with verbs of external activity and with exclusive verbal ending.

Key-words: Subject pronoun express. Functionalism. Sociolinguistic. Diachrony. Plays.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EM ESPANHOL É UMA VARIÁVEL LINGUÍSTICA?.....	25
3 POR QUE A OPÇÃO POR UMA PERSPECTIVA FUNCIONAL PARA EXPLICAR O FENÔMENO?.....	41
3.1 POR QUE A CONVERSA ENTRE A SOCIOLINGUÍSTICA E O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO?	42
3.1.1 <i>Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana</i>	43
3.1.2 <i>Sociolinguística</i>	48
3.1.3 <i>Conversa entre as duas abordagens</i>	53
3.2 SUJEITO PRONOMINAL: DO DISCURSO RUMO À SINTATICIZAÇÃO	58
4 O QUE SE TEM DITO SOBRE O TEMA EM ESTUDOS EMPÍRICOS?.....	71
4.1 SILVA-CORVALÁN (1982)	73
4.2 ENRÍQUEZ (1984)	78
4.3 HURTADO (2001).....	83
4.4 SOARES DA SILVA (2006).....	95
4.5 OROZCO E GUY (2008)	98
4.6 WILDNER (2011).....	104
4.7 SÍNTESE.....	112
5 COMO SE REALIZOU A PESQUISA? ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	117
5.1. A QUESTÃO DA VARIÁVEL LINGUÍSTICA	117
5.2 COMPOSIÇÃO DO MATERIAL DE ANÁLISE.....	118
5.3 VARIÁVEIS CONTROLADAS	122
5.3.1 <i>Formas pronominais</i>	123
5.3.2 <i>Especificidade do sujeito</i>	125
5.3.3 <i>Modo verbal</i>	131
5.3.4 <i>Tempo verbal</i>	132
5.3.5 <i>Progressividade</i>	134
5.3.6 <i>Forma verbal</i>	135
5.3.7 <i>Ambiguidade</i>	136
5.3.8 <i>Classe semântica do verbo</i>	140

5.3.9	<i>Tipo de cláusula</i>	142
5.3.10	<i>Conexão do discurso</i>	143
5.3.11	<i>Turno de fala</i>	148
5.3.12	<i>Operadores do discurso</i>	152
5.3.13	<i>Comparação</i>	153
5.4	CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORDEM DO SUJEITO	161
6	RESULTADOS OBTIDOS: RESPONDENDO ÀS QUESTÕES DE PESQUISA	165
6.1	ANÁLISE DAS PEÇAS TEATRAIS	165
6.1.1	<i>Forma pronominal</i>	171
6.1.2	<i>Ambiguidade</i>	183
6.1.3	<i>Comparação</i>	195
6.1.4	<i>Classe semântica do verbo</i>	205
6.1.5	<i>Conexão do discurso</i>	214
6.1.6	<i>Tempo verbal</i>	219
6.1.7	<i>Tipo de cláusula</i>	228
6.1.8	<i>Modo</i>	231
6.1.9	<i>Operador do discurso</i>	234
6.2	ANÁLISE DA POSIÇÃO DO SUJEITO AO VERBO	236
6.3	ANÁLISE DOS VERBOS DE ATIVIDADE EXTERNA	238
6.4	RESPONDENDO ÀS QUESTÕES GERAIS DE PESQUISA .	244
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	249
	REFERÊNCIAS	253
	APÊNDICE A – VARIÁVEIS EXCLUÍDAS DA ANÁLISE MULTIVARIADA EM TODAS AS PEÇAS ANALISADAS	263
	ANEXO A – GUIA DE CODIFICAÇÃO	269

1 INTRODUÇÃO

Encontrar um tema que possa resultar em uma tese é o primeiro desafio a ser enfrentado na pós-graduação. No caso do doutorado, a dificuldade é ainda maior porque o trabalho acadêmico deve trazer alguma contribuição original para a área de estudo em que a pesquisa se insere, no presente caso, para a Linguística. Tendo essa exigência em mente, somada à minha angústia enquanto professora de língua espanhola diante da falta de explicações convincentes para a expressão do sujeito pronominal, decidi investigar esse tema¹. Iniciei o estudo do preenchimento do sujeito pronominal em meu trabalho de mestrado, que resultou na dissertação “Sujeito pronominal nulo e explícito em espanhol oral: distribuição complementar ou variação linguística?”² (WILDNER, 2011).

¹ Ao longo da tese, o leitor notará que não há paralelismo formal quanto ao sujeito do discurso, pois ora é utilizada a primeira pessoa do singular (eu), ora, a primeira pessoa do plural (nós). A esse respeito, prefiro manter essa aparente falta de coerência e coesão porque me permite individualizar enunciados pelos quais sou a única participante e/ou responsável, e também me possibilita incluir outros sujeitos que participaram de alguma forma da construção desse trabalho, auxiliando nas perguntas de pesquisa, na leitura atenta do texto em construção, na elaboração de hipóteses e objetivos, etc.

² Existem diferentes termos para se referir à presença do pronome sujeito nas línguas humanas, tais como sujeito “explícito”, “expresso”, “preenchido”, “pleno”. Da mesma forma, para a ausência pronominal também são utilizadas diferentes denominações, como sujeito “implícito”, “tácito”, “oculto”, “elíptico” e “nulo”. Em espanhol, Alarcos Llorach (1994), por exemplo, denomina sujeito “gramatical” às marcas de pessoa presentes nos verbos (desinências verbais): “*En efecto, el verbo combina un signo de referencia léxica (que sería el predicado) [a raíz dos verbos, no caso] y un signo complejo de referencia gramatical (con significado, entre otros, de persona, que sería el sujeto gramatical [as desinências verbais])*” (p. 137). Já os sujeitos expressos por substantivos ou outras formas equivalentes – como os sujeitos pronominais, os quais ele denomina “*sustantivos personales*” (p. 139) – são denominados sujeitos “explícitos” ou “léxicos” pelo autor: “*Cuando la situación en que se habla no es suficiente para poder identificar qué ente real se corresponde con la persona (o sujeto gramatical) incluido en el verbo, se agrega un sustantivo (o segmento equivalente) que la especifica [...]. A ese término adyacente se le llamará sujeto explícito o léxico.*” (ALARCOS LLORACH, 1994, p. 257-258, grifos do autor). Nesta tese, por sua vez, optamos por utilizar predominantemente os termos “expresso” e “implícito”, utilizando outros termos como sinônimos quando pertinente.

A pergunta título decorre de dois posicionamentos frente à presença pronominal em espanhol: por um lado, Luján (2009) sustenta que o fenômeno encontra-se em distribuição complementar, e, por outro, pesquisas sociolinguísticas sinalizam variação linguística em distintas variedades do idioma (HURTADO, 2001; SOARES DA SILVA, 2006; OROZCO; GUY, 2008; WILDNER, 2011, entre outros). A pesquisa de mestrado (WILDNER, 2011) corrobora os estudos empíricos no que tange ao argumento da variação, porém, contribui com outros questionamentos e suposições para somar-se às inúmeras indagações já existentes sobre o tema (seção 4.6). Como constataremos ao longo deste trabalho, o tema escolhido não conta com explicações assertivas sobre suas motivações e seu funcionamento – no escopo da sociolinguística. Nessa direção, a presente tese se propõe a contribuir para lançar mais luz sobre esse complexo e intrigante fenômeno, buscando respostas na ancoragem teórica do funcionalismo de vertente norte-americana e na sociolinguística³.

Quanto à forma como se desenvolve a presente tese, no segundo capítulo, intitulado “A expressão do sujeito pronominal em espanhol é uma variável linguística?”, são apresentados argumentos que evidenciam o caráter variável do fenômeno, em contraposição à hipótese de distribuição complementar entre sujeitos expressos e implícitos. Como veremos, ainda que as pesquisas apontem variação em vários contextos de uso dos pronomes sujeito, há autores que relutam em considerá-los uma variável linguística, argumentando que os sujeitos expressos acrescentam significados contextuais, diferentemente dos sujeitos implícitos (identificados pelas desinências verbais ou pelo contexto). A esse respeito, veremos que a noção de **variável linguística** para além do plano fonológico implica abordar outras questões, principalmente relacionadas com o que se entende por **significado** (LAVANDERA, 1978; LABOV, 1978; ROMAINE, 1984). Embora essa discussão seja abordada no próximo capítulo, adiantamos que, na presente tese, a noção laboviana tradicional de variável linguística como

³ Outros termos também são utilizados para se referir a esses arcaísmos teóricos. A sociolinguística é também denominada “sociolinguística laboviana”, “sociolinguística quantitativa”, “teoria da variação e mudança linguística”. Já o funcionalismo linguístico de vertente norte-americana também é referido, mais recentemente, como “teoria baseada no uso”, termo cunhado por Bybee (2010) com vistas a englobar abordagens do âmbito da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva. Em alguns trabalhos também aparecem os termos “linguística centrada no uso” e “linguística baseada no uso”.

duas ou mais formas que expressam o mesmo “estado de coisas” é substituída por uma noção que considera a funcionalidade das formas, sendo que, neste caso, uma variável linguística consiste em “duas ou mais diferentes expressões de uma função discursivo-gramatical⁴” (TORRES CACCOULOS, 2011, p. 3). Nessa perspectiva, os diferentes usos que têm sido apontados a respeito dos sujeitos pronominais expressos e não expressos em variedades do espanhol passam a ser vistos como possíveis fatores condicionadores da variação na presente tese. Essa postura se justifica pelo fato de que, ao se investigar a linguagem a partir de um olhar diacrônico, vemos que os significados e usos podem ser afetados (e mudados) ao longo da evolução das línguas – postulados compartilhados pela sociolinguística e pelo funcionalismo linguístico.

O terceiro capítulo, “Por que a opção por uma perspectiva funcional para explicar o fenômeno?”, expõe as razões para a escolha teórica da abordagem funcional ao invés da formal. O foco se direciona para postulados do funcionalismo linguístico de vertente norte-americana, com vistas a expor a teoria de língua sob a qual se constrói a explicação para o fenômeno da expressão do sujeito pronominal. Ainda que a Sociolinguística Variacionista tenha representado um marco nos estudos linguísticos, ao contemplar a língua em uso nas descrições linguísticas e ao postular a heterogeneidade ordenada das línguas (conforme veremos no segundo capítulo), esta ancoragem teórica não apresenta uma teoria para a estrutura linguística e tampouco dá conta de explicar satisfatoriamente o desenvolvimento sócio-histórico da linguagem (cf. LUCCHESI, 2012). A obra de Labov – marcada, de início, fortemente pela influência do social sobre a língua em uso (LABOV, 2008 [1972]) – se dedica, principalmente, a fenômenos fonético-fonológicos, dando pouco tratamento a questões mais complexas, como as do âmbito da sintaxe, por exemplo. Apesar de suas limitações, que existem em qualquer proposta teórica, é importante reconhecer que a sociolinguística variacionista não representa apenas uma metodologia de pesquisa, uma vez que, sob seu escopo, têm sido construídos importantes aportes teóricos sobre a linguagem. Nesta tese, por seu turno, pelo fato de lançarmos mão de duas correntes teóricas distintas, são apresentados no referido capítulo pontos de convergência e

⁴ No original: [...] *two or more different expressions of a discourse grammatical function* [...]. Todas as traduções são de nossa responsabilidade, quando não explicitado o tradutor correspondente.

divergência entre a Sociolinguística Laboviana e o Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana.

Já no quarto capítulo, intitulado “O que se tem dito sobre o tema em estudos empíricos?”, é apresentada uma revisão da literatura acerca da expressão do sujeito pronominal. Com base nos trabalhos resenhados, é possível observar quais fatores tendem a favorecer o preenchimento do sujeito ou o seu apagamento, quais variáveis seguem o mesmo comportamento em diferentes variedades e quais se manifestam diferentemente. Além disso, os resultados desses estudos dão sustentação às conjecturas formuladas no tocante às variáveis controladas (capítulo 5). Ao compararmos as diferentes variedades percebemos que há aquelas em que já aparecem indícios de uma possível mudança em progresso – ainda que incipiente – referente à expressão do sujeito, especialmente em variedades caribenhas (OROZCO; GUY, 2008; WILDNER, 2011), enquanto outras ainda manifestam fortemente a preferência pelo sujeito implícito, como a variedade madrilena (ENRÍQUEZ, 1984; SOARES DA SILVA, 2006), por exemplo⁵. No referido capítulo são retomados, ainda, os principais resultados do estudo de dissertação que motivou esta tese.

A metodologia proposta é relatada no quinto capítulo: “Como a pesquisa foi realizada? Aspectos metodológicos”. Tomando como base o material analisado, o estudo diacrônico realizado investiga se a expressão do sujeito apresentou expansão de seus contextos de uso ao

⁵ O uso dos advérbios “já” e “ainda” reflete a crença desta pesquisadora (que não pode ser atestada por esta pesquisa) de que as línguas de sujeito implícito tendem a evoluir para línguas de sujeito expresso. Essa conjectura se deve a casos como o inglês e o francês – que já passaram por essa mudança –, o português brasileiro e variedades caribenhas do espanhol – que parecem estar passando por essa mudança – e por outras línguas ainda fortemente de sujeito implícito – que já manifestam significativa expressão em determinados contextos, como o de primeira pessoa do singular – como, por exemplo, o italiano, o português europeu e variedades do espanhol. Essa suposição é compartilhada por Erker e Guy (2012): “Não temos nenhuma evidência de mudança em curso no uso de pronome pessoal sujeito [PPS] em espanhol. No entanto, dada a evidência comparativa de mudança em línguas românicas relacionadas em direção a elevadas taxas de ocorrência de PPS (por exemplo, o português do Brasil) ou categóricas (o francês, por exemplo) e as taxas mais altas de ocorrência no espanhol da América Latina do que na Espanha, é provável que a direção histórica da mudança tenha sido de taxas mais baixas para taxas mais altas de ocorrência de preenchimento do PPS.” (ERKER, GUY, 2012, p. 531).

longo dos séculos XIX e XX, em direção a um maior preenchimento do sujeito. O *corpus* de pesquisa é composto por peças de teatro representantes de cada metade de século do período investigado. A amostra foi composta de modo a contemplar a região dialetal de Castela (ZAMORA VICENTE, 1967; MORENO FERNÁNDEZ, 2009; 2010)⁶, sendo apresentada a justificativa para tal escolha na seção 5.2. Por fim, o referido capítulo problematiza, ainda, os contextos apontados como categóricos de um ou outro uso (implícito ou expresso) e detalha as variáveis independentes a serem controladas.

O sexto capítulo traz os resultados obtidos e as respostas para as questões gerais de pesquisa e hipóteses correspondentes, que são apresentados adiante neste capítulo. Primeiramente, é realizada uma análise comparativa das peças teatrais investigadas, com base nas variáveis independentes selecionadas no programa estatístico Goldvarb 2001. Na sequência, a posposição do sujeito ao verbo e as ocorrências dos verbos de atividade externa são analisadas, com vistas a buscar indícios que deem suporte à hipótese de sintaticização, a qual será explanada no decorrer dos próximos capítulos. Para finalizar esse capítulo de análise dos resultados, são retomadas e respondidas as questões de pesquisa, formuladas neste capítulo introdutório. Por fim, no último capítulo, são apresentadas considerações finais acerca do processo de escrita da presente tese.

Descrita em linhas gerais a organização desta tese, expõem-se os objetivos sob os quais se assenta a investigação doutoral.

Objetivo geral:

- Descrever o fenômeno da expressão do sujeito pronominal em peças teatrais escritas nos séculos XIX e XX, à luz de pressupostos do funcionalismo linguístico de vertente norte-americana e da sociolinguística variacionista.

Objetivos específicos:

⁶ Cabe ressaltar que a coleta das amostras foi realizada durante o estágio sanduíche na Espanha, com recebimento de bolsa CAPES (processo 99999.006303/2015-03). O material coletado integra o Projeto *Corpus* de Espanhol Escrito com Marcas de Oralidade (CEEMO), coordenado pela Prof^a Dr^a Leandra Cristina de Oliveira.

- Verificar quais fatores condicionam o fenômeno da expressão do sujeito pronominal ao longo do período analisado no *corpus* investigado.
- Testar a hipótese de que houve expansão de contextos de uso do sujeito pronominal, ainda que de forma incipiente, em direção a um maior preenchimento, e/ou alterações substanciais nos pesos relativos das variáveis condicionadoras do fenômeno.

À luz dos objetivos aventados, lançamos a seguir as questões norteadoras desta pesquisa, sequenciadas por algumas hipóteses, tendo em vista tratar-se de uma pesquisa amadurecida a partir de trajetórias investigativas anteriores (WILDNER, 2009; WILDNER, 2011).

(i) Que variáveis atuam na variação do fenômeno da expressão do sujeito pronominal na amostra investigada?

Hipótese: em direção semelhante à atestada por estudos empíricos sobre o tema (ENRÍQUEZ, 1984; SILVA-CORVALÁN, 1982; HURTADO, 2001; SOARES DA SILVA, 2006; WILDNER, 2011, entre outros), conjectura-se que variáveis que se relacionam direta ou indiretamente ao discurso, entendido como contexto comunicativo, exercerão maior influência no fenômeno. Associadas a essa grande conjectura, outras hipóteses vão sendo sinalizadas na seção 5.3 à medida que vão sendo apresentadas e justificadas as variáveis independentes.

(ii) Em que medida é possível sustentar (ou refutar) estudos que assumem a presença do sujeito pronominal como exclusivamente motivada por questões discursivas?

Hipótese: assumindo a mudança sob a perspectiva funcionalista, para a qual a presença de variação já é uma manifestação de mudança (em andamento), esperamos encontrar indícios – principalmente através de um olhar mais qualitativo – que sinalizem que o sujeito pronominal explícito pode ser usado também com valor unicamente anafórico/dêitico (e não contrastivo, enfático, etc.).

(iii) Em que medida é possível, através de um estudo diacrônico, relacionar o objeto ao fenômeno da sintaticização?

Hipótese: ainda que esperado um amplo favorecimento do sujeito implícito (a variante conservadora) considerando o contexto geográfico controlado, a descoberta de indícios de expansão de contextos de uso do sujeito expresso (a variante inovadora) fornecerá suporte para nossa conjectura de que o percurso do sujeito pronominal inicia no discurso,

ocorrendo em contextos marcados e menos frequentes, e, ao longo do tempo, passa por um processo de sintaticização, tornando-se uma característica gramatical, não marcada e frequente.

2 A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EM ESPANHOL É UMA VARIÁVEL LINGÜÍSTICA?

Neste capítulo, problematizamos o fenômeno da expressão do sujeito pronominal em espanhol, com base na indagação acerca do *status* desse objeto de estudo como variável linguística, em contraposição à hipótese de distribuição complementar. Ao responder à pergunta título, é necessário considerar que a língua espanhola é falada em diversos países, muitos deles separados por distâncias continentais. Além disso, os estudos realizados sobre o espanhol em uso em diversas partes do mundo hispânico não seguem os mesmos critérios, metodologia e olhar teórico, bem como apresentam resultados diversos, dificultando, assim, a formulação de generalizações sobre o tema. Por outra parte, esse questionamento se justifica por haver argumentos de que a expressão do sujeito pronominal em “espanhol” estaria em distribuição complementar, em que os sujeitos pronominais expressos e implícitos apresentariam significados e funções diferentes, ou seja, não podendo ser intercambiáveis (LUJÁN, 1999; CORREA, 2009).

De acordo com Luján (1999), os pronomes sujeito – e, também, os pronomes complemento tônicos – quando expressos são enfáticos ou contrastivos e quando implícitos são não-enfáticos ou neutros, excetuando-se os casos em que sua omissão não é possível (complemento de conjunção e preposição, por exemplo). Comparando o espanhol com o inglês – esta, um exemplo entre as línguas que “não utilizam a forma tácita de sujeito ou objeto nas orações de verbo finito⁷” (LUJÁN, 1999, p. 1278) –, a autora argumenta que, nesta última, a função contrastiva (ênfase) é obtida mediante a tonicidade do pronome, enquanto no espanhol essa função é expressa através da presença do pronome⁸. Em outras palavras, nesta língua, a presença de um pronome

⁷ No original: *Si la omisión del pronombre denota neutralidad o ausencia de énfasis, entonces su contraste con el pronombre explícito debe ser funcionalmente análogo a la oposición pronombre átono frente a tónico en lenguas que no utilizan la forma tácita de sujeto u objeto en las oraciones de verbo finito, el caso del inglés, por ejemplo.*

⁸ Conforme veremos no próximo capítulo, ainda que no inglês o sujeito expresso seja predominante na atual sincronia, existem contextos em que o sujeito implícito é utilizado, não sendo tão simples a explicação do funcionamento entre sujeitos expressos e implícitos nesse idioma como propõe a autora.

sujeito (ou pronome complemento tônico) implica **ênfase contrastiva**, e a sua omissão, neutralidade:

É indubitável, pois, que as formas alternantes na expressão/omissão do pronome não têm a mesma função ou valor significativo. A aparente alternância livre é na realidade um caso de distribuição complementar. Em uma posição em que a omissão é possível, a forma explícita funciona como um termo contrastivo, distintivo, ou “enfocado”, que requer um contexto discursivo, seja linguístico ou não, que justifique a ênfase que esta forma expressa. Isto é, um contexto que inclua ou implique um ou mais elementos aos que se contrapõe o termo enfocado. Em tal entorno a forma tácita, inacentuada, ou não marcada, resulta, pois, dissonante ou inapropriada. Assim, se um garçom pergunta a um conjunto de comensais quem vai pagar a conta, seria inapropriado que quem fosse fazê-lo respondesse simplesmente: **Pago**; o emprego da forma explícita e contrastiva é neste caso ineludível, ou seja, teria que se dizer **Pago eu, EU pago** ou simplesmente **Eu**. A conclusão é igualmente válida para a oposição entre pronome átono com relação ao tônico em línguas que não permitem a omissão⁹. (LUJÁN, 1999, p. 1280, grifos da autora).

⁹ No original: *Es indudable, pues, que las formas alternantes en la expresión / omisión del pronombre no tienen la misma función o valor significativo. La aparente alternancia libre es en realidad un caso de distribución complementaria. En una posición donde la omisión es posible, la forma explícita funciona como un término contrastivo, distintivo, o ‘enfocado’, que requiere un contexto discursivo, sea lingüístico o no, que justifique el énfasis que esta forma expresa. Esto es, un contexto que incluya o implique uno o más elementos a los que se contrapone el término enfocado. En tal entorno, la forma tácita, inacentuada, o no marcada, resulta, pues, disonante o inapropiada. Así, si un camarero pregunta a un conjunto de comensales quién va a pagar la factura, sería inapropiado que quien vaya a hacerlo contestara simplemente: **Pago**; el empleo de la forma explícita y contrastiva es en este caso ineludible, es decir, habría que decir **Pago yo, YO pago** o simplemente **Yo**. La conclusión es igualmente válida para la oposición entre pronombre átono frente a tónico en las lenguas que no permiten la omisión.*

Cabe salientar que o exemplo citado pela autora no trecho previamente referenciado é um dos contextos em que a presença do pronome sujeito é tida como categórica – como veremos adiante neste capítulo – e tem sido excluído em estudos sobre variação da expressão do sujeito em espanhol (HURTADO, 2001; SILVA-CORVALÁN, 2003), haja vista que no referido exemplo recai sobre o pronome a função de foco (informação nova).

Para atestar a validade de sua hipótese, Luján (1999) lança mão de exemplos que ilustram os efeitos da presença e ausência de pronome sobre o significado das sentenças. Segundo a autora, há estudos que apontam um tipo de contexto em que o pronome expresso gera necessariamente uma referência disjunta (não correferencial):

(01) a. *Cuando (# él) trabaja, Juan no bebe. (él ≠ Juan; Ø = Juan)*

b. *Cuando Juan trabaja, (# él) no bebe. (él ≠ Juan; Ø = Juan)*
(LUJÁN, 1999, p. 1279)

Assim, em (01), de acordo com Luján (1999), a catáfora somente é possível com o sujeito implícito, sendo que a presença de um pronome nesse contexto sintático implica um referente diferente (\neq Juan). Contudo, em (02), a autora admite a possibilidade de que a anáfora se dê com a presença pronominal, ainda que o contexto mais natural ou normal de correferência seja com o sujeito implícito.

(02) *Juan no bebe cuando él trabaja.* (LUJAN, 1999, p. 1284)

Outro exemplo apresentado por Luján (1999, p. 1279) se refere a estruturas com quantificadores, em que somente o sujeito implícito pode ser interpretado como uma “variável ligada” pelo quantificador, segundo ela:

(03) *Nadie imagina que (él) va a ganarse la lotería.*

a. *Para ninguna persona x , x imagina que x va a ganarse la lotería.*

b. *Para ninguna persona x , x imagina que y va a ganarse la lotería.*
($x \neq y$)

Com relação ao exemplo (03), esse contexto sintático-semântico mostra, de fato, favorecer a omissão do sujeito pronominal uma vez que é uma oração subordinada com sujeito correferente ao da oração principal e não há nenhum outro possível referente concorrente entre as

duas orações – como veremos no quarto capítulo, que trata sobre estudos realizados sobre o fenômeno.

É importante destacar que os exemplos apresentados em Luján (1999) se referem, em sua maioria, à terceira pessoa, sendo alguns deles de referência genérica. Os poucos exemplos referentes à primeira e à segunda pessoa do singular são tomados, em grande parte, de obras literárias. Em estudos empíricos, a terceira pessoa tem se mostrado um contexto favorável ao sujeito pronominal implícito, enquanto a primeira do singular (e a segunda do singular, em algumas variedades) tende a favorecer a expressão (ENRÍQUEZ, 1984; SOARES DA SILVA, 2006; WILDNER, 2011). Além disso, é necessário olhar com ressalvas os argumentos apresentados pela autora, dado que os exemplos citados aqui – ao que parece – não representam dados reais da língua em uso, pois são frases descontextualizadas e não referenciadas. Nesse sentido, elaborar explicações sobre a língua com base em dados intuitivos, provavelmente, não fornecerá uma descrição fidedigna dos fatos linguísticos. A esse respeito, estudos a partir da teoria gerativa – aparato teórico do qual a autora parece acercar-se – utilizam dados intuitivos para suas análises, uma vez que se considera que o falante nativo tem capacidade de julgar quais frases são gramaticais ou não em sua língua materna (CHOMSKY, 1981) e, principalmente, por associar estrutura linguística com homogeneidade. Para essa teoria, o linguista deve estudar a *competência linguística*, ou seja, o conhecimento abstrato das regras da língua – dando continuidade, de certa forma, à tradição saussuriana que privilegia o estudo da *langue* (língua) em oposição a *parole* (fala).

Entretanto, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006, [1968]), esse tipo de explicação que pressupõe estruturas linguísticas homogêneas não dá conta de explicar como as línguas mudam. Em seu lugar, os autores postulam – respaldados por pesquisas empíricas – que a língua é um sistema heterogêneo, porém, ordenado. Nesse aspecto, Lavandera destaca a contribuição de Labov (1966) ao mostrar que diferenças na forma não eram imotivadas ou variação livre, como se acreditava, mas, ao contrário, eram portadoras de algum tipo de significado, social ou estilístico, “fornecendo evidências para a hipótese de que a maioria se não todas as diferenças na forma carregam alguma informação¹⁰”, expandindo, assim, a noção de significado para além do referencial (LAVANDERA, 1978, p. 173).

¹⁰ No original: *In showing that differences in form which had so far been analyzed as unmotivated and free, that is, referentially meaningless, were in*

Em sua primeira formulação dentro do modelo da teoria da variação e mudança, **variável linguística** é definida como “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 105). No que concerne às formas que se alternam (**variantes** de uma variável linguística), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 97) explicam que estas:

(1) Oferecem meios alternativos de dizer “a mesma coisa”: ou seja, para cada enunciado em A existe um enunciado correspondente em B que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de B em contraste com A.

(2) Estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em A e B com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu *status* social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em A e B e entender a significação da escolha de A ou B por algum outro falante.

A respeito de dois enunciados oferecerem “a mesma informação referencial”, Lavandera (1978) questiona a validade dessa noção de variável linguística para fenômenos linguísticos além da fonologia, isto é, para fenômenos que possuem significado referencial, como as formas gramaticais da língua. Para a autora, é difícil se alegar com segurança que duas formas diferentes tenham o mesmo significado referencial, fora dos limites da fonologia. Nesse sentido, Lavandera questiona – tomando como principal exemplo um trabalho de Weiner e Labov (1983) sobre as construções passivas em inglês – se as unidades não fonológicas podem atender à exigência de equivalência semântica para serem consideradas “variáveis” e, ao mesmo tempo, propõe em seu lugar uma condição de comparabilidade funcional, perspectiva

fact carriers of some significance, social and stylistic, he [Labov] provided specific evidence for the hypothesis that most if not all differences in form convey some information.

compartilhada por Romaine (1984). Em resposta à Lavandera (1978), Labov (1978) argumenta que a linguística formal, apesar de reconhecer a existência de informação expressiva e afetiva, subordina-as ao “significado representacional”, o qual prefere chamar de “estado de coisas”. Para ele, ter o mesmo significado é entendido no sentido de que “dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade¹¹” (LABOV, 1978, p. 2). A esse respeito, Romaine (1984, p. 411-412) critica a falta de precisão na definição do termo “referencial” – usado de forma imprecisa, segundo a autora, com sentido de “significado descritivo”, “cognitivo” ou “conceitual” – e não concorda com a definição laboviana que associa “variantes” a um mesmo valor de verdade, haja vista que, ainda que a constância do significado descritivo implique constância no valor de verdade, o contrário pode não ser verdadeiro. Além disso, segundo Romaine (1984), o modelo laboviano de variável linguística limita o estudo da variação sintática, uma vez que o número de “[...] construções/sentenças que podem ser usadas com o mesmo valor de verdade em contextos idênticos¹²” é reduzido no inglês e provavelmente em outras línguas (ROMAINE, 1984, p. 415). Como alternativa à concepção laboviana de variável, a autora defende uma noção de **equivalência funcional**, isto é, “[...] variantes devem ser vistas como relacionadas em termos de uma função em comum¹³” (ROMAINE, 1984, p. 426), entendimento compartilhado e assumido por nós na presente tese, conforme já dito anteriormente¹⁴.

¹¹ No original: *Though formal linguistics recognizes the existence of expressive and affective information, these are in practice subordinated to what Bühler (1934) called “representational meaning”, or what I will call “states of affairs”. To be more precise, I would like to say that two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value, and follow Weinreich in limiting the use of “meaning” to this sense.*

¹² No original: *In other words, his model allows us to deal with alternative constructions/sentences which can be used with the same truth value in identical contexts. However, the notion of assigning truth values to propositions expressed by sentences is satisfactory for only a relatively small subset of sentences in English (and probably any language).*

¹³ No original: *This notion of functional equivalence is crucial, i.e. variants must be seen to be related in terms of common function [...].*

¹⁴ Além disso, outro argumento para que a análise da variação se dê ao nível do **discurso** se deve ao fato de que as fronteiras entre sintaxe, semântica e pragmática, se existem, são de difícil delimitação (ROMAINE, 1984).

Labov (1978), em resposta à sugestão de Lavandera (1978) de se ampliar a noção de significado, argumenta que o sociolinguista restringe o significado representacional ao privilegiar duas principais funções da linguagem em oposição ao uso representacional, quais sejam a autoidentificação (*self-identification*) do falante e sua acomodação ao ouvinte. Contudo, à parte os trabalhos iniciais sobre *Martha's Vineyard* e o vernáculo do inglês negro (*Black English Vernacular*), Labov tem voltado sua atenção principalmente à análise das restrições **linguísticas** subjacentes à variação em detrimento das sociais¹⁵ (ROMAINE, 1984).

Partilhando da mesma preocupação que Lavandera (1978) com as possíveis diferenças de significado entre formas sintáticas distintas, Silva-Corvalán (2003) defende que as variantes de uma variável sintática não são claramente duas ou mais formas de dizer a mesma coisa. Referindo-se a estudos variacionistas sobre o espanhol, esta autora argumenta que a expressão do sujeito se mostra condicionada por fatores “sensíveis ao discurso¹⁶”:

[...] estabelecimento do tópico oracional ou de uma unidade discursiva; expressão de informação focal (informação nova ou foco de contraste); clarificação do referente do sujeito; ambiguidade da forma verbal; correferencialidade com o sujeito precedente¹⁷ (SILVA-CORVALÁN, 2003, p. 3).

¹⁵ A esse respeito, Lucchesi (2012) critica o tratamento que vem sendo dado aos fatores sociais (geralmente sexo, idade e escolaridade) nas análises sociolinguísticas, considerando mecanicistas, isoladas, não contextualizadas e a-históricas as explicações dadas, tendo se perdido a lição de *Martha's Vineyard*. Por outro lado, valores relacionados a questões identitárias a exemplo do estudo sobre *Martha's Vineyard* (para além das variáveis macrossociológicas) têm sido resgatados na sociolinguística pelos estudos de 2ª e 3ª onda (ECKERT, 2012).

¹⁶ Para a compreensão de algumas passagens da presente tese, é necessário considerar que **discurso** é um termo polissêmico. Dentre as inúmeras acepções do referido termo, que se estendem ao adjetivo **discursivo(a)**, destacamos as que se mostram mais recorrentes neste trabalho. Na primeira delas, *discurso* se aproxima da **pragmática**, e diz respeito ao contexto comunicativo. Relacionado a essa noção, *discursivo(a)* também é utilizado em referência a **funções comunicativas** (contrastiva, enfática, topical e focal). O termo também é recoberto pelo escopo de **texto**.

¹⁷ No original: “*Estos estudios [...] han mostrado que la expresión variable del sujeto está controlada por factores sensibles al discurso, a saber, el establecimiento del tópico oracional o de una unidad discursiva; la expresión de información focal (nueva o contrastiva); la clarificación del referente del*

Segundo Silva-Corvalán (2003), este último fator tem-se mostrado mais relevante, sendo que, quando há correferencialidade, a presença pronominal ocorre em aproximadamente 25% e, quando não há, por volta de 50%. Ainda segundo a autora, é categórica a presença pronominal nos casos em que o sujeito é focal (informação nova ou contraste) e, também, quando é necessário identificar o referente. Uma observação importante que a autora faz se refere à falta de clareza sobre a inclusão (ou não), em estudos variacionistas, de contextos sintáticos em que a presença do sujeito pronominal é obrigatória, como, por exemplo, quando há reforço adjetival ou adverbial (04 e 05) ou quando o sujeito é o antecedente de uma oração relativa não restritiva (06).

(04) *Sólo *(él) lo hizo.*

(05) **(Él) mismo lo hizo.*

(06) **(Él), que parecía inútil, lo hizo sin ayuda.* (SILVA-CORVALÁN, 2003, p. 4)

De acordo com Silva-Corvalán (2003), exemplos como esses podem oferecer indícios sobre a interpretação dos falantes acerca da realização do pronome sujeito em contextos onde existe uma aparente opcionalidade. Conforme sua hipótese, denominada **hipótese semântico-pragmática**, os sujeitos pronominais expressos parecem atribuir **significado contextual** (mensagens inferidas no discurso), indicando ao interlocutor que preste atenção no referente do sujeito. Por outra parte, o **significado referencial ou lógico** fornece informações sobre pessoa, número e gênero, podendo ser expresso tanto através dos pronomes sujeito como através das desinências verbais (SILVA-CORVALÁN, 2003). Para a autora, “O uso do pronome deriva, então, de seu significado dêitico: assinala explicitamente, de forma acentuada (e às vezes redundante), o referente do sujeito. Não surpreende, então, que o pronome represente entidades contrastivas, focais ou topicais¹⁸” (SILVA-CORVALÁN, 2003, p. 6). Segundo a autora, a presença do pronome pode ser considerada **dêitica** (com significado apenas

sujeto; la ambigüedad de la forma verbal; la correferencialidad con el sujeto precedente” (SILVA-CORVALÁN, 2003, p. 3).

¹⁸ No original: “*El uso del pronombre se deriva, entonces, de su significado dêitico: señala explícitamente, en forma acentuada (y a veces redundante), el referente del sujeto. No sorprende, entonces, que el pronombre represente entidades contrastivas, focales o topicales*”.

referencial) em passagens discursivas contextualmente ambíguas, e com significado **focal** em contextos de informação nova e contraste. Essa hipótese de Silva-Corvalán (2003) aproxima-se bastante daquela levantada por Luján (1999). No entanto, diferentemente desta autora, Silva-Corvalán (2003) reconhece que há contextos em que a expressão do sujeito está em variação linguística e que, ainda que esta esteja fortemente condicionada por fatores discursivos, não há como prever a ocorrência de um sujeito exposto em contextos variáveis.

Assim como Silva-Corvalán (2003), compartilhamos da ideia de que os exemplos em (04-06) – aos quais acrescentamos os casos em que o sujeito aparece posposto ao verbo (07) – podem ser indícios de significados discursivos (contrastivo, focal, topical).

(07) *Así es como **pienso yo**.*

Entretanto, ao contrário do que defende a autora, parece-nos que o fato de haver um reforço adjetival ou adverbial, ou a mudança de posição do sujeito em relação ao verbo, pode ser indício de que a simples explicitação do sujeito em posição pré-verbal (não topicalizado, nem enfocado ou enfatizado oralmente) não é mais garantia de que certas funções discursivas (*significados discursivos* para Silva-Corvalán, 2003) – como ênfase ou contraste – sejam reconhecidas pelo interlocutor.

Silva-Corvalán (2003), por outra parte, reconhece que o significado ou função contextual¹⁹ dos pronomes expressos pode não ser o mesmo nos diferentes dialetos, uma vez que pesquisas empíricas apontam que há variedades em que a frequência pronominal é significativamente maior que em outras – particularmente na região caribenha –, o que pode sinalizar um enfraquecimento semântico da **função focalizadora** da dupla menção (presença do pronome + desinências verbais) nas variedades caribenhas, segundo a autora²⁰. Silva-Corvalán (2003) sugere a possibilidade de que a expressão

¹⁹ Por **função contextual**, entende-se **função discursiva/comunicativa**.

²⁰ No original: *Se ha establecido rotundamente que la frecuencia global de expresión del sujeto pronominal no es la misma en todos los dialectos del español. Esta observación indica que el significado o función contextual del pronombre sujeto puede ser diferente en estos dialectos. Por ejemplo, en las variedades caribeñas la función focalizadora de la doble mención puede haberse debilitado, debilitamiento semántico que representa un cambio natural en las lenguas* (SILVA-CORVALÁN, 2003, p. 12).

pragmaticamente não marcada do pronome pode ter conduzido a uma maior frequência da expressão sem que fosse necessária uma interpretação contrastiva ou de focalização do sujeito. Assumimos, em parte, essa hipótese de Silva-Corvalán (2003), considerando que, possivelmente, os casos de **homonímia** entre formas verbais – isto é, formas verbais idênticas compartilhadas por diferentes pessoas gramaticais – tenham favorecido o enfraquecimento dos significados discursivos nos casos em que pode haver ambiguidade decorrente de fatores estruturais.

Nessa direção, a diferença acentuada de frequência de uso entre variedades do espanhol – conforme veremos no quarto capítulo – pode ser um indício de que esteja havendo um espraiamento da expressão do sujeito pronominal a contextos neutros – com função apenas anafórica (textual) e não, necessariamente, enfática ou contrastiva (pragmática) –, conforme ilustra o dado retirado de uma entrevista com uma cantora porto-riquenha, Janina Irizarry, no qual encontramos dois sujeitos de referência genérica (não específica) – *tú la vas a definir* e *tú más o menos dice* – e um sujeito com verbo de atividade externa (*sentarse, yo me siento*) expressos:

(08) *Puerto Rico es una, es una isla que, si tú la vas definir, yo creo que es, es ritmo, es sabor, es música. O sea, hay tanta gente talentosa, hay tanta gente, eh, tú también te, eh, casi rítmica, es como que. Hay veces que yo me siento en estos días que no sé qué tengo en la cabeza, que me siento en un sitio a observar la gente pasar y tú más o menos de mirada dice: “este es salsa”, “este es brega”, “este es reguetón”, “este es rock in roll”, “esta definitivamente escucha canciones que corta venas, así, ah, de desgarrarte”.* (Cantora porto-riquenha Janina Irizarry, corpus WILDNER, 2011)

Uma explicação complementar a de Silva-Corvalán (2003) pode ser a de que a recorrência do sujeito pronominal com nuances discursivas (de ênfase e contraste) também esteja levando a um aumento da frequência e a um “enfraquecimento semântico” desses “significados contextuais” (tomando emprestada a nomenclatura de Silva-Corvalán), não somente em variedades caribenhas, como também – porém, em menor medida – em outros dialetos americanos e peninsulares, haja vista que a variação está presente também em variedades não caribenhas (WILDNER, 2011), como ilustra o seguinte dado, extraído de uma entrevista com a cantora espanhola Malú, no qual os sujeitos associados

ao verbo estimativo (de opinião) *creer* (achar, acreditar) são explicitados em todas as ocorrências:

(09) *Pues, yo creo que con mucha intensidad, ¿no?. Empezamos, eh, de forma, muy de casualidad, y poquito a poco yo creo que íbamos labrando una carrera muy bonita y con, con una experiencia muy buena, ¿no?. Yo creo que a día de hoy, pues, me puedo sentar y decir que ha sido un balance, hacer un balance de carrera muy bueno y muy bonito, ¿no?.* (Cantora espanhola Malú, *corpus* WILDNER, 2011)

Essas formulações, que são desenvolvidas no próximo capítulo, encontram sustentação no funcionalismo, teoria para a qual a frequência de uso desempenha um papel de destaque nos processos de mudança linguística. Com vistas a explicar a emergência de construções gramaticais a partir de itens lexicais autônomos, Bybee (2003, p. 604) argumenta que a “frequência de uso leva a um enfraquecimento da força semântica pela habituação, processo pelo qual um organismo cessa de responder ao mesmo nível a um estímulo repetido²¹”. Nesse processo, a perda da transparência semântica entre os componentes da construção em gramaticalização e seus congêneres lexicais permite seu uso em novos contextos com novas associações pragmáticas, levando a uma mudança semântica (cf. BYBEE, 2003).

Ainda que não possamos explicar o fenômeno da expressão do sujeito pronominal nesses moldes em que a gramaticalização é tradicionalmente tratada (item lexical autônomo > item gramatical), propomos, com base em Givón (2012 [1979]; 2001), que a repetição do pronome sujeito em contextos discursivamente marcados, com consequente aumento da frequência de uso, pode vir a ser o mecanismo responsável por um espraçamento da presença pronominal, que passa a ser utilizada como estratégia padrão para retomada referencial (com valor apenas anafórico/dêitico), em detrimento da anáfora zero, isto é, com sujeito implícito. Nessa perspectiva de desenvolvimento diacrônico da expressão pronominal em espanhol, aventada com base em Givón (2001), em um certo momento, a expressão do pronome sujeito seria pouco frequente e limitada a contextos marcados (para expressar ênfase, contraste e informação nova ou para aclarar o referente, em casos de ambiguidade, por exemplo). Com o tempo e a

²¹ No original: *Frequency of use leads to weakening of semantic force by habituation – The process by which an organism ceases to respond at the same level to a repeated stimulus.*

repetição, a presença pronominal passaria a ser a opção mais frequente (não marcada), atuando no mesmo subdomínio da anáfora zero, ou seja, codificando referentes contínuos maximamente ativados²².

Nessa direção, Givón (2001) explica que a desmarcação dos pronomes independentes é resultado do aumento do uso desses pronomes acentuados (*stressed pronouns*)²³:

O mecanismo diacrônico para desenfatar e assim desacentuar pronomes independentes é provavelmente devido à sobreutilização [uso excessivo], uma estratégia de ‘comprar garantia extra’. Este envolve extenso uso dos pronomes acentuados de contextos contrastivos para não contrastivos, isto é, em um subdomínio previamente coberto pelas anáforas zero²⁴ (GIVÓN, 2001, p. 421).

Retomando o estudo de Silva-Corvalán (2003), a autora defende que o investigador, na pesquisa quantitativa, deve procurar identificar os fatores pragmáticos (discursivos) que motivam a presença ou ausência pronominal, os quais podem ser identificados, conforme a autora, através da análise cuidadosa de textos orais. Todavia, a autora reconhece a dificuldade de se identificar contextos “contrastivos”, ao contrário dos contextos focais²⁵ e ambíguos e dos contextos contrastivos em que a

²² Para compreender o sujeito pronominal a partir da visão givoniana, torna-se necessário abordar sua relação com o domínio funcional da “referência anafórica” (que é um subdomínio da “coerência referencial”), o que será feito no próximo capítulo.

²³ No capítulo seguinte discutiremos o conceito de **marcação** e o processo de **desmarcação**, com base em Givón (2012 [1979]; 1995; 2001).

²⁴ No original: *The diachronic mechanism for de-emphasizing and thus de-stressing independent pronouns is probably due to communicative over-use, a strategy of ‘buying extra insurance’. It involves extending the use of stressed pronouns from contrastive to noncontrastive contexts, i.e. into a sub-domain previously covered by zero anaphors.*

²⁵ Importa esclarecer que, para Silva-Corvalán (2003), **informação focal** contempla tanto informação nova quanto foco contrastivo, ainda que, por vezes, a autora se refira ao primeiro apenas como “focal” e ao segundo como “contrastivo”. Por “foco”, a autora assume parte da definição proposta por García (1975 apud SILVA-CORVALÁN, 2003, p. 6), no que se refere “*al grado de atención en uno de los participantes de los que se está hablando en una oración dada*”.

presença do pronome é categórica, os quais são objetivamente identificáveis, segundo a autora. Essa dificuldade apontada por Silva-Corvalán (2003) se deve ao fato de que a autora considera contrastivas as situações em que o contraste é **interpretado subjetivamente** – como o faz Enríquez (1984) para o controle da variável “contraposição” (apresentada no capítulo metodológico). Em outras palavras, são consideradas contrastivas ocorrências em que não há uma comparação evidente entre dois referentes e nas quais, às vezes, nem existe um segundo referente. Silva-Corvalán (2003) observa que, nesses contextos, a presença pronominal é variável, porém, favorecida no caso de o falante tentar diferenciar a opinião do referente do sujeito de outras possíveis pessoas. Como nesses casos, muitas vezes, não aparece a proposição da outra parte envolvida na situação discursiva (o possível contrastante), se torna difícil perceber um contexto **contrastivo** nesses casos; pois, se levamos essa ideia adiante, todos os dêiticos referidos a pessoas seriam “contrastivos”, pois o referente muda a cada troca do turno de fala.

Nesse sentido, diferentemente de Silva-Corvalán (2003), compartilhamos do pensamento de Labov (1994, p. 549-550) sobre a tentativa de atribuir motivações (subjetivas) para as variantes linguísticas produzidas pelos falantes:

Não há nenhuma razão para pensar que nossas noções do que pretendemos ou as intenções que atribuímos aos outros sejam muito acuradas, ou que tenhamos qualquer modo de saber se elas são acuradas. Admitindo-se que a interpretação dos enunciados envolve a atribuição de intenções, atribuir essas intenções a outros não é o mesmo que dizer que apreendemos suas intenções. Ainda que soubéssemos precisamente quais eram essas motivações, isso não significaria que tais motivações determinaram ativamente uma escolha do falante por uma variante linguística ou outra²⁶.

²⁶ No original: *There is no reason to think that our notions of what we intend or the intentions we attribute to others are very accurate, or that we have any way of knowing whether they are accurate. Granted that the interpretation of utterances involves the attribution of intentions, attributing those intentions to others is not the same as saying that we have grasped their actual motivations. Even if we knew precisely what those motivations were, this would not mean*

Vale frisar que não pretendo defender que não haja motivações subjetivas relacionadas à presença pronominal. Entretanto, à parte os casos objetivos de contraste, ênfase (marcada pelo acento melódico ou outro elemento explícito) e ambiguidade (não esclarecida pelo contexto), é difícil (senão impossível) afirmar com precisão quais intenções estão por trás das variantes da variável expressão do sujeito – tanto em nosso próprio discurso como no discurso alheio.

Um importante elemento para se atestar variação na expressão pronominal em espanhol diz respeito à **evidência quantitativa**. No âmbito da sociolinguística, Labov (2003) argumenta que existem três tipos de regras linguísticas. As regras do tipo I (100%) são automáticas e profundamente arraigadas no comportamento (linguístico), não sendo reconhecidas conscientemente e não podendo ser violadas, segundo ele. Tomando a língua espanhola como ilustração, um exemplo desse tipo de regra é a posição do artigo no sintagma determinante, em que a anteposição do artigo ao substantivo é categórica (*la niña* vs. **niña la*). Já as regras do tipo II (95% a 99%) são comumente encontradas no começo ou no final de uma mudança linguística em andamento, podendo ser violadas e reportadas (LABOV, 2003). Um exemplo desse tipo de regra, no espanhol, poderia ser a expressão do sujeito pronominal com referentes não-pessoais (*Quico era un perrito tan amable. Él siempre me recibía con alegría* vs. *Quico era un perrito tan amable. Siempre me recibía con alegría*), em que são registrados escassos casos de preenchimento do sujeito – como em Enríquez (1984), no qual ocorre menos de 1% de dados com referentes desse tipo. As do tipo III (5% a 95%), por sua vez, constituem as regras variáveis²⁷ (LABOV, 2003, p. 242). Um exemplo desse tipo de regra é o fenômeno da expressão do sujeito pronominal de referência definida em distintas variedades do espanhol, em que os percentuais de sujeito implícito (a variante conservadora) mostram-se inferiores a 95%, considerando-se somente os casos de variação.

that such motivations actively determined a speaker's choice of one linguistic variant or another.

²⁷ Segundo Labov (2003), as regras categóricas (tipo I) têm sido investigadas há vários séculos, porém, as regras variáveis (tipo III) foram raramente estudadas no passado; e é possível acrescentar a esse comentário de Labov (2003) que as regras semicategóricas são ainda menos estudadas, apesar de que nelas residam os embriões para possíveis mudanças.

Nesse sentido, conforme veremos no capítulo 4, no qual são apresentados resultados de estudos empíricos sobre a expressão do sujeito em espanhol, há fatores que favorecem a expressão e outros a omissão do sujeito pronominal, evidenciando, assim, que a variável dependente covaria com outras variáveis controladas nesses estudos. Dessa forma, podemos afirmar que estamos diante de um fenômeno variável, pois, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 107), para tratar-se de uma **variável linguística**, deve haver “evidência quantitativa para a co-variação entre a variável em questão e algum outro elemento lingüístico ou extralingüístico”.

Nessa direção, respondendo à pergunta que motiva este capítulo, o fenômeno da expressão do sujeito consiste em uma variável linguística. Reforçando essa posição, Erker e Guy (2012, p. 532) argumentam que “a expressão do pronome pessoal sujeito é, em muitos aspectos, uma variável linguística clássica”, primeiramente devido ao seu caráter discreto e por ser “um fenômeno binário que tem pouca influência sobre as condições de verdade das sentenças”; e, em segundo lugar, pelo fato de se mostrar condicionado tanto por fatores linguísticos como extralingüísticos²⁸.

Com vistas a uma maior compreensão do fenômeno, neste estudo, investigamos se o espanhol peninsular estaria ampliando, ainda que lenta e gradativamente, os contextos de uso do sujeito pronominal, tomando como referência o estudo diacrônico realizado. De forma um pouco mais detalhada em relação à apontada na seção introdutória desta tese, nossa hipótese explicativa, respaldada por Givón (2001), pode ser sintetizada da seguinte maneira²⁹: a presença pronominal (em línguas que dispõem de outros mecanismos para identificação do referente além do pronome sujeito) ocorre inicialmente para codificar funções pragmático-discursivas e, com o tempo e aumento da frequência, os significados discursivos tendem a se diluir – o que temos referido como “enfraquecimento semântico”, com base em Silva-Corvalán (2003) – e a presença do pronome sujeito deixa de ter uma função marcada, espalhando-se para todos os contextos: generalização de uso (sintaticização).

²⁸ No original: *SPP expression is in several respects a classic linguistic variable. First, it is a discrete, binary phenomenon that has little bearing on the truth conditions of utterances. [...] Second, the presence or absence of pronouns such as yo is clearly conditioned by both linguistic and extralinguistic factors.*

²⁹ Essa discussão será ampliada no capítulo 4.

Dessa situação, deriva a dificuldade de se explicar ocorrências de sujeitos pronominais expressos que não são objetivamente enfáticas, contrastivas ou ambíguas no atual estágio da língua espanhola (em suas distintas variedades), uma vez que as funções nunca são discretas. Nessa direção, é possível que, na atual sincronia³⁰ do espanhol – pelo menos em algumas variedades –, o sujeito expresso seja “ambíguo” em certos casos, não na acepção tradicional (de estrutura), mas no sentido atribuído no funcionalismo aos casos que estão em processo de mudança – que podem gerar tanto a interpretação original (contrastivo ou enfático = discursivamente motivado) quanto uma interpretação diferente e inovadora (anafórico não acentuado = sintaticamente motivado).

³⁰ Ao longo da tese, o termo **sincronia** deve ser entendido de forma relativizada. Ao associarmos o referido termo aos resultados obtidos em nossa análise das peças teatrais, mais adiante, queremos dizer que estes fazem referência à determinada sincronia e não que representam tal sincronia, uma vez que a representatividade de nossa amostra não nos permite generalizar os resultados, além do fato de que *sincronia* será sempre uma aproximação, uma idealização, já que, para o funcionalismo, a estrutura é maleável e as gramáticas são emergentes, sendo que a “língua” é entendida como “[...] um sistema de comunicação em que uma estratégia está sempre em processo de ser modificada em direção a outra” (GIVÓN, 2012 [1979], p. 307).

3 POR QUE A OPÇÃO POR UMA PERSPECTIVA FUNCIONAL PARA EXPLICAR O FENÔMENO?

Neste capítulo, inicialmente, trazemos postulados do funcionalismo linguístico de vertente norte-americana e da sociolinguística laboviana – os quais são importantes para a explicação de nosso objeto de estudo –, apresentando, na sequência, motivações para o embasamento nessas duas abordagens teóricas, bem como apontando pontos convergentes ou não. Na segunda parte do presente capítulo (seção 3.2), expomos nossa proposta de tese, segundo a qual a expressão do sujeito na variedade madrilena pode estar passando por um processo embrionário de expansão de seus contextos de uso em direção a um maior preenchimento.

Comumente, a expressão do sujeito tem sido relacionada com a ênfase e o contraste ou, ainda, com a ambiguidade (LUJÁN, 1999; FERNÁNDEZ SORIANO, 1999, entre outros). Há autores, ainda, que consideram redundante (pleonasma) o uso dos sujeitos pronominais nos casos em que não existe ambiguidade e há desinência distintiva, consistindo, esses casos, em variação livre³¹ (BARRENECHEA; ALONSO, 1973 apud ENRÍQUEZ, 1984). Esse último tipo de explicação, a da redundância, nos motiva a investigar o fenômeno, uma vez que, se existe uma percepção de que, em certos casos, o pronome é tido como “redundante”, isso se deve a alguma razão.

No âmbito da sociolinguística, por seu turno, reconhece-se que a expressão do sujeito pronominal em diferentes variedades do espanhol é um fenômeno variável, ainda que existam contextos de uso categórico tanto de sua presença quanto de sua ausência (HURTADO, 2001; SILVA-CORVALÁN, 2001; 2003; SOARES DA SILVA, 2006; WILDNER, 2011). Contudo, as motivações que explicam a presença variável ainda não são claras e este é um tema que segue intrigando e interessando a pesquisadores (HURTADO, 2001; SILVA-CORVALÁN, 2003; FLORES-FERRÁN, 2004; WILDNER, 2011; SOARES DA SILVA, 2011, ERKER; GUY, 2012, dentre outros). Nesse sentido, a presente pesquisa pretende lançar mais luz sobre esse problema, buscando na sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) e no funcionalismo linguístico de

³¹ Importa destacar que, de acordo com a Teoria da Variação e Mudança, não existe variação livre, haja vista que toda variação é motivada, seja por fatores linguísticos ou por fatores extralinguísticos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; 1994; 2003; 2010).

vertente americana³² respostas para a relação entre a sintaxe e fatores pragmático-discursivos (GIVÓN, 2012 [1979]; 1995; 2001).

3.1 POR QUE A CONVERSA ENTRE A SOCIOLINGÜÍSTICA E O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO?

Conforme será tratado nesta seção, a sociolinguística laboviana e o funcionalismo linguístico apresentam várias congruências teóricas, sendo a principal delas a primazia pelo estudo da língua em uso e o papel de destaque atribuído à frequência de uso. Ademais, no âmbito da sociolinguística, o pesquisador, quando tenta descrever e explicar os fenômenos linguísticos, não conta com uma teoria linguística, recorrendo, então, a outros construtos teóricos, como, por exemplo, o gerativismo ou o funcionalismo linguístico (entre suas muitas vertentes). Nessa perspectiva, Labov (1978) reconhece que duas diferentes teorias – no caso ele compara a sociolinguística com a linguística formal – podem se beneficiar mutuamente, no sentido de a sociolinguística aportar descobertas acerca da variação social e a teoria linguística contribuições sobre gramática.

Destacando os pontos fortes da sociolinguística, Poplack (2011) menciona vários aspectos nos quais este aparato teórico-metodológico pode contribuir para a teoria da gramaticalização³³. A respeito da teoria da gramaticalização, esta desempenha um papel fundamental na abordagem tipológico-funcional da sintaxe (DELANCEY, 2011). O papel da teoria da gramaticalização, como ficará mais claro adiante neste capítulo, é “explicar como construções fixas e recorrentes se desenvolvem a partir de concatenações de palavras motivadas e transparentes³⁴”. Considerando que a gramática, para o funcionalismo, é um “sistema de processamento da linguagem automatizado, otimizado,

³² Ainda que diverjam em alguns aspectos, essas duas perspectivas teóricas partem da língua em uso para a construção de seus postulados, além de outras semelhanças teóricas, o que tem motivado a realização de estudos de interface sociofuncionalista, como o que fazemos na presente tese.

³³ É necessário esclarecer que, nesta tese, fazemos referência ao estudo da gramaticalização na perspectiva funcionalista, ressaltando que o fenômeno da gramaticalização também é de interesse de estudos formalistas.

³⁴ No original: “*The role of grammaticalization theory is to explain how fixed, recurrent constructions develop from transparent, motivated concatenations of words*”.

convencionalizado, acelerado³⁵” (GIVÓN, 2011, p. 15), cabe à gramaticalização explicar os processos específicos através dos quais surgem a automatização, convencionalização e adaptação (DELANCEY, 2011). Segundo Delancey (2011, p. 366, grifos nossos), a “gramaticalização não é simplesmente um mecanismo por meio do qual **estruturas morfológicas** se desenvolvem; é a tendência constante e universal da língua a partir da qual **toda estrutura surge**³⁶”.

Dessa forma, acreditamos que tanto o funcionalismo quanto a sociolinguística podem beneficiar-se do diálogo e, acima de tudo, juntos podem fornecer uma explicação mais consistente para o fenômeno da expressão do sujeito.

3.1.1 Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana

O termo funcionalismo contempla uma série de correntes teóricas distintas, ainda que todas concebam a língua como um construto social voltado para a comunicação humana, focando, portanto, na **função** que as formas linguísticas desempenham. Nesta tese, porém, nossa atenção se atém ao funcionalismo de vertente norte-americana, especialmente nas proposições givonianas.

Na perspectiva givoniana, as duas funções primárias da linguagem humana consistem em **representar** e **comunicar** o conhecimento (experiência) (GIVÓN, 2001, p. 7). Para Givón (2001), a comunicação humana bem-codificada se divide em dois sistemas. O primeiro deles, o sistema de representação cognitiva (*cognitive representation system*), compreende três níveis concentricamente relacionados, quais sejam: o léxico conceptual, informação proposicional e discurso multiproposicional. Já o segundo, o sistema de codificação comunicativo (*communicative coding system*), compõe-se de dois instrumentos de codificação distintos, sendo eles os códigos sensorio-motores periféricos e o código gramatical (GIVÓN, 2001, p. 7).

No que concerne ao **código gramatical**, foco de nossa atenção nesta tese, segundo a hipótese funcionalista, este “[...] é provavelmente a

35 No original: “*The identification of grammar as an automated, streamlined, conventionalized, speeded-up language processing system has long been noted*”.

36 No original: “*Grammaticalization is not simply a mechanism by which morphological structure develops; it is the constant, universal tendency of language out of which all structure arises*”.

mais recente adição evolucionária para o arsenal da comunicação humana³⁷” (GIVÓN, 2001, p. 11). Nessa perspectiva, pressupõe-se que a gramática é motivada de modo adaptativo e, em princípio, é não arbitrária, ou seja, é icônica. O interesse pelo que se convencionou chamar de **iconicidade**, na década de 1980, foi inspirado na observação de C. S. Peirce (1934; 1940 apud GIVÓN, 2001) de que na sintaxe das línguas também há ícones lógicos além de dispositivos arbitrários e convencionais. Nessa direção, ainda que nas gramáticas maduras sejam encontradas tanto características icônicas quanto simbólicas, se considera que, em sua fase de *proto-gramática*, a organização gramatical se dava com base em princípios de iconicidade (cf. GIVÓN, 2001).

Argumentos a favor da hipótese adaptativa da linguagem humana – no que concerne ao processo diacrônico de constituição da gramática a partir da pragmática-discursiva – pautam-se em comparações com o processo de aquisição da linguagem pela criança (quer seja oral ou de sinais³⁸), aquisição de segunda língua por adultos, afasia agramatical, entre outros casos (GIVÓN, 2012 [1979]; 1995; 2001). Para Givón (2001, p. 15), a comunicação humana pode se dar de forma gramatical (“gramaticalizada”) e pré-gramatical. A forma pré-gramatical de comunicação (considerada como *pidgin* pelo autor) é encontrada na linguagem inicial das crianças, em *pidgin* como segunda-língua de adultos e na afasia agramatical. As características estruturais, funcionais e cognitivas de ambos os modos de comunicação são apresentadas no Quadro 1:

³⁷ No original: *The grammatical code is probably the latest evolutionary addition to the arsenal of human communication [...]*.

³⁸ De acordo com Givón (1995, p. 440-441), o sistema de processamento da linguagem dos humanos evoluiu a partir do processamento visual da informação. Segundo o autor, o processo de aquisição infantil de língua de sinais como primeira língua nos fornece elementos para sustentar tal hipótese, uma vez que, tendo acesso apenas ao canal visual, as crianças surdas manifestam características desenvolvimentais da linguagem semelhantes às crianças que adquirem a linguagem por meio do canal auditivo, ou seja, tanto línguas oralizadas quanto de sinais manifestam aumento progressivo de arbitrariedade, automação e maior velocidade de processamento.

Quadro 1 – Processamento do discurso pré-gramatical vs. gramatical

PROPRIEDADES	Modo gramatical	Modo pré-gramatical
ESTRUTURAIS		
a. Morfologia gramatical	Abundante	ausente
b. Construções sintáticas	complexas/encaixadas	simples/conjugadas
c. Uso de ordem-palavra	gramatical (sujeito/objeto)	pragmática (tópico/comentário)
d. Pausas	Fluentes	hesitantes
FUNCIONAIS		
e. Velocidade de processamento	Rápida	lenta
f. Esforço mental	sem esforço	laborioso
g. Taxa de erro	Menor	maior
h. Dependência contextual	Menor	maior
COGNITIVAS		
i. Modo de processamento	Automatizado	assistido
j. Aquisição	Posterior	anterior
k. Evolução	Posterior	anterior

Fonte: Traduzido de Givón (2001, p. 15).

Como é possível apreender do Quadro 1, o processo de codificação gramatical (a partir do discurso) implica maior complexidade estrutural (maior grau de abstração e arbitrariedade), o que traz vantagens comunicativas, como melhor processamento, já que automatizado e mais veloz, além de menor taxa de erros e de dependência contextual. A esse respeito, Givón (2001, p. 36) explica que:

A gramaticalização, seja na infância ou na história, implica um marcado aumento na arbitrariedade, de modo que mais regras convencionais são adicionadas e mescladas com os princípios mais icônicos da proto-gramática. Com efeito, simbolicidade e rotinização são partes do preço a ser pago pelo desenvolvimento de um sistema de processamento automatizado (Givón 1989: cap. 7; Haiman 1991).

O balanço na gramática entre iconicidade e arbitrariedade é, mais uma vez, um compromisso adaptativo clássico entre pressões funcionais conflitantes. Na gramaticalização, ganha-se em velocidade de processamento via automatização, enquanto se perde uma certa porção de transparência do código, via aumento de arbitrariedade³⁹ (GIVÓN, 2001, p. 36).

É importante destacar que, na perspectiva givoniana, o termo **gramaticalização** deve ser entendido de forma mais abrangente do que na definição adotada para explicar a emergência de categorias gramaticais (ou mais gramaticais), segundo a qual itens lexicais (ou construções, cf. TRAUGOTT, 2003) com **significado concreto** se tornam mais abstratos, perdem suas propriedades características de usos originais, e passam a ser usados em novos contextos (HEINE, 2003). A respeito do escopo da teoria da gramaticalização, Hopper (1991) esclarece que “a gama de fenômenos a serem estudados não está restrita à morfologia, mas inclui o que Givón tem chamado de *sintaticização*”.

Sintaticização é um processo diacrônico por meio do qual “estruturas discursivas ‘pragmáticas’ frouxas, paratáticas, se desenvolvem – ao longo do tempo – em estruturas sintáticas rígidas, ‘gramaticalizadas’” (GIVÓN, 2012 [1979], p. 272), ou seja, trata do surgimento da sintaxe a partir do discurso. Givón (2012 [1979], p. 273) propõe que a evolução linguística segue a trajetória de **ondas cíclicas**:

Discurso → Sintaxe → Morfologia → Morfofonêmica → Zero

De acordo com Givón (2012 [1979], p. 273, grifos do autor), os dois primeiros passos “são motivados por várias *necessidades comunicativas*”, enquanto os dois últimos passos “são fortemente motivados por atrito fonológico”. A respeito dos dois primeiros passos,

³⁹ No original: *Grammaticalization, whether in childhood or in history, entails a marked increase in arbitrariness, as more conventional rules are added to and blended with the more iconic principles of proto-grammar. Indeed symbolicity and routinization are part of the price one pays for the development of an automated processing system (Givon 1989: Ch. 7; Haiman 1991). The balance in grammar between iconicity and arbitrariness is, once again, a classical adaptive compromise between conflicting functional pressures. In grammaticalization, one gains processing speed via automaticity, while giving up a certain portion of code transparency, via increased arbitrariness.*

Givón (2012 [1979], p. 287) afirma que a sintaticização e o surgimento da morfologia flexional devem ser considerados “partes mutuamente dependentes do mesmo processo”, uma vez que a emergência de uma estrutura sintática geralmente envolve o surgimento de morfologia gramatical. Segundo o autor, por meio da sintaticização “a língua perde transparência na mensagem enquanto ganha velocidade de processamento”, sendo que o “surgimento concomitante da morfologia compensa as perdas, acrescentando *codificação* à construção, facilitando, dessa maneira, o modo emergente de processamento automático” (GIVÓN, 2012 [1979], p. 287, grifo do autor). Com relação aos termos **sintaticização** e **gramaticalização**, é interessante destacar que, em *Syntax: an introduction* (vol.I), Givón (2001) não faz qualquer menção ao primeiro termo, utilizando o termo gramaticalização em referência ao processo de codificação gramatical a partir do discurso.

Convém salientar que, em decorrência da própria concepção de língua(gem) e de gramática, exposta sucintamente nesta seção, os estudos funcionalistas atribuem papel de destaque à variação e à mudança linguística. Nesse sentido, importa mencionar o princípio da **estratificação**, que diz respeito ao surgimento de novas camadas a serviço de um determinado domínio funcional⁴⁰, as quais passam a coexistir com camadas mais antigas (HOPPER, 1991). Esse princípio pode ser correlacionado ao fenômeno da **variação linguística** da sociolinguística laboviana, sendo o conceito de **variantes** semelhante ao de **camadas**. O princípio da **especialização**, por sua vez, relaciona-se com a mudança linguística, no sentido de que pode ocorrer uma “redução” das escolhas em estágios finais de processos de gramaticalização. As formas coexistentes podem se especializar “para itens lexicais particulares, classes de construções particulares, ou registros sociolinguísticos; elas podem ter significados ligeiramente diferentes, ou simplesmente serem reconhecidas como alternativas

⁴⁰ O conceito de **domínio funcional** apresenta características multidimensionais e escalares (GÖRSKI; TAVARES, 2017). Para Hopper (1991, p. 22-23), esse construto teórico se refere a “alguma área funcional geral, como, por exemplo, tempo/aspecto, modalidade, caso, referência, etc., do tipo que frequentemente se torna gramaticalizado” (No original: *By a “functional domain”, I mean some general functional area such as tense/aspect/modality, case, reference, etc., of the kind which frequently becomes grammaticized*). Görski e Tavares (2017) discutem até que ponto o **conceito funcional** de *domínio funcional* pode ser comparado ao **conceito variacionista** de *variável linguística*, ao tratar sobre a interface variação-gramaticalização. Para uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, remetemos o leitor a esse trabalho.

‘estilísticas’⁴¹ (HOPPER, 1991, p. 23), não culminando, necessariamente, no desaparecimento das formas antigas. Igual importância é atribuída à variação e à mudança linguística no escopo da sociolinguística, a qual terá alguns de seus principais postulados apresentados na seção seguinte.

3.1.2 Sociolinguística⁴²

A sociolinguística busca fornecer uma explicação para processos de variação e mudança linguísticas. Nessa perspectiva, em 1968 é publicada a obra *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, que, como o nome já diz, busca estabelecer fundamentos empíricos que embasem uma teoria da mudança linguística. Seus autores, Weinreich, Labov e Herzog (1968) partem de cinco questões (problemas) para as quais uma teoria da mudança linguística deve buscar respostas: restrições, transição, encaixamento, avaliação e implementação.

O problema das **restrições** visa, por meio do estudo dos fatores condicionadores, atestar e, se o for o caso, identificar possíveis universais linguísticos, respondendo assim às questões sobre qual o “conjunto de mudanças possíveis” e quais as “condições possíveis para a mudança” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 121). Inspira-se para tanto na ideia da doutrina uniformitarista, segundo a qual “os mesmos mecanismos que operaram para produzir as mudanças em larga escala do passado podem ser observados em ação nas mudanças que presentemente ocorrem à nossa volta” (LABOV, 2008 [1972], p. 192).

O problema da **transição**, por sua vez, busca apreender os estágios intervenientes entre dois diferentes estados de língua, com vistas a acompanhar os passos do desenvolvimento da mudança, o que pretendemos observar na presente tese, com vistas a analisar se há diferenças de comportamento na expressão do sujeito pronominal ao longo do período compreendido entre a primeira metade do século XIX à segunda metade do século XX.

⁴¹ No original: *They may be specialized for particular lexical items, particular classes of constructions, or sociolinguistic registers; they may have slightly different meanings, or simply be recognized as “stylistic” alternatives.*

⁴² A discussão sobre a Sociolinguística nesta subseção será sucinta tendo em vista que vários de seus postulados já foram apresentados e discutidos no capítulo 2.

O problema do **encaixamento** lida com a forma como as mudanças linguísticas são encaixadas tanto na estrutura da língua como na estrutura da sociedade e estritamente relacionado com o encaixamento social.

O problema da **avaliação** busca observar como a valoração subjetiva (avaliação) dos falantes se relaciona com a mudança.

O mais complexo problema a ser respondido pela teoria se refere à **implementação** da mudança, isto é, quais as causas da mudança e por que uma mudança ocorre em uma língua em determinada época e lugar e não em outra.

No que se refere à presente tese, não é possível abordar todos os problemas previamente elencados devido a limitações de tempo e, principalmente, em decorrência do próprio estágio em que supomos que se encontra o fenômeno na região dialetal investigada, tomando como base estudos empíricos sobre a variedade madrilena (ENRÍQUEZ, 1984; SOARES DA SILVA, 2011), na qual o sujeito implícito é a opção mais frequente. Por outro lado, os resultados da pesquisa diacrônica realizada no presente trabalho poderão contribuir na identificação dos fatores condicionadores nas diferentes épocas consideradas (séc. XIX e XX), observando o comportamento desse fenômeno, com vistas a buscar indícios de que um possível processo de sintaticização esteja emergindo (possível **transição** entre estados diferentes de língua).

Ainda referente às bases epistemológicas da sociolinguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) propõem alguns princípios gerais acerca da mudança linguística, retomados aqui:

1. A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente à fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.

3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança lingüística através da estrutura lingüística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
5. As gramáticas em que ocorre a mudança lingüística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
6. A mudança lingüística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança lingüística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.
7. Fatores lingüísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança lingüística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento lingüístico. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 125-126).

Nosso objeto de estudo, aparentemente, não implica estratificação social, ou seja, a expressão do sujeito não parece ser um fenômeno sujeito à avaliação social de prestígio ou desprestígio. Se nossa suposição estiver correta, poderíamos dizer que essa variável dependente seria o que Labov se refere como *mudança vinda de baixo*, pelo fato de não ser conscientemente percebida pelos falantes: “abaixo do nível de consciência social” (LABOV, 2008 [1972], p. 210).

Por outro lado, para certificar-se de que, de fato, essa variável não é suscetível à avaliação social seria necessário realizar testes de reação subjetiva, verificação esta que poderá ser realizada em estudos futuros. A ausência de valoração negativa, pelo menos, relacionada à

expressão do sujeito pode contribuir para que esse fenômeno seja mais suscetível à mudança do que outro que carregue significados sociais estigmatizados. Em referência aos princípios supracitados, cabe destacar o caráter gradual da mudança linguística (cf. princípio 4), sendo que sua generalização é resultado de períodos “substanciais” de tempo (anos, décadas ou séculos, a depender do fenômeno), nos quais a variante conservadora coexiste com a variante inovadora, sendo que esta última pode ir ampliando seus contextos de uso, a ponto de suplantando aquela primeira, ou – em certos casos – pode haver coexistência estável das duas variantes, particularmente nos contextos em que há efeitos sociais envolvidos (o que não parece ser o caso de nosso objeto), ou, até mesmo, o declínio da variante inovadora.

Outro construto teórico da sociolinguística refere-se à **comunidade de fala**⁴³, sendo esta tomada em relação à avaliação social e não necessariamente com relação à produção dos falantes: “[...] uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008 [1972], p. 188). Nesse sentido, Labov (2008 [1972], p. 158) argumenta que, para o estudo da estratificação social da língua, “não precisamos nos limitar às evidências da diferenciação objetiva de comportamento”, haja vista que a “estratificação social tem duas faces: a diferenciação, de um lado, e a avaliação social, do outro”. Em nosso estudo, porém, não abordaremos o conceito de comunidade de fala.

Outra questão cara à sociolinguística se refere ao estudo da mudança em progresso, a qual pode ser identificada e observada por meio de duas estratégias metodológicas distintas: em tempo aparente ou em tempo real. A observação da mudança em **tempo aparente** consiste na distribuição das variáveis linguísticas através das várias faixas etárias (LABOV, 1994, p. 45-46). Com base em Hockett (1950 apud LABOV, 1994), Labov destaca que, quando encontramos relações repetitivas

⁴³ Cabe sinalizar questionamentos de estudos da Sociolinguística de segunda e terceira ondas a respeito do construto de “comunidade de prática”, os quais têm operado com o conceito de “comunidade de prática” assumida como um grupo de pessoas que compartilham interesses comuns e interagem regularmente em torno de certas atividades (por exemplo, grupo de adolescentes, grupo da igreja, do trabalho, entre outros). Como nossa discussão centra-se na sociolinguística laboviana – primeira e segunda ondas da Sociolinguística, em termos de Eckert –, remetemos o leitor interessado na problemática aqui sinalizada aos trabalhos de Eckert (2000; 2012).

entre idade e a variável linguística, é preciso decidir se isso é decorrente de diferenças geracionais normais, isto é “uma mudança de comportamento linguístico etário que se repete em cada geração⁴⁴” (LABOV, 1994, p. 46) ou se estamos diante de uma mudança em progresso⁴⁵. Enquanto o estudo da mudança em tempo aparente é realizado a partir do controle das faixas etárias em uma amostra sincrônica, o da mudança em tempo real controla a idade numa perspectiva diacrônica, preferentemente com os mesmos indivíduos (em diferentes épocas), ambos com vistas a observar se há indícios de mudança em progresso, nos moldes labovianos.

Os postulados sobre a mudança em tempo aparente partem do pressuposto de que os falantes não modificam substancialmente seu vernáculo após o período da adolescência, razão pela qual se considera que, através da fala do grupo etário mais velho, é possível obter indícios de como a língua era há 40, 50 anos atrás, por exemplo. Seguindo esse raciocínio, se os falantes mais velhos desfavorecem significativamente uma variante inovadora e os mais jovens a favorecem significativamente, isso pode ser sinal de que estamos diante de uma mudança em curso. De acordo com Labov (1994, p. 47), “[os resultados de estudos] parecem indicar que adolescentes e pré-adolescentes estão na vanguarda no progresso da mudança sonora⁴⁶”. Por outro lado, o comportamento dos falantes da faixa etária intermediária (adultos) também é tomado como indicador do *status* do fenômeno em análise, especialmente se este carrega valoração social (de prestígio, estigmatizado, por exemplo). Labov (2008 [1972], 1994) costuma argumentar que os falantes em idade produtiva procuram monitorar seus

⁴⁴ No original: *If we discover a monotonic relationship between age and the linguistic variable, or a significant correlation between the two, then the issue is to decide whether we are dealing with a true change in progress or with age-grading (Hockett 1950), a regular change of linguistic behavior with age that repeats in each generation.*

⁴⁵ A respeito do controle da idade, Lucchesi (2012) critica as generalizações “mecanicistas” que têm sido feitas com base na variável faixa etária, chamando a atenção para o fato de que é necessário interpretar as diferenças de comportamento entre as diferentes faixas etárias levando-se em conta o que estava ocorrendo nas sociedades analisadas nos momentos históricos em que os informantes da amostra estavam inseridos, isto é, considerando questões históricas, de gênero, de classe, entre outras.

⁴⁶ No original: *All of these results would seem to indicate that adolescents, and preadolescents, are the leading edge in the progress of sound change [...].*

usos linguísticos para serem aceitos no mundo do trabalho. Nesse sentido, esse tipo de variável é mais propenso à variação estável.

3.1.3 Conversa entre as duas abordagens

Embora sendo dois construtos teóricos distintos, que apresentam especificidades não compartilhadas, a sociolinguística e o funcionalismo linguístico podem dialogar em razão de seus pontos em comum ou de aproximação. Como primeiro aspecto a ser considerado, ambas as correntes teóricas atribuem papel de destaque ao caráter social da língua e à sua finalidade comunicativa – conforme vemos nos excertos a seguir – e, além disso, esses dois aparatos baseiam na **língua em uso** suas explicações sobre a linguagem.

Para Labov (2008 [1972], p. 215, grifos nossos):

A língua é uma forma de **comportamento social**: declarações neste sentido podem ser encontradas em qualquer texto introdutório. Crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, **comunicando** suas necessidades, idéias e emoções uns aos outros.

De acordo com Givón (2012 [1979], p. 49, grifos nossos):

Se a língua é um **instrumento de comunicação**, então é bizarro tentar entender sua estrutura sem referência ao contexto comunicativo e à função comunicativa. Portanto, restrições gramaticais, regras de sintaxe, transformações estilísticas e coisas assim não estão lá “porque elas são pré-instaladas no código genético do organismo”. Nem estão lá sem razão alguma. Ao contrário, elas estão lá para servir a **funções comunicativas** específicas.

Conforme comentado anteriormente, ainda que a sociolinguística não tenha desenvolvido uma teoria de gramática, esta concebe a língua como um sistema diferenciado (heterogêneo), composto por regras gramaticais categóricas e variáveis. Já no âmbito do funcionalismo, Givón (2001) defende que a língua se desenvolve de forma evolutiva e adaptativa, sendo a gramática funcionalmente

motivada. Por outro lado, o autor não compartilha as posições extremadas de Chomsky (1961 apud GIVÓN, 2001) e de Hopper (1984), assumindo uma posição intermediária segundo a qual as regras gramaticais não são 100% rígidas – como defende Chomsky – tampouco 100% flexíveis – como propõe Hopper.

Conforme já vimos, para Givón (2001, p. 36), a codificação gramatical “implica um marcado aumento na arbitrariedade, à medida que mais regras convencionalizadas são acrescentadas e mescladas com os princípios mais icônicos da proto-gramática⁴⁷”, sendo a simbolicidade e a rotinização “parte do preço a ser pago pelo desenvolvimento de um sistema de processamento automatizado⁴⁸”. Nessa direção, funcionalismo e sociolinguística apresentam visões semelhantes sobre regras gramaticais, pois ambas admitem um **comportamento probabilístico** no uso de fenômenos linguísticos.

Ainda que muitas das comparações entre sociolinguística e funcionalismo tomem como parâmetro a gramaticalização, sendo que esta pode ter um escopo reduzido ou ampliado, tendo diferentes acepções (cf. HEINE, 2003; HOOPER, 1991), consideramos que muito do que se tem afirmado em tais estudos comparativos pode ser estendido aos diferentes fenômenos linguísticos sob o escopo do funcionalismo. Tendo feito esse parêntese, trazemos dois estudos que comparam sociolinguística e gramaticalização, pelo fato de trazerem reflexões que justificam a conciliação de ambas.

No primeiro deles, Poplack (2011) argumenta que a teoria da gramaticalização pode testar a validade de predições formuladas sob seu escopo acerca da mudança utilizando-se do arcabouço teórico-metodológico desenvolvido pela teoria da variação e mudança, o qual permite analisar empiricamente a mudança em curso: “a teoria da gramaticalização pode ser checada, modificada e sutilmente melhorada ao levar em conta [...] detalhes da variabilidade inerente e as análises

⁴⁷ No original: *Grammaticalization, whether in childhood or in history, entails a marked increase in arbitrariness, as more conventional rules are added to and blended with the more iconic principles of proto-grammar. Indeed symbolicity and routinization are part of the price one pays for the development of an automated processing system (Givon 1989: Ch. 7; Haiman 1991).*

⁴⁸ Com base em Givón (2001), apreende-se que “simbolicidade” refere-se ao fato de as formas gramaticalizadas terem perdido seus significados semânticos originais por meio do aumento da abstratização e arbitrariedade; e que “rotinização” diz respeito à convencionalização dos novos usos gramaticalizados.

empíricas de gramaticalização em progresso⁴⁹” (POPLACK, 2011, p. 210). Segundo a autora, a comparação dos estágios intervenientes entre dois estados de língua (*endpoints*) permite “iluminar muitos dos mecanismos de gramaticalização propostos” (p. 212). Já Nevalainen e Palander-Collin (2011, p. 119) assinalam que comparar as mudanças em tempo aparente e em tempo real nos fornece informações sobre a transição dos processos de gramaticalização antigos para os atuais.

Nessa direção, Poplack (2011) sugere que, por meio do controle quantitativo de amostras orais e escritas da língua em uso, é possível observar as mudanças nas taxas percentuais bem como a distribuição das formas em gramaticalização ao longo do tempo. Nessa perspectiva, a presente tese controla quantitativamente a presença pronominal ao longo de dois séculos, com vistas a observar se houve aumento na frequência, expansão de contextos de uso e alterações significativas nos pesos relativos, razão pela qual a sociolinguística, com sua longa e assentada tradição em estudos quantitativos, se mostra importante para a realização do estudo proposto.

Como justificativa para o diálogo entre as duas teorias, Poplack (2011, p. 224) questiona a crescente quantidade de afirmações sem comprovação científica no âmbito da teoria da gramaticalização, formuladas na última década, argumentando que estas podem ser testadas por meio de análises empíricas. Como exemplificação do perigo de afirmações sem respaldo empírico, a autora se pauta em um estudo comparativo sobre a evolução do futuro temporal em três línguas romances (português, espanhol e francês) nos séculos 19 e 20, no qual constata que, ainda que as línguas estejam rumando a um mesmo resultado – a gramaticalização de construções com verbo de moção *go-verbs* (*ir* e *aller*) em marcador de futuro –, cada uma segue trajetórias independentes, tanto com relação aos estágios em que cada uma se encontra quanto com relação aos fatores condicionadores das formas alternantes, que não se comportam da mesma forma – com exceção de um, que é a tendência da perífrase em aparecer em contextos temporalmente não específicos.

A esse respeito, cabe destacar que a perspectiva givoniana, ainda que elabore teorizações hipotéticas sobre linguagem, busca evidências em diferentes línguas e em diferentes contextos relacionados à linguagem para sustentar empiricamente seus postulados. Além disso,

⁴⁹ No original: [...] *GT can be checked, modified, and subtly enhanced by taking account of the fine details of inherent variability and the empirical analysis of grammaticalization in progress.*

Givón (2001) reconhece que “lidando com sistemas complexos de base biológica, tais como a cognição e a linguagem, é necessário não somente aceitar como também esperar universais que acomodem gradação e minorias não prototípicas”. Ainda segundo o autor, “ao invés de destruir as generalizações propostas, tais exceções apenas testemunham a natureza complexa e multivariada da cognição e da linguagem⁵⁰” (GIVÓN, 2001, p. 197).

A respeito do tipo de orientação de pesquisa pretendida nesta tese, nos fundamentamos em pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística e do funcionalismo linguístico de vertente norte-americana, sem, necessariamente, estabelecermos a interface que vem sendo denominada **sociofuncionalismo**, sobre a qual assumimos como pertinente a breve resenha aqui apresentada.

Desenvolvidas desde a década de 1980, e com articulação mais sistemática a partir do início do século XXI, o diálogo entre a sociolinguística e o funcionalismo norte-americano se constitui a partir da construção de uma terceira abordagem, uma vez que, ao confrontar as duas teorias que dão origem a essa interface, observam-se premissas convergentes, como também, especificidades e divergências (TAVARES, 2003; TAVARES, 2013; GÖRSKI; TAVARES, 2013; GÖRSKI; TAVARES, 2015).

No tocante às divergências, Görski e Tavares (2013) destacam a postura de Labov (1994) de rejeição explícita aos postulados funcionalistas⁵¹ e sua inclinação ao modelo formal chomskyano. Nesse sentido, as autoras assinalam um problema a ser contornado: “[...] se os condicionadores são estruturais ou mecânicos, qual o espaço para hipóteses funcionais” (GÖRSKI; TAVARES, 2013, p. 78). Por outro

⁵⁰ No original: *In dealing with complex biologically-based systems such as cognition and language, one must not only accept but indeed expect universals that accommodate gradation and nonprototypical minorities. Rather than destroying purported generalizations, such exceptions merely testify to the complex, multi-factored nature of cognition and language.*

⁵¹ A esse respeito, é interessante notar que Labov (1994, p. 568), ainda que atribua os resultados de seus estudos em variação fonológica e morfológica a efeitos mecânicos, em favor da visão neogramática, reconhece que “[...] em longo prazo, a maioria das línguas preserva seus meios de transmitir informação, mais ou menos, por uma rota ou outra”, o que nos acena para a comunicação, especialmente para a função adaptativa da linguagem (GIVÓN, 2012 [1979]; 2001). No original: *[...] but in the long run, most languages do preserve their means of conveying information, more or less, by one route or another.*

lado, como observam as autoras, Labov (2010) faz referência a autores funcionalistas ao mencionar a variação/mudança em níveis mais altos que o fonético-fonológico, apontando a busca desses pesquisadores (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE; KUTEVA; 2005) por princípios unidirecionais de mudança no âmbito da teoria da gramaticalização.

Nesse sentido, as autoras mencionam a busca por universais (entendidos em termos de “tendências”) como outro ponto de contato entre a sociolinguística e o funcionalismo (GÖRSKI; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKI, 2015):

Do ponto de vista tipológico, Givón (2001) defende que os ‘universais’ não precisam ser absolutos, mas envolver tendências, devido à competição de múltiplos fatores (cognitivo-comunicativos, gramaticais, socioestilísticos), de sorte que diferentes línguas podem codificar um mesmo ‘domínio funcional’ por meio de diferentes recursos estruturais, em grau variável de densidade. Labov (1982), por sua vez, observa que os ‘universais’ não são princípios aplicados categoricamente, mas apontam para regularidades ou tendências gerais, uma vez que os fenômenos linguísticos são concebidos como dependentes da estrutura social (GÖRSKI; TAVARES, 2013, p. 81).

Com relação aos condicionadores, Tavares e Görski (2015) atestam que, em trabalhos labovianos, é possível depreender motivações funcionais de variáveis independentes tidas como estruturais. Além disso, no escopo do sociofuncionalismo não somente as variáveis independentes podem ser de caráter funcionalista, como também podem ser estudadas variáveis dependentes funcionais, como atestam inúmeros trabalhos já realizados sob essa ótica (DAL MAGO, 2001; TAVARES, 2003; VALLE, 2014, entre outros).

Quanto às divergências decorrentes do funcionalismo, Görski e Tavares (2013) assinalam a incompatibilidade entre a sociolinguística variacionista com uma perspectiva de funcionalismo radical, como a de Bolinger (1977 apud GÖRSKI; TAVARES, 2013, p. 78), segundo a qual “a condição natural da linguagem é preservar uma forma para um significado e um significado para uma forma, numa correlação biunívoca entre forma e função”. Nessa perspectiva, que representa a

versão forte do princípio da iconicidade, não existiria variação. Contudo, como apontam as autoras, o tratamento da variação é possível no âmbito do funcionalismo, desde que consideremos a versão branda de iconicidade, na qual a iconicidade é vista como gradiente e não absoluta, sendo que a correlação uma forma para uma função se perde devido a “pressões diacrônicas que levam tanto ao desgaste do código como à alteração da mensagem” (GÖRSKI; TAVARES, 2013), abrindo espaço para que haja mais de uma forma para uma mesma função/significação.

Por outro lado, as similaridades entre a sociolinguística e o funcionalismo são em maior número do que os aspectos divergentes, o que torna viável e possível o diálogo. Dentre os pontos de convergência apontados por Görski e Tavares (2013), destacam-se: i) o pressuposto da variabilidade inerente – manifestada no fato de existir mais de uma forma para expressar um mesmo significado/mesma função (formas denominadas **camadas** na teoria da gramaticalização e **variantes** na sociolinguística) ii) o papel central atribuído à mudança linguística – visto como um processo contínuo e gradual iii) a importância da frequência de uso e de seu controle por meio do tratamento estatístico, tomando como base a **língua em uso**.

Tendo apresentado, em termos gerais, as bases teóricas sobre as quais se assenta a presente tese, na próxima seção, voltamos nossa atenção ao fenômeno da expressão do sujeito, para o qual propomos uma hipótese explanatória, sucintamente apresentada no capítulo introdutório, construída a partir de pressupostos givonianos acerca, principalmente, da evolução dos sistemas pronominais e do conceito de marcação/desmarcação.

3.2 SUJEITO PRONOMINAL: DO DISCURSO RUMO À SINTATICIZAÇÃO

Nesta seção, buscando sustentar teoricamente nossa proposta de tese, retomamos postulados givonianos acerca de marcação e do percurso evolutivo dos sistemas pronominais, no qual se situa nosso fenômeno. Ao final, sintetizamos nossa proposta de tese, a qual está sendo construída ao longo da exposição.

Para Givón (2001, p. 399), “a gramática dos pronomes e da concordância gramatical reside na interseção de dois domínios funcionais distintos, pelo menos em princípio, mas que, no entanto, se

interseccionam e interagem⁵²”, sendo um de caráter semântico e o outro, pragmático-discursivo. O primeiro domínio tem relação com o surgimento dos sistemas pronominais, processo de gramaticalização que, ao final, dá origem aos paradigmas dos pronomes independentes, os quais apresentam características classificatórias como pessoa (falante/ouvinte), número, gênero/classe, dêixis e papel de caso (GIVÓN, 2001, p. 399). Quanto ao segundo domínio, este envolve a gramática da **referência anafórica**, que, por sua vez, é um subdomínio da **coerência referencial**. No âmbito do domínio da coerência referencial, os pronomes (“independentes, clíticos, flexões/desinências ou anáforas-zero⁵³”, cf. GIVÓN, 2001, p. 399) se relacionam com um vasto e complexo sistema que inclui, entre outros, o sujeito gramatical, foco de nosso interesse neste estudo. O percurso evolutivo de surgimento e declínio dos sistemas pronominais traçado por Givón (2001) é apresentado no Quadro 2:

Quadro 2 – Principais passos do percurso evolutivo dos sistemas pronominais

(continua)

O SURGIMENTO E DECLÍNIO DOS SISTEMAS PRONOMINAIS	
<p>a. Surgimento dos paradigmas pronominais semânticos (gramaticalização primária)</p> <div style="border: 1px solid blue; border-radius: 15px; padding: 10px; display: inline-block;"> <p>Falante/ouvinte Número Classificadores Dêiticos Marcação de caso</p> </div>	<p>→ Pronome independente acentuado⁵⁴</p>

⁵² No original: *The grammar of pronouns and grammatical agreement lies at the intersection of two functional domains that are, at least in principle, distinct but which nonetheless intersect and interact.*

⁵³ No original: *Within this domain, pronouns — independent, clitic, inflectional or zero-anaphors — are parts of a vast system [...].*

⁵⁴ “*Stressed independent pronoun*” e “*unstressed anaphoric pronoun*” são traduzidos, respectivamente, por “pronome independente acentuado” e “pronome anafórico não acentuado” ao longo desta tese.

(conclusão)

<p>b. Surgimento de morfologia pronominal anafórica⁵⁵ (gramaticalização secundária)</p> <p>Pronome independente acentuado →</p> <p>Pronome anafórico não acentuado/clítico →</p> <p>Afixos pronominais anafóricos →</p> <p>Concordância pronominal obrigatória</p>
<p>c. Declínio/queda da morfologia pronominal anafórica (de-gramaticalização)</p> <p>Concordância pronominal obrigatória →</p> <p>Flexões fusionadas →</p> <p>Morfofonêmicos →</p> <p>Zero</p>

Fonte: Traduzido de Givón (2001, p. 400)

Para melhor compreensão do Quadro 2, faz-se necessário entender o que Givón (1995) concebe por “acentuado” e “não acentuado”. Para isso, precisamos lidar com o construto teórico de **marcação**.

A estrutura marcada é comumente explicada a partir de critérios formais e intrassistêmicos⁵⁶, mas Givón (2012 [1979]) chama a atenção

⁵⁵ É importante destacar que os termos **anáfora** e **anafórico**, quando associados a **anáfora zero** e **pronome anafórico não acentuado** devem ser entendidos de forma abrangente, como construtos teóricos pertencentes ao subdomínio funcional da **referência anafórica** (GIVÓN, 2001). Em outras palavras, ao se referir a *pronome anafórico não acentuado*, Givón (2001) inclui sob o escopo desse conceito qualquer pronome utilizado para retomar um referente anteriormente mencionado no discurso, tendo este aparecido sob a forma de sintagma nominal pleno ou pronome, e não somente os relacionados à terceira pessoa (P3). Semelhante raciocínio é aplicável ao termo *anáfora zero*, com a diferença de que, neste caso, o referente não é retomado por nenhum elemento explícito, como o próprio nome sugere. Ao longo da seção 3.2 essas noções serão retomadas e aprofundadas. Tendo feito essa esclarecimento, passaremos a utilizar apenas o termo *anafórico* e não mais *anafórico/dêitico*, como vínhamos fazendo até então.

⁵⁶ A marcação, em termos formais e intrassistêmicos, pode ser descrita da seguinte forma, conforme Givón (2012 [1979], p. 69, grifo do autor): “[...] levando em conta dois padrões sintáticos variantes A e B e seu caráter

para a necessidade de rever a marcação em termos mais substanciais, levando em conta o contexto comunicativo. Nesse sentido, Givón (1995; 2001) enfatiza que uma estrutura que em um contexto é marcada, em outro contexto pode ser não marcada, sendo, então, o fenômeno da marcação notadamente dependente do **contexto**. Dentre os exemplos citados pelo autor, destacamos o das orações passivas e ativas, sendo as primeiras não marcadas no discurso acadêmico sobre tópicos abstratos e as segundas, não marcadas na comunicação oral cotidiana; por outro lado, as ativas são a estrutura marcada no discurso acadêmico considerado e as passivas no da fala cotidiana.

Assim, Givón (1995, p. 28) propõe três critérios que podem ser usados para analisar a marcação:

- (a) Complexidade estrutural: Estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a correspondente não marcada.
- (b) Distribuição de frequência: A categoria marcada (figura) tende a ser menos frequente, assim cognitivamente mais saliente, do que a correspondente categoria não marcada (fundo).
- (c) Complexidade cognitiva⁵⁷: A categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de esforço mental, demanda de atenção ou tempo de processamento – do que a não marcada⁵⁸.

relativamente “básico”, se se descobre que todos os componentes de A são encontrados em B, mas, além disso, outro elemento, C, é também um componente de B mas não de A, e, portanto, se se considera C como o elemento que *marca* B como sendo distinto de A, então é justificado considerar A o tipo básico, neutro, não marcado, e B, o tipo marcado”.

⁵⁷ Quanto à complexidade cognitiva, Givón (1995) reconhece que nem sempre é possível encontrar dados sólidos para avaliá-la, sendo necessário nesses casos recorrer a outros tipos de considerações substanciais.

⁵⁸ No original: (a) *Structural complexity: The marked structure tends to be more complex (or larger) than the corresponding unmarked one.* (b) *Frequency distribution: The marked category (figure) tends to be less frequent, thus cognitively more salient, than the corresponding unmarked category (ground).* (c) *Cognitive complexity: The marked category tends to be cognitively more complex – in terms of mental effort, attention demands or processing time – than the unmarked one.*

Importa destacar que Givón (2012 [1979]; 1995; 2001) utiliza gradações ao falar de marcação, tais como não marcado, marcado, menos marcado e mais marcado. Ao tratar desse conceito em relação ao *status* anafórico, Givón (1995, p. 50-51) inclui as anáforas zero e os pronomes não acentuados (*unstressed pronouns*) (e também a concordância verbal) juntos na categoria não marcada – em termos de complexidade estrutural. Por outro lado, considera os sintagmas nominais plenos (*full NPs*) – ou os pronomes independentes acentuados (*stressed independent pronouns*) – como a categoria marcada. Ainda referindo-se à complexidade estrutural, Givón (1995, p. 50) diz que “[e]m termos de tamanho morfêmico, as anáforas zeros e os pronomes não acentuados são dispositivos de codificação da referência menores”, logo, são estruturalmente menos marcados, segundo ele “no sentido mais óbvio⁵⁹”.

Quanto à distribuição de frequência, Givón (1995) se pauta na frequência de uso de quatro amostras: *Ute*, Inglês, *Spanglish*, *Filipinlish*. Os resultados apontam que os pronomes não acentuados e anáforas zero (considerados juntamente) apresentam percentuais de uso muito mais elevados que os nomes definidos (aqueles com percentuais entre 68,9 e 93,5% e estes com percentuais entre 6,5 e 31,1%) – o que provavelmente se deva às cadeias oracionais com continuidade referencial –, sendo aqueles menos marcados e estes, mais marcados. No que concerne à complexidade cognitiva, o autor considera as anáforas zero e os pronomes não acentuados como menos marcados pelo fato de serem a escolha de processamento padrão e por codificarem referentes maximamente contínuos. Segundo ele:

Anáforas zero e pronomes não acentuados codificam referentes maximamente-contínuos, aqueles que estão atualmente ativados. Eles não antecipam nem término, nem ativação, nem a procura por um correferente. Eles, assim, não assinalam nenhuma mudança na operação cognitiva atual – continuação do padrão – do *status* de ativação atual⁶⁰ (GIVÓN, 1995, p. 51).

⁵⁹ No original: *In terms of morphemic size, zero anaphors and unstressed pronouns are the smallest referent-coding devices. They are thus structurally less marked in the most obvious sense.*

⁶⁰ No original: *Zero anaphors and unstressed pronouns code maximally-continuous referents, those that are currently activated. They precipitate neither termination, nor activation, nor search for a co-referent. They thus signal no*

Sendo assim, pode-se dizer que, de um lado, temos a anáfora-zero (ou concordância verbal) e o pronome anafórico não acentuado, os quais são estrutural e cognitivamente menos complexos e mais frequentes, estando no foco da atenção e sendo rapidamente processados; e, por outro lado, temos os pronomes independentes acentuados e os sintagmas nominais plenos, que são estrutural e cognitivamente mais complexos e menos frequentes, sendo um pouco mais difíceis de processar.

No que tange ao nosso objeto de estudo, ao considerarmos a distribuição de frequência do sujeito pronominal em espanhol, seria prudente considerar que a expressão do pronome é a estrutura marcada e a sua omissão, a não marcada, considerando que os percentuais de sujeito implícito ainda se mostram superiores ao do exposto na maioria dos contextos, em diferentes variedades do espanhol (cf. veremos no próximo capítulo)? Como possível resposta a esse questionamento, nos parece coerente admitir, com base na frequência de uso, que, em determinados contextos, a presença do sujeito é **menos marcada** (como, por exemplo, o pronome *yo*) do que em outros, em que é **mais marcada** (o pronome *nosotros*). Nessa direção, as ocorrências nas quais encontramos presença do sujeito em contexto de continuidade referencial e temática (ocorrências em negrito em 10) podem ser indícios de que esteja iniciando um processo de desmarcação, já que esses casos não pressupõem dificuldades de identificação do referente e são bastante frequentes em distintas variedades, inclusive na peninsular, da qual foi extraído o excerto a seguir:

(10) *A ver, aportarme me ha aportado una barbaridad. O sea, venir de una familia de grandes genios, ¿no?, como son los de Lucía, yo creo que lo, me, lo más grande que te aporta es que corre por las venas, yo creo que ese arte puro, yo creo que está en tus venas y en tu sangre y, eso, por supuesto, es algo que, que a mí me, vamo, me da, me da hasta pudor decir que son mi familia, ¿no?, o sea, es un respeto inmenso el que yo le tengo a mi familia, ¿no?. Y restar, yo creo que no te resta absolutamente nada, al revés, te aporta, ¿no?, en todo.* (Cantora espanhola Malú, corpus WILDNER, 2011).

change in current cognitive operation – thus default continuation – of the current activation status.

Regressando ao Quadro 2, vemos que um pronome pode ter características de “pronome independente acentuado” ou de “pronome anafórico não acentuado”, sendo que há línguas que não dispõem deste último, dentre as quais, Givón (2001) cita o espanhol – que dispõe da concordância verbal (também chamada por ele de “concordância pronominal” –, o chinês e o japonês. Em línguas nas quais existem tanto o pronome independente acentuado quanto o pronome anafórico não acentuado (como o inglês), este último é usado, ao lado da anáfora zero, em contexto de continuidade referencial. Por outro lado, nessas línguas, o pronome é considerado independente acentuado quando se quer marcar a mudança do referente em contextos de ambiguidade, como em (11b), sendo sua expressão “acentuada” necessária para que haja a mudança de referência de objeto (Joe) a sujeito (he = Joe).

- (11) a. *Bill talked to Joe and then (he) left.*
 b. *Bill talked to Joe and then HE left.*
 c. *I talked to Joe and he agreed...*
 d. *I talked to Joe and [O] agreed...*
 e. *I talked to Joe and Sally. HE was agreeable. SHE wasn't.*
 (GIVÓN, 2001, p. 419)

Em (11c), por outro lado, como não há ambiguidade, o pronome “*he*” é considerado anafórico não acentuado, sendo que uma anáfora zero em lugar de “*he*”, nesse caso, resultaria em continuidade do sujeito “*I*” (11d). Já em (11a), a continuidade referencial pode se dar tanto com o pronome anafórico não acentuado quanto com a anáfora zero, como indicam os parênteses. Quanto ao exemplo em (11e), o pronome “*he*” codifica mudança de referente e “*she*”, mudança de referente e contraste, sendo ambos considerados acentuados por Givón (2001). Como vemos, a diferença que Givón (2001) estabelece entre pronome não acentuado e acentuado é bastante sutil, e envolve critérios bem específicos: o não acentuado é anafórico e garante a continuidade do referente, tipicamente sujeito na oração anterior; caso haja mudança de objeto>sujeito, o não acentuado só é usado se houver garantia de identificação referencial, ou seja, se não houver ambiguidade. Caso contrário, o pronome é acentuado.

Quanto à evolução de pronome independente acentuado para pronome anafórico não acentuado – processo pelo qual acreditamos que o espanhol possa estar passando ainda que em estágio incipiente –, retomamos aqui a explicação de Givón (2001) que atribui a desmarcação daquele como resultado do aumento da frequência de uso:

O mecanismo diacrônico para desenfatar e assim desacentuar pronomes independentes é provavelmente devido à sobreutilização [uso excessivo], uma estratégia de ‘comprar garantia extra’. Este envolve extenso uso dos pronomes acentuados de contextos contrastivos para não contrastivos, isto é, em um subdomínio previamente coberto pelas anáforas zero⁶¹ (GIVÓN, 2001, p. 421).

Tomando como base a associação que Givón (2001) faz entre pronomes independentes acentuados (juntamente com os sintagmas nominais) e a categoria marcada, retomamos nosso questionamento: é possível dizer que, em variedades nas quais o sujeito pronominal é predominantemente ausente, um sujeito expresso apresenta características de pronome independente acentuado, sendo cognitiva e estruturalmente mais marcado? E como analisaríamos as variedades nas quais os percentuais de expressão do sujeito se aproximam de 50% (OROZCO; GUY, 2008), sendo que, em determinados contextos, apresentam valores superiores aos do sujeito implícito (CAMERON; 1993)?

Com base nas diferenças em termos de frequência de uso do sujeito pronominal entre diferentes variedades tanto do espanhol como do português (do Brasil e de Portugal, cf. DUARTE, 1995), acreditamos que a presença pronominal codifique inicialmente valores pragmático-discursivos e que, com o passar do tempo e com o aumento da frequência de uso, ocorra um espraiamento de seu uso para contextos contrastivos e não contrastivos, conduzindo a um processo de **sintaticização** (GIVÓN, 2012 [1979]), que consiste na generalização de uso do sujeito expresso. A fim de obtermos suporte empírico para nossa conjectura, analisaremos se, ao longo dos últimos séculos, houve ampliação dos contextos de uso do sujeito pronominal, em direção a um maior preenchimento. Também analisaremos ocorrências com verbos de atividade externa (12) – os quais não se enquadram no grupo de verbos de cognição e de comunicação –, uma vez que, em Enríquez (1984),

⁶¹ No original: *The diachronic mechanism for de-emphasizing and thus de-stressing independent pronouns is probably due to communicative over-use, a strategy of ‘buying extra insurance’. It involves extending the use of stressed pronouns from contrastive to noncontrastive contexts, i.e. into a sub-domain previously covered by zero anaphors.*

essa classe semântica se mostrou a menos favorável à presença pronominal.

(12) *Sí, tengo ahí un estudio casero. Tampoco es, es espectacular, pero es un estudio donde yo **grabo** todas mis demos, yo **grabo** todo* [interrupção]. (Cantor espanhol Enrique Bunbury, *corpus* WILDNER, 2011).

A respeito da possibilidade de supressão do sujeito, Givón (2012 [1979]) faz menção a um princípio explanatório geral da comunicação proposto por Grover Hudson (1972 apud GIVÓN, 2012 [1979], p. 26, grifos do autor): “*evitar supressão irrecoverável*”. Seguindo esse raciocínio, Givón (2012 [1979], p. 26) afirma que “línguas com concordância viável do sujeito no verbo (‘cópia’) tendem a permitir mais ‘anáfora zero’ do sujeito (‘apagamento’), em comparação com línguas sem concordância de sujeito”. Essa é realmente a tendência verificada em diferentes variedades do espanhol que possibilitam a concordância através do verbo, por meio das desinências verbais (SOARES DA SILVA, 2006; WILDNER, 2011; entre outros).

Por outro lado, considerando a diversidade dialetal desse idioma, há variedades americanas em que os percentuais de sujeito expreso são significativamente maiores do que em outras, fenômeno atribuído, em parte, à ampliação dos contextos de homonímia, decorrente de perda de marcas flexionais verbais (especialmente na segunda pessoa do singular: *tú sabe*, por exemplo) e/ou do fenômeno de *ustedeo* (uso predominante de “*usted*” para referir-se à segunda pessoa, ao invés de “*tú*”) (HURTADO, 2001; WILDNER, 2011; OROZCO; GUY, 2008, entre outros). Essa discussão está contemplada no próximo capítulo, em que trazemos resultados de pesquisas empíricas em distintas variedades do espanhol. No que diz respeito a pesquisas com amostras peninsulares, percebe-se um menor percentual de preenchimento do sujeito, o que provavelmente seja resultante do fato de que os pronomes – excetuando-se os pronomes de tratamento *usted* e *ustedes* – dispõem de desinência distintiva única em determinados tempos verbais.

Por outra parte, o efeito da correferencialidade e da conectividade discursiva, bem como de outros fatores condicionadores, se mostra relevante em amostras americanas e peninsulares

(HURTADO, 2001; SOARES DA SILVA, 2006; OROZCO; GUY, 2008; WILDNER, 2011). Ademais, em todas as variedades do espanhol existem contextos de homonímia (também chamada de “ambiguidade morfológica”), em determinados tempos verbais, entre a 1ª e a 3ª pessoa do singular (no pretérito imperfeito do indicativo e no presente do subjuntivo, por exemplo) e com as formas de tratamento *usted/ustedes*, que compartilham as marcas flexionais com a 3ª pessoa singular/plural em todos os tempos verbais.

Convém destacar que o português do Brasil, língua que também exibe concordância gramatical, está passando por um processo de mudança de sujeito mais implícito para sujeito mais exposto (DUARTE, 1995; PAREDES SILVA, 2003), parecendo haver estreita relação entre a redução das marcas de concordância e o aumento das taxas de presença pronominal (DUARTE, 1993). Ademais, a perda das marcas de concordância é apontada como a responsável pela mudança ocorrida na língua inglesa, dado que, quando este idioma dispunha do sistema anglo-saxão de concordância pronominal de sujeito, a anáfora zero havia assumido o subdomínio dos pronomes anafóricos; porém, ao perder esse sistema de concordância, os pronomes independentes (em sua versão inacentuada, “*de-stressed*”) passaram, então, a exercer essa função⁶² (GIVÓN, 2001, p. 421).

É possível que algumas variedades do espanhol e o português do Brasil estejam seguindo semelhante percurso evolutivo, uma vez que a expansão de contextos homônimos (decorrente da elisão de marcas de concordância ou de outros fatores) parece estar associada a maiores percentuais de expressão pronominal (HURTADO, 2001; DUARTE, 1993).

Nessa direção, a **sintaticização** pode vir a ser o resultado de um aumento da frequência de uso da presença pronominal e de um processo de extensão analógica dos sujeitos **marcados** para **não marcados**. Em favor dessa argumentação, cabe reiterar as diferenças na frequência de uso entre diferentes variedades, sendo que as caribenhas apresentam percentuais bastante expressivos de sujeitos preenchidos (OROZCO; GUY, 2008; WILDNER, 2011), o que pode sinalizar um processo, em curso, de desmarcação do sujeito.

⁶² No original: *In English, with the demise of the Anglo-Saxon system of subject pronominal agreement on the verb, the sub-domain of anaphoric pronouns was reclaimed by zero anaphora, for both the subject and object role. The independent pronouns, in their de-stressed version, then moved over to re-claim that slot.*

Quanto ao comportamento da variável dependente *expressão do sujeito* observado em estudos empíricos com distintas variedades do espanhol, observa-se que as variáveis independentes que têm se mostrado mais relevantes se relacionam direta ou indiretamente com o discurso, especialmente com a manutenção ou mudança do referente e a conectividade discursiva (SILVA-CORVALÁN, 1982; HURTADO, 2001; SOARES DA SILVA, 2006; OROZCO; GUY, 2008; WILDNER, 2011). É possível associar esse comportamento do fenômeno ao que Givón (2012 [1979]) chama de **pressuposição discursiva**:

O fenômeno da pressuposicionalidade (“*background*”, “*topicalidade*”) nas línguas naturais é muito mais complexo do que na lógica. Portanto, por exemplo, vou considerar vários fenômenos que vêm sob o rótulo lógico de *descrição definida*, como definitização, pronominalização e mudança de tópico, como pressuposicionais, embora, *per se*, eles não envolvam as hipóteses do falante acerca da *crença* do ouvinte a respeito da verdade ou da falsidade da proposição. Ao contrário, eles envolvem as hipóteses que o falante assume acerca da *habilidade* do ouvinte de identificar singularmente (“estabelecer uma referência única para”) um argumento-referência (GIVÓN, 2012 [1979], p. 73, grifos do autor).

Seguindo esse raciocínio, a presença pronominal pode ser vista como uma estratégia para facilitar a identificação do referente. É preciso reconhecer que esses resultados, aparentemente, depõem contra nossa hipótese de sintaticização, dado que variáveis independentes mais estruturais – ao invés de mais discursivas – seriam **evidências** de que o fenômeno está percorrendo um caminho de mudança em direção a um maior preenchimento e um comportamento mais sintático. Por outro lado, nosso propósito neste estudo é buscar **indícios** a favor de nossa hipótese, sinais de que uma possível mudança esteja se implementando na variedade analisada. Cabe ressaltar que, logicamente, o nível discursivo recobre o nível sintático; logo, o fenômeno da expressão do sujeito é sintático. O que defendemos nesta tese é que pode estar havendo uma mudança incipiente relacionada às motivações para a presença do sujeito pronominal, ou seja, esperamos encontrar sinais de que um sujeito expresso também ocorre em contextos não contrastivos e

não enfáticos, com valor apenas anafórico. Conforme comentamos no capítulo 2, um aumento na frequência de uso em contextos mais marcados discursivamente pode contribuir para a desmarcação do fenômeno, levando, em estágios mais avançados, a uma mudança de pronome independente acentuado (discursivamente motivado e menos frequente) a pronome anafórico não acentuado (sintaticamente motivado e mais frequente).

Como ilustração, analisemos o caso do surgimento das construções de sujeito “neutras” com concordância gramatical a partir de construções de mudança tópica do sujeito (GIVÓN, 2012 [1979], p. 58). O processo diacrônico de surgimento de construções de **sujeito com concordância gramatical** derivadas de construções de mudança de **tópico**⁶³ é esquematizado da seguinte forma, por Givón (2012 [1979], p. 58, grifos do autor):

Mudança de tópico (marcada)	→	Sujeito (não-marcada)
João, ele partiu		João ele -partiu
TOP <i>PRO</i> V		SUJ <i>CONC</i> -V

Segundo Givón (2001, p. 424-425), o surgimento da concordância pronominal obrigatória⁶⁴ (concordância verbal) é motivado pela alta frequência dos pronomes anafóricos no discurso oral natural, sendo que as construções de topicalização (deslocamento à esquerda e deslocamento à direita) são o mecanismo mais provável de favorecer esse processo. Isso ocorre devido a um processo de “desmarcação” das construções de tópico, por meio do qual, com a perda da quebra entoacional (representada pela perda da vírgula no esquema anterior), a construção de tópico se torna uma cláusula simples

⁶³ Contudo, como o autor esclarece em outro capítulo (p. 274-275), essa evolução não implica na perda das construções de tópico (que continuam coexistindo com as construções de sujeito na maioria das línguas), mas, sim, em ganho da concordância gramatical.

⁶⁴ Esse processo de emergência da concordância pronominal obrigatória, que geralmente se dá no verbo, pode codificar, também, o objeto, sendo que, na escala hierárquica proposta por Givón (2001, p. 426), o sujeito aparece em primeiro lugar, como o mais provável de passar por esse processo, seguido do objeto direto e indireto, respectivamente. Tal organização hierárquica, que considera também outros aspectos além das relações gramaticais (papéis semântico e animacidade, por exemplo), toma como base a frequência textual de elementos anafóricos, sendo que os sujeitos anafóricos são mais frequentes que os objetos anafóricos.

com um sujeito pleno (*full-NP subject*). O autor chama a atenção para o fato de que, ainda que não esperado, ocorre um **aumento da frequência** de construções de mudança de tópico (marcadas) – que são utilizadas pelo falante nos casos em que este julga a identificação correferencial como mais difícil – se comparada ao uso de um sujeito simples (neutro), e lança o seguinte questionamento:

[...] Por que os falantes deveriam aumentar a frequência textual de um certo recurso “mais marcado”, usado quando o falante julga que o ouvinte achará **mais difícil identificar o tópico**, ao ponto em que todos os falantes começarão a interpretar o uso de tal recurso como sendo o “caso não marcado”, isto é, codificando a situação em que o tópico é **mais fácil de identificar**? (GIVÓN, 2012 [1979], p. 58-59, grifos do autor).

Em resposta à sua própria indagação, o autor argumenta que os falantes parecem fazer escolhas comunicativas com base em questões de julgamento sobre a habilidade do ouvinte em identificar o referente, a fim de garantir suas intenções comunicativas, ainda que utilize recursos “extras” para isso. O resultado do aumento da frequência de construções “extras” é a “desmarcação” de um padrão “marcado”, sendo este “um dos principais aspectos da mudança sintática diacrônica” em vários tipos de construção, segundo Givón (2012 [1979], p. 59).

Aqui neste trabalho, conforme fomos expondo ao longo desta seção, propomos que pode estar havendo um movimento lento e gradual – ainda muito incipiente em variedades como a madrilena e mais avançado na variedade dominicana, por exemplo – de “desmarcação” dos sujeitos pronominais, os quais podem estar passando de um comportamento independente e esporádico (pragmático-discursivo) para um comportamento automatizado e regular (apenas sintático), isto é, de marcado (ou mais marcado) para não marcado (ou menos marcado). Em outras palavras, quando o pronome sujeito é usado com baixa frequência, em contextos marcados, este apresenta um comportamento autônomo (pronome independente acentuado) e, quando o preenchimento passa a ser constante (isto é, quando se passa do discurso para a sintaxe), seu uso se torna cognitivamente automatizado (pronome anafórico não acentuado).

4 O QUE SE TEM DITO SOBRE O TEMA EM ESTUDOS EMPÍRICOS?

Neste capítulo, são apresentados os principais resultados de pesquisas sobre a variável expressão do sujeito, com base em amostras orais obtidas por meio de entrevistas realizadas no período compreendido entre as décadas de 1970 a 2000, representando diferentes variedades/amostras do espanhol. É importante destacar que nosso foco nos estudos resenhados se direciona, além da frequência de uso das variantes, para os fatores condicionadores tanto do sujeito expresso quanto do sujeito implícito. Como veremos, algumas variáveis se mostram constantes nas diferentes amostras analisadas enquanto outras se manifestam diferentemente em algumas amostras. São resenhados os seguintes estudos, em ordem de publicação: Silva-Corvalán (1982), Enríquez (1984), Hurtado (2001), Soares da Silva (2006), Orozco e Guy (2008) e Wildner (2011).

Ainda que a comparabilidade deva ser relativizada devido ao fato de os estudos resenhados não seguirem a mesma composição de amostra (quantidade de entrevistados, escolaridade, idade, etc.), nem controlarem as mesmas variáveis, trazemos, a modo de ilustração, na Tabela 1, as frequências de sujeito implícito obtidas em cada estudo.

Tabela 1 – Frequência de sujeito implícito em amostras de espanhol oral

(continua)

	Variedade	Sujeito implícito
		N %
Silva-Corvalán (1982)	Mexicanos nos EUA	457/795 57,48
Enríquez (1984)	Madri – Espanha (PILEI)	13208/17763 74,36
Hurtado (2001)	Colombianos em Miami/EUA	3168/6300 50,3
Soares da Silva (2006)	Buenos Aires (PILEI)	834/1221
	Madri (PILEI)	68,3 943/1244 75,8
Orozco e Guy (2008)	Barranquilla (costa caribe colombiana)	787/1223 64,3

		(conclusão)
		Sujeito implícito
Variedade	N	
		%
	Argentina	522/681 76,6
	Espanha	650/796 81,6
Wildner (2011)	México	575/723 79,5
	Porto Rico	620/844 73,4

Fonte: Adaptado de Silva-Corvalán (1982), Enríquez (1984), Hurtado (2001), Soares da Silva (2006), Orozco e Guy (2008) e Wildner (2011).

Com relação aos percentuais de **sujeito implícito**, observamos que, em todos os estudos analisados, esta é a opção mais frequente, conforme Tabela 1. Com base nesses resultados, é esperado que nossa investigação apresente elevados percentuais de sujeito não expresso, tendo em vista a variedade estudada (região dialetal de Castela). Por outro lado, reconhecemos que a comparabilidade entre os resultados obtidos na presente tese e os resultados dos estudos referidos neste capítulo deve ser relativizada, por três razões, especialmente: i) nossos dados se referem à escrita e não à fala, como os outros estudos; ii) nosso estudo é diacrônico e compreende amostras dos séculos XIX e XX, e as pesquisas referenciadas se referem a amostras da segunda metade do século XX; e iii) os estudos não controlam as mesmas variáveis independentes ou controlam-nas de formas diferentes.

No que se refere à escolha da variedade a ser analisada, ainda que a lógica nos leve a pensar que a escolha de uma variedade caribenha tenha mais probabilidade de apresentar características que endossem nossa hipótese da sintaticização, optamos pela variedade com menor percentual de sujeitos expressos porque parece não haver outro idioma em competição, como é o caso de outras regiões dialetais espanholas, nem ser afetado por línguas de sujeito preenchido (como o inglês), em regiões dialetais caribenhas. Além disso, o fenômeno manifesta variação na variedade peninsular (amostras de Madri), sendo influenciado por variáveis condicionadoras que afetam também outras variedades

geograficamente distantes (ENRÍQUEZ, 1984; SOARES DA SILVA, 2006, entre outros).

Ainda com relação à Tabela 1, chamam atenção os percentuais obtidos por Hurtado (2001), os quais contrastam com os demais em termos de uma menor frequência de sujeitos implícitos. Infere-se que esse fenômeno possa ter ocorrido pelo fato de a autora ter controlado (i) sintagmas nominais e outras formas pronominais como o pronome *uno* (contexto altamente favorável ao preenchimento nesse estudo) e (ii) pronomes demonstrativos com vistas a controlar, especialmente, a conectividade discursiva – do que resultou maior número de sujeitos expressos.

Os resultados de Silva-Corvalán (1982) também se destacam por apresentarem percentuais de sujeitos implícitos inferiores a 60%. Nesse caso, a autora também controlou sintagmas nominais, uma vez que seu objetivo era investigar tanto a expressão do sujeito como a ordem deste com relação ao verbo.

Os demais trabalhos restringem sua amostra a sujeitos pronominais, o que pode explicar os percentuais mais elevados de sujeitos implícitos se comparados aos de Silva-Corvalán (1982) e Hurtado (2001). Feita essa apresentação geral, nas seções a seguir, trazemos os principais resultados de cada estudo.

4.1 SILVA-CORVALÁN (1982)

Silva-Corvalán (1982) analisou entrevistas gravadas de pelo menos 24 falantes México-americanos⁶⁵ residentes em *West Los Angeles* (WLA) por um período mínimo de 10 anos, divididos em três grupos etários, sendo eles de 14 a 29 anos, 30 a 49 e acima de 50, todos sem instrução superior e de ambos os sexos. A autora buscou identificar os fatores que influenciam a expressão do sujeito bem como explicar a variabilidade da ordem deste com relação ao verbo.

Silva-Corvalán (1982) compôs sua amostra de forma que houvesse pelo menos 20 sujeitos preenchidos para cada falante, sendo, pelo menos, 10 deles não pronominais. Do total de 795 dados, 457 (57,48%) eram de sujeito implícito e 338, de sujeitos expressos

⁶⁵ Por “México-americanos” a autora considerou tanto pessoas nascidas no México que viviam nos EUA pelo menos há dez anos como pessoas nascidas e crescidas nos EUA e que possuíam ascendência mexicana. A autora realizou aproximadamente setenta entrevistas com México-americanos residentes em *West Los Angeles*.

(42,52%). A autora não incluiu sentenças interrogativas diretas e indiretas tampouco exclamações, por considerar que nesse tipo de sentença a posição do sujeito segue restrições diferentes das de sentenças declarativas. Como o interesse da autora incluía não somente a expressão do sujeito, mas também sua ordem, algumas adequações para a composição da amostra – como, por exemplo, a inclusão de sintagmas nominais e o não controle de todos os dados analisáveis da amostra, como se pôde depreender de sua metodologia – não nos permitem ter uma ideia fidedigna dos percentuais de sujeito implícito e expresso em **contexto de variação**. Por outra parte, esse estudo é referência e fonte de inspiração para a composição de variáveis de análise de inúmeros trabalhos sobre a expressão do sujeito, como a presente tese, e apresenta importantes resultados acerca dos fatores condicionadores do fenômeno.

Uma das variáveis que mostra os resultados mais expressivos sobre a expressão do sujeito se refere à **manutenção ou mudança da referência**, conforme se pode observar na Tabela 2:

Tabela 2 – Efeito da manutenção ou mudança da referência sobre o número de sujeitos expressos

	Nº de sujeitos expressos	N	% de sujeitos expressos
Manutenção da referência	77	304	25
Mudança da referência	261	491	53
Total	338	795	

Fonte: Traduzido de Silva-Corvalán (1982, p. 104)

Nota: $p < .001$.

Como é possível constatar na Tabela 2, quando há mudança do referente da oração em análise com relação à oração anterior (com verbo finito), a frequência de uso do sujeito expresso é de 53% (261 sujeitos expressos de um total de 491). Por outro lado, quando o referente permanece o mesmo da oração anterior, o percentual de sujeitos expressos diminui significativamente para 25% (77 sujeitos expressos de um total de 304). A autora questiona sobre qual seria a explicação para os casos de sujeito expresso (25%) quando há manutenção do referente. Como resposta, ela aponta a influência da ambiguidade da morfologia verbal.

Com relação à **ambiguidade**, esta tem se mostrado controversa em diferentes estudos. Em alguns, a ambiguidade mostra-se relevante para a expressão do sujeito (ex.: SILVA-CORVALÁN, 1982) e em outros não (ex.: ENRÍQUEZ, 1984). Silva-Corvalán (1982) controla três fatores nessa variável: i) verbo morfologicamente ambíguo, que apresenta a mesma forma verbal para a primeira (*yo*) e terceira pessoa (*él/ella*) do singular em todos os tempos do modo subjuntivo, no imperfeito do indicativo e nas formas condicionais ii) verbo morfologicamente não ambíguo e iii) verbo morfologicamente ambíguo com ambiguidade resolvida pelo contexto. Com relação ao terceiro item, é importante destacar que somente foram considerados “resolvidos pelo contexto” os casos em que as formas verbais (morfologicamente ambíguas) coocorriam com um sujeito de referência [-humana] e os de unidades discursivas com referência somente à primeira pessoa do singular (*yo*) – isto é, sem outras orações intervenientes com outros possíveis referentes. A própria autora reconhece a necessidade de um maior refinamento dessa variável em estudos posteriores, sugerindo, por exemplo, que a presença do clítico serve muitas vezes para desambiguar a forma verbal (ex.: *Yo tenía una amiga muy estudiosa. Siempre me decía que quería ser médica*) –, fato que não foi considerado em sua análise, cujos resultados são apresentados na Tabela 3, os quais, possivelmente, seriam ainda mais expressivos com esse tipo de refinamento.

Tabela 3 – Efeito da ambiguidade verbal sobre o número de sujeitos expressos

	Nº de sujeitos expressos	N	% de sujeitos expressos
Verbo ambíguo	72	105	69
Verbo não ambíguo no contexto	19	49	39
Verbo não ambíguo	247	641	38
Total	338	795	

Fonte: Traduzido de Silva-Corvalán (1982, p. 109)

Nota: $p < .001$.

Como é possível observar na Tabela 3, as orações com verbo ambíguo, cuja ambiguidade não é resolvida pelo contexto, apresentam maior frequência de uso de sujeitos expressos, enquanto aquelas com verbo não ambíguo ou com ambiguidade resolvida pelo contexto se

mostram mais favoráveis à omissão do sujeito. Segundo Silva-Corvalán (1982, p. 109):

Esses resultados indicam que os falantes são conscientes dos diferentes níveis de ambiguidade no discurso. É parte de sua competência linguística sua capacidade para resolver esta ambiguidade por meio, por exemplo, do uso do pronome sujeito para desambiguar a referência⁶⁶.

Outros fatores que se mostraram relevantes, após submissão ao pacote estatístico VARBRUL 2, foram informação nova ou velha e número de argumentos na sentença, conforme se pode verificar na Tabela 4, na qual os pesos relativos acima de 0,55 favorecem a omissão do sujeito, sendo maior a relevância da variável quanto maior for a diferença entre o menor e maior valor⁶⁷ (dentro da mesma variável). Assim, vemos que a variável mais significativa se refere à ambiguidade (*range* = 40), seguida de informação velha/nova (38) e mudança/manutenção do referente (32), sendo menos relevante o número de argumentos na sentença (17):

⁶⁶ No original: *These results indicate that speakers are aware of different levels of ambiguity in discourse. Part of their linguistic competence is their ability to resolve this ambiguity by, for instance, the use of subject pronouns to disambiguate subject reference.*

⁶⁷ É importante salientar que, ao referir-nos aos contextos favorecedores do sujeito **expresso** ao longo deste capítulo, com base em **pesos relativos**, na maioria das vezes, a leitura que devemos fazer é a seguinte: o sujeito implícito é a opção mais frequente, sendo que os fatores condicionadores da presença pronominal sinalizam os contextos nos quais a probabilidade de um sujeito ser expresso é maior do que naqueles em que os pesos relativos favorecem o sujeito implícito, contextos estes em que a probabilidade de ocorrência de um sujeito expresso é menor. Como veremos adiante, existem alguns poucos contextos em que o sujeito preenchido é a opção mais frequente, aos quais essa leitura não se aplica.

Tabela 4 – Resultados do VARBRUL com base no sujeito implícito

Variáveis independentes	Pesos relativos das variáveis selecionadas na análise multivariada		
Manutenção/mudança da referência	Mudança de referência = 0,34	Manutenção da referência = 0,66	
Informação nova/velha	Informação nova = 0,31	Informação velha = 0,69	
Ambiguidade verbal	Forma verbal ambígua = 0,28	Contexto não ambíguo = 0,55	Forma verbal não ambígua = 0,68
Número de argumentos na sentença/cláusula	Três argumentos = 0,44	Um argumento = 0,45	Dois argumentos = 0,61

Fonte: Adaptada de Silva-Corvalán (1982, p. 113)

Com relação à informação nova e velha, os resultados mostram que, quando a informação é pressuposta (velha), o sujeito elíptico é favorecido (0,69) e, quando a informação é nova, tende-se a expressá-lo (0,31). Quanto ao número de argumentos, importa mencionar a influência de constituintes como os advérbios especialmente no que concerne à ordem do sujeito. Silva-Corvalán (1982) observou que, quando havia um advérbio antes do verbo, o sujeito tendia a aparecer posposto ao verbo em 85% dos casos (39/46 ocorrências); e, quando o advérbio aparecia após o verbo ou não havia advérbio, o percentual de sujeito posposto ao verbo decaía para 36% em cada um desses casos (13/36 e 90/251 ocorrências, respectivamente).

Ainda de acordo com Silva-Corvalán (1982), o sujeito é preenchido para estabelecer **contraste** ou o **tópico** de uma unidade discursiva. Segundo a autora, o “tópico de uma unidade discursiva é sobre o que a unidade trata; seu referente é geralmente o participante mais frequentemente mencionado na unidade discursiva, geralmente o participante de cujo ponto de vista os eventos são relatados⁶⁸” (SILVA-CORVALÁN, 1982, p. 116).

⁶⁸ No original: *The topic of a discourse unit is what the unit is about; its referent is usually the most frequently mentioned participant in the discourse unit, usually the participant from whose point of view the events are related.*

4.2 ENRÍQUEZ (1984)

Enríquez (1984), por sua vez, realiza um estudo minucioso acerca do sujeito pronominal na cidade de Madri. A autora analisa 80 entrevistas (com duração média de 30 minutos cada) realizadas com falantes cultos, filhos de hispano-falantes, nascidos em Madri ou residentes ali desde os cinco anos de idade e que viveram, pelo menos, durante três quartas partes de sua vida nessa cidade. A amostra – pertencente ao Proyecto de estudio coordinado de la norma lingüística culta de las principales ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica (PILEI) – é composta por 10 informantes de cada sexo em cada geração, sendo elas: i) 1ª geração: 15 a 24 anos; ii) 2ª geração: 25 a 35 anos; iii) 3ª geração: 36 a 55 anos; e iv) 4ª geração: acima de 56 anos.

Após refinamento da análise dos pronomes pessoais, com a exclusão das construções fáticas e as referências a sujeitos não humanos, indeterminados e coletivos, Enríquez (1984) observa que os pronomes podem ser diferenciados em três blocos, que, de modo geral, costumam manter o mesmo comportamento – com exceção dos usos corroborativos, no qual todos os pronomes seguem o mesmo padrão. Esses três grupos classificam-se em: fórmulas de cortesia (*usted* e *ustedes*), pronomes de diálogo (*yo* e *tú*) e as formas restantes, ou seja, os demais pronomes (p. 340). Na Tabela 5 são apresentados os resultados gerais obtidos para os pronomes pessoais:

Tabela 5 – Expressão dos pronomes pessoais sujeito no total da amostra

(continua)

PRONOMES SUJEITO	N	% EXPRESSOS
<i>Yo</i>	3092/9152	33,78
<i>Tú</i>	130/391	33,25
<i>Tú genérico</i>	88/983	8,95
<i>Él</i>	229/1935	11,83
<i>Ella</i>	118/628	18,79
<i>Nosotros</i>	252/2373	10,62
<i>Vosotros</i>	3/27	11,11
<i>Ellos</i>	223/1539	14,49
<i>Ellas</i>	28/241	11,61
<i>Usted (Ud.)</i>	261/343	76,9
<i>Usted genérico</i>	95/107	88,79

		(conclusão)
<i>Ustedes (Uds.)</i>	36/44	81,81
TOTAL	4555/17763	25,64

Fonte: Adaptado de Enríquez (1984, p. 350).

Com base na Tabela 5, é possível verificar que o sujeito implícito é a opção mais frequente na amostra (74,36%), uma vez que os sujeitos expressos representam 25,64%. Cabe salientar que os resultados apresentados por Enríquez (1984) passaram por testes para verificar a significância estatística. Como se pode observar, as fórmulas de tratamento – assim chamadas pela autora – *usted* e *ustedes* manifestam comportamento diferente dos demais pronomes, apresentando percentuais de preenchimento acima de 75%. Os pronomes *yo* e *tú* (referido diretamente ao ouvinte), classificados como de “diálogo”, apresentam frequência semelhante e mesmo comportamento, cf. Enríquez (1984). Segundo a autora, estes dois pronomes somente se comportam diferentemente um do outro em construções mais relacionadas à enunciação, como nas construções fáticas, por exemplo, contextos nos quais a frequência de *yo* é superior a de *tú* – razão pela qual a autora exclui esse tipo de dados da análise apresentada na Tabela 5. Importa ressaltar a diferença de comportamento entre *tú* e *usted* de referência **genérica**. Enquanto o primeiro desfavorece amplamente a presença pronominal ocorrendo *somente* 88 presenças pronominais de 983 dados, o segundo é o que apresenta a maior frequência de uso do pronome (88,79%), com 95 ocorrências explícitas de um total de 107. Os demais pronomes, por seu turno, apresentam os menores percentuais de sujeito expresso, mostrando serem favoráveis à omissão do sujeito.

Dentre os resultados mais relevantes do estudo de Enríquez (1984), destaca-se a relação entre a presença pronominal e a **contraposição**. Após refinamentos da análise, Enríquez (1984) reagrupa seus fatores em três tipos de contraposição, em decorrência das semelhanças de valores obtidos em cada um deles: i) contraposição direta, ii) contraposição indireta e iii) usos individualizadores⁶⁹. No primeiro grupo – no qual se incluem os usos corroborativos (contraposição positiva) e os de contraste direto (contraposição negativa) – se observam os maiores percentuais de preenchimento do sujeito, aqueles com percentuais acima de 50% para todos os pronomes

⁶⁹ Somente para as fórmulas de cortesia – *usted* e *ustedes* – essa diferenciação não funciona, uma vez que nos três blocos essas formas manifestam altíssimas taxas de presença pronominal, independentemente do tipo de contraposição.

e estes, com percentuais também centrados próximos a essa média. Acerca da **contraposição positiva**, isto é, os usos corroborativos, Enríquez (1984) observa que todos os pronomes reagem da mesma maneira:

Isso quer dizer que o falante, quando deseja expressar uma contraposição corroborativa entre o sujeito e outro actante, utiliza indistintamente o mesmo mecanismo: a expressão do pronome sujeito seja este qual for. O porquê o falante sente a necessidade de marcar a contraposição em um cinquenta por cento dos casos e não na totalidade dos contextos nos quais poderia ocorrer é algo que devem explicar, talvez, outras disciplinas; o que aqui sim nos interessa destacar é o fato em si: quando existe no enunciado uma possível confrontação entre duas pessoas, o pronome aparece sempre significativamente mais e com frequências muito maiores do que esperaríamos a partir das médias registradas⁷⁰ (ENRÍQUEZ, 1984, p. 289).

Quanto à contraposição indireta – grupo no qual Enríquez (1984) inclui os usos contrastivos indiretos e os usos tópicos –, se observa uma diminuição dos percentuais de presença pronominal (média em torno de 30%); e com os usos individualizadores – que compõem o terceiro grupo – se observam as menores taxas de presença pronominal (média em torno de 20%).

Com relação à **semântica verbal**, Enríquez (1984) atesta sua hipótese de que os verbos estimativos, que aludem a uma valoração ou expressão de opinião por parte do falante (como, por exemplo, *crear*,

⁷⁰ No original: *Esto quiere decir que el hablante, cuando desea expresar una contraposición corroborativa entre el sujeto y otro actante utiliza indistintamente el mismo mecanismo: la expresión del pronombre sujeto, sea éste cual sea. El porqué el hablante siente la necesidad de marcar la contraposición en un cincuenta por ciento de casos y no en la totalidad de los contextos en los que podría darse es algo que deben explicar, quizá, otras disciplinas; lo que aquí sí nos interesa destacar es el hecho en sí: cuando existe en el enunciado una posible confrontación entre dos personas, el pronombre aparece siempre significativamente más y con frecuencias mucho mayores de lo que esperaríamos a partir de las medias registradas.*

considerar, estar de acuerdo, suponer, imaginar, plantearse), favoreceriam a presença pronominal – especialmente em *yo* e *tú*, com presenças superiores a 50%. A respeito do favorecimento da expressão pronominal com os verbos estimativos, Enríquez (1984, p. 245) argumenta:

Se aceitarmos que o desejo de contraposição de pessoas pode ser o fator determinante da presença pronominal, podemos explicar mediante esta característica o fato de que sejam os verbos estimativos os que mais favorecem a presença do pronome, especialmente de *yo*, posto que a expressão de uma opinião leva sempre implícita uma tomada de postura que favorece o surgimento no falante da necessidade (ou desejo) de realizar linguisticamente dita contraposição, em especial, quando a referência se refere ao próprio falante⁷¹.

Em seguida, aparecem os verbos de atividade psíquica, tais como, *saber, entender, comprender, querer* e *desear* (28,1%, 865 ocorrências explícitas de 3070). Os verbos de estado apresentam frequência de 22,9% (940 ocorrências explícitas de 4097), considerando-se o total da amostra; contudo, ao analisar os pronomes separadamente, Enríquez (1984) notou que com *yo* e *tú* as frequências de uso pronominal se elevavam, ficando em segundo lugar em termos de frequência (atrás dos verbos estimativos); já com *tú* genérico e *ellas* os percentuais decresciam ao mesmo nível dos verbos de atividade externa (os menos propícios à presença pronominal). Por último, em termos de presença pronominal, aparecem os verbos de atividade exterior, com percentual de 20% (1750 de 8748 ocorrências).

Quanto à relação entre a presença pronominal e a **oração**, a autora não observou diferenças significativas entre orações afirmativas e negativas; contudo, ela notou que houve um decréscimo de quase nove

⁷¹ No original: *Si aceptamos que el deseo de contraposición de personas puede ser el factor determinante de la presencia pronominal, podemos explicar mediante este rasgo el hecho de que sean los verbos estimativos los que más favorecen la presencia del pronombre, especialmente de yo, puesto que la expresión de una opinión lleva siempre implícita una toma de postura que favorece el que surja en el hablante la necesidad (o el deseo) de realizar lingüísticamente dicha contraposición, en especial, cuando la referencia es al propio hablante.*

pontos nos percentuais de *yo* neste último tipo de oração (24,98%), comparado à porcentagem de *yo* no total da amostra (33,78%). Ademais, ao contrário da hipótese aventada por ela de que a presença pronominal poderia ser mais elevada com as negativas, de forma a reforçar a posição do sujeito, não foi atestada haja vista que as diferenças percentuais entre as duas não foi significativa, e que, na média geral, as afirmativas tiveram taxas um pouco mais elevadas. Como veremos em Soares da Silva (2006) e Wildner (2011), há uma hipótese de que a presença de um elemento entre o sujeito e o verbo (um elemento de negação ou um clítico, por exemplo) favoreça o apagamento do sujeito, por conta de fatores prosódicos, para a qual os resultados de Enríquez (1984) parecem convergir – pelo menos quanto ao pronome de primeira pessoa do singular, o qual costuma ser o mais frequente nas amostras de entrevistas sociolinguísticas.

Nas orações compostas, por seu turno, os maiores percentuais de expressão do sujeito ocorrem com as comparativas (53,33%) e com as principais (40,36%). Já as que apresentam menores índices de presença são as disjuntivas (9,09%), as justapostas (19,11%), as copulativas (17,37%) e as adverbiais locais e temporais (16,16%), sendo que nos demais grupos as taxas variam entre 20 a 30%.

Enríquez (1984) observou que a correferencialidade entre as orações comparadas parece influir mais na presença/ausência pronominal do que o tipo de oração em si. Isso porque, quando a referência entre as orações consideradas (tanto nas subordinadas quanto nas coordenadas) é mantida, o percentual de presença oscila entre 0 e 20%. Já quando há mudança do referente, as taxas pronominais sobem, em média, uns vinte pontos em relação às orações com a mesma referência – exceto as orações substantivas, as quais não mostram essa alta elevação.

Em resumo, o rigoroso controle das variáveis – as quais eram contrastadas também com as variáveis sociais de idade e sexo – e os refinamentos realizados por Enríquez (1984) ao longo de suas análises nos permitem observar, muitas vezes, a sobreposição de variáveis atuando sobre o fenômeno da presença pronominal. A partir dos resultados apresentados nesta seção, é possível observar que alguns fatores pragmático-discursivos podem ser desvelados a partir de variáveis internas, como, por exemplo, o tipo de oração, em que as orações em que existe uma contraposição (as comparativas) e os contextos em que não há manutenção do referente (em todos os tipos de orações) favorecem a explicitação do pronome. O fato de os verbos

estimativos serem os que mais aparecem expressos também revela a importância do discurso para a explicação desse fenômeno.

4.3 HURTADO (2001)

Pela profundidade do estudo de Hurtado (2001), que consiste numa tese de doutoramento, e pelo fato de também se fundamentar numa perspectiva funcionalista – de modo semelhante ao que pretendemos neste estudo – exporemos com maior detalhamento seus resultados.

Hurtado (2001) investigou uma comunidade de fala colombiana no condado de Miami-Dade, no sul da Flórida. A autora entrevistou 51 pessoas, as quais foram estratificadas com base nas duas principais divisões dialetais da Colômbia (espanhol da costa e andino), e em dois grupos geracionais, sendo um composto por colombianos que chegaram aos Estados Unidos após os 11 anos, e outro com falantes nascidos nos Estados Unidos ou chegados a este país antes dos 11 anos. Ademais, Hurtado (2001) controlou o nível de proficiência em língua espanhola dos entrevistados e o contato destes com falantes do inglês e de outras variedades do espanhol (cubanos, porto-riquenhos), visando observar, por um lado, se a maior proficiência em inglês desses falantes e/ou contato com falantes deste idioma poderia estar favorecendo um maior preenchimento do sujeito em espanhol e, por outro lado, para verificar se características do espanhol cubano – grupo hispânico de maior influência e poder na região – seriam adotadas pelos colombianos.

Como referencial teórico, a autora se embasa em teorias de cunho funcionalista, que buscam explicar a variação e a mudança linguísticas a partir das necessidades comunicativas, pautando-se, especialmente, na Teoria da Acessibilidade e na referência (GIVÓN, 1983; 1987; 1994; CHAFE, 1976; 1987; 1991 – todos citados por HURTADO, 2001).

Na mesma direção que assumimos neste estudo – cf. capítulo 3 –, Hurtado (2001) busca explicar a expressão variável do sujeito

[...] como índice gramatical da maneira como o falante leva em conta a informação “velha” (que supõe que o interlocutor conhece) e a “nova” (com a que deve assegurar-se que o ouvinte identifique o referente), e a maneira como a informação nova é vinculada à velha (Wallace Chafe 1987:36). Nessa perspectiva, tenta-se

explicar o uso variável do sujeito como indicador da forma como o falante avalia a capacidade do ouvinte para processar o que recebe⁷² (HURTADO, 2001, p. 133).

As variáveis **linguísticas** que se mostraram mais influentes sobre o fenômeno em seu estudo, após submissão ao pacote estatístico VARBRUL, têm relação com a **referência**, sendo elas a ambiguidade (73⁷³), a pessoa e especificidade referencial (60) e a conectividade discursiva (46)⁷⁴.

A Tabela 6 apresenta os resultados obtidos para a variável **conectividade discursiva, tomando o sujeito expresso como referência**:

Tabela 6 – Os sujeitos expressos e o grau de conectividade discursiva

(continua)				
Grau de conectividade	N	%	Peso	%# Total dados
1. Continuidade do sujeito, tempo e modo.	528/1565	34	0,34	25
2. Continuidade do sujeito, diferente tempo e/ou modo.	255/689	37	0,36	11

⁷² No original: [...] *se considera en este estudio la variación de la expresión del sujeto como índice gramatical de la manera como el hablante tiene en cuenta la información ‘vieja’ (que supone que conoce el interlocutor) y la ‘nueva’ (con la que debe asegurarse que el oyente identifique el referente), y la manera como la información nueva es vinculada a la vieja (Wallace Chafe 1987:36). Desde esta perspectiva, se intenta explicar el uso variable del sujeto como indicador de la forma como el hablante evalúa la capacidad del oyente para procesar lo que recibe.*

⁷³ Os números entre parênteses se referem à força relativa das variáveis (*range*), a qual é medida subtraindo-se o maior peso relativo do menor peso relativo de uma variável independente.

⁷⁴ Outros grupos selecionados pelo programa não foram analisados pela autora, haja vista sua menor força relativa: sintaxe verbal (32), modo (26), semântica verbal (17) e tipo de discurso (6). Contudo, a autora comenta que “os verbos copulativos (sintaxe verbal), o modo indicativo (modo), os verbos estimativos (semântica verbal) e o discurso argumentativo e expositivo (que implica maior formalidade e que abrange temas sociopolíticos) favorecem o uso de sujeitos explícitos” (HURTADO, 2001, p. 132).

Grau de conectividade	N	%	Peso	(conclusão)
				%# Total dados
3. Interrupção de continuidade por um por uma ou mais cláusulas.	200/450	44	0,48	7
4. O sujeito tem outra função na cláusula precedente.	42/147	29	0,28	2
5. Mudança do sujeito por troca de tema ou uma nova narrativa.	9/13	69	0,73	2
6. Mudança do sujeito após pausas, troca de turno ou interrupções.	2097/3437	61	0,61	55

Fonte: Traduzido de Hurtado (2001, p. 135).

Para compor o grupo de fatores relacionados a esse variável, Hurtado (2001) tomou por base, ainda que não em sua totalidade, os graus de conectividade discursiva propostos por Paredes Silva (1993 apud HURTADO, 2001) para o português do Brasil, os quais foram complementados com base em Bentivoglio (1987 apud HURTADO, 2001). Nesta variável, são levados em conta fatores que podem afetar o grau de conexão entre o referente de uma oração em análise e sua menção prévia, o que pode levar a uma maior ou menor taxa de expressão do sujeito, de acordo com o grau de conectividade discursiva.

Conforme vimos anteriormente, Silva-Corvalán (1982) atestou a influência da variável manutenção/mudança de referência em seu estudo sobre o espanhol de México-americanos. Paredes Silva (1991), tomando como base esse e outros estudos sobre a expressão variável do sujeito em espanhol e português, observa que, ao controlar essa variável independente binária, seus resultados não se mostraram estatisticamente relevantes, uma vez que esta não foi selecionada na análise de pesos relativos do VARBRUL. Importa destacar que o tipo de *corpus* analisado por Paredes Silva (1991) difere do de outros estudos, uma vez que a autora analisa dados de língua escrita e não oral. Relatando resultados de sua tese de doutoramento, na qual analisa cartas pessoais, em estilo informal, de cariocas jovens e adultos de ambos os sexos, Paredes Silva (1991) apresenta uma categorização que considera a

organização do discurso, tomando como base o gênero analisado (*carta pessoal*), propondo, dessa forma, a substituição da variável “mudança de referência” por “conexão do discurso”, percurso que será brevemente retomado aqui em decorrência da relevância desta variável para o fenômeno da expressão do sujeito.

Paredes Silva (1991) analisa a conexão discursiva entre um referente como sujeito e sua menção prévia com base em uma escala de seis graus de conexão discursiva, a qual leva em conta fatores que podem afetar a qualidade, por assim dizer, da conexão (o grau, segundo a autora):

i) a manutenção ou mudança do **plano discursivo**, assumido em sentido mais amplo pela autora, de forma a incluir não somente a mudança de *figura a fundo*, mas também outras transposições, como de *real* para *irreal* e de *fato* para *comentário*, sendo que, quando mantido o tópico discursivo e frasal, a manutenção do plano discursivo representa uma maior conexão (grau 1) do que a sua mudança (grau 2);

ii) a característica de **elementos intervenientes** entre o sujeito da oração em análise e seu correferente (também em função de sujeito na oração prévia), sendo que a existência de orações com *sujeito impessoal* entre eles afeta a conexão discursiva de modo diferente da existência de orações com sujeitos cujos referentes são *seres animados*, uma vez que estes podem concorrer à função de sujeito da oração em análise (grau 5), enquanto orações com sujeito impessoal não (grau 3);

iii) a manutenção ou mudança do **tópico discursivo**, entendido no sentido de *assunto* de que se trata, sendo que a mudança de tópico discursivo representa, na escala, o grau de conexão mais fraca (grau 6), ainda que o referente do sujeito seja mantido; e, por outro lado, a manutenção do tópico (discursivo e frasal), somada à manutenção do plano discursivo, representa o grau máximo de conexão do discurso (conexão ótima, grau 1);

Ademais, há os casos em que um referente que anteriormente ocupava uma função sintática diferente da de sujeito (pronomes oblíquos ou possessivos, por exemplo) passa a ocupar a função de sujeito, passando de um papel secundário para central (grau 4). Em Paredes Silva (2003), a autora adapta essa proposta, originalmente formulada para cartas pessoais, para a análise de entrevistas sociolinguísticas, modificações que não retomaremos neste momento, pois serão apresentadas no capítulo seguinte, ao tratarmos da variável conexão do discurso.

Retornando ao estudo de Hurtado (2001), seus resultados atestam que quanto maior o grau de conectividade discursiva (graus 1, 2

e 3), menor é o percentual e a probabilidade de presença do sujeito, e quanto menor o grau de conectividade (graus 5 e 6), maior a tendência de o sujeito ser explicitado. Quanto ao quarto grau, por sua vez, os resultados não corroboram a hipótese inicial da autora a respeito de sua graduação, sinalizando que, ainda que exerça função diferente na cláusula anterior, o referente da oração em análise está bastante presente na memória do ouvinte devido à proximidade, razão pela qual esse contexto mostra favorecer a omissão do sujeito⁷⁵. Importa ressaltar que essa graduação foi observada na análise dos dois grupos controlados separadamente (andinos e costeiros) e também em outros estudos como o de Bayley e Pease (1997 apud HURTADO, 2001), no espanhol falado no sudeste da Califórnia, e Paredes Silva (1991), no português do Brasil – com exceção do quarto grau, em que os resultados desses estudos diferem do de Hurtado (2001).

No que tange à variável **ambiguidade**, Hurtado (2001) faz um rigoroso controle dos contextos de ambiguidade – inspirado em Silva-Corvalán (1982) – estratificando em três graus os contextos ambíguos, indo do maior ao menor grau de ambiguidade: 1º a ambiguidade permanente entre a segunda pessoa *usted*, a terceira pessoa do singular (*él/ella*) e o impessoal *uno*⁷⁶; 2º a ambiguidade decorrente da falta de distinção entre a primeira, segunda (*usted*) e terceira pessoa do singular em alguns tempos verbais (pretérito imperfeito, condicional, presente do subjuntivo, por exemplo) e 3º a ambiguidade decorrente da perda da desinência [-s] na segunda pessoa do singular (*tú*). Além disso, Hurtado (2001) controla separadamente os casos em que: i) a ambiguidade decorrente dos graus supracitados é resolvida pelo contexto e ii) não há

⁷⁵ A autora explica o resultado aparentemente contraditório do quarto grau: “Dos 147 casos de conectividade de quarto grau, 51% são exemplos nos quais o referente é o objeto de preposição, 40.6% de objeto direto e 8.4% de objeto indireto. Na medida em que o sujeito aparece primordialmente de maneira explícita na cláusula anterior e que 82 exemplos de dita menção prévia são sintagmas nominais [...], se poderia explicar a baixa porcentagem de pronomes explícitos na cláusula seguinte” (HURTADO, 2001, p. 138).

⁷⁶ Dentre suas inúmeras funções, como pronome impessoal, *uno* pode ser utilizado como uma estratégia para generalizar a referência ou para encobrir a referência ao próprio falante (*yo*), como ilustra a ocorrência extraída de Hurtado (2001, p. 112): *AM: ...no hablamos bien, así no se habla bien ni inglés ni español, yo pienso que si uno va a hablar en inglés hable inglés sólamete y si va a hablar en español, hable español solamente. (casete 4, lado A, 202, entrevista11)*. Em português, vários pronomes poderiam traduzir os distintos usos de *uno* impessoal: *tu, você, a gente, nós, se*, por exemplo.

ambiguidade morfológica ou há a presença de um pronome reflexivo (exemplo: *me iba*). Os resultados obtidos por ela são apresentados na Tabela 7:

Tabela 7 – Sujeito expresso e a ambiguidade morfológica e contextual

Ambiguidade morfológica	N	%	Peso	%# total dados
t: 3ª sing., usted e uno	192/252	76	0,73	4
r: de referente na 3ª sing. ou 3ª plural	205/274	75	0,73	4
a: 1ª, 2ª e 3ª sing.	141/212	67	0,66	3
s: sem ambiguidade morfológica	1059/2477	43	0,42	39
p: 3ª plural e ustedes	26/68	38	0,34	1
e: 2ª singular-tú	2/19	11	0,09	1
Ambiguidade resolvida pelo contexto	N	%	Peso	%# total dados
n: não há amb. contextual de “t”	903/1508	60	0,61	24
c: não há amb. contextual de “a”	249/496	50	0,53	8
b: não há amb. contextual de “p”	356/1006	35	0,36	16

Fonte: Traduzido e adaptado de Hurtado (2001, p. 143).

A relevância do controle dessa variável se deve especialmente ao fato de que na Colômbia, na variedade andina, predomina o uso de *usted* como pronome de segunda pessoa⁷⁷ e se conserva o “s” nas

⁷⁷ No que se refere ao uso de *usted* para referir-se a segunda pessoa na Colômbia, importa mencionar o fenômeno denominado *ustedeo*, definido por Calderón Campos (2010, p. 225) como “o emprego de *usted* em situações de confiança ou intimidade, isto é, entre amigos, namorados ou cônjuges, de pais a filhos, etc.”. Este uso se diferencia do uso convencional de *usted* como marca de deferência e distância. Calderón Campos (2010) destaca que, dentre os países da América Central em que o uso de *ustedeo* é bastante significativo, a Colômbia é o segundo país (atrás da Costa Rica) em termos de frequência. Além disso, o fenômeno parece ser condicionado pelo sexo dos falantes, uma vez que, em um estudo com estudantes universitários de Bogotá, Bartens (2004 apud CALDERÓN CAMPOS, 2010, p. 225) observa que os homens tendem a tratar de *usted* a outros homens da mesma faixa etária e posição social que eles,

formas verbais referentes a “*tú*”; já na variedade costeira, se usa consideravelmente o pronome *tú* e há elisão da desinência “s” nas formas verbais correspondentes. Dessa forma, aumentam os contextos de ambiguidade (o que estamos considerando como **homonímia** na presente tese) nessas duas variedades, podendo levar a um maior preenchimento do sujeito nos contextos ambíguos. Sendo assim, ainda que estreitamente relacionada à variável conectividade discursiva, Hurtado (2001) controlou separadamente a ambiguidade para verificar a hipótese funcional.

A hipótese de compensação funcional foi proposta por Hochberg (1986 apud HURTADO, 2001), com base nas variedades do espanhol caribenho em que se elide a desinência “s”, sendo a expressão do sujeito uma forma de compensação pela perda da concordância através da forma verbal de segunda pessoa do singular (exemplo: *tú hace*). A autora propõe essa hipótese com base em um estudo com 10 porto-riquenhas residentes em Boston (EUA), ao observar que a frequência de preenchimento do sujeito “*tú*” aumentava nos casos em que havia elisão do “s”.

Essa tendência também foi observada em outros estudos de dialetos caribenhos, como em Porto Rico (TERRELL; 1978 apud HURTADO, 2001) e na República Dominicana (ALBA, 1980; JIMÉNEZ, 1978 apud HURTADO, 2001). Contudo, autores como Ranson (1991 apud HURTADO, 2001) e Cameron (1993) questionam o peso atribuído à ambiguidade estrutural por essa hipótese ao apontarem que a função do sujeito pronominal não é desambiguar as formas verbais, mas sim assinalar o referente quando este não está contextualmente claro. Com base em um estudo contrastivo realizado por Cameron (1993) com amostras de San Juan (Porto Rico) e Madri (Espanha), nas quais se evidenciou que a mudança ou a manutenção da referência tem forte influência na presença ou ausência do sujeito pronominal em contextos ambíguos ou não, Hurtado (2001) refina sua análise desta variável combinando-a à variável conectividade discursiva. Dessa forma, a autora considera como “mudança de referência” os graus de conectividade 4, 5 e 6 e como “mesma referência”, os graus 1, 2 e 3, sendo os resultados apresentados na Tabela 8:

tratando por *tú* as mulheres dessa mesma posição, utilizando ocasionalmente o *usted* com o intuito de criar um efeito de intimidade (*confianza*). Já para as mulheres desse estudo, o uso de *tú* (*tuteo*) serve para demonstrar intimidade e o de *usted* para as “relações não solidárias”.

Tabela 8 – Tabulação cruzada da expressão do sujeito com ambiguidade e mudança de referência

Ambiguidade morfológica e contextual			
	Usted/3ª sing./uno	1ª, 2ª e 3ª do	3 sing. e plural
		3 sing.	
Mudança	175/211(83%)	117/160 (73%)	176/217 (81%)
Mesma	17/ 41(41%)	24/ 52 (46%)	29/ 57 (51%)
Sem ambiguidade contextual			
	Usted/3ª sing./uno	1ª e 3ª do	
		sing.	
Mudança	656/956 (69%)	155/258 (60%)	
Mesma	247/552 (45%)	94/238 (39%)	

Fonte: Traduzido de Hurtado (2001, p. 151).

A autora conclui, com base nos resultados das Tabelas 7 e 8, que, quanto maior a conectividade (mesma referência), menor é a ambiguidade – e, conseqüentemente, menor é o preenchimento do sujeito e vice-versa – e que a ambiguidade estrutural também influencia o fenômeno, ainda que com menor força que a correferencialidade.

O terceiro fator linguístico determinante da expressão do sujeito nas variedades analisadas por Hurtado (2001) se refere à **especificidade referencial**. Como podemos observar na Tabela 9, os sujeitos com referentes menos específicos (genéricos, abstratos, por exemplo) apresentam um maior preenchimento do sujeito se comparados aos sujeitos com referentes específicos:

Tabela 9 – Os sujeitos expressos, a pessoa gramatical e a especificidade referencial

Pessoa/Especificidade	N	%	Peso	% total de dados
1 sing. Yo	959/1881	51	0,53	30
2 sing. Tú [+ espec]	119/329	36	0,30	5
Tú [- espec]	42/88	48	0,49	1
2 sing. Ud. [+ espec]	59/168	35	0,30	3
Ud. [- espec]	9/14	64	0,64	1
3 sing. (Él/ella/FN)	1220/1951	63	0,63	30
Uno [- espec]	152/178	85	0,85	3
1 plur. Nosotros	147/547	27	0,25	7
2 plur. Uds.	29/60	48	0,40	1
3. Plural (ellos/ellas/FN)	396/1085	36	0,36	17

Fonte: Traduzido de Hurtado (2001, p. 156).

Com relação à diferença de percentuais e pesos relativos entre *usted* [-específico] e *tú* [-específico] – 64% e 48% e 0,64 e 0,49, respectivamente –, a autora atribui o menor preenchimento do sujeito com *tú* e maior preenchimento com *usted* a um possível condicionamento decorrente da coincidência da forma verbal (HURTADO, 2001, p. 158) entre *usted*, *uno* e a terceira pessoa do singular, uma vez que, na análise da variável ambiguidade, esta não se mostrou favorecedora do preenchimento com o pronome *tú*, mas com *usted*, sim.

Com relação ao uso de “*usted*” não específico, Cifunte (1980 apud HURTADO, 2001) obtém resultados diferentes dos de Hurtado (2001), ao analisar a variedade de Santiago (Chile), uma vez que a porcentagem de *usted* expresso decresce quando a referência é não específica. Já os resultados de Enríquez (1984) para a variedade madrilena seguem a mesma direção dos de Hurtado (2001) no que se refere ao pronome *usted* não referido diretamente ao ouvinte, mas difere quanto ao *tú* não referido diretamente ao ouvinte (considerado *genérico* por Enríquez (1984)), uma vez que, na amostra madrilena, o *tú* genérico desfavorece amplamente o preenchimento do sujeito, conforme vimos na seção anterior, e, na amostra de Hurtado (2001), *tú* [-esp] apresenta percentuais e peso relativo maiores que o do *tú* [+esp], comportamento inverso ao observado na amostra de Madri. Ademais, outra diferença reside no fato de que, em Enríquez (1984), o pronome *usted* referido diretamente ao ouvinte apresenta frequência superior a 75% e, em Hurtado (2001), frequência de 35%.

É interessante notar que a terceira pessoa – singular e plural – se mostra desfavorecedora do preenchimento do sujeito em estudos nos quais se consideram somente sujeitos pronominais (SOARES DA SILVA, 2006; WILDNER, 2011, entre outros). Por outro lado, no estudo de Hurtado (2001), a terceira pessoa do singular se mostra favorecedora do preenchimento quando se incluem sintagmas nominais e outras formas pronominais como o impessoal *uno*, por exemplo. Nesse sentido, a análise da autora, assim como a de Silva-Corvalán (1982), oferece uma visão diferenciada do fenômeno em **variação**, uma vez que afirma ter incluído os dados em que o sujeito é obrigatoriamente explicitado: a primeira aparição de *uno* e de sintagmas nominais. O fato de Hurtado (2001) ter incluído esse tipo de dados nos permitiu observar que a terceira pessoa do singular é um contexto propício para a expressão do sujeito quando são consideradas também as formas nominais.

Como é possível observar na Tabela 9, os contextos desfavorecedores da presença pronominal são a primeira pessoa do plural (*nosotros*), a segunda pessoa do singular com referentes específicos (*tú* e *usted*) e a terceira pessoa do plural (*ellos*, *ellas*, sintagmas nominais). Com relação à primeira pessoa do singular, há um ligeiro favorecimento do preenchimento (51% e peso 0,53). Ao analisar as duas variedades separadamente, a autora notou que, no espanhol andino, o número de sujeitos expressos com *ustedes* aumentou, favorecendo o preenchimento (55% e peso 0,56). Já na variedade costeira, observou que a diferença entre *tú* com referentes mais ou menos específicos diminuiu (41% e 47% e 0,38 e 0,48, para mais e menos específico, respectivamente) e não se registraram dados de *usted* com referentes menos específicos.

Com relação às variáveis **extralinguísticas**, estas se mostraram bem menos influentes na expressão do sujeito do que as variáveis linguísticas. As variáveis **geração** e **ocupação** foram as mais relevantes dentre as variáveis extralinguísticas controladas.

Quanto à variável grupo de **geração** – a qual não diz respeito à idade dos falantes, mas sim ao local de nascimento e/ou idade de chegada aos EUA –, os falantes da primeira geração (nascidos na Colômbia que foram para os EUA depois dos 11 anos) – os quais têm um maior domínio do espanhol – tendem a expressar mais o sujeito do que aqueles da segunda geração (nascidos nos EUA ou que foram para este país antes dos 11 anos) – os quais têm um maior domínio do inglês – (cf. HURTADO, 2001), como podemos observar na Tabela 10:

Tabela 10 – A expressão do sujeito segundo o grupo de geração

Grupo	N	%	Peso	%	Total dados
Primeira geração	2202/4336	51	0,56	69	
Segunda geração	930/1965	47	0,36	31	

Fonte: Traduzido de Hurtado (2001, p. 177)

Conforme a autora, esses resultados sinalizam que o inglês, língua na qual os sujeitos são preenchidos, não interfere no espanhol, uma vez que os falantes com maior domínio do inglês são os que mais favorecem o apagamento do sujeito, enquanto os falantes com maior domínio do espanhol favorecem o preenchimento. Esses resultados

seguem a mesma direção que os obtidos por Bayley e Pease (1997, Eastside, Califórnia) e de Silva-Corvalán (1994, Los Angeles), ambos citados por Hurtado (2001).

Também em direção a essa explicação, ainda que a autora não tenha analisado as variáveis **nível educativo** (9), **contato com a Colômbia** (3), **contexto de entrevista** (9) e **meios de comunicação** (8), devido a sua baixa força relativa (*range*), Hurtado (2001) observou que os participantes que fizeram até o segundo grau em espanhol, os que tinham mais contato com a Colômbia, os que participaram em entrevistas em grupo ao invés de individualmente e os que têm acesso aos meios de comunicação em ambas as línguas (espanhol e inglês) favorecem o uso de sujeitos expressos.

No que concerne à variável **ocupação**, o grupo formado por estudantes é o que favorece o preenchimento do sujeito (porcentagem: 52% e peso relativo: 0,59), enquanto o grupo formado por profissionais favorece o apagamento (45% e 0,43). Essa tendência é mantida na tabulação cruzada desta variável com a geração (cf. HURTADO, 2001). Contudo, essa variável não se mostra muito influente sobre o fenômeno e, além disso, no estudo de Avila (1996 apud HURTADO, 2001) com amostras de San Juan (Porto Rico), esta não foi relevante, e os percentuais de sujeito exposto foram um pouco maiores no grupo de profissionais (908/1189 = 43%) do que no de administradores, secretárias, mão de obra qualificada e não qualificada (994/1709 = 37%), em direção contrária aos resultados de Hurtado (2001).

Dentre as tabulações cruzadas, vale mencionar o fato de a segunda geração (aquela com maior domínio de inglês) favorecer mais a explicitação do sujeito nos contextos de ambiguidade tanto morfológica e contextual quanto a resolvida pelo contexto do que a primeira geração (aquela com maior domínio do espanhol). Por outro lado, a primeira geração é a que mais favorece o preenchimento do sujeito nos casos não ambíguos, conforme vemos na Tabela 11:

Tabela 11 – A expressão do sujeito segundo a ambiguidade e a geração

(continua)

	Ambiguidade morfológica e contextual	
	<i>usted/3ª sing./uno</i>	<i>1ª, 2ª e 3ª do sing.</i>
Primeira geração	143/192 (74%)	83/128 (65%)
Segunda geração	49/60 (82%)	58/84 (69%)

(conclusão)

	Sem ambiguidade contextual		Não ambíguo
	<i>usted/3^a sing./uno</i>	<i>1^a, 2^a e 3^a do sing.</i>	
Primeira geração	684/1153 (59%)	159/326 (49%)	727/1611 (45%)
Segunda geração	219/355 (62%)	90/170 (53%)	332/866 (38%)

Fonte: Traduzido de Hurtado (2001, p. 186).

Em referência aos resultados obtidos por Silva-Corvalán (1994 apud HURTADO, 2001) – sobre o espanhol mexicano, Hurtado (2001) destaca que, em um terceiro grupo – não inserido em seu trabalho –, que inclui pessoas nascidas nos Estados Unidos e com pelo menos um dos pais pertencentes ao grupo 2 (nascido nos EUA ou imigrado aos 6 anos), a ambiguidade não tem nenhuma influência sobre a explicitação do sujeito (37% de sujeitos expressos), sendo que nos dois primeiros grupos há um ligeiro favorecimento do sujeito preenchido com verbos ambíguos (59% e 64%, para o primeiro e segundo grupo, respectivamente). Já no estudo de Bayley e Pease (1996 apud HURTADO, 2001), nenhum dos três grupos favorece o preenchimento, mas é possível observar, de modo semelhante ao estudo de Silva-Corvalán, que ocorre uma diminuição dos percentuais de sujeitos expressos dos dois primeiros para o terceiro grupo: 36%, 38% e 27%.

Dessa forma, é possível depreender, com base nos três estudos citados anteriormente, que a ambiguidade tem alguma influência sobre a expressão do sujeito nos grupos que têm maior domínio do espanhol, mas nenhuma influência no grupo que, supõem-se, tem o menor domínio do idioma (grupo 3), sinalizando, segundo Hurtado (2001, p. 187,), que o terceiro grupo “utiliza mais pistas contextuais para desambiguar o referente e que possivelmente está perdendo o fator condicionante da ambiguidade”.

Hurtado (2001) destaca a relação entre ocupação e idade dos informantes. Segundo a autora, o grupo de estudantes – no qual o preenchimento do sujeito é maior – é composto, principalmente, por pessoas com idade entre 20 e 35 anos, enquanto, no grupo de profissionais – no qual o preenchimento do sujeito é menor –, a idade é de 31 a 67 anos.

Em Avila (1996 apud HURTADO, 2001), ao cruzar as variáveis ocupação e ambiguidade, o grupo no qual havia predominantemente pessoas maiores de 50 anos (grupo 2: escritório e trabalho qualificado) manifestou um menor percentual de sujeitos expressos (50%) se comparado ao grupo 1 (56%), de profissionais, em contextos de ambiguidade. Esses resultados – ainda que pouco contrastantes – apontam em direção a uma possível mudança, uma vez que as gerações mais jovens favorecem mais o preenchimento do sujeito (variante inovadora) e as mais velhas, o seu apagamento (variante conservadora).

Quanto à variável **contato com outros hispanos**, os resultados de Hurtado (2001) não foram muito significativos haja vista que o valor da força relativa (*range*) foi apenas 10, sendo os pesos relativos pouco contrastantes entre si: contato com cubano (0,48), com outros hispanos (0,49), com não hispanos (0,47), com outros hispanos e não hispanos (0,58). Ainda que a autora levante algumas explicações, não concordamos que é possível sugerir uma possível resistência aos cubanos (grupo dominante) com base nesses resultados.

4.4 SOARES DA SILVA (2006)

Soares da Silva (2006) analisou a expressão do sujeito pronominal de referência definida nas variedades de Madri e de Buenos Aires com base em 24 entrevistas pertencentes ao *Proyecto de estudio coordinado de la norma lingüística culta de las principales ciudades de España y América*, gravadas na década de 1970. Dos 12 informantes de cada cidade, os 6 homens e 6 mulheres foram distribuídos em três gerações etárias, sendo elas: i) até 40 anos; ii) de 40 a 55 anos e iii) acima de 55 anos. Visando equilibrar a amostra, o autor considerou somente os primeiros 50 dados para cada pessoa gramatical. Devido à pouca quantidade de dados para a segunda pessoa, Soares da Silva (2006) considerou dados de segunda pessoa dos entrevistadores, considerando que estes também eram cultos.

Em ambas as variedades analisadas em contexto variável, o sujeito implícito foi a opção predominante: 76% em Madri (937 de 1238 dados) e 68% em Buenos Aires (834 de 1221 dados). Para a amostra de Madri, foram selecionadas as seguintes variáveis em ordem de relevância descendente: pessoa gramatical do sujeito; condição de referência; oração declarativa x interrogativa; faixa etária; elementos

entre o especificador do sintagma flexional e o verbo⁷⁸ e forma verbal. Já para a variedade de Buenos Aires, as variáveis elencadas pelo programa estatístico VARBRUL foram: condição de referência; pessoa gramatical do sujeito; faixa etária; elementos entre o sintagma complementador e o sintagma flexional; elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo; função sintática da oração; estrutura do sintagma complementador; desinência número-pessoal e gênero do informante.

No que concerne à variável **pessoa gramatical**, esta foi selecionada em primeiro lugar em Madri e em segundo em Buenos Aires, mostrando ser uma das principais condicionadoras do fenômeno (ao lado da variável **condição de referência**, que foi selecionada em ordem inversa nas duas cidades). Dentre os fatores que mais favorecem o sujeito implícito na amostra de Madri, encontram-se a primeira pessoa do plural, *nosotros*, (com peso relativo de 0,75 e percentual de sujeito implícito de 89%), e a terceira pessoa do plural (0,76 e 91%) e do singular (0,71 e 88%). Por outro lado, os contextos menos propícios para a omissão do sujeito são a segunda pessoa indireta no singular e no plural, *usted* e *ustedes* (0,23 e 69% e 0,19 e 67%, para o singular e plural, respectivamente). Conforme interpretação de Soares da Silva (2006), a primeira pessoa do singular (0,38 e 65%) e a segunda pessoa direta, *tú*, (0,41 e 78%) situam-se numa posição intermediária nessa escala. Quanto aos resultados para esta mesma variável em Buenos Aires, se verifica a mesma tendência da terceira pessoa do singular e plural em favorecer a omissão do sujeito (sing. = 0,69 e 81%; plural = 0,63 e 77%), porém, a primeira pessoa do plural manifesta frequência e peso relativo próximos aos da primeira pessoa do singular (*yo* = 0,46 e 63%; *nosotros* = 0,40 e 62%) – ambos inferiores a 0,50.

Para a variável **condição de referência**, Soares da Silva (2006) controlou cinco padrões sentenciais, com base em Barbosa, Duarte e Kato (2005), sendo eles:

Padrão A: o antecedente do pronome em análise é o sujeito da oração principal ou matriz (o sujeito e seu antecedente estão no mesmo período).

⁷⁸ Por embasar-se na Teoria da Variação Paramétrica, Soares da Silva (2006) controla algumas variáveis com base na teoria da gramática gerativa, de onde provêm conceitos como “sujeito nulo”, “especificador”, “complementador ou complementizador”, entre outros.

Padrão B: o antecedente do pronome em análise é o sujeito da oração imediatamente anterior (em outro período).

Padrão C: o antecedente do sujeito está na oração anterior, mas com outra função.

Padrão D: o antecedente do sujeito em análise tem função de sujeito, mas há uma ou mais orações intervenientes entre ele e seu antecedente.

Padrão E: o antecedente tem outra função e há oração ou orações intervenientes (SOARES DA SILVA, 2006, p. 69-70).

A Tabela 12 apresenta os pesos relativos para cada um dos fatores em ambas as variedades:

Tabela 12 – Sujeito implícito segundo o padrão sentencial

PADRÃO SENTENCIAL	MADRI		BUENOS AIRES	
	%	P	%	P
PADRÃO A	88%	0,71	82%	0,67
PADRÃO B	85%	0,63	80%	0,65
PADRÃO C	79%	0,51	70%	0,50
PADRÃO D	69%	0,39	55%	0,35
PADRÃO E	60%	0,30	55%	0,32

Fonte: Adaptado de Soares da Silva (2006, p. 85; 93).

De modo semelhante aos resultados de Hurtado (2006) e de Wildner (2011), os resultados apresentados na Tabela 12 apontam que, quanto maior a conectividade referencial (padrões A e B), maior a tendência ao apagamento do sujeito; e quanto menor for a conexão referencial, maior a tendência ao preenchimento, conforme evidenciam os pesos relativos da Tabela 12.

Os resultados para a variável “orações interrogativas x declarativas”, selecionada apenas em Madri, apontam que as orações interrogativas parciais (wh-) favorecem o apagamento do sujeito (98% e peso 0,95); e que as interrogativas globais (72% e 0,49) e as declarativas (74% e 0,43), por outro lado, apresentam pesos relativos próximos de 0,50.

Em direção aos resultados de Orozco e Guy (2008) para a variável faixa etária, Soares da Silva (2006) observa, na variedade madrilena, que os falantes mais velhos (acima de 55 anos) favorecem o preenchimento (0,43) enquanto os mais jovens (até 40 anos), o

apagamento do sujeito (0,57); contudo a força relativa desta variável não é muito significativa, pois a diferença entre o maior e menor peso relativo é de 14 (*range*). Já em Buenos Aires, a faixa etária intermediária (40 a 55 anos) desfavorece o sujeito implícito (0,38); a faixa etária mais jovem, de modo semelhante a Madri, o favorece (0,60) e os mais velhos apresentam comportamento intermediário (0,50).

Algumas variáveis selecionadas parecem ter relação com efeitos prosódicos – em direção a Wildner (2011), conforme veremos adiante –, sendo elas: i) presença de elementos (negação, clítico, por exemplo) entre o especificador do sintagma flexional (posição do sujeito) e o verbo *versus* a ausência de elementos nesta posição; ii) orações complexas *versus* orações simples; iii) elementos entre o sintagma complementador (posição anteposta ao sujeito) e o sintagma flexional (posição do sujeito) *versus* ausência de elementos. Conforme os pesos relativos obtidos por Soares da Silva (2011), a presença de algum elemento antes ou após a posição do sujeito tende a favorecer o apagamento do sujeito, enquanto a ausência de elementos nessa posição é um contexto mais favorável ao preenchimento. Uma exceção a essa tendência são os clíticos (0,52) e advérbios aspectuais (0,49) na amostra de Buenos Aires, os quais se mostram contextos ligeiramente propícios ao preenchimento, se comparados à ausência de elementos (0,47 = favorável ao preenchimento) e à negação (0,66 = favorável ao apagamento).

Quanto à **função sintática** da oração, selecionada apenas em Buenos Aires, importa destacar que as orações relativas desfavorecem amplamente o apagamento do sujeito (0,15), sendo que a presença pronominal pode ser explicada – cf. Duarte (1995) – como uma forma de desambiguar o relativo *que*, que nesses casos funciona como *objeto* e não como *sujeito*. Ao contrário dessas, as orações subordinadas completivas favorecem o apagamento do sujeito (0,69).

Ainda que não muito significativos, os resultados para a variável **desinência número-pessoal** apontam que o morfema \emptyset (combinado a três pessoas gramaticais) tende a favorecer o preenchimento (0,40), enquanto as desinências exclusivas (0,56) ou desinências para duas pessoas (0,54) favorecem a omissão do sujeito. Os resultados para gênero não são levados em consideração em virtude da baixa diferença entre os pesos relativos (0,9) e percentuais (5%).

4.5 OROZCO E GUY (2008)

Orozco e Guy (2008) destacam a falta de estudos variacionistas quantitativos a respeito do espanhol caribenho e realizam um estudo sobre o **uso variável** dos sujeitos pronominais em Barranquilla, a cidade mais populosa do Caribe colombiano, de acordo com os autores⁷⁹. Foram analisadas 20 entrevistas com 10 homens e 10 mulheres de idade entre 15 e 85 anos, das classes média e trabalhadora, com escolaridade compreendida entre o primário e a pós-graduação.

A composição da amostra seguiu os parâmetros estabelecidos para o *Proyecto sobre el español en Nueva York* (OTHEGUY; ZENTELLA, 2004; 2007 apud OROZCO; GUY, 2008) e recebeu tratamento estatístico com o auxílio do programa Goldvarb. Do total de 1223 dados, 436 (35,7%) ocorrem explicitamente e 787 (64,3%) são elípticos. Dos sujeitos expressos, apenas 3,9% ocorrem pospostos ao verbo.

Com vistas a verificar se a amostra analisada (o castelhano da costa Caribe colombiana) se assemelharia mais aos dialetos continentais ou aos dialetos caribenhos, Orozco e Guy (2008) comparam o percentual de preenchimento obtido por eles (35,7%) com os percentuais obtidos em Otheguy, Zentella e Livert (2007) – para falantes hispano-americanos recém-chegados a Nova Iorque – e Cameron (1993) para amostras de Porto Rico e Espanha:

Tabela 13 – Sujeito expresso segundo o país de origem

(continua)

País	Nº de falantes	Pronome suj. expresso
Porto Rico (Cameron)	10	44,7%
Dominicanos em NY (O & Z)	6	41%
BARRANQUILLA, COLÔMBIA	20	35,7%
Porto-riquenhos em NY (O & Z)	6	35%
Cubanos em NY (O & Z)	7	33%
Equatorianos em NY (O & Z)	8	27%
Colombianos em NY (O & Z)	6	24%

⁷⁹ De acordo com os autores, a cidade de Barranquilla atrai pessoas de toda a costa Caribe da Colômbia, e “o dialeto local, *costeño*, forma parte da região Caribe/Arahuaco, a qual inclui as Antilhas e as regiões costeiras da Colômbia, Venezuela e Equador”, com base nas classificações dialetais do castelhano, propostas por Lipski (1994), Quesada (2000) e Zamora; Guitart (1982), todos citados por Orozco e Guy (2008, p. 70).

(conclusão)

País	Nº de falantes	Pronome suj. expresso
Mexicanos em NY (O & Z)	6	19%
Espanha (Cameron)	10	20,9%

Fonte: Traduzido de Orozco e Guy (2008, p. 72).

De acordo com Orozco e Guy (2008), os resultados apresentados na Tabela 13 corroboram a classificação dialetal que inclui o castelhano falado na Costa Caribe da Colômbia na região dialetal caribenha, tendo em vista o percentual de expressão pronominal obtido (35,7%), em comparação às amostras não caribenhas.

Das 14 variáveis controladas (9 linguísticas e 5 sociais), 6 se mostraram estatisticamente significativas. Os autores classificaram as variáveis selecionadas da seguinte maneira⁸⁰: i) variáveis funcionais: conexão discursiva; tempo, aspecto e modo verbal (TAM); ii) fatores sintático-semânticos: pessoa e número do pronome sujeito; tipo de oração; conteúdo léxico do verbo; iv) fatores sociais: idade.

Orozco e Guy (2008) controlaram a conexão discursiva com base em três fatores: i) mudança completa: com o sujeito e todos os objetos ou complementos; ii) mudança parcial: correferência com o objeto indireto/direto ou com o objeto da preposição; iii) continuidade com o sujeito: correferência com o sujeito. Como os resultados da Tabela 14 ilustram, quanto maior a conexão referencial maior é a tendência ao apagamento do sujeito (0,35); por outro lado, a mudança de referente com relação à oração anterior favorece a explicitação do sujeito (0,61), em direção a outros estudos sobre a expressão do sujeito (SILVA-CORVALÁN, 1982; HURTADO, 2001; SOARES DA SILVA, 2006; WILDNER, 2011).

⁸⁰ A força relativa (*range*) das variáveis pôde ser calculada com base nos pesos relativos apresentados nas tabelas: TAM (41), pessoa e número (34), tipo de oração (28), conexão discursiva (26), idade (20) e conteúdo léxico do verbo (14).

Tabela 14 – Sujeito expresso segundo a conexão referencial

Fator	N	%	Peso
Mudança completa	584	44	0,61
Mudança parcial (correferência com o objeto)	119	34	0,50
Continuidade do sujeito (correferência com o sujeito)	453	23	0,35

Fonte: Traduzido de Orozco; Guy (2008, p. 74).

Quanto aos resultados referentes à mudança parcial, em que há correferencialidade com o objeto, estes manifestam comportamento intermediário (peso relativo medial 0,50). Esta variável foi classificada como “funcional” pelo fato de os autores considerarem que a expressão do sujeito em contextos de mudança completa de referente ajuda a “minimizar a ambiguidade para os ouvintes⁸¹” (OROZCO; GUY, 2008, p. 73).

Com relação à variável TAM⁸², os autores a consideraram funcional pelo fato de estar relacionada à ambiguidade, com base no fato de que há verbos através dos quais se pode identificar um único e possível referente (os quais possuem desinência distintiva exclusiva) e outros para os quais pode haver mais de um possível referente. Contudo, nos resultados obtidos por eles, tanto paradigmas verbais menos distintivos (especificamente o pretérito imperfeito do indicativo e o presente do subjuntivo = 34% de preenchimento) quanto os mais distintivos (presente e pretérito do indicativo = 44%) favorecem a expressão do sujeito pronominal, com pesos relativos de 0,55 e 0,58, respectivamente; já o futuro perifrástico (21%) e o futuro morfológico

⁸¹ No original: *La conexión discursiva o referencial constituye un estreñimiento a nivel discursivo ampliamente reconocido en el uso de los sujetos explícitos: estos destacan un cambio de referencia en la cláusula precedente, ayudando de esta manera a minimizar la ambigüedad para los oyentes.*

⁸² Inicialmente, os autores codificaram esta variável de forma idêntica a Otheguy e Zentella (2004 apud OROZCO; GUY, 2008): (1) futuro perifrástico, (2) condicional, (3) presente indicativo, (4) pretérito indicativo (5) imperfeito indicativo, (6) futuro indicativo, (7) presente subjuntivo, (8) pretérito subjuntivo, (9) imperativo, (10) tempos perfeitos e (11) outros paradigmas. Contudo, após análises preliminares, recodificam da seguinte maneira: (1) paradigmas mais distintivos, (2) paradigmas menos distintivos, (3) futuro perifrástico e (4) futuro morfológico.

(9%) favorecem o apagamento do sujeito, conforme seus pesos relativos respectivos: 0,39 e 0,17. Segundo os autores, seus resultados “não revelam efeitos funcionais claros nem tampouco revelam efeitos antifuncionais definidos” (p. 75). Ainda que não mencionado por Orozco e Guy (2008), é provável que haja sobreposição de variáveis ou que sejam outras (e variadas) as variáveis que motivem a expressão ou omissão do sujeito. Para o caso do presente do indicativo é compreensível o favorecimento do preenchimento, uma vez que é, geralmente, nesse tempo em que o falante expressa suas opiniões e sua individualidade, podendo estar relacionado com o **conteúdo semântico** do verbo (ex.: *yo creo, pienso, quiero, tengo*, etc.). Para o pretérito imperfeito do indicativo, é possível que nesse tempo sejam estabelecidas relações de **contraste** (ex.: *él tenía ganas de ir a la fiesta, pero su madre no lo permitió*), porém, não é possível saber se os autores incluíram este tipo de dado, além do fato de este ser um tempo verbal menos distintivo, podendo ser mais propício a **ambiguidade**.

A variável pessoa e número do sujeito se mostra a mais relevante no estudo de Orozco e Guy (2008), tendo sido selecionada em primeiro lugar pelo programa estatístico. Pelo fato de os pronomes de terceira pessoa do singular e plural não terem mostrado diferenças significativas em análises preliminares, estes foram unificados em um único fator juntamente com a forma de tratamento *ustedes*, conforme se pode observar na Tabela 15:

Tabela 15 – Sujeito expresso segundo a pessoa e número do pronome sujeito

Fator	N	%	Peso
1ª singular (yo)	502	48	0,64
3ª sing./plural + 2ª plural (él/ellos/ustedes)	458	31	0,46
2ª singular (tú/usted)	153	18	0,31
1ª plural (nosotros)	110	20	0,30

Fonte: Traduzido de Orozco; Guy (2008, p. 76).

Os resultados evidenciam o favorecimento do preenchimento do sujeito na primeira pessoa do singular (0,64), enquanto a primeira pessoa do plural manifesta tendência contrária (0,30), o que está em consonância com Wildner (2011). A segunda pessoa do singular manifesta-se diferentemente de acordo com a amostra considerada. Em Orozco e Guy (2008), vemos que este é um contexto favorável ao apagamento do sujeito (*tú/usted* = 0,31). Já em Wildner (2001),

conforme veremos na próxima seção, na amostra de Porto Rico (0,37) e da Argentina (0,33), a segunda pessoa (*vos* e *tú*, respectivamente) é um contexto favorável ao preenchimento; enquanto na amostra da Espanha (0,61)⁸³ e do México (0,87) há favorecimento da omissão do sujeito *tú*. Os resultados para a segunda pessoa do singular e terceira pessoa do singular, obtidos por Orozco e Guy (2008), se opõem aos do estudo de Otheguy, Zentella e Livert (2007 apud OROZCO; GUY, 2008), no qual os caribenhos manifestaram favorecimento da expressão de *tú*, em direção a Wildner (2011), e os continentais, da expressão de *él/ella*. Como não encontram uma explicação para os resultados desta variável, os autores argumentam que “esses padrões parecem ser características dialeto-específicas e linguisticamente arbitrárias das gramáticas de diferentes comunidades de fala hispana” (OROZCO; GUY, 2008, p. 76).

Quanto ao tipo de oração, as subordinadas e coordenadas tendem a favorecer a omissão do sujeito (26% de sujeito preenchido e peso 0,40), enquanto, nas condicionais (55% e 0,68), relativas (45% e 0,64) e principais (39% e 0,55), são maiores as chances de o sujeito ser explicitado, conforme assinalam os pesos relativos.

Os resultados para a variável **conteúdo léxico do verbo** não fornecem fortes indícios sobre seu efeito sobre o fenômeno, conforme afirmam os próprios autores. Inicialmente classificados em quatro categorias, os fatores foram recodificados em apenas duas: verbos de estado, os quais manifestam favorecimento da presença pronominal (42% e 0,61) e verbos de atividade mental/externa e estimativos, com comportamento pouco influente (34% e 0,47). Os autores não encontram uma resposta para o fato de os verbos de estado favorecerem o preenchimento, apenas observam que os três verbos de estado mais frequentes no *corpus* são *ser*, *estar* e *tener*, os quais estão entre os verbos de estado mais frequentes no castelhano.

Quanto à última variável selecionada, a **idade**, os resultados de Orozco e Guy (2008) mostram que os falantes mais jovens tendem a favorecer o apagamento do sujeito, enquanto os falantes mais velhos, o seu preenchimento: i) acima de 50 anos: 41% e peso 0,60; ii) 20 a 50 anos: 33% e peso 0,49; iii) adolescentes: 32% e peso 0,40. Os autores

⁸³ Assim com em Wildner (2011), em Soares da Silva (2006), a segunda pessoa do singular é analisada separadamente da forma de tratamento *usted*. Para a amostra de Madri, o autor obtém 78% de sujeito implícito para o pronome *tú* e peso relativo de 0,41, valor próximo da posição intermediária. Já para *usted*, os valores favorecem claramente a expressão: porcentagem de 69% e peso relativo de 0,23.

propõem duas explicações para esses resultados, sendo uma relacionada ao nível educativo dos falantes, haja vista que os mais jovens têm mais acesso à escolarização – cf. os autores, no momento da realização das entrevistas, os adolescentes estavam prestes a concluir o ensino secundário, enquanto a maioria dos adultos não tinha chegado a cursá-lo –; e a outra, relacionada ao fato de esses resultados poderem ser um reflexo da influência do dialeto andino ou *cachaco* sobre o *costeño* – segundo os autores, houve migrações da região andina para a costa devido a uma onda de violência que assolou a Colômbia na década de 1990. Ainda, segundo os autores, “as instituições normativas nacionais da sociedade colombiana são dominadas pelo dialeto andino, considerado mais prestigioso, o qual tem um taxa pronominal mais baixa⁸⁴”, características que podem estar influenciando o dialeto caribenho por meio da mobilidade interna, meios de comunicação de abrangência nacional e maior acesso à educação, ocorridos na Colômbia nas gerações recentes (cf. OROZCO; GUY, 2008, p. 79).

4.6 WILDNER (2011)

O último estudo apresentado na Tabela 1 refere-se a resultados obtidos em Wildner (2011). A modo de contextualização das origens e motivações da presente pesquisa, nesta seção, são retomados com maior detalhamento os principais resultados desse estudo de mestrado.

A principal motivação para o desenvolvimento desse estudo teve origem na argumentação de que todos os sujeitos expressos em espanhol eram discursivamente marcados e todos os sujeitos implícitos eram neutros (cf. LUJÁN, 1999). O primeiro problema desse argumento de distribuição complementar é a generalização, uma vez que o idioma espanhol é constituído de inúmeras variedades e estas, por sua vez, de casos de variação. Somado a isso, o fato de os sujeitos pronominais expressos estarem associados a usos discursivamente marcados é outro ponto que merece atenção (LUJÁN, 1999; CORREA, 2009; SOARES DA SILVA, 2006), uma vez que os construtos teóricos utilizados para

⁸⁴ No original: [...] *las instituciones normativas nacionales de la sociedad colombiana son dominadas por el dialecto andino considerado más prestigioso, el cual tiene una tasa pronominal más baja. El incremento en la movilidad interna, los medios de comunicación a nivel nacional, y el mayor acceso a la educación, los cuales han ocurrido en Colombia en generaciones recientes, pueden estar contribuyendo a la expansión de las características de los dialectos andinos a la costa Caribe.*

explicar o que se entende por “discursivamente marcado” são diversos, dificultando a compreensibilidade dos argumentos apresentados. Tradicionalmente, a presença pronominal tem sido atribuída a fatores como “ênfase” e “contraste”⁸⁵ – ademais da “**ambiguidade**” estrutural (homonímia) que ocorre em alguns tempos verbais (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999). Grande parte das definições de **ênfase** e **contraste** se assenta em explicações acerca da subjetividade do falante, não incluindo, também, características fonético-fonológicas ou sintáticas. Não se pretende negar a relevância dos fatores discursivos na manifestação do sujeito pronominal, haja vista que a presente tese se apoia fortemente em fatores discursivos. Contudo, como tem sido apontado por estudos sobre o espanhol em uso em diferentes variedades, há vários fatores atuando sobre o fenômeno, estando este em variação linguística e não em distribuição complementar (TORIBIO, 2000; HURTADO, 2001; WILDNER, 2011).

Em Wildner (2011), são analisadas entrevistas de 24 cantores provenientes da Argentina, Espanha, México e Porto Rico. Inicialmente, esperava-se que a amostra de Porto Rico contrastasse com as outras (Argentina, Espanha e México), apresentando um número significativamente maior de sujeitos expressos. Essa hipótese foi aventada com base nos percentuais de sujeito exposto obtidos por Morales (1982 apud SILVA-CORVALÁN, 2001) – (52,97%, de um total de 3268 dados); bem como na afirmação de que o espanhol porto-riquenho não licencia sujeitos referenciais implícitos (cf. TORIBIO, 1994 apud SOARES DA SILVA, 2006). Entretanto, os percentuais de sujeito implícito obtidos nas quatro amostras investigadas são superiores a 70%, como mostra a Tabela 16⁸⁶:

⁸⁵ Enríquez (1984) apresenta várias definições dadas a esses fatores (ênfase e contraste) e problematiza a dificuldade de se associar a expressão do sujeito pronominal a eles devido, especialmente, à falta de limitação de cada um, uma vez que, para alguns autores, ênfase e contraste são fenômenos diferentes, e para outros estão relacionados. Essa discussão pode ser encontrada de forma resumida em Wildner (2011).

⁸⁶ N corresponde ao número de ocorrências com sujeito implícito, T ao total de ocorrências e % à frequência de uso do sujeito implícito.

Tabela 16 – Sujeito implícito segundo a nacionalidade

País	N/T	%
Argentina	522/681	76%
Espanha	650/796	81%
México	575/723	79%
Porto Rico	620/844	73%
TOTAL	2367/3044	77%

Fonte: Wildner (2011)

Por outro lado, foi atestada a hipótese de que a amostra peninsular (Espanha) apresentaria o maior percentual de sujeito implícito. Esse resultado pode ser devido ao paradigma flexional dessa variedade, que dispõe de desinências verbais distintas para cada uma das pessoas gramaticais do singular e do plural (em tempos verbais como o Presente do Indicativo), exceto em tempos verbais como o Pretérito Imperfeito do Indicativo – como ilustra o Quadro 3 – em que a primeira pessoa do singular (*yo*) compartilha a mesma desinência verbal que a terceira pessoa do singular (*él, ella*); e desconsiderando-se os pronomes de tratamento *usted* e *ustedes*, que compartilham as marcas flexionais da terceira pessoa do singular e do plural, respectivamente.

Quadro 3 – Paradigma flexional do verbo *creer* no presente do indicativo e no pretérito imperfeito do indicativo na variedade peninsular

Pronome Sujeito	Presente do Indicativo	Pretérito Imperfeito do Indicativo
<i>Yo</i>	Creo	creía
<i>Tú</i>	Crees	creías
<i>Él, ella</i>	Cree	creía
<i>Nosotros, nosotras</i>	Creemos	creíamos
<i>Vosotros, vosotras</i>	Creéis	creíais
<i>Ellos, ellas</i>	Creen	creían

Fonte: Adaptado de Wildner (2011).

As amostras americanas – nas quais o pronome *vosotros (as)* é substituído por *ustedes*, diminuindo, assim, o número de desinências distintas – apresentam percentuais um pouco menores de sujeito implícito, mas valores aproximados e superiores a 70%. Ainda que os resultados não corroborem a hipótese de que o percentual de sujeitos expressos em Porto Rico contrastaria significativamente com o dos demais países, é importante observar que os resultados referentes a esta

amostra (caribenha) sinalizam um maior preenchimento do sujeito, como vemos na Tabela 17:

Tabela 17 – Sujeito implícito segundo a forma de realização do sujeito

Pronome Sujeito	Argentina	Espanha	México	Porto Rico
	N/T	N/T	N/T	N/T
	%	%	%	%
<i>Yo</i>	290/410 70	349/465 75	309/432 71	322/465 69
<i>Tú</i>	0	96/111 86	53/55 96	76/116 65
<i>Usted</i>	0	0	2/3 66	1/2 50
<i>Vos</i>	25/42 59	0	0	0
<i>Él, ella</i>	50/56 89	50/57 87	62/77 80	33/45 73
<i>Nosotros (as)</i>	62/66 93	104/107 97	96/99 96	110/127 86
<i>Vosotros (as)</i>	0	7/8 87	0	0
<i>Ustedes</i>	8/11 72	2/2 100	8/9 88	19/26 73
<i>Ellos, ellas</i>	86/94 91	42/46 91	45/48 93	59/63 93

Fonte: Adaptado de Wildner (2011)

Como podemos ver na Tabela 17, existe uma diferença significativa de percentuais de sujeito implícito entre a amostra porto-riquenha e as outras, o que aponta para uma maior tendência à expressão do sujeito nesse país. Com relação às variáveis independentes controladas, as selecionadas em todas as amostras, após submissão ao programa estatístico Goldvarb 2001, foram: a forma de realização do sujeito pronominal (os pronomes sujeito), o indivíduo e as condições de referência.

No que tange à forma de realização do sujeito pronominal, os pesos relativos para a primeira pessoa do singular (*yo*) atestam o favorecimento da expressão do sujeito com esse pronome, em direção à nossa hipótese inicial: Argentina (0,37), Espanha (0,31), México (0,32) e Porto Rico (0,40). Também é necessário destacar que o pronome de

segunda pessoa do singular se mostra favorável à expressão nas amostras de Porto Rico (0,37) e Argentina (0,33). Com relação à primeira pessoa do singular, em outras línguas consideradas de sujeito nulo também existe uma tendência a explicitar os pronomes cujo referente é o próprio falante/enunciador (cf. OCHS; DURANTI, 1976 apud DUARTE, 1995), tais como o italiano e o português europeu, por exemplo. A motivação para a explicitação do sujeito pronominal, nesses casos, parece ser devida, principalmente, a fatores de natureza discursiva, como defendem inúmeros estudiosos.

Em Wildner (2011), levantamos a hipótese de que pode haver variação estilística na expressão do pronome, pelo fato de alguns falantes expressarem mais o sujeito pronominal do que outros. Nesse caso, estaríamos falando de outro tipo de estilo que não o relacionado ao grau de atenção prestado à fala (LABOV, 2008 [1972]), uma vez que não consideramos que a formalidade ou informalidade condicione a variação do sujeito pronominal. A suposição de que poderia haver fatores estilísticos – sendo que a tarefa de identificá-los ainda não foi realizada e foge ao escopo da presente tese – deriva do fato de a variável “indivíduo” ter sido selecionada em primeiro lugar na amostra argentina; em segundo, nas amostras espanhola e porto-riquenha; e, em terceiro lugar, na mexicana. O controle dessa variável foi realizado com o intuito de verificar se os entrevistados do mesmo país apresentariam frequência de uso semelhante ou se manifestariam diferença significativa entre si. Como podemos observar na Tabela 18 – que traz a frequência de uso do sujeito implícito e o peso relativo para cada entrevistado –, a probabilidade de que ocorra um sujeito expresso é maior na fala de alguns entrevistados do que na de outros.

Tabela 18 – Sujeito implícito segundo o indivíduo

			(continua)
ENTREVISTADO	N/T	%	P.R.
ARGENTINA			
Diego Torres	85/96	88	0,72
Alejandro Lerner	99/114	86	0,69
Laura Miller	99/119	83	0,60
Andrés Calamaro	67/88	76	0,48
Patricia Sosa	109/137	79	0,40
Mercedes Sosa	62/125	49	0,19

			(conclusão)
ENTREVISTADO	N/T	%	P.R.
ESPANHA			
Marta Sánchez	102/112	91	0,67
Lourdes Hernández	125/141	88	0,61
Enrique Bunbury	120/145	82	0,57
Alejandro Sanz	103/132	78	0,45
David Bisbal	100/123	81	0,45
Malú	100/143	69	0,27
PORTO RICO			
Chayanne	152/173	87	0,75
Ana Isabelle	116/146	79	0,55
Melina León	104/137	75	0,54
Daddy Yankee	88/135	65	0,36
Janina Irizarry	78/123	63	0,34
Don Omar	82/130	63	0,32
MÉXICO			
Cristian Castro	81/98	82	0,60
Sergio Vallín	90/109	82	0,60
Alejandro Fernández	104/115	90	0,58
Thalia	112/141	79	0,50
Dulce María	70/92	76	0,43
Anahí	118/168	70	0,34

Fonte: Adaptado de Wildner (2011)

Conforme apresentado na Tabela 18, a diferença entre os pesos relativos dos entrevistados que tendem a explicitar o sujeito (o último da lista de cada país) e dos que tendem a ocultá-lo (o primeiro na lista) – isto é, a força relativa dessa variável – é bastante significativa. Esses resultados probabilísticos podem ser decorrentes de diferenças estilísticas, relacionadas a fatores que envolvam questões mais subjetivas – por essa razão difíceis de serem identificadas –, que justificam o fato de falantes do mesmo país apresentarem tendências contrárias no que concerne à expressão do sujeito pronominal. Para que esta suposição ganhe maior respaldo seria necessário analisar se essas diferenças não são devidas a outros fatores, tais como a pessoa gramatical (a primeira pessoa do singular favorece o preenchimento), a semântica do verbo (verbos de opinião parecem favorecer o preenchimento), a sequência textual (sequência argumentativa

provavelmente favorecerá o preenchimento); e, além disso, é necessário dispor de uma quantidade semelhante de dados para cada falante, trabalho a ser desenvolvido futuramente. Dos fatores apontados anteriormente, analisamos, como ilustração, o comportamento do verbo *creer* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, na fala dos seis cantores espanhóis:

Tabela 19 – distribuição do verbo “*creer*” (acreditar, achar que) entre informantes espanhóis

	Marta	Lourdes	Enrique	Alejandro	David	Malú
<i>Creo</i>	0	2	10	3	2	0
<i>Yo creo</i>	1	6	9	6	6	18
<i>No creo</i>	0	0	2	3	0	2
<i>No lo creo</i>	0	0	0	0	0	1
<i>Ni creo</i>	0	0	1	0	0	0
<i>Yo no creo</i>	0	0	0	1	0	0

Fonte: adaptado de Wildner (2011)

Com base na Tabela 19, é possível conjecturar que a diferença entre os informantes seja decorrente, também, dos temas tratados na entrevista, uma vez que temas que favorecem a expressão de opinião podem favorecer o preenchimento, enquanto narrativas de fatos passados podem favorecer o apagamento do sujeito.

Outra variável selecionada nas quatro amostras analisadas em Wildner (2011) se refere às condições de referência. No Quadro 4, são apresentadas as condições de referência controladas nesse trabalho, construídas com base em Barbosa, Duarte e Kato (2005) e Soares da Silva (2006).

Quadro 4 – Condições de referência controladas em Wildner (2011)

PADRÃO SENTENCIAL	MESMA FUNÇÃO SINTÁTICA	ORAÇÕES INTERVENIENTES	MESMO PERÍODO
PADRÃO A	Sim	Não	Sim
PADRÃO B	Sim	Não	Não
PADRÃO C	Não	Não	Sim/Não
PADRÃO D	Sim	Sim	Sim/Não
PADRÃO E	Não	Sim	Sim/Não

Fonte: Adaptado de Wildner (2011).

Os resultados obtidos para essa variável indicam que os contextos sintático-semânticos em que há orações intervenientes entre o sujeito e seu referente (padrão D), ambos exercendo a função de sujeito, tendem a favorecer a explicitação do sujeito: Argentina (0,23), Espanha (0,29), Porto Rico (0,31) e México (0,30). Por outro lado, aqueles em que não há orações intervenientes e o sujeito e seu referente se encontram no mesmo período favorecem o sujeito implícito (padrão A): Argentina (0,56), Espanha (0,57), Porto Rico (0,59) e México (0,58). Dessa forma, esses resultados vão ao encontro de outros estudos empíricos que apontam a correferencialidade como um dos condicionadores mais relevantes para o fenômeno (ENRÍQUEZ, 1984; HURTADO, 2001; SILVA-CORVALÁN, 2003; SOARES DA SILVA, 2006).

Além das três variáveis independentes apresentadas anteriormente, selecionadas em todas as amostras analisadas, também se mostram relevantes nas amostras espanhola, porto-riquenha e mexicana – porém, com menor importância estatística – as variáveis referentes às formas verbais simples e compostas e à presença de elementos entre o sujeito e o verbo. Com relação à primeira, consideramos *formas verbais compostas* aquelas em que há verbo auxiliar + verbo principal (particípio, gerúndio e infinitivo) e *formas verbais simples* aquelas em que há somente um verbo. Corroborando nossa hipótese inicial, as formas verbais simples favorecem a expressão do sujeito, enquanto as compostas, a sua omissão: Espanha (simples = 0,44; compostas = 0,69), México (simples = 0,46; compostas = 0,66) e Porto Rico (simples = 0,45; compostas = 0,69). Quanto à segunda variável, a presença de elementos entre o sujeito e o verbo (elementos de negação, clíticos, advérbios aspectuais e focalizadores) favorece o sujeito implícito e a ausência de elementos nessa posição sintática contribui para a presença

do sujeito: Espanha (1 = 0,63; 0 = 0,41, onde 1 equivale à presença de elementos e 0 à ausência), Porto Rico (1 = 0,57; 0 = 0,45) e México (1 = 0,59; 0 = 0,42). A seleção dessas duas variáveis sinaliza que é possível haver, também, influência prosódica sobre o fenômeno – embora com menor força de atuação sobre a variável dependente – na mesma direção que Soares da Silva (2006).

Como é possível depreender dos resultados obtidos em Wildner (2011), as variáveis selecionadas em todas as amostras sinalizam forte influência pragmático-discursiva, e apontam também para um possível – porém ainda incipiente – espriamento do sujeito expreso, começando inicialmente pelo pronome que faz referência ao próprio falante (primeira pessoa do singular), estendendo-se ao interlocutor (segunda pessoa do singular) e, progressivamente, às demais pessoas.

É importante destacar que, na pesquisa de mestrado (WILDNER, 2011), a expressão do sujeito é analisada sob o viés da Variação Paramétrica, construto teórico preconizado por Kato e Tarallo (2003 [1988]) que concilia pressupostos gerativistas com a sociolinguística variacionista. A busca por respostas em outras bases epistemológicas, especificamente, no funcionalismo de vertente norte-americana, foi motivada pela constatação de que o contexto discursivo desempenha um papel de destaque para a explicação desse objeto em língua espanhola. Além disso, o funcionalismo assume a comunicação humana como central para a explicação da língua e da emergência da gramática a partir da pragmática-discursiva (conforme vimos), ou seja, é por meio das interações comunicativas que as pessoas desenvolvem a linguagem. Nessa direção, o funcionalismo linguístico apresenta a teoria de língua e de gramática adequada para explicar um fenômeno variável como a expressão do sujeito pronominal em espanhol – foco de nosso interesse.

4.7 SÍNTESE

Ao longo deste capítulo, foi possível atestar que o fenômeno da expressão do sujeito pronominal é influenciado por vários fatores, sendo que alguns deles se mostram atuantes em distintas variedades do espanhol e outros se restringem a algumas delas.

No Quadro 5, retomamos as variáveis condicionadoras obtidas nos estudos empíricos resenhados:

Quadro 5 – Variáveis com relevância estatística sobre a expressão do sujeito pronominal em espanhol

	Variáveis
SILVA-CORVALÁN (1982)	Ambiguidade verbal Mudança/manutenção da referência Informação nova/velha
ENRÍQUEZ (1984)	Contraposição Mudança/manutenção da referência Pessoa gramatical Semântica verbal
HURTADO (2001)	Ambiguidade verbal Conectividade discursiva Grupo de geração dos informantes Ocupação Pessoa e especificidade referencial
SOARES DA SILVA (2006)	Condição de referência Desinência número-pessoal Elementos entre o sujeito e o verbo Elementos entre o sintagma complementador e o flexional Faixa etária Forma verbal Função sintática da oração Oração declarativa/interrogativa Pessoa gramatical
OROZCO E GUY (2008)	Conexão referencial Conteúdo léxico do verbo Idade Pessoa e número Tempo/aspecto/modo Tipo de oração
WILDNER (2011)	Condições de referência Elementos entre o sujeito e o verbo Forma de realização do sujeito pronominal Indivíduo Orações simples/compostas

Ainda que o controle das variáveis não tenha sido idêntico, o que nos leva a relativizar as comparações, vemos que algumas delas têm um papel de destaque nesses estudos, dentre as quais se sobressaem: o

próprio pronome sujeito (pessoa, forma de realização do sujeito pronominal) e as condições de referência (manutenção/mudança da referência, conectividade discursiva, conexão referencial, condição de referência). Ademais, alguns estudos também têm sinalizado a influência, ainda que não tão expressiva, de variáveis sociais como idade (faixa etária), ocupação e lugar de nascimento/crescimento (grupo geracional).

Além disso, Torres Cacoullos e Travis (2010) chamam a atenção para outro fator que tem se mostrado relevante para a expressão do sujeito: o gênero⁸⁷. Segundo as autoras, pesquisas recentes têm mostrado que o gênero desempenha um papel importante para a diferenciação das taxas de expressão, uma vez que os sujeitos de primeira pessoa do singular (*yo*), nos estudos analisados, apresentam taxas muito maiores de preenchimento em conversações do que em narrativas pessoais. Isso porque as narrativas pessoais apresentam um alto grau de continuidade do sujeito e as conversações, por sua vez, apresentam menos continuidade do sujeito em decorrências de maior mudança de tópicos.

Conforme vimos em Silva-Corvalán (1982), Hurtado (2001), Soares da Silva (2006), Orozco e Guy (2008) e Wildner (2011), a continuidade referencial/discursiva é um fator altamente favorável a não expressão do sujeito e a descontinuidade, favorável à expressão. Nessa direção, as autoras argumentam que “possíveis divergências de taxas de expressão do sujeito podem ser devidas não a diferenças gramaticais, mas a diferenças na distribuição orientadas pelo gênero⁸⁸” (TORRES CACOULOS; TRAVIS, 2010). Inicialmente havíamos previsto o controle da variável independente *sequência textual/discursiva*, contudo, optamos por não controlá-la, uma vez observado que, no gênero *peças teatrais*, prevalece a sequência discursiva “conversação”.

Com base nos resultados dos estudos resenhados neste capítulo (BENTIVOGLIO; ORTIZ; SILVA CORVALÁN, 2011) e no guia de codificação (ANEXO⁸⁹ A), elencamos os grupos de fatores controlados

⁸⁷ É importante ressaltar que um gênero textual/discursivo pode ser composto de diferentes sequências textuais (TAVARES, 2014).

⁸⁸ No original: *That is, diverging rates of expression may be due not to grammatical differences, but to genre-driven differences in distribution.*

⁸⁹ No anexo A são apresentados somente os grupos de fatores. Para a leitura completa do referido guia, consultar: http://preseea.linguas.net/portals/0/metodologia/guia_codificacion_sujetos_julio_2011.pdf. Acesso em: 25 ago 2017.

neste estudo, cujos aspectos metodológicos são apresentados no capítulo seguinte.

5 COMO SE REALIZOU A PESQUISA? ASPECTOS METODOLÓGICOS

5.1. A QUESTÃO DA VARIÁVEL LINGUÍSTICA

Diferentemente do que realizamos na presente tese, no âmbito da sociolinguística laboviana, o conceito de **variável linguística** requer que os usos tidos *a priori* como categóricos, tanto de sujeito expresso como de ausência de sujeito, sejam excluídos da análise. Nesse sentido, Enríquez (1984), Luján (1999), Hurtado (2001), Silva-Corvalán (2003), Wildner (2011) e o guia de codificação para a variável expressão do sujeito em espanhol (BENTIVOGLIO; ORTIZ; SILVA-CORVALÁN; 2011) sinalizam algumas situações em que o sujeito expresso é apontado como categórico:

- i. Complemento de conjunção: *Mi Hermano y yo vamos a viajar.*
- ii. Respostas a perguntas com o interrogativo “*quién*”⁹⁰: *¿Quién me va a ayudar con eso? Yo te ayudo.*
- iii. Verbos conjugados no modo imperativo, pois a ocorrência de um sujeito explícito nesse contexto é pouco usual, parecendo ocorrer em posição posposta e com função enfática ou contrastiva (uso marcado): *Pues, hazlo, ¡pero hazlo tú!*
- iv. Usos em que o sujeito e o verbo encontram-se separados por uma oração subordinada adjetival explicativa: *Él, que tanto quería ser médico, acabó convirtiéndose en un gran artista.*
- v. Usos enfáticos explícitos com uso de *mismo/misma* ou outro reforço adverbial ou adjetival: *Yo misma hice la torta. Ella sola preparó la comida.*
- vi. Usos contrastivos explícitos e evidentes: *Yo no voy a lavar la loza. Tú lo vas a hacer.*
- vii. Marcadores discursivos ou expressões idiomáticas que não apresentam conteúdo proposicional e que não manifestam variação: *qué sé yo, yo qué sé.* Os casos em que a variação

⁹⁰ Cameron (1992 apud HURTADO, 2001) aponta que é possível ocorrer uma resposta negativa para perguntas desse tipo, caso em que pode haver sujeito implícito: *No sé.* Esse tipo de ocorrência ilustra como são questionáveis alguns dos critérios apontados como categóricos.

é constatada na amostra costumam ser incluídos como variável independente.

Ainda com base nos estudos referenciados anteriormente, casos em que um sujeito expresso não é esperado são:

- viii. Sujeitos cujo referente apresenta o traço [- humano]: *La mesa que compré ha llegado. Pero es demasiado grande.*
- ix. Orações relativas em função de sujeito⁹¹: *Ese es el señor que me vendió la casa.*

Nesta tese, como realizamos um estudo funcionalista, nos interessa analisar tanto quantitativa como qualitativamente o comportamento da expressão do sujeito pronominal. Por essa razão, optamos por controlar os casos citados nas alíneas v, vi e vii, devido a sua estreita relação com o âmbito do discurso; e, também, o modo imperativo (alínea iii), uma vez que, ao transcrever as peças teatrais, observamos um expressivo preenchimento com esse modo verbal em amostras do século XIX.

5.2 COMPOSIÇÃO DO MATERIAL DE ANÁLISE

O *corpus* de análise da presente tese consiste em quatro peças teatrais escritas por autores espanhóis nascidos em Madri (região dialetal de Castela), nos séculos XIX e XX, conforme Quadro 6, que apresenta os autores e respectivas peças teatrais objeto de análise desta tese.

Quadro 6 – Composição da amostra

Autor (nascimento/faletimento)	Peça analisada
Juan Eugenio Hartzenbusch (1806-1880)	<i>La visionaria</i> (1840)
Jacinto Benavente (1866-1954)	<i>El nido ajeno</i> (Estreia: 1894)
Víctor Ruiz Iriarte (1912-1982)	<i>El pobrecito embustero</i> (Estreia: 1953)
Juan Mayorga (1965)	<i>Siete hombres buenos</i> (1989)

⁹¹ Em variedades linguísticas em que existe variação nesse contexto, há autores que optam por incluir esse tipo de dados em suas análises (cf. HURTADO, 2001).

Nos parágrafos seguintes é apresentado um resumo das peças teatrais, de modo a contextualizar os dados analisados, cujos resultados são apresentados no próximo capítulo.

A peça *La visionaria* é uma comédia (em três atos) sobre uma mãe (Doña Crispula) que vive sozinha com a jovem filha (Valentina) em uma casa alugada. As duas recebem frequentemente a visita do sobrinho (Raimundo) do proprietário da casa (Don Leon), sendo aquele considerado um amigo íntimo. Uma das características de Doña Crispula, e o que dá o tom da comédia, é que ela confunde e entende à sua maneira controversa os fatos e o que as pessoas lhe dizem. Ao observar que um moço ficava espreitando a casa delas – pois estava muito interessado em comprá-la para morar com sua esposa –, Doña Crispula pensa que ele está interessado em sua filha, que nega qualquer relação com o dito moço. Certo dia, o homem misterioso (Don Vicente) entra na casa delas e, ao longo do diálogo, Doña Crispula entende que ele está pedindo Valentina em casamento. Ao saber que Don Vicente é primo da madrinha de Valentina (Doña Dolores) e que é um homem de posses, Doña Crispula se anima, pois a casa onde moram de aluguel seria de Valentina e de seu “futuro” esposo. Acontece que Raimundo e Valentina se dão conta de que amam um ao outro e então está feita a confusão.

El nido ajeno, assim como *La visionaria*, também é uma comédia em três atos. A trama gira em torno de dois irmãos (José Luís e Manuel), a esposa de um deles (María) e uma amiga íntima desta (Emília). Manuel é o irmão aventureiro, viajante, solteirão e abastado. José Luís também tem uma posição social elevada, mas quase não desfruta dos benefícios de uma vida avantajada e, conseqüentemente, sua esposa também não. Ele reclama constantemente de má saúde, é rigoroso com os horários das refeições e bastante caseiro. Quando o irmão boa vida vem morar com eles, María vê sua rotina alterada por conta de passeios com o cunhado, presentes caros do cunhado, conversas longas e agradáveis com o cunhado. Logo, José Luis começa a desconfiar de uma possível traição de sua esposa e irmão, e os vizinhos também, o que ficamos sabendo por meio da amiga Emília, que também começa a ficar em dúvida sobre a fidelidade da amiga.

A peça *El pobrecito embustero* também está dividida em três atos. A comédia gira em torno a um professor de história (Lorenzo), de aproximadamente 50 anos, que é frequentemente ridicularizado por suas alunas, por ser tímido, antiquado, aficionado à leitura, impopular. Até mesmo sua esposa (Rosalía) sente vergonha dele e inventa para a irmã (Victoria) que vive na América, e não o conhece, outra versão do

marido. A casa da família é diariamente frequentada por um médico idoso, amigo íntimo da família (Don Julián), para quem Lorenzo conta suas desilusões e angústias. Quando o sobrinho (Pedrín) que mora na América viaja à Espanha para conhecer suas raízes e sua família, a farsa de Rosalía sobre seu marido é descoberta. Decepcionado, Lorenzo inventa que está prestes a morrer, o que o converte na pessoa mais popular e amada da cidade e arredores.

Siete hombres buenos se diferencia em alguns aspectos das peças anteriores. O primeiro deles é que não está dividida em três, senão em um único longo ato. O tom e a temática também a diferencia das outras três. Enquanto aquelas eram comédias, esta se aproxima mais do drama. Como o nome sugere, são sete personagens principais, os quais vivem no exílio após fugirem de uma ditadura em seu país (Rogelio, Nicolás, Dámaso, Pablo, Marcial, Alejo, Julián), no qual os seis primeiros eram autoridades políticas importantes e o último, ainda jovem, filho de um dos companheiros que perdeu a vida na batalha contra o ditador. Mesmo vivendo há anos no novo país, os amigos ainda mantêm a esperança de voltar ao país de origem e retomar o poder usurpado. Tendo esse objetivo em mente, os sete homens supostamente bons realizam encontros escondidos, nos quais tratam sobre planejamento político a ser aplicado após a retomada do poder. No entanto, aspectos de suas vidas atuais ou de seus passados emergem e incitam a desconfiança, a revolta e a discórdia entre eles.

A seleção e coleta da amostra ocorreram em território espanhol no período de estágio sanduíche, durante os meses de setembro de 2015 a fevereiro de 2016⁹². Para a escolha dos sujeitos da pesquisa, no caso os autores das peças, foi feito um estudo sobre autores do teatro espanhol, observando, em suas biografias, se estes haviam passado a infância no mesmo local de nascimento (mais especificamente, na região dialetal de Castela) ou se haviam vivido ou estado longo tempo em outros lugares

⁹² Durante o período de estágio, também foi realizada a coleta de textos das zonas dialetais de Andaluzia e Ilhas Canárias, tendo em vista a divisão dialetal para o castelhano, proposta por Zamora Vicente (1967) e Moreno Fernández (2009; 2010), com o intuito de contribuir para a composição do banco de dados do Projeto CEEMO, não sendo, porém, essas amostras consideradas na presente tese, que se restringe à região dialetal de Castela. Reconhecendo a distância entre escrita e fala, o referido projeto visa coletar e disponibilizar a pesquisadores textos escritos nos quais há preocupação do autor em aproximar-se da fala, tais como: diálogos de narrativas literárias, peças de teatro, poesias populares, diálogos de filmes, gêneros da esfera jornalística, como carta do leitor e editorial, cartas pessoais, entre outros.

(no caso, em outras regiões dialetais da Espanha ou outros países). Também procurei um autor para cada metade de século a ser analisado, isto é, um autor nascido na primeira metade do séc. XX, outro, nascido na segunda metade deste, e assim por diante. Vale destacar que essa tentativa de minimizar as influências sobre o *corpus* (porque não é possível obter um *corpus* totalmente homogêneo) restringiu sobremaneira a quantidade de autores que se “encaixavam” nos critérios de comparabilidade que estabeleci, uma vez que muitos autores haviam estado largos períodos de tempo na infância ou juventude em outros locais, os quais eram descartados. Além disso, busquei informar-me sobre as características do teatro espanhol, seus autores, temas, influências do contexto histórico e político, também com vistas a efetuar a coleta dos materiais. Ainda que se tenha buscado compor um *corpus* o mais homogêneo possível, é preciso reconhecer que, por se tratar de um gênero literário (peças teatrais), o fenômeno investigado pode ser influenciado, de alguma maneira, por questões relativas ao estilo de escrita dos autores. Contudo, recorrer a esse tipo de amostra é uma alternativa válida quando não se tem acesso a dados de oralidade espontânea de sincronias antigas.

A obtenção dos textos foi feita de acordo com as normas das instituições nas quais os escritos estão arquivados (fotografia, escaneamento, fotocópia, etc.). Os materiais coletados compõem o banco de dados do Projeto *Corpus* do Espanhol Escrito com Marcas de Oralidade (CEEMO), coordenado pela Profa. Dra. Leandra Cristina de Oliveira. Um aspecto a destacar a esse respeito é a preocupação dada pelo Governo Espanhol aos direitos autorais. Nesse sentido, é preciso respeitar os prazos e condições de coleta, uso e divulgação dos textos copiados, razão pela qual não podemos disponibilizar os textos integralmente em ambiente público⁹³. No entanto, vários textos antigos já estão disponibilizados na página da *Biblioteca Nacional de España*, o que facilita o trabalho do pesquisador.

Concomitantemente à composição do *corpus*, realizou-se levantamento bibliográfico em território espanhol, sob a coordenação do Prof. Dr. Florentino Paredes García, da Universidade de Alcalá. No âmbito da sociolinguística, o Prof. Paredes García integra a equipe do Projeto PRESEEA – equipe Alcalá de Henares e Madri –, possuindo, assim, experiência em compor *corpora* linguísticos. Durante o período de estágio, procedeu-se a transcrição, análise e codificação dos dados escritos, bem como seu tratamento estatístico, conforme cronograma de

⁹³ Para mais informações, consultar a página: <<http://www.bne.es/es/Inicio/>>.

atividades de estágio. Foram analisadas pelo menos 10.000 palavras para cada metade de século, totalizando, ao menos, 50.000 palavras na amostra, oscilando entre 14.000 a 20.000 em cada peça. A análise quantitativa foi realizada com o auxílio do Programa Goldvarb 2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), o qual permite obter análises de frequência de uso bem como de pesos relativos. A seguir, são apresentadas as variáveis linguísticas controladas.

5.3 VARIÁVEIS CONTROLADAS

A **variável dependente** investigada consiste na representação do sujeito pronominal, cujas variantes são formadas por sujeito expresso *versus* implícito. A escolha das **variáveis independentes**, por sua vez, se inspira no guia de codificação para o estudo do fenômeno da expressão do sujeito pronominal (ver anexo A), elaborado por Bentivoglio, Ortiz e Silva-Corvalán (2011), o qual objetiva viabilizar a comparabilidade entre os estudos realizados acerca desse objeto, comparação esta que atualmente é dificultada devido à diversidade de controles e análises, como aponta Silva-Corvalán (2003).

Como veremos ao longo das próximas seções, nossas variáveis não se restringem ao referido guia, uma vez que nossas questões de pesquisa demandam a inclusão e reformulação de variáveis. Além disso, considerando o olhar funcionalista pretendido nesta tese, incluímos variáveis que consideram a dimensão pragmático-discursiva da linguagem, tendo em vista que

as categorias analíticas relevantes que emergem de uma análise de fala em termos de categorias linguísticas puramente referenciais ou internas não necessariamente serão as mesmas que aquelas que emergem de outros modos funcionais⁹⁴ (ROMAINE, 1984, p. 422).

Nas próximas subseções são apresentadas as variáveis independentes controladas, bem como as hipóteses correspondentes⁹⁵.

⁹⁴ No original: [...] *the relevant analytical categories which emerge from an analysis of speech in terms of purely referential and internal linguistic categories are not necessarily going to be the same as those which emerge from other functional modes* [...].

⁹⁵ Importa esclarecer que as hipóteses levantadas para as variáveis independentes se pautam em estudos realizados sobre a expressão do sujeito

5.3.1 Formas pronominais

Assumindo uma denominação diferente da do guia de codificação (“pessoa do sujeito”) (BENTIVOGLIO; ORTIZ; SILVA-CORVALÁN, 2011) para esta variável, optamos por manter separadas as formas pronominais referentes à segunda pessoa singular e plural formais (*usted* e *ustedes*) e informais (*tú* e *vosotros/as*), com vistas a observar se os referidos pronomes se comportam diferentemente.

Em Enríquez (1984), *usted* e *tú* manifestam comportamento diferente, o primeiro com percentuais de expressão superiores a 70%, e o segundo com percentuais inferiores a 40%. Já em Soares da Silva (2006), na amostra de Madri, os percentuais de preenchimento de *usted* e *ustedes* não são tão altos quanto em Enríquez (1984), pois ficam abaixo de 50%, porém, os pesos relativos corroboram o favorecimento da expressão do sujeito com essas formas. Com base nesses resultados, esperamos que *usted* e *ustedes* sejam contextos favoráveis ao preenchimento, ao menos na amostra mais recente (segunda metade séc. XX). Quanto à forma pronominal “*vosotros*”, espera-se um percentual maior de sujeitos nulos, em direção aos estudos mencionados.

Ainda que estimemos percentuais inferiores a 50%, é esperado que a primeira pessoa do singular (*yo*) seja um contexto favorável à expressão do sujeito – conforme ilustra o excerto em (13) –, na mesma direção que os resultados obtidos em Orozco e Guy (2008) e Wildner (2011).

(13) *Bueno, hombre, eh, yo me siento igual, Ø me siento el mismo, lo que pasa que evidentemente hay un ser, ¿no?, que, que, bueno, del cual te enamoras, ¿no?, porque yo estoy enamorado de, de, de la bebé. Y, eh, como te siente mucha alegría, mucha alegría, mucha ternura, mucho amor, pero al mismo tiempo también se sufre un poquillo, ¿no?. Es como cuando se está enamorado, ¿no?, que te gusta esa sensación, pero también lo pasa mal, ¿no?, es como... una contradicción, ¿no?, duele un poquito, ¿no?, y así es. Yo creo que es por la responsabilidad, un*

pronominal, resenhados no capítulo 4. Como esses são referentes a amostras da segunda metade do século XX, as hipóteses aventadas seriam aplicáveis, a princípio, apenas a amostra da segunda metade do século XX (peça *Siete hombres buenos*). Pelo fato de não encontrarmos estudos empíricos sobre o fenômeno em amostras anteriores a esse período, não dispomos de conjecturas para as sincronias mais antigas (períodos XIX-I, XIX-II e XX-I).

poco de todo. Y luego que sí es cierto que me da mucha energía, y, y me da mucha alegría para yo venir a trabajar, ¿no? (Cantor espanhol David Bisbal, corpus WILDNER, 2011)

Por outro lado, esperamos que a primeira pessoa do plural manifeste comportamento oposto ao da primeira pessoa do singular (14), com base em estudos de diferentes variedades do espanhol (HURTADO, 2001; OROZCO; GUY, 2008; WILDNER, 2011), o que pode ser decorrente de fatores prosódicos (saliência fônica), pelo fato de esta forma pronominal ter três sílabas (*nosotros*) e a maioria de suas formas verbais também (ex.: *tenemos, vivimos, desejaríamos*).

(14) *Sí, Ø estamos trabajando en el repertorio desde febrero, prácticamente todo el año del 2008, y he hecho cosas puntuales también, oye, también hice lo de Rihanna, también he hecho “juro que te amo”, con la novela en México, he hecho cosas puntuales pero importantes. Y, pero al mismo tiempo he estado, eh, preparando, pues, el cuarto disco que viene. Si Dios quiere, Ø logramos finales de este año, que ya queda muy poquito para cerrar el repertorio y, a principio del año Ø estaremos ya en todos los países, sabe que, vendré aquí a compartir con todos vosotros.* (Cantor espanhol David Bisbal, corpus WILDNER, 2011)

O não favorecimento do preenchimento com *nosotros* também poderia ser decorrente do fato de que as formas verbais correspondentes sempre dispõem de desinência distintiva (em todos os tempos verbais). Por outro lado, Orozco e Guy (2008) notam que alguns tempos verbais distintivos (mesma observação levantada por Enríquez, 1984), especificamente o presente e pretérito do indicativo, têm o mesmo comportamento que alguns tempos verbais não distintivos (pretérito imperfeito do indicativo e presente do subjuntivo); argumento esse que respalda a hipótese do efeito prosódico sobre a primeira pessoa do plural (*nosotros*) e não a presença da desinência distintiva. Ademais, a terceira pessoa do plural (*ellos, ellas*), na qual há compartilhamento de suas desinências com “*ustedes*”, também mostra amplo favorecimento do apagamento do sujeito pronominal (15) conforme Wildner (2011), comportamento este que esperamos encontrar.

(15) Entrevistador: *¿Qué es lo más bonito que te ha dicho, no sólo ya, pues, un niño discapacitado, o un adulto discapacitado, sino un familiar, un profesional que está llegando?* / Malú: *Yo creo que lo mejor*

es cuando Ø te dan las gracias. / Entrevistador: Gracias de corazón. / Malú: Cuando Ø le dan las gracias, cuando Ø te miran. Es, es que no es lo que Ø te dicen, es la mirada. (Cantora española Malú, corpus WILDNER, 2011)

Quadro 7 – variável formas pronominais

Pessoa do discurso	Forma pronominal
Primeira pessoa do singular	Yo
Primeira pessoa do plural	Nosotros(as)
Segunda pessoa do singular informal	Tú
Segunda pessoa do singular formal	Usted
Segunda pessoa do plural informal	Vosotros(as)
Segunda pessoa do plural formal	Ustedes
Terceira pessoa do singular feminino	Ella
Terceira pessoa do singular masculino	Él
Terceira pessoa do plural feminino	Ellas
Terceira pessoa do plural masculino	Ellos
Pronome indeterminado	Uno(a)

Quanto à terceira pessoa do singular (*él, ella*), esperamos um favorecimento da omissão do sujeito, com base nos resultados, para a variedade madrilena, obtidos por Enríquez (1984) e Soares da Silva (2006).

No que concerne ao pronome “*uno(a)*”, seu controle é previsto no guia de codificação. Com base em Hurtado (2001), esse talvez seja um contexto favorável à expressão do sujeito, uma vez que, para identificar as ocorrências dessa forma pronominal, é necessário que esta ocorra explicitamente em algum momento da enunciação, conforme ilustra o fragmento extraído de Hurtado (2001):

(16) AM: *...no hablamos bien, así no se habla bien ni inglés ni español, yo pienso que si uno va a hablar en inglés Ø hable inglés sólamente y si Ø va a hablar en español, Ø hable español solamente.* (HURTADO, 2001, p. 112)

5.3.2 Especificidade do sujeito

Ainda que reconheçamos a complexidade dessa variável, dado que diferentes valores semânticos e expressivos (indeterminação, generalização, acobertamento do “eu”, etc.) podem ser depreendidos das

formas pronominais, adotaremos, para a análise da especificidade do sujeito, a classificação proposta pelo guia de codificação, que distingue sujeitos “específicos” de “não específicos”. Mesmo estando incluídos no escopo de referência “não específica”, não controlaremos os usos de “se” impessoal e da desinência de terceira pessoa do plural como estratégia de indeterminação do sujeito (contextos categóricos de omissão, cf. vimos no início deste capítulo), haja vista que, até mesmo no português do Brasil, língua em que o sujeito é predominantemente expresso atualmente (DUARTE, 1995; PAREDES SILVA, 2003), essas estratégias ainda são usadas com sujeito implícito.

Para o controle dessa variável, pautamo-nos em Enríquez (1984), quem, ao abordar o termo “pessoa”, chama a atenção para a necessidade de diferenciação entre os planos conceitual e gramatical (função x forma)⁹⁶. A respeito do plano gramatical, a categoria abstrata “pessoa” pode se atualizar na língua de diferentes formas, entre elas, por meio de pronomes e verbos, sendo que, essa atualização varia entre as línguas. A autora argumenta que a história do termo gramatical “pessoa” – utilizado pelos gramáticos gregos para designar aos participantes do discurso: pessoa que fala (1ª pessoa), a quem se fala (2ª pessoa) e de quem se fala (3ª pessoa, também adotada para referir-se a “do que se fala”) –, somada a seu novo valor semântico (“indivíduo”, “ser humano”), parece ser responsável por uma “confusão entre os planos conceitual (ser humano) e fático (pronomes e verbos)⁹⁷” (ENRÍQUEZ, 1984, p. 29).

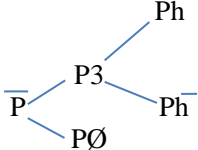
Nesse sentido, Benveniste (1945 apud ENRÍQUEZ, 1984, p. 36; 1991) se refere à 3ª pessoa como “não-pessoa” – ainda que a 3ª pessoa **gramatical** também recubra referentes humanos e determinados – pelo fato de essa poder referir-se a expressões impessoais e, também, porque há línguas nas quais não existem pronomes ou desinências específicos para a 3ª pessoa. Segundo Enríquez (1984, p. 33), o ato comunicativo

⁹⁶ A respeito dessa diferenciação, Enríquez (1984, p. 31) argumenta: “[...] parece, pues, necesario que el estudio de la persona se determine, al menos, en dos niveles diferentes: el nivel conceptual, abstracto, y el nivel gramatical, que supone la proyección del anterior y su actualización en la lengua”.

⁹⁷ No original: *La confusión entre los planos conceptual (persona) y fático (pronombres y verbos) parece que se debe a la propia historia del término persona y a su utilización en las gramáticas clásicas. Efectivamente, el uso de este término en gramática proviene, como es sabido, de los gramáticos griegos, que lo incorporaron para estructurar el discurso en relación con los participantes de éste.*

tem sido descrito a partir de duas perspectivas: uma na qual o “eu” se opõe ao “não eu” (1ª x 2ª e 3ª), e outra na qual o “falante” e o “ouvinte” (tidos como participantes do ato comunicativo) se opõem a um elemento não participante (1ª e 2ª x 3ª). Quanto às formas plurais, estas são consideradas derivadas das formas básicas (1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular). Para os propósitos de descrição da variável “especificidade do sujeito”, trazemos um esquema do sistema de pessoa, de Schmidely (1979 apud ENRÍQUEZ, 1984), apresentado pela autora.

Quadro 8 – Esquema do sistema de pessoa de Schmidely (1979)

PESSOAS		
BÁSICAS	ASSOCIAÇÕES	
	HOMOGÊNEAS	HETEROGÊNEAS
P1	$P1 + P1 + P1 = n P1$	$P1 + n P2 + n P3h$ $P1 + n P2$ $P1 + n P3$
P2	$P2 + P2 + P2 = n P2$	$P2 + n P3h$
	$P3 + P3 + P3 = n P3$	

Fonte: Traduzido de Enríquez (1984, p. 55)

De acordo com o sistema proposto e esquematizado no Quadro 8, as pessoas básicas referem-se às pessoas do singular: 1ª (P1, falante), 2ª (P2, ouvinte) e 3ª (P), sendo que esta última apresenta características complexas, podendo exprimir a pessoa de quem (P3h, humano) ou algo de que (P3h̄, não humano) se fala, por exemplo⁹⁸. As pessoas do plural, por sua vez, compõem-se a partir de “associações” entre as três pessoas básicas, podendo ser “homogêneas”, quando reúnem somente elementos da mesma natureza pessoal, e “heterogêneas”, quando incluem elementos de natureza pessoal distinta. No caso da 1ª pessoa do plural “homogênea”, esta é tida como um “nós” (*nosotros*, em espanhol) coletivo, enquanto a “heterogênea” pode incluir, além do próprio falante (P1), a segunda pessoa (singular ou plural, como é possível deprender

⁹⁸ Quanto a PØ, não foi possível deprender seu significado do texto.

“n”) e a terceira pessoa (singular ou plural, + humano). Semelhante raciocínio é aplicável à 2ª pessoa do plural. Já a 3ª pessoa plural não permite possibilidades combinatórias com o ouvinte e/ou falante, exprimindo somente associações “homogêneas” (como, por exemplo: ele(a) 1 + ele(a) 2 = ele(a)s). Nessa perspectiva, as formas pronominais “nós” e “vocês” podem apresentar os seguintes valores expressivos, com base em distintas associações heterogêneas:

- Nós = eu, você e ele(a) / eu, vocês e eles(as) / eu, vocês e ele(a) / eu e você / eu e eles(as) / eu e vocês / eu e ele(a), etc.
- Vocês = você e ele(a) / você e eles(as).

Como é possível observar no Quadro 8, muitas são as possibilidades associativas a partir das formas básicas, resultando em diferentes valores semânticos. Com base nesse esquema de pessoa, faremos a codificação dos sujeitos “específicos”, os quais pressupõem uma **referência direta** aos participantes do ato comunicativo – falante (17) e ouvinte (18) – ou a uma terceira pessoa não participante (19), mas necessariamente humana e determinada (exemplo: *Juan, María, mis hermanos*, etc.), tanto manifestado através das pessoas básicas (singular) como das associações (plural). Também são considerados “específicos” os sujeitos referidos a um grupo de pessoas identificado e determinado (ex.: *los empleados de la empresa x*).

(17) *Ø Cogía la guitarra de vez en cuando y al principio, pues, Ø musicaba algunos de, de mis poemas, unas cositas que Ø escribía y luego Ø ya me puse, como a los dieciséis, diecisiete, Ø ya me puse como a hacer canciones en inglés, y tal [...].* (Cantora espanhola Lourdes Hernandez, *corpus WILDNER*, 2011).

(18) *Venga, vale, porque, yo no tengo secreto y, la verdad que no considero tampoco, pero, pero, pero tú estás muy guapa* [risos]. (Cantor espanhol David Bisbal, *corpus WILDNER*, 2011)

(19) *Mi hija es la princesa de mi vida. Ella vino a darme la oportunidad de salir de, de una vida, yo, yo la llamaría un tanto estéril, por llamarlo de algún modo, ¿no?, una vida donde, donde todo giraba alrededor de mis proyectos, de mis cosas [...].* (Cantora mexicana Thalía, *corpus WILDNER*, 2011)

Por outro lado, os sujeitos “não específicos” são identificados com base no que Enríquez (1984, p. 55) trata como “interferências” entre os planos conceitual e gramatical. “Interferência pessoal” ocorre quando se utiliza um elemento pessoal (gramatical) para se referir a outra pessoa conceitual que não lhe corresponde, com as mais distintas finalidades discursivas. Dentre os significados expressos através dessa estratégia comunicativa incluem-se a **indeterminação** e **generalização** da referência. Alguns exemplos de “interferência pessoal” são o plural majestático ou de modéstia (a 1ª pessoa do plural *nós* em referência à 1ª pessoa do singular *eu*); o “*tú*” generalizador (20) e o “*uno(a)*” (indeterminado) (21). Contudo, para a análise dessa variável não consideraremos os plurais majestático e de modéstia, devido à dificuldade (ou impossibilidade) de sua identificação decorrente da falta de elementos contextuais – exceto casos explícitos, os quais são controlados como “não específicos” – e, também, por considerarmos que, pelo fato de o referente de primeira pessoa do singular (*eu*) estar incluído nesses casos, a referência passa a ser mais específica, isto é, nem totalmente específica, nem completamente não específica.

(20) *Entrevistador: [...] ¿Cómo definirías “beautiful”? Dulce María: Belleza. Yo creo que es la belleza y que no solamente está por fuera sino, yo creo que, eh, la, la belleza que realmente permanece es la que, muchas veces nadie se fija, es la, la belleza interior, lo que Ø tienes, lo que Ø sientes, lo que Ø eres, lo que Ø das, lo que Ø piensas. Yo creo que eso hay que también cuidarlo muchísimo porque es bien fácil, ahí también está bien fácil ser bonito por fuera, ¿no?. No más, Ø te operas si esto no está padre. Mejor hay que, no sé, ser bellos por dentro y, y cuidar también lo que, lo que, nuestro espíritu.* (Cantora mexicana Dulce María, *corpus WILDNER*, 2011)

(21) [...] *De verdad, muchas gracias, haber estado aquí contigo también me fue un placer, cuando la entrevista sale así natural, y uno habla como si no fuera una entrevista, realmente se le, se hace mucho más placentero, te agradezco por, por estar tan bien informada, ¿no? [...].* (Cantor argentino Diego Torres, *corpus WILDNER*, 2011)

Ainda que não previsto no guia de codificação, optamos por incluir um fator para o controle dos sujeitos **coletivos** de caráter humano (22) – ex.: *la gente, la familia, el gobierno* – devido a seu comportamento particular que dificulta identificá-los como “específicos” ou “não específicos”. Esse controle separado também

permitirá comparar nossos resultados com os valores obtidos em Enríquez (1984), observando, assim, se houve aumento em direção a um maior preenchimento. Com base em Enríquez (1984), que obteve percentuais abaixo de 5% para os sujeitos coletivos, esperamos um elevado percentual de sujeito implícito nesse contexto.

(22) [...] y *la juventud se rebela, evidentemente; Ø se rebela porque no es verdad lo que se les están diciendo: ni es verdad lo que se les dice de un lado, ni es verdad lo que se les dice del otro, y él lo contempla y Ø lo ve, y Ø lo ve.* (ENRÍQUEZ, 1984, p. 144)

Não foram considerados na análise desta variável os casos em que os marcadores discursivos que não aludem a pessoas, mas sim a situações, emoções, etc., como, por exemplo, as palavras *¡Oiga!* (expressão de estranheza, surpresa, admiração, desgosto), *¡Digo!* (expressão de surpresa, assombro, afirmação), *¡Anda!* (expressão de admiração, surpresa). Por outra parte, os marcadores discursivos que aludem a pessoas foram incluídos na análise, quer sejam específicos – *oye, oiga* (para estabelecer contato, chamar a atenção do interlocutor, iniciar um turno de fala), *anda, ande* (expressão para incitar ou animar a fazer algo) – ou não específicos – *vamos* (expressão que se usa para animar, exortar, ordenar), *digamos* (expressão equivalente a “*por decirlo así*”).

Ao controlar a especificidade referencial, juntamente com a pessoa, Hurtado (2001) diferencia os casos específicos e não específicos de “*tú*” e “*usted*”, não controlando separadamente, na primeira pessoa do plural, os casos de plural com **sentido genérico**, ainda que reconheça que a forma pronominal *nosotros* apresente esse significado nos dados em negrito em (23). Em nossa análise, as ocorrências evidentes de *nosotros* com sentido genérico são consideradas “não específicas”.

(23) *F: es que ese es el problema, es una persona totalmente militar, con ambiciones como todo individuo que llega a la presidencia y... pero la mayoría, no ve que los políticos todos empiezan la mayoría empiezan la carrera así, por el pueblo y para el pueblo, pero una vez Ø probamos la gloria, Ø ya **somo** ricos, ya uno no lo quiere dejar, una vez que usted está allá arriba tiene que tomar decisiones, o Ø está allá o Ø está aquí, Ø no puede estar con los dos. (HURTADO, 2001, p. 153-154)*

Quanto aos resultados obtidos por Hurtado (2001) a respeito da especificidade referencial, cabe destacar que *tú* e *usted* com referência

não específica apresentaram percentuais de preenchimento e pesos relativos maiores quando comparados às formas com referentes específicos. O pronome *uno*, na mesma direção que “*tú*” e “*usted*” não específicos, favoreceu amplamente o preenchimento. Já em Enríquez (1984), o *tú genérico* (não específico) apresentou frequência de uso bem menor que o *tú* referido diretamente ao ouvinte (específico); e *usted genérico* apresentou percentuais mais elevados que *usted* (ambos com altos valores de preenchimento), não aparentando, assim, ser a especificidade um fator determinante para o fenômeno na variedade espanhola, ao contrário da variedade colombiana, na qual se mostra uma variável influente.

Dessa forma, com base em Enríquez (1984) e Hurtado (2001), não esperamos uma diferença muito acentuada entre sujeitos “não específicos” e “específicos”, dado que, por um lado, o “*uno*” parece ser favorável ao preenchimento (cf. HURTADO, 2001), mas, por outro lado, tanto o “*tú*” genérico quanto o *tú* referido diretamente ao ouvinte, na variedade madrilena, obtiveram índices elevados de sujeito implícito (cf. ENRÍQUEZ, 1984).

Quadro 9 – variável especificidade do sujeito

Referência a pessoas determinadas	Específico
Referência genérica e indeterminada	Não específico
Referência coletiva	Coletivo

5.3.3 Modo verbal

O controle dessa variável é realizado por estar indicado no guia de codificação, porém, acreditamos que o modo não seja relevante pelo fato de que, em Orozco e Guy (2008), tanto tempos no modo subjuntivo como no indicativo apresentaram tendências similares, o que fornece indícios de que o modo não deva ser um fator desencadeador do preenchimento. Ademais, Enríquez (1984) também não constata nenhum indício que possibilite relacionar o modo à expressão do sujeito. Optamos por manter essa e outras variáveis apontadas no guia de codificação com o intuito de possibilitar a comparabilidade, conforme já comentamos.

Por outro lado, ainda que outros estudos não controlem o modo “imperativo”, optamos pelo seu controle ao notar, na transcrição dos textos diacrônicos, que havia muita expressão do sujeito com esse modo

em peças do século XIX, especialmente com a forma “*usted*”. Acreditamos que sua presença em posição posposta ao verbo fosse e ainda seja uma estratégia discursiva para expressar ênfase e/ou cortesia. Em Hurtado (2001), há predominância da omissão do sujeito nesse contexto: de 90 ocorrências no imperativo, apenas cinco apresentaram sujeito explícito (6% de expressão e peso relativo de 0,06), não sendo possível analisá-las por não terem sido apresentadas pela autora. Quanto ao “indicativo”, este apresentou valor medial (51% de preenchimento e peso relativo de 0,51), enquanto o “subjuntivo” favoreceu ligeiramente a omissão do sujeito (37% de presença pronominal e peso de 0,36), em Hurtado (2001).

Quadro 9 – variável modo

Modo	Indicativo
	Subjuntivo
	Imperativo

Os excertos a seguir ilustram os modos subjuntivo (24), indicativo (25) e imperativo (26).

(24) [...] *Y creo que esto es lindo porque es algo con lo que yo voy a ir también en mi vida el día en que yo **tenga** hijos, a enseñarles a mis hijos a que ellos, si tienen algo, es de ellos, y sobre todo enseñarles a ahorrar, a cuidar lo que es suyo, a que \emptyset **sepan** que en cualquier momento la vida te puede cambiar, y que no por ser niño, pues, \emptyset **nos seamos** desde chiquitos responsables a cuidar nuestras cosas.* (Cantora mexicana Anahí, corpus WILDNER, 2011)

(25) *Treinta, pero bueno, \emptyset **siempre he tenido** problema ahí en la, en la discoteca, cuando \emptyset **era** así más pibe y eso y tal y \emptyset **iba** para, para la discoteca, como \emptyset **no llevaba**, llevaba la ID, no me dejaban entrar.* (Cantor espanhol David Bisbal, corpus WILDNER, 2011)

(26) VALENTINA. *¿Quién había de creer que tuviese usted esos ánimos? **Diga usted, diga usted.*** (Peça teatral *La visionaria* – 1840)

5.3.4 Tempo verbal

Diferentemente do sugerido pelo guia de codificação, controlamos os tempos verbais separadamente, diferenciando-os por

modo (indicativo e subjuntivo) e entre simples e compostos⁹⁹. O Quadro 10 apresenta os fatores controlados:

Quadro 10 – variável tempo verbal

Tempo verbal
<i>Presente indicativo (amo)</i>
<i>Presente subjuntivo(ame)</i>
<i>Pretérito perfecto simple indicativo (amé)</i>
<i>Pretérito perfecto compuesto indicativo (he amado)</i>
<i>Pretérito perfecto subjuntivo (haya amado)</i>
<i>Pretérito imperfecto indicativo (amaba)</i>
<i>Pretérito imperfecto subjuntivo (amase/amara)</i>
<i>Pretérito pluscuamperfecto indicativo (había amado)</i>
<i>Pretérito pluscuamperfecto subjuntivo (hubiese/hubiera amado)</i>
<i>Futuro imperfecto indicativo (amaré)</i>
<i>Futuro perfecto indicativo (habré amado)</i>
<i>Futuro perifrástico indicativo (voy a amar)</i>
<i>Condicional¹⁰⁰(amaría)</i>
<i>Condicional perfecto(habría amado)</i>

No que tange ao tempo verbal, espera-se um maior preenchimento do sujeito no presente, uma vez que, em Orozco e Guy (2008), esse fenômeno é observável tanto no presente do indicativo quanto no presente do subjuntivo. Enríquez (1984), por outro lado, não encontrou diferenças significativas entre os tempos verbais, sendo que o condicional (o qual denomina “futuro hipotético”) apresentou as

⁹⁹ Alguns tempos verbais pouco usuais, como o *futuro de subjuntivo (amare)*, o *futuro perfecto de subjuntivo (hubiere amado)* e o *pretérito anterior (hube amado)*, por exemplo, não são considerados nesta variável.

¹⁰⁰ No que diz respeito ao “*condicional*” – conhecido por outras denominações como “*futuro hipotético*” e “*potencial*” –, este, geralmente, é tido como pertencente ao modo “indicativo”. Optamos por não indicar o modo no Quadro 10, uma vez que há casos em que o condicional apresenta valores mais aproximados do modo “subjuntivo”, como em: *Si tuviera dinero, viajaría el mundo* (a ação de “*viajar*” não aconteceu). Por outro lado, há casos em que o condicional apresenta valor de modo indicativo, como em: *Si me hubieras dicho que llegaría hoy, saldría más temprano del trabajo* (a ação de “*llegar*” aconteceu). Além disso, o condicional também é bastante utilizado em fórmulas de cortesia, como em “*podrías ayudarme?*”, demonstrando ser um tempo verbal multifuncional.

frequências mais elevadas e o futuro e o pretérito indefinido, os números mais reduzidos. Já em Orozco e Guy (2008), o pretérito do indicativo, ao contrário de Enríquez (1984), favorece o preenchimento, e tanto o futuro sintético – consoante aos resultados de Enríquez – quanto o analítico apresentam os menores percentuais de preenchimento e desfavorecimento da presença pronominal. Na mesma direção que Enríquez (1984), em Wildner (2011), a variável “tempo verbal” não foi selecionada como significativa pelo programa Goldvarb na amostra espanhola, razão pela qual acreditamos que o tempo verbal não seja selecionado em nossa análise.

5.3.5 Progressividade

Progressividade, variável prevista no guia de codificação, não tem sido apontada por estudos empíricos como relevante para o fenômeno, comportamento que esperamos encontrar.

Quadro 11 – variável progressividade

Progressividade	Progressivo
	Não progressivo

Os exemplos (27) e (28) são extraídos do guia de codificação (BENTIVOGLIO; ORTIZ; SILVA-CORVALÁN, 2011, p. 3):

(27) *Pedro está leyendo/acabando de leer el diario.* (progressivo)

(28) *Pedro lee/acaba de leer el diario.* (não progressivo)

Nessa variável, controlamos como “progressivos” os casos em que o verbo no gerúndio ocorre acompanhado do verbo “estar” ou outros verbos, em construções nas quais o sentido de progressividade esteja presente, independentemente do tempo verbal, conforme ilustram os excertos em (29) e (30):

(29) *sí: ha estado yendo hace dos años/ pero nada/ un mes y en un mes no haces nada// tienes que tirarte un año por lo menos///* (1H1, corpus PRESEEA, Alcalá de Henares)

(30) [...] *y el chico pues ya pasa a su casa de: hace tiempo:/ conoce a su madre/ y me ha dicho a mí el chaval dice:-/ dice «yo lo- los años que*

llevo pasando a: su casa»/ dice «con su padre nunca he tenido (risa = 1)/confianza» (risa = 1)» (1H1, corpus PRESEEA, Alcalá de Henares)

5.3.6 Forma verbal

Nessa variável, analisamos se há diferenças no preenchimento do sujeito entre formas verbais simples e compostas. Ainda que no guia de codificação¹⁰¹ as formas perifrásticas não recebam um tratamento diferenciado, optamos por analisá-las separadamente das formas verbais simples e compostas a fim de testar a hipótese de que as formas verbais compostas (tempos verbais compostos e perífrases) são um contexto mais favorável a não expressão do sujeito do que as formas verbais simples.

Quadro 12 – Formas verbais simples e compostas

(continua)

Tipo de forma verbal	Tempos verbais correspondentes
Formas verbais simples	<i>Presente de indicativo (estudio)</i> <i>Pretérito perfecto simple (estudié)</i> <i>Pretérito imperfecto de indicativo (estudiaba)</i> <i>Condicional/potencial (estudiaría)</i> <i>Presente de subjuntivo (estudie)</i> <i>Pretérito imperfecto de subjuntivo (estudiase/estudiara)</i> <i>Futuro de indicativo (estudiaré)</i>
Formas verbais compostas	<i>Pretérito perfecto compuesto (he estudiado)</i> <i>Pretérito pluscuamperfecto de indicativo (había estudiado)</i> <i>Futuro perfecto de indicativo (habré estudiado)</i> <i>Pretérito perfecto de subjuntivo (haya estudiado)</i> <i>Pluscuamperfecto de subjuntivo (hubiera/hubiese estudiado)</i>

¹⁰¹ O guia de codificação prevê o controle da variável “perfectividade”, incluindo como fatores os tempos verbais simples (*vino/quiso venir*) e compostos (*ha venido / ha querido/podido venir*). Nesta tese, porém, a fim de evitar complicações decorrentes da multifuncionalidade de tempos verbais como o pretérito perfeito composto (com base em OLIVEIRA, 2010), optamos por considerar a **forma** verbal e não seu **aspecto**.

Tipo de forma verbal	Tempos verbais correspondentes
Perífrase modal/aspectual	<i>Necesito estudiar</i> <i>Debo estudiar</i> <i>Puedo estudiar</i> <i>Empiezo a estudiar</i> <i>Habrá empezado a estudiar</i> <i>Terminé de estudiar</i> <i>Está estudiando</i> <i>Ha estado estudiando</i> <i>Etc.</i>
Perífrase de futuro	<i>Ir + a + verbo no infinitivo (voy a estudiar)</i>

No que tange às formas verbais simples e compostas, Enríquez (1984) não encontrou resultados relevantes a esse respeito. Por outro lado, é possível que as formas verbais simples favoreçam a expressão e as demais, a não expressão do sujeito, tendo em vista os resultados obtidos por Wildner (2011) para a variável “formas verbais simples e compostas”, na amostra espanhola.

5.3.7 Ambiguidade

Algumas formas verbais em determinados tempos são morfologicamente idênticas na primeira (*yo*) e na terceira pessoa do singular (*él/ella*) (cf. Quadro 13), fenômeno denominado “ambiguidade morfológica” em Hurtado (2001) e no guia de codificação, porém, considerado, por nós, como “homonímia” (relacionada à **forma**), uma vez que, em vários casos, o uso dessas formas não implica “ambiguidade” (relacionada ao **significado**). Com relação aos pronomes “*usted*” e “*ustedes*” – formas de tratamento formal no território peninsular –, estas compartilham as formas verbais de terceira pessoa singular e plural, respectivamente, em todos os tempos verbais, o que Hurtado (2001) denomina “ambiguidade permanente”. Ainda que o guia de codificação não inclua essas formas no controle da variável “ambiguidade”, consideramos necessário analisá-las com vistas a obtermos uma compreensão mais ampla sobre a relevância ou não da ambiguidade para a expressão do sujeito pronominal. Assim, do mesmo modo que os outros casos de homonímia, os usos referidos a esses

pronomes são analisados quanto à presença ou ausência de ambiguidade.

Quadro 13 – Tempos verbais que apresentam homonímia entre 1ª e 3ª pessoa singular

Tempo verbal	Exemplos
Pretérito imperfecto (ind.)	Cantaba/comía/salía
Condicional (ind.)	Cantaría/comería/saldría
Pluscuamperfecto (ind.)	Había cantado/comido/salido
Presente (subj.)	Cante/coma/salga
Pretérito imperfecto (subj.)	Cantara(se)/comiera(se)/saliera(se)
Condicional perfecto (subj.)	Habría cantado/comido/salido
Pluscuamperfecto (subj.)	Hubiera(se) cantado/comido/salido
Pretérito perfecto (subj.)	Haya cantado/comido/salido

Com vistas a verificar a influência do contexto discursivo/textual sobre essa variável, controlaremos separadamente os casos de homonímia em que o contexto – sintático e/ou discursivo (31 a 34) – evita uma possível ambiguidade e aqueles em que a homonímia gera ambiguidade, levando, provavelmente, à expressão do sujeito para resolvê-la (35).

(31) Entrevistador: *¿Por qué motivo te has alejado? / Laura Miller: Me había alejado porque.. / Entrevistador: *Para experimentar, ¿no? / Laura: No, no, no. Realmente para ser te honesta, me había alejado porque **estaba** un poquito decepcionada, de, de un montón de cosas, de circunstancias.* (Cantora argentina Laura Miller, *corpus WILDNER*, 2011) – referente identificado pelo contexto sintático e discursivo antes do verbo em análise.*

(32) *Treinta, pero bueno, siempre he tenido problema ahí en la, en la discoteca, cuando **era** así más pibe y eso y tal y **iba** para, para la discoteca, como no **llevaba**, llevaba la ID, no me dejaban entrar.* (Cantor espanhol David Bisbal, *corpus WILDNER*, 2011) – referente identificado pelo contexto sintático e discursivo antes do verbo em análise.

(33) *Me quedé a dormir en tu casa y a la mañana siguiente tenía la cara deformada completamente, y Paula matándose de risa porque **yo tenía** que irme a casa andando con el flemón por la calle.* (Cantora espanhola

Marta Sánchez, *corpus WILDNER*, 2011) – referente identificado antes do verbo por meio da expressão do sujeito.

(34) Entrevistador: *¿el coche?//* Entrevistado: *el coche: o sea el motor y las ruedas// y: date con un canto en los dientes// o sea no te: regalan nada// no tiene aire acondicionado ni:- ni nada// o sea en el otro pues ya era pues con su:-/ su aire acondicionado/ su:- toda su historia su radiocasete// pues lo normal en un coche/ joder pero (puf)// le subía eso:// cantidad/ además que me encantaba ese coche (lapso = 2) o sea es el que **tenía yo** metido en la cabeza (risa = 1) pero se me quitó de la cabeza// vamos// (1H1, *Corpus PRESEEA*, Alcalá de Henares) – referente identificado pelo contexto sintático e discursivo após o verbo.*

(35) Entrevistador: *¡ah pero tiene libros publica:dos!* Entrevistada: *tengo un libro editado sí// que se llama:// es a la:-/ a la Virgen// cuando:/ iba a nacer Jesús// y:-/ y a mí me contó esto// una madre que iba a tener/ un niño cuando **estaba yo** en la:-/ en la biblioteca// cómo:- / cómo late el corazón del niño// con el corazón de la madre// y:// decía yo «con hilos de sangre virgen// se está tejiendo una vida [...]» (1M1, *Corpus PRESEEA*, Alcalá de Henares) – referente identificado somente por meio da expressão do sujeito.*

Em (31), não há ambiguidade – ainda que a forma verbal “*había*” possa ser associada a outros referentes, cf. Quadro 13 –, uma vez que a pergunta dirigida à entrevistada (Laura Miller) já aclara o referente em “*me había alejado*”, juntamente com o pronome reflexivo “*me*”, em posição proclítica. Semelhantemente, em (32), uma possível ambiguidade decorrente das formas verbais “*era*”, “*iba*” e “*llevaba*” – “morfologicamente ambíguas”, de acordo com Hurtado (2001) e o guia de codificação – é facilmente descartada uma vez que há manutenção do tópico discursivo e frasal (*yo*), iniciado em “*he tenido problemas*”, não havendo outros possíveis referentes concorrentes.

Já em (33), estamos diante de um contexto ambíguo, pois a forma verbal “*tenía*” poderia referir-se tanto a Paula (*ella tenía*) quanto à própria entrevistada, Marta (*yo tenía*). Nesse caso, a ambiguidade foi resolvida através da explicitação do referente por meio do sujeito pronominal (*yo*), porém, casos como esse são considerados separadamente dos casos “ambíguos”, uma vez que, ainda que o sujeito “*yo*” não tivesse sido explicitado, a ambiguidade teria sido resolvida na oração seguinte “*que irme [...]*”, através do pronome reflexivo “*me*”. Já em (34), a possível ambiguidade entre “*coche*” e “*yo*” é resolvida após a

explicitação do verbo “*tenía*” com a expressão do sujeito. De forma semelhante a (33), casos como esse não são considerados ambíguos uma vez que o contexto seguinte ao verbo aclara o referente: no caso, um carro não tem cabeça, logo, não poderia ser o referente da oração “*tenía metido en la cabeza*”, ainda que o sujeito “*yo*” não tivesse sido explicitado.

Por outro lado, em (35), se não houvesse a explicitação do sujeito na oração “*cuando estaba yo en la biblioteca*”, o referente inferido seria “*una madre*” uma vez que este era o tópico discursivo naquele momento e as orações seguintes não fornecem informações para a resolução da ambiguidade referencial em questão. É importante observar que a oração “*decía yo*” não está destacada, pois, nesse caso, o referente é inferido do discurso pelo poema que se segue, ao qual a entrevistada havia se referido anteriormente e que já se sabia ser de sua autoria. Dessa forma, para a análise desta variável são considerados os seguintes fatores, apresentados no Quadro 14:

Quadro 14 – variável ambiguidade

Ambiguidade	Forma verbal exclusiva
	Referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo em análise
	Referente identificado por meio da expressão do sujeito antes do verbo
	Referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático após o verbo em análise
	Referente identificado somente por meio da expressão do sujeito ou não identificado

Como já comentado no capítulo 4, essa variável manifesta-se diferentemente em distintas variedades e estudos. Em Hurtado (2001), as formas verbais consideradas “morfologicamente ambíguas” favorecem o preenchimento, enquanto as formas com ambiguidade resolvida pelo contexto e as formas não ambíguas favorecem a ausência pronominal. Já em Enríquez (1984), a ambiguidade não mostrou nenhuma relevância para o fenômeno, sendo que alguns tempos verbais distintos (isto é, que apresentam forma verbal exclusiva para *yo*, *tú*, *el/ella*, *nosotros*, *vosotros*, *ellos/ellas*) manifestaram mais presença que

tempos verbais não distintos. Por outra parte, é possível que o controle mais refinado da ambiguidade, como o que fazemos na presente tese, considerando as formas verbais individualmente e não o tempo verbal, somado ao controle do contexto discursivo e sintático, possa apresentar resultados diferentes, em direção aos obtidos por Hurtado (2001).

5.3.8 Classe semântica do verbo

Para o controle dessa variável, pautamo-nos em Enríquez (1984). A autora analisa verbos de atividade mental, estimativos, de estado e de atividade externa ou objetiva. Por verbo de atividade mental, a autora considera:

[...] aqueles que exigem por parte do sujeito uma atividade psíquica de qualquer tipo, mas que não supõem juízo/julgamento algum ou tomada de postura por parte do sujeito, já que estes serão considerados em um grupo isolado. Ficam incluídos, então, todos os verbos chamados voluntativos (de desejo, pedido, mandato ou intenção) e aqueles que se referem a atividades próprias do intelecto¹⁰² (ENRÍQUEZ, 1984, p. 151).

Como exemplos mais habituais, a autora cita: “*saber, querer, desear, pensar, recordar, conocer, estar enterado* (= ‘saber’), *entender, comprender, darse cuenta, advertir, notar* (= ‘advertir’), *imaginar* (= ‘pensar’), *elegir, enterarse, plantearse* (= ‘pensar sobre’), *aprender, intentar, etc*”.

Quanto aos verbos estimativos, por sua vez, estes são considerados um subgrupo dos verbos de atividade mental e “supõem uma opinião, juízo/julgamento ou parecer do sujeito sobre algo: *creer, considerar, encontrar* (= ‘considerar’), *estar de acuerdo* (a favor, en contra, etc.), *suponer* (= ‘creer’), *imaginar* (= ‘creer’), *plantearse, esperar* (= ‘creer’), *entender* (= ‘creer’)” (ENRÍQUEZ, 1984, p. 152).

¹⁰² No original: [...] *aquéllos que exigen por parte del sujeto una actividad psíquica de cualquier tipo pero que no suponen juicio alguno o toma de postura por parte del sujeto, ya que éstos se consideran en el apartado siguiente. Quedan, pues, incluidos todos los verbos llamados voluntativos (de deseo, ruego, mandato o intención) y aquellos que se refieren a actividades propias del intelecto.*

No que concerne aos verbos de estado, segundo Enríquez (1984, p. 152), nestes:

[...] o significado verbal fica fora de todo processo dinâmico, alheio a toda atividade desenvolvida pelo sujeito, tanto física ou fisiológica, como mental, ou seja, ou não expõem atividade alguma ou a apresentam globalmente, fora das coordenadas espaço-temporais, que passam aqui a ocupar um segundo plano¹⁰³.

Nesse grupo, a autora inclui verbos como *ser*, *estar*, *tener*, *saber* (*‘ser capaz de’ nadar, bailar, etc.*), *conocer* (*‘haber estado’*), *encontrarse* (*‘estar’*), *vivir*, *nacer*, *dedicarse a*, *valer* (*‘ser útil’*), *pasar* (*‘estar’*) (p. 152-153).

O quarto grupo proposto por Enríquez (1984, p. 153) compõe os verbos de atividade externa ou objetiva, o qual inclui “aqueles que supõem qualquer atividade, seja física, fisiológica, social ou de comportamento, e tanto se ocorre em movimento, repouso, em pleno desenvolvimento, etc.”. Os verbos exemplificados por ela são: *hacer*, *decir*, *hablar*, *ver*, *oír*, *ir*, *venir*, *comprar*, *salir*, *entrar*, *enseñar*, *estudiar*, *leer*, *escribir*, *llevar*, *traer*, *dejar*, *encontrar* (*‘hallar’*), *jugar*, *acabar* e *empezar*, dos quais “*hablar*” e “*decir*” são controlados separadamente na presente tese, na categoria de verbos *dicendi*, por indicação do guia de codificação.

A classificação realizada por Enríquez (1984) toma como base a **subjetividade**, buscando separar os grupos verbais em que a presença da subjetividade é maior (verbos estimativos e de atividade mental) daqueles em que a **objetividade** é maior (estativos e atividade externa/objetiva), sendo esperado um maior número de sujeitos expressos nos contextos de maior subjetividade, hipótese seguida também nesta tese. Tendo em conta o critério de **subjetividade** pretendido por Enríquez (1984), consideramos importante separar os verbos de estado (*ser*, *estar*, *parecer*, *tener* etc.) com predicativos referidos a estados mais subjetivos, isto é, relacionados às emoções, sentimentos ou características psicológicas, de caráter etc. do sujeito em

¹⁰³ No original: [...] *el significado verbal queda fuera de todo proceso dinámico, ajeno a toda actividad desarrollada por el sujeto, tanto física o fisiológica como mental, es decir, o no plantean actividad alguna o la presentan globalmente, fuera de las coordenadas espacio-temporales, que pasan aquí a ocupar un segundo plano.*

questão (*ESTAR feliz, triste, decepcionado; SER feliz, dichoso, desafortunado, bueno, egoísta, honrado, valiente; TENER miedo, ganas; ESTAR bien, mal de humor, etc.*), daqueles referidos a estados mais “objetivos”, tais como estado físico (*TENER sed, frío, fiebre; PARECER cansado, enfermo; ESTAR bien, mal de salud*), profissional e social (*SER profesor, mayor, niño, padre, hombre, mujer; ESTAR jubilado, parado*). Os primeiros foram incluídos na categoria dos verbos de “atividade mental” e os segundos entre os verbos “estativos”.

Em direção aos resultados obtidos por Enríquez (1984), nossa expectativa é que os verbos estimativos – uma subclasse dos verbos de processos mentais – apresentem as maiores taxas de preenchimento, pelo fato de ser um contexto em que existe certa **contraposição indireta**, haja vista que o falante expõe a sua opinião ou valoração, que muitas vezes é contraposta à do ouvinte. Em seguida, com taxas menores que os estimativos, são esperados os verbos de processos mentais, seguidos dos verbos de estado (ainda que os verbos de estado apareçam em segundo lugar em Enríquez (1984) com *yo* e *tú*); e, por fim, com as menores taxas de preenchimento, são esperados os verbos de atividade e *dicendi*. Por outra parte, a análise de sujeitos expressos com verbos de atividade poderá fornecer indícios a favor da hipótese de que a expressão do sujeito pronominal em espanhol segue a trajetória do discurso rumo à sintaticização, conforme exposto no capítulo 3.

Quadro 15 – variável classe semântica do verbo

Classe semântica do verbo	Processos mentais
	Estimativos
	Verbos de estado
	Verbos <i>dicendi</i>
	Verbos de atividade

5.3.9 Tipo de cláusula

A respeito dessa variável, importa sintetizar resultados encontrados por autores considerados nesta tese. Enríquez (1984) não encontrou diferenças significativas entre sentenças afirmativas e negativas, ainda que tenha obtido taxas um pouco maiores de apagamento com as negativas. Em Soares da Silva (2011), na amostra de Madri, as interrogativas parciais (ex.: *¿Qué haces?*) favoreceram amplamente o apagamento (.95), enquanto as interrogativas totais (ex.: *¿Estás en casa?* (.49) e as declarativas (*Tengo que irme*) (.43)

apresentam peso relativo próximo da média, comportamento este que esperamos encontrar.

Quadro 16 – variável tipo de cláusula

Tipo de cláusula	Afirmativa
	Negativa
	Interrogativa parcial (<i>Wh- question</i> = com interrogativo)
	Interrogativa total (<i>Yes/no question</i> = perguntas sim/não)

5.3.10 Conexão do discurso

Para a composição dessa variável, pautamo-nos em Paredes Silva (1991; 2003) e Hurtado (2001). Ainda que o Guia de Codificação (BENTIVOGLIO; ORTIZ; SILVA-CORVALÁN, 2011) apresente a variável “correferencialidade”, optamos por controlar a “conexão discursiva” – a qual contempla os fatores incluídos no guia de codificação –, tendo em vista os resultados apresentados em Hurtado (2001), para o espanhol, e Paredes Silva (2003), para o português do Brasil.

Para a análise dessa variável, tomaremos como principal referência os sete graus de conexão do discurso, propostos em Paredes Silva (2003, p. 105-106) para a análise de entrevistas sociolinguísticas, os quais são apresentados a seguir e exemplificados com dados do espanhol, extraídos do *corpus* Wildner (2011):

- **Grau 1:** Manutenção do referente/tópico (na função de sujeito) e do plano discursivo (manifestada pela manutenção do sistema de tempo-aspecto-modo verbal).

(36) *Yo, yo realmente no creo en los gobiernos y Ø no creo en los partidos políticos, Ø creo en las personas que, que tengan algún tipo de dignidad para ejercer su cargo y hacer, eh, lo que ellos dijeron que iban a hacer, en eso creo.* [...] (cantor argentino Alejandro Lerner, *corpus* WILDNER, 2011)

- **Grau 2:** Manutenção do referente/tópico (na função de sujeito), mas mudança do plano discursivo, do tipo figura-fundo, fato-opinião, realidade-irrealidade (manifestada por modificações no

sistema de tempo-aspecto-modo entre as orações em comparação).

(37) *No, en realidad, Ø terminó la gira en febrero del 2008, si no me recuerdo, en Venezuela, y, este, bueno, y me puse a trabajar en, en este disco, también fue terminar, eh, con la compañía [...].* (Cantor argentino Diego Torres, *corpus* WILDNER, 2011)

- **Grau 3:** Manutenção do mesmo referente no sujeito, mas há troca de turno.

(38) Entrevistador: *¿No lo tienes tú?* / Chayanne: *Yo no tengo muchas de las cosas* [interrupção]. (Cantor porto-riquenho Chayanne, *corpus* WILDNER, 2011)

- **Grau 4:** Existência de orações intervenientes com sujeito impessoal entre o sujeito da oração em análise e seu correferente, o que “representa uma quebra na continuidade de um referente como sujeito, mas não chega a afetá-la muito” (p. 105).

(39) *Eh, a ver, fue, fue una gira muy intensa. Nosotros empezamos con la gira “desafío”, una gira muy intensa, que fueron aproximadamente noventa conciertos, y, eh, automáticamente como es* [início de palavra interrompida, talvez “estábamos”] *Ø seguíamos con contratación, sacamos un disco recopilatorio al que pusimos gracias, eh, que fue el agradecimiento por toda esa gira, por toda la carrera, por todo y, automáticamente, empalmamos, gira* [tomada de turno por parte do entrevistador]. (Cantora espanhola Malú, *corpus* WILDNER, 2011)

- **Grau 5:** Existência de orações intervenientes com sujeito referido a pessoas entre o sujeito da oração em análise e seu correferente, o que pode “desviar a atenção do referente/tópico previamente mencionado” (p. 106).

(40) *Me la deja ahí, y [o médico] Ø me dice: “Bueno, Thalía, lo que querías. Aquí están las tijeras”. Entonces Ø me las puso como pudo, porque imagina, tu mano está temblando, ¿no?* (Cantora mexicano Thalía, *corpus* WILDNER, 2011)

- **Grau 6:** Retomada, na função de sujeito, de um referente que ocorreu previamente em outra função sintática: “passagem a tópico”.

(41) *Bueno, ¡cómo no me voy a enamorar de un hombre así! Entonces, bueno, fue un amor realmente extraordinario. Matos significó **para mí**, el amor y el desamor, muy poco tiempo después **Ø conocí** a Pochó, mi compañero, el compañero de mi vida, hasta que me lo llevó a la muerte, pero gracias a Pocho, gracias a Matos, yo entré en el mundo de la música, de la cultura.* (Cantora argentina Mercedes Sosa, *corpus WILDNER*, 2011)

- **Grau 7:** Mudança de tópico/subtópico discursivo, fato que “representa um desvio nos rumos no discurso, ou mesmo uma digressão” (p. 106).

(42) *Mis padres, cosa que **yo les admiro** mucho, porque me imagino que debe haber sido muy difícil de pronto ver que la más chiquitita, “pues, qué está pasando, ¿no?, y la gente la conoce y”, y tal vez, como usted dice, pasan cosas, pues, padres, y la niña viaja y tal. Pero mis papás nunca, nunca descuidaron su vida, sus cosas, el mantener a la familia como tal. Yo era la hija y en la casa era la hija y punto. [...] (Cantora mexicana Anahí, *corpus WILDNER*, 2011)*

Conforme é possível observar no Quadro 17, foram realizadas algumas modificações na escala e no controle proposto por Paredes Silva (2003), considerando os resultados obtidos por Hurtado (2001), Soares da Silva (2006) e Wildner (2011). Nesses três estudos, observou-se que o fator referente à mudança de função de objeto para sujeito tende a favorecer o sujeito implícito, razão pela qual alteramos a ordem do sexto grau de conexão discursiva de Paredes Silva (2003), situando-o em terceiro lugar na escala. Conforme vimos no capítulo anterior, Hurtado (2001) explicou o fato de sujeitos cuja menção prévia se dá através de outra função sintática terem se mostrado um contexto favorável à omissão do pronome como decorrentes da proximidade entre o sujeito em análise e seu elemento correferente. Dessa forma, para a autora, a distância ou a proximidade dos argumentos correferentes parece ter maior importância para a explicitação ou omissão do sujeito do que a função sintática. Também é importante salientar que,

diferentemente de Paredes Silva (2003), que considera a digressão como mudança de (sub)tópico discursivo (grau 7), mesmo havendo continuidade referencial¹⁰⁴, na presente tese, consideramos como mudança de tópico ou subtópico discursivo apenas os casos em que há mudança de referente para a função de sujeito.

Quadro 17 apresenta a descrição de cada um dos fatores controlados nesta variável:

Quadro 17 – variável conexão do discurso

Grau de conexão	Descrição
Máximo grau de conexão 1	Manutenção do referente/tópico e do plano discursivo (grau 1).
Altíssimo grau de conexão 2	Manutenção do referente/tópico, mas mudança do plano discursivo (grau 2).
Alto grau de conexão 3	Passagem a tópico através da mudança de função para sujeito (grau 6).
Médio grau de conexão 4	Entre o sujeito da oração em análise e o seu correferente, ambos na função de sujeito, há orações intervenientes, mas sem menção a outra(s) pessoa(s) determinada(s) – por exemplo: referentes [- humano], orações impessoais com “se”, referência genérica com “tú”, indeterminação na terceira pessoa do plural (grau 4).
Baixo grau de conexão 5	Entre o sujeito da oração em análise e o seu correferente, ambos na função de sujeito, há orações intervenientes com menção a outra(s) pessoa(s) (grau 5).
Baixíssimo grau de conexão 6	Mudança de tópico/subtópico discursivo (grau 7)
Não se aplica /	Troca de turno de fala (grau 3), pois esta variável é controlada separadamente, e outros casos não incluídos nos fatores anteriores.

¹⁰⁴ Paredes Silva (2003) cita o seguinte exemplo para ilustrar o grau 7 (mudança de (sub)tópico discursivo): “- E você vai ao cinema? - Olha, a última vez que *eu fui* ao cinema (risos) (falando rindo) eu tenho 20 anos de Campo Grande. - Sei. - Tá, eu já fui umas três vezes foi muito”.

Após análises preliminares com entrevistas sociolinguísticas, verificamos situações em que a presença de **marcadores discursivos** ou **expressões idiomáticas**, tais como “*digamos*”, “*vamos*”, “*ya te digo*”, “*yo que sé*”, – incluídas no que estamos considerando **marcadores da organização discursiva** (KOCH; OESTERREICHER, 2007 [1990]) – não demonstrava interromper a conexão discursiva – conforme ilustram as ocorrências (43 e 44) –, razão pela qual esses casos foram desconsiderados na análise dessa variável. Por outra parte, casos em que os operadores discursivos se integram ao tópico discursivo ou compõem um novo tópico discursivo ou oracional foram analisados (45).

(43) [Minha irmã] *sí/ es/ así más delgadita// y: má:s/ es más:// dicharachera digamos más simpática es la simpática de la casa//* (1M3, corpus PRESEEA, Alcalá de Henares)

(44) Entrevistador: *¿y qué tal os habéis llevado con ellos/ o no habéis (tratado mucho)?* Entrevistada: *no hemos tenido: ya te digo problemas lo único el ruido/* Entrevistador: *(hm)* Entrevistada: *que preparan// cada vez que vienen de maniobras y eso//* (1M3, corpus PRESEEA, Alcalá de Henares)

(45) *sí (risa = todos) pues fenomenal para mí/// porque a mí el calor es que me atonta: muchísimo/// entonces:s/// ya te digo que soy de:- te dije el otro día que era de:-// manchega/* (1M3, corpus PRESEEA, Alcalá de Henares)

Em (43), a conexão discursiva entre as orações destacadas com sublinhado é considerada **máxima** porque há manutenção do referente/tópico e do plano discursivo: “*es más dicharachera*” e “*es la simpática de la casa*”. Em (44), por sua vez, a oração “*que preparan*” é desconsiderada por ser a primeira menção do referente (“*ellos*”) naquele turno de fala da entrevistada, da mesma forma que a oração “*no hemos tenido ya te digo problemas*”. Já a oração “*cada vez que vienen de maniobras y eso*” é analisada como **máximo grau de conexão discursiva** ao ser contrastada com a oração anterior “*que preparan*”, pois há manutenção do referente/tópico e do plano discursivo. Por outro lado, em (45), a oração “*ya te digo*” é analisada como **alto grau de conexão discursiva** uma vez que o referente passa de objeto “*me atonta*” a sujeito em “*ya te digo*”. Já a oração “*que soy de*”, é analisada

como sendo de conexão máxima em relação com a oração anterior “*ya te digo*” (manutenção do referente/tópico e do plano discursivo).

Em estreita relação com a conectividade discursiva, Flores-Ferrán (2002 apud FLORES-FERRÁN, 2004) constatou que falantes porto-riquenhos residentes na cidade de Nova Iorque manifestavam um padrão inesperado quanto ao uso das formas expressas e implícitas. Ainda que em sequências narrativas o sujeito implícito fosse predominante, a autora notou que, quando um sujeito em análise era expresso em uma oração, havia uma tendência a ocorrer expresso na oração anterior, o mesmo fenômeno ocorrendo com o sujeito implícito. Tal fenômeno (*clusters* ou *pairs*, em inglês), também é encontrado em San Juan (Porto Rico) e em outras línguas, segundo a autora. Convém destacar, com base em Paredes Silva (1991; 2003), que há inúmeros fatores relacionados à organização do discurso que influenciam a presença ou ausência do sujeito, como, por exemplo, a mudança ou manutenção do plano e/ou do tópico discursivo.

Ademais, a ocorrência desse fenômeno em línguas que estão passando por mudança no que tange à expressão do sujeito, de mais implícito para mais expresso – tais como o português do Brasil e algumas variedades do espanhol caribenho –, pode ser reflexo do aumento da frequência de expressão, o que pode estar conduzindo a um lento e progressivo apagamento dos significados discursivos do sujeito expresso, espalhando sua presença para outros contextos mais neutrais, nos quais seria esperado um sujeito implícito.

No entanto, considerando que nosso foco neste estudo é o espanhol peninsular (e não o caribenho), esperamos que, quanto maior o grau de conectividade discursiva, maior seja a omissão do sujeito e quanto menor o grau, maior a expressão do sujeito.

5.3.11 Turno de fala

Por **início de turno de fala**, considera-se, nesta tese, a primeira oração de um turno de fala (Em 46B, a oração “*Pues yo deseaba*”) e por **continuidade de turno de fala** são consideradas todas as orações analisáveis que seguem à primeira ocorrência até a próxima troca de turno (Em 47, as orações “*que sería astronauta*” e “*que fuera profesora*”).

(46) A: *Yo quería ser médico cuando niño. ¿Y tú?*

B: *Pues yo deseaba ser cantante, pero me he convertido en profesora.*

(47) *Yo pensaba que sería astronauta, pero la vida quiso que fuera profesora.*

Nessa variável, são controlados os sujeitos referentes a qualquer pessoa do discurso, e não somente a primeira pessoa do singular (*yo*), com vistas a verificar a hipótese de que o início/mudança de turno pode ser um contexto favorável à expressão do sujeito. Por outra parte, conjecturamos que o preenchimento só seja favorável em contextos em que o verbo é um dos primeiros elementos da oração que inicia o turno. Com vistas a testar essa hipótese, consideramos como “início” de turno apenas as orações em que o verbo ocupa até a terceira posição da sentença que dá início a um turno de fala (48 a 50), não se considerando nessa contagem nem o sujeito (quando expresso) e nem os clíticos que acompanham verbos pronominais (*me despierto, me quejo*, etc.).

(48) *¿Está usted encerrada?* (Peça *La visionaria*, 1840) – verbo em primeira posição.

(49) *Yo también soy muy desgraciado...* (Peça *El pobrecito embustero*, 1953) – verbo em segunda posição, excluído o sujeito “yo”.

(50) *¿El que sentiste tú por María?* (Peça *El nido ajeno*, 1894) – verbo em terceira posição.

Dessa forma, os casos de **primeira oração** do turno de fala em que o verbo se encontra em posição superior a terceira foram desconsiderados (51):

(51) *Por lo mismo no haré mención de los epítetos con que algunos favorecían á usted, despues que Marcos hubo explicado el embrollo.* (Peça *La visionaria*, 1840) – verbo em quinta posição.

Também foram desconsideradas as primeiras orações dos turnos de fala que eram antecedidas pelos seguintes contextos:

i) Vocativo ou expressões topicalizadas:

(52) *¡Pedrín! ¿Vas a llorar?* (Peça *El pobrecito embustero*, 1953) – a oração “*vas a llorar*” é desconsiderada por ser antecedida pelo vocativo “*Pedrín*”.

(53) *Y el señorito, ¿está mejor?* (Peça *El nido ajeno*, 1894) – a oração “¿está mejor?” é desconsiderada por ser antecedida pela expressão topicalizada “*Y el señorito*”.

Quanto aos contextos atípicos analisados como “continuidade” de turno, incluímos as orações antecedidas pelos seguintes contextos:

- i) Respostas diretas ou indiretas com “*si*” e “*no*”:

(54) *DOÑA CRÍSPULA: ¡Escelente casa! ¡Hombre opulentísimo! Usted habrá tenido parte en su herencia. DON VICENTE. No, señora; la repartió entre los pobres de la familia.* (Peça *La visionaria*, 1840) – a oração “*la repartió*” é analisada como continuidade de turno, pois consideramos como início de turno a expressão “*no, señora*”.

(55) *DOÑA CRÍSPULA: ¿Cuando me figuré que robaban ahí enfrente, y era el escribano don Celedonio que hacia un embargo? Apariencias tan equívocas confundirian á cualquiera. VALENTINA: No, yo hablaba de cuando fuimos al santuario de Bonanova.* (Peça *La visionaria*, 1840) – a oração “*yo hablaba*” é analisada como continuidade de turno, pois consideramos como início de turno a expressão “*No*”.

- ii) Reforço afirmativo ou negativo com “*sí*”, “*no*” e outras expressões:

(56) *MANUEL: (Sentado en un sillón o <<chaise longue>>, adormecido.) Allá veremos. Rendido estoy. No quiero volver errante por esos mundos. MARÍA: No, Manuel. Descansa, descansa, y ve pensando en labrar tu nido. MANUEL: Sí, María. Mientras, dejad un lugar en el vuestro a este ave de paso.* (Peça *El nido ajeno*, 1894) – as orações “*Descansa*” e “*dejad un lugar (...)*” são analisadas como continuidade de turno, pois consideramos como início de turno as expressões “*No, Manuel*” e “*Sí, María*”.

- iii) Orações impessoais ou com sujeitos inanimados:

(57) *Pues, que como estaba hermosísimo el tiempo, no hubo en Palma grande ni chico que no acudiese á la romería de la Virgen. ¡Buen sofoco me hizo usted pasar, sin culpa ninguna!* (Peça *La visionaria*, 1840) – a oração “*buen sofoco me hizo usted pasar*” é analisada como

continuidade, pois consideramos como início de turno a oração “*Pues, que como estaba hermosísimo el tempo*”.

(58) *Pues la fachada es magnífica. Me decido* (...). (Peça *La visionaria*, 1840) – a oração “*Me decido*” é analisada como continuidade de turno, pois consideramos como início de turno a oração “*Pues la fachada es magnífica*”.

iv) Orações com verbo no infinitivo ou gerúndio:

(59) *¡Casarse cuando yo me ausento! ¡Vaya una aprension!* (Peça *La visionaria*, 1840) – a oração “*cuando yo me ausento*” é analisada como continuidade de turno, pois consideramos como início de turno a oração “*casarse*”.

v) Perguntas ou outras expressões em que o predicado está subentendido (implícito) por ter sido mencionado no turno anterior:

(60) *DOÑA CRÍSPULA: Si nunca me salen erradas mis congeturas. VALENTINA: ¿Nunca, madre? ¿Se acuerda usted de aquel chasco tan serio...?* (Peça *La visionaria*, 1840) – a oração “*se acuerda usted*” é analisada como continuidade de turno, pois consideramos como início de turno a expressão “*¿Nunca, madre?*”, da qual se infere a seguinte ideia: “*¿Nunca le salen erradas, madre?*”.

(61) *DOÑA CRÍSPULA: Pues, contemplando las rejas... DON VICENTE: Las rejas y los balcones y toda la casa, porque le confieso á usted sin rebozo que me tiene enamorado, trastornado el juicio.* (Peça *La visionaria*, 1840) – a oração “*porque le confieso (...)*” é considerada como continuidade de turno, pois consideramos como início de turno a expressão “*Las rejas y los balcones y toda la casa*”, da qual se infere a seguinte ideia: “*estaba contemplando las rejas y los balcones y toda la casa*”.

vi) Sentenças exclamativas ou interrogativas sem verbo:

(62) *¡Qué desenvoltura! ¡Qué atrevimiento! Con mas miedo me tienes, que la escuadra inglesa á nuestros barcos mercantes.* (Peça *La visionaria*, 1840) – a oração “*Con mas miedo me tienes (...)*” é

analisada como continuidade de turno, pois consideramos como início de turno a expressão “;*Qué desenvoltura [tiene]!*”.

(63) *DOÑA CRÍSPULA*: ¿*Con don Vicente?* *Bien: llamaré por ahora.* (Peça *La visionaria*, 1840) – a oração “*llamaré por ahora*” é analisada como continuidade de turno, pois consideramos como início de turno a expressão “[*estaba*] *Con don Vicente?*”.

Ademais, não são considerados para esta variável: i) os trechos das peças teatrais que consistem em “apartes” e “monólogos”, por não haver interação (diálogo); ii) “citações diretas”, por suas especificidades; iii) as orações que consistem em marcadores discursivos do tipo “*vamos*”, “*qué se yo*”, “*anda*”, “*ande*” e “*digamos*”, pelo fato de serem expressões fixas. A respeito de contextos categóricos ou predominantemente de sujeito implícito ou exposto, cabe destacar que os verbos no imperativo são incluídos com vistas a observar seu comportamento na diacronia.

Em Hurtado (2001), a variável “troca de turno” não se mostrou relevante, porém, na variável “conexão discursiva”, o fator que, em outros, incluía a mudança de turno manifestou-se favorável à expressão do sujeito.

Quadro 18 – variável turno de fala

Turno de fala	Início de turno de fala Continuidade de turno de fala
----------------------	--

5.3.12 Operadores do discurso

Os marcadores discursivos e demais construções fáticas (fórmulas fixas, bordões, frases feitas, etc.), os quais são considerados **marcadores da organização discursiva** por Koch e Oesterreicher (2007 [1990]), são incluídos na análise quantitativa, sendo codificados como “operadores do discurso”. Com base em Enríquez (1984), não esperamos que essa variável seja expressiva para o fenômeno.

Quadro 19 – variável operadores do discurso

Operador do discurso	Sim Não
-----------------------------	------------

5.3.13 Comparação

Para a composição dessa variável, partimos dos significados do verbo “comparar”, apresentados em dicionários *online*:

V.T. Colocar lado a lado duas ou mais coisas a fim de examiná-las, buscando semelhanças ou diferenças. (Dicionário Informal: <http://www.dicionarioinformal.com.br/comparar/>) com.pa.rar

(lat comparare) vtd 1 Examinar simultaneamente duas ou mais coisas, para lhes determinar semelhança, diferença ou relação; confrontar; cotejar: "Compara os beijos e, por eles, verás a diferença" (Coelho Neto). *Comparei esta tradução com aquela. vtd 2* Confrontar, cotejar: "Quem os compara não vê nem o rei nem o escravo" (Machado de Assis). *Compare isto aquilo. Nunca o comparei com outros. vpr 3* Igualar-se, pôr-se em confronto; rivalizar: *O discípulo não podia comparar-se ao mestre. Comparou-se com ele e se admirou da semelhança. vtd 4* Ter como igual ou como semelhante; igualar: Comparou uma e outra coisa. Compara o magistério ao apostolado. "Comparai o ministro do altar, digno deste nome, com o mau padre" (Camilo Castelo Branco). (Dicionário Michaelis:

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=comparar>)

1 Confrontar uma coisa com outra para lhe determinar diferença, semelhança ou relação. 2 Ter em conta de igual (pessoas ou coisas). 3 Igualar-se. 4 Pôr-se em confronto. (Dicionário Aurélio: <http://dicionariodoaurelio.com/comparar>)

Com base nas definições supracitadas, é possível apreender que, para que falemos de comparação, deve haver duas ou mais coisas, pessoas, situações, etc. postas em relação, geralmente em busca de semelhanças ou diferenças. Nessa direção, para o presente estudo, são

considerados como “comparados” dois actantes¹⁰⁵ apenas quando entre eles exista alguma relação, no sentido de confronto, cotejamento. O Quadro 20 apresenta os fatores controlados:

Quadro 20 – variável comparação

Comparação	Comparação contrastiva (negativa) mesmo verbo
	Comparação contrastiva (negativa) diferente verbo
	Comparação corroborativa (positiva) mesmo verbo
	Comparação corroborativa (positiva) diferente verbo
	Alternância não comparativa de referentes
	Ausência de alternância de referentes

Ainda que o **contraste** seja apontado como um dos principais motivadores da expressão pronominal, existe uma carência de estudos empíricos que controlem esse fator. Isso se explica, em parte, porque os contextos contrastivos são tidos *a priori* como categóricos e, portanto, são excluídos dos envelopes de variação e das análises sociolinguísticas. Exceção a essa postura é o trabalho de Enríquez (1984), no qual a autora controla uma variável denominada **contraposição** (no sentido de comparação), na qual nos inspiramos para a composição da presente variável.

No entendimento de Enríquez (1984), a contraposição pode se dar tanto de forma explícita – quando há a presença de dois ou mais actantes em relação – quanto de forma implícita – quando há menção a apenas um referente, mas se supõe (subjeticamente) uma contraposição implícita a outros possíveis actantes. Dentre os casos de contraposição explícita, a autora diferencia os de contraste direto daqueles que considera contraste indireto. Por **contraste direto**, a autora considera os casos em que entre os sujeitos se estabelece uma oposição direta, na qual “um elemento supõe a negação de atitudes ou ações realizadas por outro ou a realização de atitudes ou ações paralelas levadas a cabo

¹⁰⁵ O termo *actante*, nesta variável, é utilizado em referência à pessoa, como sinônimo de *referente*, sendo que este pode se manifestar nas funções de sujeito e objeto nos enunciados.

simultaneamente¹⁰⁶, (ENRÍQUEZ, 1984, p. 165) – casos que denominamos **comparação contrastiva (negativa)** na presente tese, cf. Quadro 21. Já o **contraste indireto** – que nesta variável estamos considerando como **alternância não comparativa de referentes** – refere-se àqueles casos em que existem dois ou mais referentes relacionados, mas não há uma relação negativa como no contraste direto. A autora explica o contraste indireto da seguinte forma:

Nestes usos não se trata de que se realizem ações ou se apresentem atitudes contrárias ou paralelas ainda que simultâneas, mas que aparece quando dois actantes estão relacionados, porém enquanto um deles é ativo, o outro é passivo; estes casos, em geral, supõem a subordinação de um elemento a outro e um deles expõe, relata ou dá sua própria visão sobre uma ação ou atitude alheia. Seriam casos como *yo creo que él tendría que hacerlo, él cree que ellos son rebeldes, ellos hacen lo que yo quiero que hagan*¹⁰⁷ [...] (ENRÍQUEZ, 1984, p. 167).

No âmbito do que considera contraposição implícita, Enríquez (1984, p. 168-169) diferencia os casos referentes a “ações ou atitudes convencionalmente estabelecidas” e “avaliadas socialmente” (**tópicos sociais**) daqueles referentes a “situações socialmente neutras” e “meramente descritivas da atividade do sujeito” (**usos individualizadores**). Em nossa percepção, optamos por considerar como **ausência de alternância de referentes** os casos em que não há

¹⁰⁶ No original: *Dentro de las contraposiciones de carácter negativo, estudiamos el contraste directo, o contraste explícito propiamente dicho, que consideramos como entre los actantes se establece una oposición directa donde, o bien un elemento supone la negación de actitudes o acciones paralelas llevadas a cabo simultáneamente.*

¹⁰⁷ No original: *En estos usos no se trata de que se realicen acciones o se presenten actitudes contrarias o paralelas aunque simultáneas, sino que aparece cuando dos actantes están relacionados, pero mientras uno de ellos es activo, el otro es pasivo; estos casos, en general, suponen la subordinación de un elemento a otro y uno de ellos expone, relata o da su propia visión acerca de una acción o actitud ajena. Serían casos como yo creo que él tendría que hacerlo, él cree que ellos son rebeldes, ellos hacen lo que yo quiero que hagan. [...]*

menção a outro referente, devido à dificuldade que vemos em interpretar as ocorrências como socialmente avaliadas ou meramente descritivas. Para ilustrar, tomemos alguns exemplos apresentados como “tópicos sociais” por Enríquez (1984, p. 168): *Yo no veo la televisión, Nosotros nos compramos el coche hace bien poco, Yo soy totalmente apolítico, Yo soy del Madrid, Nosotros vamos de veraneo todos los años*. Dentre eles, coincidimos de que possa haver uma tomada de posição por parte do sujeito frente a outras pessoas (ainda que seja de forma implícita) em *Yo soy totalmente apolítico, Yo soy del Madrid* (time de futebol) e, talvez, em *Yo no veo la televisión*. Contudo, em nossa percepção, os exemplos *Nosotros nos compramos el coche hace bien poco* e *Nosotros vamos de veraneo todos los años* parecem ser mais característicos de usos descritivos, ainda que àquela época (década de 1980), especialmente, ter carro e veranejar eram ações valorizadas socialmente. Por outro lado, entre os “usos individualizadores” (que seriam “meramente” descritivos), os exemplos mencionados são: *Yo soy un poco nervioso, Él no piensa más que en chicas pero es buena persona, Yo me voy a la plaza los sábados, Cuando estuve en Egipto todavía no estaba construida la presa*. Aqui novamente, parece-nos difícil diferenciar usos socialmente avaliados de usos descritivos, haja vista que no segundo exemplo temos uma avaliação explícita (“*pero es buena persona*”) e, quanto ao último, poderíamos dizer que ter oportunidade de viajar ao Egito seja socialmente valorizado assim como veranejar todos os anos. No Quadro 22 sintetizamos a exposição anterior e exemplificamos, com base em Enríquez (1984), os fatores controlados na presente tese:

Quadro 21 – Caracterização da variável comparação com base em Enríquez (1984)

(continua)

ENRÍQUEZ (1984)	VARIÁVEL “COMPARAÇÃO”
Contraste direto ou explícito “Yo <u>me acuerdo</u> perfectamente, no sé si os <u>acordaréis</u> vosotras” (p. 291) “Él a mí <u>podrá llamarme</u> viejo... Yo a él hay una cosa que siempre le <u>llamaré</u> : irresponsable” (p. 291) “Nosotros <u>nos quedamos</u> y ellos <u>se fueron</u> ”, “Nos <u>fuimos</u> para que ellos <u>se quedaran</u> a sus anchas”, “Yo lo <u>hice</u> pero él no <u>quiso</u> hacerlo” (p. 165)	Comparação contrastiva (negativa) mesmo verbo
	Comparação contrastiva (negativa) diferente verbo

(conclusão)

ENRÍQUEZ (1984)	VARIÁVEL “COMPARAÇÃO”
<p>Contraste indireto <i>“Yo creo que él tendría que hacerlo”, “Él cree que ellos son rebeldes”, “Ellos hacen lo que yo quiero que hagan” (p. 167)</i></p>	<p>Alternância não comparativa de referentes</p>
<p>Usos corroborativos <i>“Sus padres <u>se fueron</u> a Santander y él <u>se fue</u> con ellos” (p. 165).</i></p>	<p>Comparação corroborativa (positiva) mesmo verbo</p>
<p><i>“Nosotros no <u>pensamos</u> que era importante y ellos tampoco lo <u>creveron</u> así” (p. 165).</i></p>	<p>Comparação corroborativa (positiva) diferente verbo</p>
<p>Contraposição implícita (individualização do sujeito): situações socialmente estabelecidas <i>“Yo no veo la televisión”, “Nosotros nos compramos el coche hace bien poco”, “Yo soy totalmente apolítico”, “Yo soy del Madrid”, “Nosotros vamos de veraneo todos los años” (p. 168).</i></p>	<p>Ausência de alternância</p>
<p>Contraposição implícita (individualização do sujeito): situações meramente descritivas <i>“Yo soy un poco nervioso”, “Él no piensa más que en chicas pero es buena persona”, “Yo me voy a la plaza los sábados”, “Cuando yo estuve en Egipto todavía no estaba construida la presa” (p. 169)</i></p>	

Para o controle dessa variável, foi necessário tomar uma decisão metodológica sobre como codificar os dois elementos entre os quais se observa uma **comparação**: ambos como “comparados” ou apenas um dos elementos? Antes de responder a essa questão, cabe aqui um breve parêntese para refletir sobre características comuns à “fala” que devem ser consideradas ao analisar *corpora* orais (ou que se assemelham à oralidade, como costuma ser o caso de peças teatrais) e que tornam a tarefa de análise ainda mais complexa. Utilizando um marco de interpretação que diferencia a língua do ponto de vista **medial** (“código

gráfico” e “código fônico”, ou, em outras palavras, “escrita” e “fala”) e **conceitual** (imediatez comunicativa e distância comunicativa), Koch e Oesterreicher (2007 [1990]) chamam a atenção para o fato de que o meio escrito (gráfico) é utilizado para inúmeras possibilidades comunicativas, as quais podem ser dispostas em um contínuo entre a **imediatez comunicativa** (uma carta pessoal ou um bilhete, por exemplo) e a **distância comunicativa** (como a presente tese, por exemplo), da mesma forma que o meio oral (fônico) (uma conversa cotidiana com familiares, como exemplo da imediatez comunicativa, e uma palestra acadêmica, da distância comunicativa).

Restringindo nosso foco ao que nos interessa neste momento, algumas das “estratégias de verbalização” próprias aos contextos de imediatez comunicativa incluem “contextualização extralinguística, gestual, mímica, etc.”, “escassa planificação”, “caráter efêmero”, “estruturação agregativa” (KOCH; OESTERREICHER, 2007 [1990], p. 34). Retornando ao questionamento sobre codificar ou não os dois elementos da comparação como “comparados”, parece-nos que, em certos casos, a comparação só ocorre após um trecho não comparativo (64) justamente em razão do caráter “agregativo”, por meio do qual o discurso vai sendo construído e reformulado, casos em que apenas o segundo elemento da comparação é codificado como “comparado” (contrastiva ou corroborativamente). Por outro lado, há casos em que já se observa uma intenção de comparação desde a menção do primeiro elemento da comparação (65), casos em que os dois elementos da comparação são codificados como “comparados”.

(64) *MANUEL: Pero... ¿no estás bueno?... No comes nada. Yo, en cambio, tengo un apetito... He cogido a deseo la comida casera.* (Peça *El nido ajeno*, 1894) – a oração “Yo, en cambio, tengo un apetito” é considerada como comparação contrastiva diferente verbo; já a oração “No comes nada” não é considerada como comparada, pois não se depreende uma intenção de comparação, em decorrência da pergunta feita anteriormente “¿no estás bueno?”.

(65) *JOSÉ: (Receloso.) ¡Es gracioso! Estáis de continuo porfiándome para que deje mis asuntos, salga de Madrid, procure distraerme., y ahora que soy yo quien lo propone, os desagrada y os contraría.* (Peça *El nido ajeno*, 1894) – as orações “Estáis de continuo porfiándome” e “y ahora que soy yo” são ambas consideradas como comparação contrastiva com diferente verbo, porque é possível depreender a

intenção de comparação por meio da oração “*¡Es gracioso!*” [é engraçado/curioso].

Também foi necessária uma decisão metodológica em diversos outros casos, os quais são expostos a seguir:

- i) Expressões das quais se depreende um verbo subtendido:

(66) PEDRÍN: *Yo también soy muy desgraciado...* (Peça *El pobrecito embustero*, 1953) – a oração “*Yo también soy...*” é analisada como comparação corroborativa com mesmo verbo, pois consideramos que, ainda que não apareça textualmente o elemento de comparação, o uso do advérbio “*también*” conduz à seguinte interpretação: “*Tú eres y yo también soy*”.

(67) MARÍA: *¿Y tu marido y los chicos?* EMILIA: *Buenos, todos buenos. Fernando, muy ocupado. Ya vendrá conmigo a saludar a tu hermano político...* (Peça *El nido ajeno*, 1894) – a oração “*Ya vendrá conmigo*” é analisada como ausência de alternância, pois consideramos que em “*Fernando, muy ocupado*” está subtendido o verbo “*está*”: “*Fernando está muy ocupado*”.

(68) MANUEL: *¿Es motejarme por hablador? Lo seré porque pienso menos que tú lo que digo...* (...) (Peça *El nido ajeno*, 1894) – a oração “*porque pienso menos que tú*” é analisada como comparação contrastiva com mesmo verbo, pois consideramos que o verbo “*piensas*” está subtendido: “*porque pienso menos que tú piensas*”.

(69) (...) *¡A pesar tuyo, sentiste que de los dos hermanos no fuese yo el que viniera de lejos!...* (...) (Peça *El nido ajeno*, 1894) – a oração “*que de los dos hermanos no fuese yo*” é considerada como comparação contrastiva com mesmo verbo, ainda que não haja um segundo verbo na comparação, pois se depreende a seguinte ideia subtendida: “*que de los dos hermanos no fuese yo y fuese él...*”.

- ii) Orações ou expressões com sujeitos [-humano]:

(70) EMILIA: *Dicen que ha hecho dinero por esas tierras.* MARÍA: *¡Un gran caudal! El es muy emprendedor, la suerte le ha favorecido.* EMILIA: *Sigue soltero, por supuesto.* MARÍA: *Y sin intenciones de*

casarse, según afirma. (Peça *El nido ajeno*, 1894) – tomando como base a oração “*ha hecho dinero...*”, as orações “*el es muy emprendedor*”, “*sigue soltero...*” e “*según afirma*” são consideradas como ausência de alternância, pois não há orações com sujeitos humanos entre elas.

- iii) Orações com sujeitos coletivos, genéricos, indeterminados:

(71) *CLOTILDE: ¡Señorito! ¡Ya vienen los de la banda!... ¡Y dentro de nada llegarán los concejales y el alcalde! ¡No sabe usted lo mejor? ¡Va a venir el gobernador!* *LORENZO: (En éxtasis.) ¡El gobernador!* *CLOTILDE: Sí, señor. Dicen que, cuando se ha enterado de que le iban a dar un homenaje al señorito, ha dicho que no se lo quería perder... Y le están esperando de un momento a otro.* (Peça *El nido ajeno*, 1894) – as orações “*cuando se ha enterado*”, “*ha dicho*” e “*que no se lo quería perder*” são analisadas como ausência de alternância, pois entre a primeira menção do referente “*Va a venir el gobernador*” e a última oração em análise “*que no se lo quería perder*” há apenas orações referidas a pessoas não determinadas: “*Dicen que*” e “*de que le iban a dar un homenaje al señorito*”.

- iv) Orações no infinitivo e gerúndio com sujeitos coincidentes:

(72) *JOSÉ: Acostumbrado a vivir solo, no se acomoda a la vida de familia. Siempre fue muy desordenado...Si tarda, almorzaremos. Ya sabe cuánto me gusta la puntualidad. El desarreglo en las comidas me mata.* (Peça *El nido ajeno*, 1894) – a oração “*no se acomoda a la vida de familia*” é considerada como ausência de alternância por ser antecedida por uma oração no infinitivo “*acostumbrado a vivir solo*” com o mesmo referente da oração em análise.

Em direção aos resultados obtidos por Enríquez (1984), esperamos que os fatores referentes à **comparação contrastiva** (negativa) sejam favoráveis à expressão. De modo semelhante aos contextos contrastivos, por também pressupor uma comparação entre dois sujeitos, é esperado que a **comparação corroborativa** (positiva) também seja um contexto favorável à expressão do sujeito, com percentuais acima de 50%, haja vista que os usos corroborativos foram os que mais favoreceram a presença pronominal em Enríquez (1984). Quanto aos casos em que há menção a dois ou mais pronomes sujeito

(como, por exemplo, *yo/ella; él/nosotros; yo/tú*, etc.) mas sem caráter comparativo (o que estamos considerando como **alternância não comparativa de referentes**), nossa expectativa é obter valores menores que aqueles em que há comparação (negativa ou positiva). Por fim, as menores taxas de expressão são esperadas quando não houver menção a mais de um referente, o que estamos considerando como **ausência de alternância de referentes**.

5.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORDEM DO SUJEITO

No que concerne à **ordem do sujeito**, segundo Silva-Corvalán (1982), esta não era uma questão muito explanada, sendo que para a Real Academia Espanhola (1973) a ordem regular SV (sujeito-verbo) podia ser alterada por razões estilísticas. Silva-Corvalán (1982) cita alguns estudos realizados até então sobre a ordem, apontando suas limitações, tais como a limitação do escopo de análise, ao considerar somente o nível intrassentencial (HENRI; RENÉE KAHANE, 1950 apud SILVA-CORVALÁN, 1982) e a restrição do tipo de análise, ao explicar somente sentenças existenciais com sujeitos [-animados] (HATCHER, 1956 apud SILVA-CORVALÁN, 1982), cujos sujeitos ocorrem predominantemente pospostos ao verbo. Contudo, Silva-Corvalán (1982) aponta o fato de Hatcher não ter dado uma explicação para os casos em que o sujeito antecede o verbo nesse tipo de sentença (existenciais) e, também, por não ter considerado sujeitos pospostos em sentenças não existenciais.

De acordo com Silva-Corvalán (1982), as aparentes exceções encontradas nesses estudos podem ser explicadas ao analisá-las no contexto discursivo em que ocorrem, sugestão esta já sinalizada por Hatcher, que inspirou Bolinger (1952; 1954; 1955 apud SILVA-CORVALÁN, 1982) a relacionar ordem com **informação nova** e **pressuposta** em questões interrogativas. De acordo com Silva-Corvalán (1982), o **contraste** e o estabelecimento do **tópico discursivo** costumam ocorrer em posição pré-verbal. Em análise que incluiu ocorrências de sujeitos lexicais e pronominais, a autora encontrou dois contextos favorecedores da ordem posposta ao verbo: a presença de um advérbio inicial e verbos não ambíguos, não tendo se mostrado relevantes para a ordem do sujeito as variáveis manutenção/mudança do referente, número de argumentos e informação velha/nova. Diferentemente de Silva-Corvalán (1982), em nossa análise não são incluídas ocorrências de sujeitos lexicais, pois nosso foco são os sujeitos pronominais.

Ao analisar as ocorrências de sujeito posposto ao verbo, pretendemos testar a hipótese de que a posposição do sujeito pronominal ao verbo pode vir a ser uma das estratégias compensatórias para a expressão de ênfase¹⁰⁸, já que os contextos de contraste e ambiguidade parecem preferir a posição pré-verbal, segundo Silva-Corvalán (1982). Nesse sentido, Labov (2008 [1972], p. 260) argumenta que “[...] no curso da evolução lingüística, a mudança caminha para se completar, e regras variáveis se tornam invariantes. Quando isso acontece, há inevitavelmente alguma outra mudança estrutural que compensa a perda de informação envolvida”. Tal comportamento, em termos funcionalistas, é entendido como uma busca do equilíbrio entre função-forma.

Controlamos a posição verbal, com vistas a observar se a posposição verbal tem aumentado ou diminuído ao longo dos séculos considerados. Nossa hipótese é a de que o percentual de sujeitos pronominais pospostos ao verbo esteja diminuindo ao longo dos séculos, tendo em vista os baixos percentuais de posposição de sujeitos pronominais encontrados em Soares da Silva (2006) e Wildner (2011)¹⁰⁹. Nesse sentido, é possível que a posposição possa, ao longo do tempo, especializar-se em expressar ênfase (construção marcada), em decorrência de um possível processo de espraiamento/expansão da expressão do sujeito a contextos não marcados na posição pré-verbal (de pronome independente acentuado a pronome anafórico não acentuado). Nessa perspectiva, conjectura-se que um sujeito expresso na posição pré-verbal possa vir a ser não marcado (atualmente um sujeito expresso apresenta características de marcado, independentemente da posição em relação ao verbo) e um sujeito posposto ao verbo, marcado. Para o controle da ordem do sujeito, incluiremos uma variável independente para obtenção da frequência de uso do sujeito anteposto e posposto ao verbo. Contudo, essa variável não é considerada na análise dos pesos relativos por não ser um contexto variável.

¹⁰⁸ Outra estratégia possível pode ser o acento melódico, utilizado no inglês quando se quer enfatizar o sujeito.

¹⁰⁹ Soares da Silva (2006) encontrou 8% (121 de um total de 422 ocorrências de sujeitos expressos) de sujeitos pronominais pospostos na amostra de Madri e 2% (27/414) na de Buenos Aires. Nessa mesma direção, Wildner (2011) encontrou, em suas amostras, 1% na Argentina (3/159), 4% em Porto Rico (11/224) e 8% na Espanha (13/146) e no México (12/148).

Quadro 22 – variável ordem do sujeito com relação ao verbo

Ordem do sujeito	Sujeito anteposto ao verbo
	Sujeito posposto ao verbo

A análise quantitativa é realizada com cada peça isoladamente de modo a se obter uma amostra da **sincronia** de cada metade de século em questão¹¹⁰. Dessa forma, é possível observar o comportamento do sujeito pronominal ao longo do período considerado. No capítulo seguinte são apresentados os resultados obtidos e as respostas para as perguntas formuladas ao longo da investigação.

¹¹⁰ Conforme já comentamos, em razão da representatividade limitada do nosso *corpus*, consideramos que os valores obtidos aqui representam uma **amostra** da sincronia em tela.

6 RESULTADOS OBTIDOS: RESPONDENDO ÀS QUESTÕES DE PESQUISA

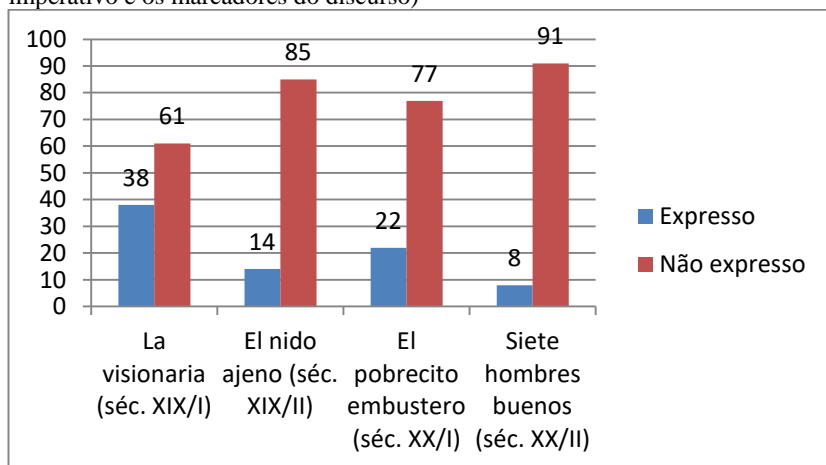
No capítulo introdutório desta tese, foram aventadas três grandes questões de pesquisa e respectivas conjecturas. De forma a responder tais questionamentos, no capítulo metodológico, expusemos as variáveis a serem controladas, bem como as hipóteses correspondentes. No presente capítulo, que está organizado em quatro seções, são apresentados os resultados obtidos para as quatro obras teatrais analisadas. Na primeira seção é apresentada a **análise das peças teatrais**, sendo que as subseções trazem, de forma comparativa, os resultados probabilísticos e/ou de frequência de uso das variáveis para cada uma das obras investigadas. A segunda seção expõe a **análise da posição do sujeito**, de modo a responder se, ao longo do período considerado, houve diminuição da posição posposta, fortalecendo nossa hipótese de que essa posição pode vir a especializar-se como estratégia para expressar ênfase. A terceira seção traz a **análise dos verbos de atividade externa**, com vistas a observar o comportamento do sujeito pronominal com esses verbos, tidos como mais “objetivos”, ou seja, com os quais a subjetividade é menor (ENRÍQUEZ, 1984). Por esse ser um contexto discursivamente não marcado, a ocorrência de sujeitos explícitos com verbos de atividade externa forneceria suporte para a hipótese de sintaticização. Por fim, na última seção, são retomadas e respondidas as **questões gerais de pesquisa**.

6.1 ANÁLISE DAS PEÇAS TEATRAIS

Nesta seção, apresentamos inicialmente os resultados gerais obtidos, ou seja, os percentuais de sujeito expresso e não expresso – incluídos o modo **imperativo** e os **marcadores do discurso** – e, também, uma análise comparativa da **forma pronominal** em cada peça investigada.

Durante a trajetória acadêmica, no que diz respeito ao objeto de pesquisa aqui apresentado, as leituras davam conta de períodos mais recentes (segunda metade do século XX) no tratamento da expressão do sujeito pronominal, o que leva ao desconhecimento do comportamento do fenômeno em sincronias mais antigas – fato que motiva a proposta que aqui se desenvolve. Nossa hipótese, como sinalizado, é de que, com o passar do tempo, o percentual de sujeitos expressos poderia estar aumentando, ainda que de forma bastante incipiente, na variedade de Castela (Espanha). Os resultados gerais são apresentados no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Porcentagem de sujeito expreso e não expreso (incluídos o modo imperativo e os marcadores do discurso)



Como é possível observar no Gráfico 1, os resultados gerais parecem ser contrários à hipótese inicial de que a porcentagem de sujeitos expressos poderia estar aumentando. Ainda que de forma não linear, vemos que, na amostra que representa a primeira metade do século XIX (*La visionaria*), o percentual de sujeitos explícitos é bem maior – 38% – que o da amostra da segunda metade do século XX (*Siete hombres buenos*) – 8%. Se ficássemos somente nesse nível de análise, diríamos que nossa conjectura não foi confirmada. Por outra parte, ao analisarmos os resultados considerando as formas pronominais ¹¹¹(cf. Tabela 20), particularmente o peso relativo – que indica a probabilidade de ocorrência de uma determinada forma, em contraste com outras formas e com outras variáveis – somado à porcentagem de sujeito expreso e o total de ocorrências daquela forma na amostra (incluídos os sujeitos expressos e não expressos), é possível deprender várias particularidades de cada peça.

¹¹¹ Os resultados apresentados na Tabela 20 serão retomados nas Tabelas 21, 22, 23 e 24, uma vez que aqui a explanação é mais geral e não aborda todas as formas pronominais.

Tabela 20: Porcentagem de sujeito expesso, peso relativo e número total de ocorrências na amostra (incluídos o modo imperativo e os marcadores do discurso)

Forma pronominal	<i>La visionaria</i>	<i>El nido ajeno</i>	<i>El pobrecito embustero</i>	<i>Siete hombres buenos</i>
<i>Yo</i>	160/567 28% (0,47)	57/417 13% (0,62)	111/401 27% (0,63)	53/444 11% (0,62)
<i>Nosotros(as)</i>	3/69 4% (0,04)	2/94 2% (0,08)	0/65 0% (0,13)	5/180 2% (0,14)
<i>Tú</i>	18/106 16% (0,25)	35/364 9% (0,51)	39/343 11% (0,52)	25/349 7% (0,40)
<i>Usted</i>	313/270 84% (0,91)	44/47 93% (0,99)	85/131 64% (0,91)	3/13 23% (0,93)
<i>Él</i>	9/151 5% (0,11)	11/127 8% (0,21)	6/104 5% (0,12)	8/154 5% (0,71)
<i>Ella</i>	3/67 4% (0,04)	0/35 0% (0,12)	6/50 12% (0,21)	5/9 55% (0,99)
<i>Vosotros(as)</i>	0/6 0%	1/36 2% (0,15)	3/21 14% (0,37)	3/49 6% (0,36)
<i>Ustedes</i>	15/16 93% (0,95)	7/7 100%	5/7 71% (0,89)	0/2 0%
<i>Ellos</i>	1/12 8% (0,23)	0/12 0%	1/36 2% (0,03)	2/26 7% (0,84)
<i>Ellas</i>	0/4 0%	-	1/23 4% (0,06)	0/3 0%
<i>Uno</i>	4/5 80% (0,90)	10/11 90% (0,96)	7/9 77% (0,81)	-
TOTAL	526/1373 38%	167/1150 14%	264/1190 22%	104/1229 8%

Em primeiro lugar, o que chama a atenção é que, na peça da primeira metade do século XIX (*La visionaria*), o número de ocorrências do pronome *usted* é predominante sobre o pronome *tú*. Do total de ocorrências de *usted* (370), 84% eram de sujeito explícito, tendência confirmada pelo peso relativo de 0,91. Por outro lado, o número total de ocorrências de *tú* é pelo menos duas vezes menor do que *usted*: 106 ocorrências, das quais apenas 16% eram de sujeito expesso, tendência também confirmada pelo baixo peso relativo (0,25).

Já na peça da segunda metade do século XIX (*El nido ajeno*), vemos uma inversão no total de ocorrências de *usted* e *tú*, se comparada à peça da primeira metade do século: 47 ocorrências de *usted*, das quais 93% eram de sujeito exposto (peso relativo 0,99); e 364 ocorrências de *tú*, das quais apenas 9% eram de sujeito exposto (peso relativo 0,51).

Na peça representante da primeira metade do século XX (segundo nascimento do autor e não publicação da peça), *El pobrecito embustero*, também vemos uma predominância do uso de *tú* em detrimento de *usted*: 343 ocorrências totais para o primeiro, das quais o percentual de sujeito exposto é de 11% (peso relativo 0,52); e 131 ocorrências totais de *usted*, das quais 64% são de sujeito exposto (peso relativo 0,91).

Quanto à última peça analisada, referente à segunda metade do século XX (*Siete hombres buenos*), o número de ocorrências totais de *tú* é de 349, das quais apenas 7% são expostas (peso relativo 0,40); e o número total de uso de *usted* é ínfimo: 13 ocorrências, das quais 23% são de sujeitos expostos (peso relativo 0,93). Nesta última peça analisada, vemos uma expressiva redução do uso de *usted*, se comparada à primeira peça (XIX-I).

Para compreender melhor se as diferenças de uso entre *usted* e *tú* podem ser explicadas pelos tipos de personagens interactantes das peças, no Quadro 24, apresentamos os principais tipos de interações sociais presentes nestas. Nesse sentido, uma possível explicação para essas discrepâncias poderia ser decorrente do tipo de interações presentes nas peças, ou seja, quanto mais diálogos entre íntimos (familiares ou amigos próximos), maior o número de registros de *tú*; e quanto mais interações entre não íntimos (desconhecidos, autoridades), maior o número de registros de *usted*. Uma explicação alternativa pode ser a de que tem havido ao longo do tempo uma diminuição dos contextos de uso de *usted*. No Quadro 24, são sinalizados os pronomes utilizados para referir-se à 2ª pessoa *tú* e *usted* (englobados os usos plurais: *vosotros* e *ustedes*) em diferentes contextos sociais.

Quadro 24 – Tipos de interações sociais e respectivos pronomes

Interações sociais	Pronome utilizado			
	<i>La visionaria</i>	<i>El nido ajeno</i>	<i>El pobrecito embustero</i>	<i>Siete hombres buenos</i>
Pais>filhos(as)	<i>tú</i>	<i>tú</i>	<i>tú</i>	/
Filhos(as)>pais	<i>usted</i>	/	/	/
Irmãos(ãs)	/	<i>tú</i>	<i>tú</i>	<i>tú</i>
Marido<>mulher	/	<i>tú</i>	<i>tú</i>	<i>tú</i>
Cunhados	/	<i>tú</i>	<i>tú</i>	/
Amigos(as) íntimos(as)	<i>usted</i>	<i>tú</i>	/	<i>tú</i>
Amigos(as) não íntimos	/	<i>usted</i>	/	<i>tú</i>
Amigos(as) íntimos>médico	/	/	<i>usted</i>	/
Médico>amigos(as) íntimos	/	/	<i>tú</i>	/
Desconhecidos	<i>usted</i>	<i>usted</i>	<i>usted</i>	/
Empregado>patrão conhecidos e	<i>usted</i>	<i>usted</i>	/	/
Patrão>empregado	<i>tú</i>	<i>tú</i>	/	/
Patroa<>empregado	/	<i>usted</i>	/	/
Empregada>patroa e amiga da família	/	<i>usted</i>	<i>usted</i>	/
Patroa > empregada	/	<i>usted</i>	<i>tú</i>	/
Patrão>empregada	/	/	<i>tú</i>	/
Empregada>patrão	/	/	<i>usted</i>	/
>autoridades	<i>usted</i>	/	/	<i>usted</i>
Autoridade>cidadãos	/	/	/	<i>tú</i>
Mãe<>vizinhas	<i>usted</i>	/	/	/
Sobrinho>tios(as)	<i>usted</i>	/	<i>tú</i>	/
Tio>sobrinho	/	/	<i>tú</i>	/
Alunas>professor	/	/	<i>usted</i>	/
Professor>aluna	/	/	<i>tú</i>	/

Testando a hipótese de que as diferenças numéricas de ocorrências de *tú* e *usted* poderiam ser devidas aos tipos de interação presentes nas peças, percebemos que há contextos em que: i) o autor do período XIX-I usou *usted* e os dos períodos XIX-II e XX-II usaram *tú*, como na fala entre amigos(as) íntimos(as); ii) o autor do período XIX-I usou *usted* e o do período XX-I usou *tú*: na fala do sobrinho dirigida ao

tio (sobrinho>tio); iii) o autor do período XIX-II usou *usted* e o do XX-I usou *tú*: na fala da patroa dirigida à empregada; iv) o autor do período XIX-II usou *usted* e o do XX-II usou *tú*: na fala entre amigos não tão íntimos. Como é possível depreender dessas informações, o uso de *usted* nas sincronias mais antigas contemplava contextos íntimos, os quais posteriormente foram sendo tomados pelo uso de *tú*. Contudo, ainda existem contextos em que o uso de *usted* é o esperado, como na fala dirigida a autoridades, por exemplo. Também a fala dirigida a desconhecidos e padrões aparece acompanhada do pronome *usted*.

Com base no exposto, a comparação entre as peças reforça a ideia de que os contextos e o uso de *usted* estão decrescendo ao longo do tempo – esta última conjectura reforçada pelos resultados obtidos (número total de ocorrências).

Retornando aos resultados apresentados na Tabela 20, no que diz respeito ao comportamento do sujeito explícito, é possível depreender outro cenário à mostra, se desconsideramos os pronomes de tratamento *usted* e *ustedes* e o indeterminado (*uno*). Como é possível observar, o peso relativo para a maior parte dos outros pronomes aumenta ou se mantém relativamente estável a cada peça analisada:

- i) *Yo*: 0,47 / 0,62 / 0,63 / 0,62;
- ii) *Tú*: 0,25 / 0,51 / 0,52 / 0,40;
- iii) *Él*: 0,11 / 0,21 / 0,12 / 0,71;
- iv) *Ella*: 0,04 / 0,12 / 0,21 / 0,99;
- v) *Nosotros(as)*: 0,04 / 0,08 / 0,13 / 0,14;
- vi) *Vosotros(as)*: Ø / 0,15 / 0,37 / 0,36;
- vii) *Ellos*: 0,23 / Ø / 0,03 / 0,84;
- viii) *Ellas*: Ø / Ø / 0,06 / Ø.

Ainda que a comparação dos pesos relativos obtidos para as diferentes peças deva ser relativizada, uma vez que eles não representam valores absolutos, pois, como o próprio nome sugere, são valores obtidos com base na relação entre as variáveis independentes e a variável dependente no escopo de cada peça, é possível depreender algumas semelhanças e diferenças entre as quatro obras analisadas. Se comparados os períodos XIX-I e XX-II (primeiro e último valor apresentado para cada pronome pessoal), vemos que os pesos relativos obtidos para a peça *Siete hombres buenos* (XX-II) são significativamente superiores aos obtidos para a peça *La visionaria* (XIX-I), o que pode ser um indício a favor de nossa hipótese de que o sujeito expresso esteja ampliando seus contextos de uso, ainda que lenta

e gradualmente. No entanto, para que possamos dar mais respaldo a tal suposição, é necessário primeiro analisar as variáveis selecionadas em cada peça investigada e comparar o comportamento dessas variáveis ao longo dos séculos controlados, o que é feito nas próximas subseções.

Antes de passarmos à análise das peças isoladamente, convém destacar as variáveis selecionadas em cada uma delas bem como sua força relativa, em ordem decrescente de importância¹¹²:

- i) ***La visionaria*** (XIX-I): forma pronominal (91), ambiguidade (61), comparação (54), conexão do discurso (50), classe semântica do verbo (23) e tipo de cláusula (22);
- ii) ***El nido ajeno*** (XIX-II): forma pronominal (91), tempo verbal (77), conexão do discurso (64), comparação (56) e ambiguidade (51);
- iii) ***El pobrecito embustero*** (XX-I): forma pronominal (88), comparação (64), ambiguidade (52), classe semântica do verbo (42), modo (41) e operador do discurso (28);
- iv) ***Siete hombres buenos*** (XX-II): forma pronominal (85), comparação (66), tempo verbal (63), ambiguidade (45) e classe semântica do verbo (45).

6.1.1 Forma pronominal

6.1.1.1 Juan Eugenio Hartzenbusch (XIX-I): *La visionaria*

Dentre todas as variáveis selecionadas, a que maior influência exerce sobre o sujeito pronominal – conforme aponta sua força relativa (*range*) – é a forma pronominal. A Tabela 21 apresenta os valores obtidos para essa variável:

¹¹² Para obter-se a **força relativa** (*range*) de uma determinada variável selecionada na análise multivariada do Goldvarb, basta subtrair o maior do menor peso relativo, sendo o resultado a força relativa. Quanto maior a força relativa, maior é a importância daquela variável para o fenômeno em análise.

Tabela 21: Sujeito expresso segundo a variável “Forma Pronominal” (*La visionaria*)

Forma pronominal	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
<i>Yo</i>	160/567	28%	0,47
<i>Nosotros</i>	3/69	4%	0,04
<i>Tú</i>	18/106	16%	0,25
<i>Usted</i>	313/370	84%	0,91
<i>Él</i>	9/151	5%	0,11
<i>Ella</i>	3/67	4%	0,04
<i>Vosotros(as)</i>	0/6	0%	-
<i>Ustedes</i>	15/16	93%	0,95
<i>Ellos</i>	1/12	8%	0,23
<i>Ellas</i>	0/4	0%	-
<i>Uno</i>	4/5	80%	0,90
TOTAL	526/1373	38%	Range: 91

Como é possível observar pelos pesos relativos e porcentagem, os únicos pronomes que favorecem a expressão do sujeito na peça de XIX-I são os de tratamento *usted* (0,91, 84%) e *ustedes* (0,95, 93%) e o indeterminado *uno* (0,90, 80%). O pronome *yo* (0,47, 28%), por sua vez, apresenta um comportamento mais neutral, isto é, como seu peso relativo encontra-se próximo de 0,50, não é possível dizer nem que favorece a expressão nem que a desfavorece; contudo, pende mais para o desfavorecimento. Todos os demais pronomes manifestam forte desfavorecimento da expressão do sujeito, conforme evidenciam seus pesos relativos, sendo *nosotros* (0,04, 4%) e *ella* (0,04, 4%) os contextos menos propícios para a aparição de um pronome sujeito.

Levando em conta o escasso número de ocorrências de *vosotros(as)*, *ellas* e *uno* não é prudente fazer afirmações sobre essas formas pronominais. Com um número de ocorrências um pouco maior que estes, mas igualmente baixo, estão os pronomes *ustedes* e *ellos*.

6.1.1.2 Jacinto Benavente (XIX-II): *El nido ajeno*

Assim como na peça *La visionaria* (XIX-I), em *El nido ajeno* (XIX-II), a forma pronominal é a mais significativa para o fenômeno da expressão do sujeito, de acordo com sua força relativa (91). Na Tabela 22 são apresentados os resultados para essa variável:

Tabela 22: Sujeito expresso segundo a variável “Forma Pronominal” (*El nido ajeno*)

Forma pronominal	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
<i>Yo</i>	57/417	13%	0,62
<i>Nosotros</i>	2/94	2%	0,08
<i>Tú</i>	35/364	9%	0,51
<i>Usted</i>	44/47	93%	0,99
<i>Él</i>	11/127	8%	0,21
<i>Ella</i>	0/35	0%	0,12
<i>Vosotros(as)</i>	1/36	2%	0,15
<i>Ustedes</i>	7/7	100%	-
<i>Ellos</i>	0/12	0%	-
<i>Ellas</i>	-	-	-
<i>Uno</i>	10/11	90%	0,96
TOTAL	167/1150	14%	Range: 91

Ao comparar os resultados dessa amostra com os da amostra anterior, o que primeiro chama a atenção é a inversão do total de ocorrências de *usted* e *tú*, ou seja, na amostra do período XIX-I, há quase um quártuplo a mais de ocorrências de *usted* do que *tú*; já nesta amostra (XIX-II), há mais que o sêxtuplo de ocorrências de *tú* (364) do que *usted* (47). A provável causa de tantas ocorrências de *tú* em detrimento de *usted* se deve ao fato de que, nesta peça, a maioria dos diálogos ocorre entre **íntimos**: casal (María e José), cunhados (María e Manuel), amigas íntimas (María e Emilia) e irmãos (José e Manuel). As ocorrências de *usted* (e *ustedes*), em sua maioria, se referem às conversas entre a amiga íntima de María e o cunhado e o marido desta (= Emilia <>Manuel e José). Além disso, outra possível explicação para o maior número de ocorrências de *tú* é a de que parece estar havendo uma ampliação gradual dos contextos de *tú* nos quais antes se usava *usted* (amigos íntimos, nesta amostra), como comentamos anteriormente.

Apesar de parte das formas pronominais apresentar percentuais menores de expressão do que na amostra anterior, os pesos relativos para todos os pronomes analisados na **rodada multivariada** aumentaram (em comparação com a peça *La visionaria*): *yo* (0,62;

13%), *tú* (0,51; 9%), *él* (0,21; 8%), *ella*¹¹³ (0,12; 0%), *nosotros* (0,08; 2%), *uno* (0,96; 90%) e *usted* (0,99; 93%). Quanto aos pronomes *ellos* (0%, 12 ocorrências de sujeito não expresso) e *ustedes* (100%, 7 ocorrências de sujeito expresso), por terem sido categóricos e disporem de escassas ocorrências, optou-se por não incluí-los na análise multivariada.

Com base nos pesos relativos obtidos, observa-se que, nesta peça representante do período XIX-II, outro pronome além de *usted*, *ustedes* e *uno* tende a favorecer a expressão do sujeito: *yo*. Destaca-se também o comportamento de *tú*, uma vez que, em comparação com a peça de XIX-I, houve um aumento significativo no peso relativo desta forma pronominal: *La visionaria* (0,25) e *El nido ajeno* (0,51). Quanto aos pronomes de terceira pessoa que ocorrem nesta amostra (*él*, *ella* e *ellos*), primeira pessoa plural (*nosotros/as*) e segunda pessoa plural (*vosotros/as*), observa-se que tais formas continuam a desfavorecer fortemente a expressão do sujeito, conforme apontam seus pesos relativos e/ou percentuais.

Até a presente análise, temos um indício a favor da nossa hipótese de sintaticização, que é o aumento nos pesos relativos dos pronomes analisados (excetuando-se os que não foram incluídos na rodada multivariada em uma ou ambas as peças). Ao longo da análise da variável **forma de representação do sujeito** será possível observar se essa tendência se mantém ou não.

6.1.1.3 Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

Da mesma forma que nas duas peças anteriores, em *El pobrecito embustero* a variável forma pronominal foi a mais significativa, conforme sinaliza sua força relativa (88). Na Tabela 23, seguem os resultados obtidos:

Tabela 23: Sujeito expresso segundo a variável “Forma Pronominal” (*El pobrecito embustero*)

(continua)			
Forma pronominal	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
<i>Yo</i>	111/401	27%	0,63
<i>Nosotros</i>	0/65	0%	0,13
<i>Tú</i>	39/343	11%	0,52

¹¹³ Optou-se por manter o pronome *ella* na análise multivariada, considerando que houve 35 ocorrências desta forma na amostra.

(conclusão)

Forma pronominal	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
<i>Usted</i>	85/131	64%	0,91
<i>Él</i>	6/104	5%	0,12
<i>Ella</i>	6/50	12%	0,21
<i>Vosotros(as)</i>	3/21	14%	0,37
<i>Ustedes</i>	5/7	71%	0,89
<i>Ellos</i>	1/36	2%	0,03
<i>Ellas</i>	1/23	4%	0,06
<i>Uno</i>	7/9	77%	0,81
TOTAL	264/1190	22%	Range: 88

Assim como em *El nido ajeno*, nesta peça – representante da primeira metade do século XX – os pronomes com os quais a expressão do sujeito é mais provável de ocorrer são: *usted* (0,91; 64%), *ustedes* (0,89; 71%), *uno* (0,81; 77%) e *yo* (0,63; 27%), sendo que os pesos relativos de *usted* e *yo* se assemelham aos da amostra do período XIX-II (*El nido ajeno*). Importa ressaltar o aumento do número de ocorrências de *usted* (131, das quais 64% ocorrem explicitamente), em comparação à amostra de XIX-II. Isso provavelmente se deve ao fato de que em *El pobrecito embustero* ocorrem mais interações sociais nas quais o uso de *usted* é o escolhido: aluna (Loreto) ao digirir-se ao professor (Lorenzo); o professor (Lorenzo) ao dirigir-se ao médico e amigo íntimo da família (Don Julián); entre a cunhada (Magdalena), a esposa do professor (Rosalia) e este (Lorenzo) e a atriz famosa (Linda), que não é íntima da família; a empregada jovem da casa (Clotilde) a seus patrões (Rosalia e Lorenzo), à irmã de sua patroa (Magdalena), à vizinha idosa (Doña Agueda) e ao médico (Don Julián). Também mantém semelhante comportamento ao da peça anterior o pronome *tú*, com um mínimo acréscimo no percentual e no peso relativo (0,52; 11%). Por outra parte, o peso relativo e a porcentagem de *él* decrescem ligeiramente (0,12; 5%). Já os pronomes *ella* (0,21; 12%), *vosotros* (0,37; 14%), *ellos* (0,03; 2%), *ellas* (0,06; 4%) têm os pesos relativos e porcentagens um pouco aumentados, em comparação com a amostra de XIX-II, mas ainda seguem sendo contextos altamente desfavoráveis à presença pronominal, conforme evidenciam os valores obtidos. Também o pronome *nosotros/as* segue sendo fortemente favorável à omissão, uma vez que todas as ocorrências são implícitas.

Com base nos resultados da análise probabilística para esta peça representante da primeira metade do século XX, vemos que a hipótese

da sintaticização continua sendo reforçada pelos valores dos pesos relativos, uma vez que estes, em sua maioria, ou se mantiveram estáveis ou tiveram acréscimo, em comparação com a peça anterior (XIX-II).

6.1.1.4 Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

Assim como nas outras três peças analisadas, a variável forma pronominal também foi a mais importante na amostra do período XX-II (força relativa: 85). A Tabela 24 apresenta os resultados obtidos para essa variável:

Tabela 24: Sujeito expresso segundo a variável “Forma Pronominal” (*Siete hombres buenos*)

Forma pronominal	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
<i>Yo</i>	53/444	11%	0,62
<i>Nosotros</i>	5/180	2%	0,14
<i>Tú</i>	25/349	7%	0,40
<i>Usted</i>	3/13	23%	0,93
<i>Él</i>	8/154	5%	0,71
<i>Ella</i>	5/9	55%	0,99
<i>Vosotros(as)</i>	3/49	6%	0,36
<i>Ustedes</i>	0/2	0%	-
<i>Ellos</i>	2/26	7%	0,84
<i>Ellas</i>	0/3	0%	-
<i>Uno</i>	-	-	-
TOTAL	104/1229	8%	Range: 85

Observando a Tabela 24, o escasso número de ocorrências de *usted* (apenas 13 no total) contrasta com todas as peças anteriores, principalmente com as de XIX-I e XX-I. Em parte, isso se deve ao fato de que a peça (de único ato) gira em torno a um grupo de amigos (de diferentes idades) exilados (fugidos de seu país de origem, no qual possuíam poder político) que se reúnem frequentemente para planejar politicamente seu regresso à pátria, ainda que tenham se passado muitos anos e o ditador ainda siga no poder, impossibilitando a volta. Nesse encontro, que constitui a peça, os sete homens “bons” – que originalmente eram oito – relembram acontecimentos e memórias passadas, bem como comentam sobre suas vidas atuais. É interessante notar que, no curto trecho em que os amigos começam a reunião formal (política), a forma de tratamento entre eles muda também:

(73) *Se abre el Consejo de Ministros del Gobierno de la República. Señor secretario, el orden del día. NICOLÁS: Con su permiso, señor presidente. (Lee.) <<Punto uno: Plan Hidrológico Nacional. Punto dos: Anteproyecto de Ley de Enseñanza Secundaria. Punto tres: nuevo código de circulación. Punto cuatro: nombramiento de embajador en el nuevo Estado de Swazilandia. Punto cinco: programa de nacionalizaciones.>> PABLO: Señor ministro de Agricultura. NICOLÁS: Ausente. PABLO: ¿? NICOLÁS: Lucas es el ministro de Agricultura. Silencio. PABLO: Pasemos al punto número dos. NICOLÁS: Anteproyecto de Ley de Enseñanza Secundaria. PABLO: Señor ministro de Educación. Marcial reparte unos papeles. MARCIAL: Como pueden ver, se trata de una reforma radical y progresiva a completar en un periodo de cinco años. En la memoria económica adjunta pueden ver la inversión que propongo, desglosada por partidas. PABLO: Ha hecho un gran trabajo, señor ministro. Enhorabuena. Estudiaremos estos números con atención y los debatiremos el próximo viernes. Prosigamos, señor secretario. NICOLÁS: Punto tres: nuevo código de circulación. Si le parece, señor presidente, puesto que se encuentra ausente el ministro de Interior, podríamos pasar al asunto de la embajada. Silencio. PABLO: Tiene la palabra el ministro de Asuntos Exteriores. (Peça Siete hombres buenos)*

No entanto, logo que um deles traz uma memória do passado, a reunião se detém e os amigos começam a tratar-se informalmente novamente e a relembrar acontecimentos antigos. Ainda que o fato de a peça se desenrolar num grupo de amigos favoreça o uso de *tú*, cujo comportamento tende ligeiramente a não explicitação do sujeito (0,40; 7%), é inegável que os contextos de uso de *usted* estão cada vez mais restritos, se comparados, principalmente, à peça de XIX-I, conforme vimos. Contudo, como evidencia o peso relativo de *usted* (0,93; 23%), esse segue sendo um contexto bastante propício para a expressão do sujeito. Apenas a título de ilustração dessa tendência a explicitar o sujeito pronominal em contextos de *usted*, trazemos a foto de uma placa, registrada durante a estada na ilha de Gran Canaria, na ocasião do doutorado sanduíche.

Figura 1 – Placa informativa em Gran Canaria



Voltando nossa atenção aos demais pronomes, observa-se que os pesos relativos para *yo* (0,62; 11%), *vosotros* (0,36; 6%) e *nosotros* (0,14; 2%) se assemelham aos da amostra de XX-I, ainda que os percentuais daqueles dois primeiros sejam menores que os obtidos em *El pobrecito embustero* e o de *nosotros* seja ligeiramente maior.

Ainda que o número de ocorrências do pronome *ella* nesta amostra tenha sido ínfimo e não nos permita muitas interpretações, é interessante notar que, de 9 ocorrências, 5 são de sujeito explícito, uma vez que, em estudos resenhados no capítulo quatro e nas outras peças analisadas nesta tese, esse é um contexto altamente favorável à omissão do sujeito. Entretanto, em *Siete hombres buenos*, o peso relativo e o percentual para esse pronome são elevados (0,99; 55%). Para tentar entender esse resultado, buscamos as ocorrências em que o pronome *ella*

é explicitado. O que observamos é que, em grande parte das ocorrências, outras variáveis levam a esse comportamento atípico, isto é, *ella* é usado em contextos contrastivo (74), corroborativo (75) e enfático (76). Em (77), temos duas ocorrências de sujeito explícito, sendo a primeira não esperada, uma vez que não havia dificuldade de identificar o referente (*tu madre*), que havia sido mencionado como objeto na sentença imediatamente anterior “*Desde allí telefoneé a tu madre. Ella me dijo que (...)*”; já na oração posterior “*Pablo le dio el pésame y ella le dijo: (...)*” sua presença é necessária porque há mudança de subtópico discursivo, sendo que a omissão levaria à continuidade do referente anterior (Pablo). Além disso, o escasso número de ocorrências dessa forma pronominal não permite muitas elocubrações.

(74) *A él lo han ingresado y ella se va muy de mañana al hospital.*

(75) *¿Lo habrá leído ella también?*

(76) *PABLO: No sé por qué no fui directamente allí. Fue ella quien me abrió. Él se extrañó, claro, de mi visita. Yo nunca había entrado allí, aunque más de una vez lo había acompañado hasta la puerta. No era ningún secreto.*

(77) *DÁMASO: Si Pablo lo estaba buscando, la vida de Antonio corría peligro. Yo también me puse a buscarlo, quería encontrarlo antes de que lo hiciese Pablo, para llevarlo a un lugar seguro. Nunca me perdonaré haber llegado tarde. En la sede del partido me enteré de que Antonio no había acudido a la junta directiva. Desde allí telefoneé a tu madre. Ella me dijo que unos compañeros habían ido a buscarlo. No hice más preguntas. Silencio. JULIÁN: ¿Por qué te has guardado eso durante treinta años? DÁMASO: ¿Por qué tu madre lleva treinta años diciendo que lo mataron los militares? Cuando acabamos de enterrarlo, Pablo le dio el pésame y ella le dijo: (...).*

Quanto ao pronome *él*, seu peso relativo (0,71) não condiz com seu percentual de sujeito expresso (apenas 5%, sendo oito sujeitos expressos em um total de 154 ocorrências), nem com os resultados obtidos em outros estudos sociolinguísticos (WILDNER, 2011; SOARES DA SILVA, 2006, entre outros). Ao analisar as ocorrências em que o sujeito foi explicitado, compreendemos que parte dos casos se deve à influência das variáveis comparação (78, 79 e 80) e ambiguidade potencial (81 e 82). Por outro lado, há ocorrências em que o mais

esperado seria a omissão, tais como casos de continuidade de referência (83) ou em que entre o sujeito e sua menção prévia há uma oração com sujeito indeterminado (84) e mudança a tópico (85).

(78) *Apostaría que tú, Rogelio, estás poniendo problemas para volver. Comprendo tu desazón, no puede serte fácil abandonar la vida que tienes aquí, por mucho amor que sientas hacia la República. Amor que no te impide hacer negocios con gente del tirano. Seguro que Marcial está mucho más animado. No es que él carezca de intereses, pero los suyos son intereses, ¿cómo decirlo?, espirituales. Marcial ve aquel país como un laboratorio, y aquella gente como animalitos sobre los que experimentar sus ideas. Los intereses de Julián son más elementales.* (Comparativo)

(79) *JULIÁN: Comprendo. Comprendo tu plan: cuanto más débil sea él, más fuerte eres tú. Se trata de sostenerlo para luego manejarlo como un títere.* (Comparativo)

(80) *LUCAS: Es el mejor de nosotros. En un mes, Dámaso llevaría el Estado al delirio. Él ve a Dios, ¿quién puede presumir de lo mismo? Se ha propuesto evangelizar la luna y lo conseguirá. Dámaso, yo voto por ti.* (Comparativo)

(81) *LUCAS: Que me muera aquí mismo si miento. Estoy tomando una copa en el Colón cuando veo que la gente se agolpa en el mostrador, junto a la tele. Y allí estaba él, en la pantalla, Doménech.* (Referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático após o verbo em análise)

(82) *PABLO: No sé por qué no fui directamente allí. Fue ella quien me abrió. Él se extrañó, claro, de mi visita. Yo nunca había entrado allí, aunque más de una vez lo había acompañado hasta la puerta. No era ningún secreto.* (Referente identificado por meio da expressão do sujeito antes do verbo)

(83) *Pablo se ha ganado quedarse al margen de malediccias. A tu edad, él había pasado la mitad de su vida en la cárcel por luchar para que nuestro país fuese una nación de hombres libres.* (Continuidade do referente, mas um possível elemento de comparação “a tu edad”)

(84) MARCIAL: *¿No me has oído? Está preso. Aunque la víspera ya se oyó ruido de sables, él se acostó tomándose a broma. Por la mañana, el jefe de su escolta lo arrestó a punta de pistola. (Oração interviniente com sujeito indeterminado “ya se oyó”)*

(85) PABLO: *Había muchos infiltrados. Por lo demás, en las cárceles del tirano sucedía lo mismo: estaban llenas de gentes que habían combatido por él pero de las que él recelaba. (Mudança a tópico)*

O pronome *ellos*, por sua vez, apresenta valores não esperados, pois seu peso relativo aponta favorecimento do sujeito expreso (0,84), ainda que a frequência de uso seja baixa (7%). Das 26 ocorrências, apenas duas ocorrem com presença do pronome:

(86) NICOLÁS: *Hasta el menos pensado puede ser un traidor. ¿Habéis olvidado las escenas que tuvimos que presenciar al final de la guerra? Cada vez que los soldados del tirano tomaban una ciudad, salían a besarlos mujeres que unas horas antes abrazaban a nuestros soldados. A muchos les faltó tiempo para cambiar en los balcones las banderas. De pronto, había partidarios del tirano por todas partes. Y ellos, los traidores, fueron los más sanguinarios, los más crueles en nuestra derrota. (Mudança a tópico)*

(87) MARCIAL: *Me pareció oportuno conocer el punto de vista de personas que aborrecen al tirano tanto como nosotros. PABLO: No puedo creer lo que oigo. ¿Has tenido conversaciones con los monárquicos? ¿Olvidas que nosotros echamos del país a su reyecito? MARCIAL: También ellos son unos desterrados. Deberíamos sumar esfuerzos. (Comparação corroborativa)*

Já as escassas ocorrências dos pronomes *ellas* (3 ocorrências) e *ustedes* (2 ocorrências) são não expressas, e o pronome indeterminado *uno* não ocorre na peça.

Em comparação com a obra do período XX-I, ainda que o peso relativo referente aos pronomes *tú* e *uno* tenha diminuído na peça de XX-II, é possível dizer que a maioria dos pronomes ou se manteve estável ou aumentou seu peso relativo. Dessa forma, especialmente se comparamos os pesos relativos das peças *La visionaria* (XIX-I) e *Siete hombres buenos* (XX-II), vemos que houve um aumento considerável nos valores probabilísticos, o que pode ser visto como um indício a favor da hipótese de sintaticização.

Além disso, ao compararmos os resultados referentes à peça da sincronia mais recente (*Siete hombres buenos*, XX-II, ano de publicação 1989) com os obtidos por Enríquez (1984) para a variável pessoa gramatical, constatamos que os percentuais de sujeito expesso encontrados por essa autora são significativamente maiores que os obtidos na obra teatral. De forma análoga às três peças anteriores (*La visionaria*, *El nido ajeno* e *El pobrecito embustero*), os resultados de Enríquez (1984) assinalam um elevado percentual (e número de ocorrências) de sujeito expesso com os pronomes de tratamento *usted* e *ustedes* (superiores a 75%), contrastando com os demais pronomes.

Conforme veremos nas próximas subseções, outros resultados obtidos para a peça *Siete hombres buenos* apresentam comportamento inesperado, ou seja, em direção contrária às nossas conjecturas e estudos resenhados nesta tese. É possível que os resultados para essa peça não tenham sido melhores devido às seguintes características: i) como há muitos personagens interagindo ao mesmo tempo, usa-se frequentemente o recurso do **vocativo** e **sintagma nominal** para identificação da referência: “*Nicolás, por favor, ¿en qué punto estamos?*”; “*NICOLÁS: (Tendiéndole el periódico.) Aquí está su necrológica. (Pablo la lee. Silencio.) PABLO: Incluso muerto lo insultan. Nicolás decidió quedarse (...)*”. ii) a sequência discursiva **narrativa** é frequente ao longo da peça, ao lembrar e contar acontecimentos passados, o que direciona o foco da ação para o passado, em detrimento das ações no presente:

(88) *MARCIAL: Nunca pensamos que nos costaría tanto abrir esa botella, ¿verdad? Cuando llegabas aquí, si allí habías sido alguien, tenías que olvidarlo cuanto antes y aceptar cualquier empleo, pero no intentabas nada demasiado serio porque creías que el regreso era inminente. Hasta que comprendías que la cosa iba para largo. PABLO: Cómo nos miraba todo el mundo. Continuamente nos recordaban que no nos habían invitado a venir.*

A respeito dessas características, é necessário reconhecer que, pelo fato de peças teatrais serem um gênero literário, é possível que haja interferências nos dados, resultantes do estilo do autor, da temática da obra, entre outros fatores. Por outro lado, esse gênero é um recurso válido para pesquisas diacrônicas, nas quais não se tem acesso a dados de oralidade espontânea de períodos antigos, conforme comentado anteriormente.

6.1.2 Ambiguidade

6.1.2.1 Juan Eugenio Hartzenbusch (XIX-I): *La visionaria*

A variável ambiguidade foi a segunda mais relevante na amostra de XIX-I, com força relativa bastante significativa (61). A Tabela 25 apresenta os valores para essa variável:

Tabela 25: Sujeito expresso segundo a variável “Ambiguidade” (*La visionaria*)

Ambiguidade	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Forma verbal exclusiva	125/607	20%	0,38
Referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo em análise	225/538	41%	0,53
Referente identificado por meio da expressão do sujeito antes do verbo	27/27	100%	0,99
Referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático após o verbo em análise	27/29	93%	0,94
Referente identificado somente por meio da expressão do sujeito ou não identificado	3/6	50%	0,68
TOTAL	407/1207¹¹⁴	33%	Range: 61

Como é possível observar na Tabela 25, os referentes cuja forma verbal correspondente dispõe de desinências exclusivas (89) são contextos favoráveis à não expressão do sujeito pronominal (peso relativo 0,38). Por outra parte, é importante destacar que, mesmo combinando-se a uma forma verbal exclusiva, o sujeito é expresso em 20% das ocorrências, o que pode ser motivado por outras variáveis, tais como: comparação, conexão do discurso, classe semântica do verbo.

¹¹⁴ A diferença na quantidade total de ocorrências, em comparação a outras variáveis, se deve ao fato de que os verbos no **imperativo** não foram considerados para esta variável, tendo sido utilizado o recurso **não se aplica**.

(89) CRÍSPULA. *Lo repito: si **llego** á echar menos la cartera antes de volver á casa, me da un accidente y no **vuelvo** de él.*

Já no caso de referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático **antes** do verbo em análise (90) – não havendo, portanto, ambiguidade –, tanto o percentual quanto o peso relativo apontam para equilíbrio entre a expressão e a omissão do sujeito (0,53; 41%).

(90) VALENTINA. *Mi mamá, si me **quiere**, no **querrá** esponer otra vez á su hija á perder su único apoyo.* (Neste dado, a referência é apontada pelo vocativo “*mi mamá*”; além disso, não há outro possível referente no discurso para “*me quiere*” e “*no querrá*”)

Por outra parte, nos casos em que há certa dificuldade de identificação do referente, a expressão do sujeito é favorecida. No primeiro deles, a identificação do referente ocorre através do contexto discursivo e/ou sintático **após** o verbo em análise (91), isto é, a possível ambiguidade é desfeita após a realização do verbo em questão. Nesse caso, há uma forte tendência à expressão do sujeito (93%, 0,94), ainda que a ambiguidade seja desfeita na posição pós-verbal.

(91) VALENTINA. *¿Qué querrá este hombre? ¿Para qué se encargará Raimundo de traer aquí á nadie? ¿Como soy yo tan aficionada á visitas! Merecia que no recibiese las suyas.* (Neste dado, o referente de “*merecia*” poderia ser “*este hombre*” (Don Vicente), “*Raimundo*” ou “*Valentina*”, até que a referência fosse esclarecida (Raimundo) com o sintagma “*que no recibiese las suyas*” e pelo contexto “*Valentina recibia frequentemente a visita de Raimundo*”)

Apesar de categórica (100% de expressão), a opção por controlar o contexto em que o referente ambíguo é identificado por meio da **expressão do sujeito antes do verbo** (92) – ainda que após o verbo a referência fosse revelada, desfazendo a ambiguidade – sinaliza que, em alguns casos (27 ocorrências), o falante pode estar intuindo uma possível dificuldade de atribuição da referência por parte do ouvinte, daí a decisão de esclarecer logo (ou seja: antes do verbo) a referência, por meio da expressão do sujeito.

(92) DOÑA CRÍSPULA. *¡Esceleste casa! ¡Hombre opulentísimo! Usted habrá tenido parte en su herencia.* (Neste dado, a referência de “*habrá*”

tenido” apontaria para o referente de “*hombre opulentísimo*” (Don Jaime) até que fosse desambiguada pelo sintagma pós-verbal “*parte en su herencia*”, mas a explicitação do sujeito referente (Don Vicente) é feita antes disso por meio da expressão do sujeito em posição pré-verbal “*usted habrá tenido*”)

Importa ressaltar que, apesar de que se poderia reunir os dois fatores anteriores – referente identificado por meio da expressão do sujeito antes do verbo e referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático após o verbo em análise –, optou-se por separá-los com vistas a controlar com mais refinamento a posição do sujeito, haja vista que, no primeiro caso, o sujeito expresso ocorre na posição pré-verbal e no segundo, na posição pós-verbal (quando expresso) ou nulo.

É relevante notar que os casos em que o referente é identificado apenas por meio da expressão do sujeito ou não identificado (93) são ínfimos: apenas seis casos, dos quais três continuam ambíguos por não ter sido explicitado o sujeito pronominal.

(93) DON VICENTE. *Pues la fachada es magnífica. Me decido. Robusto cimientto, sólida estructura, capacidad, segun dicen... Vamos, será mia.* DOÑA CRÍSPULA. *Poco á poco: falta que yo quiera.* (Neste dado, temos dois casos de ambiguidade: primeiro o sintagma “*será mia*”, que segue ambíguo, pois Don Vicente quis referir-se à “casa” de Doña Crispula, mas esta senhora compreendeu que o referente era sua filha “Valentina”. O segundo, refere-se a “*yo quiera*”, que poderia referir-se também a “*ella (Valentina) quiera*”)

Ao transcrever a peça *La visionaria*, surgiu a impressão de que o uso frequente do pronomine de tratamento *usted* parecia ocasionar significativa quantidade de casos potencialmente ambíguos, o que poderia explicar a frequente explicitação do sujeito pronominal com essa forma pronominal, gerando até mesmo casos redundantes, como o do sintagma preposicional “*de usted*”: “VICENTE. *Su rostro de usted no me es desconocido*”. Tal hipótese foi confirmada conforme os resultados apresentados nesta subseção, haja vista a força relativa da variável ambiguidade.

6.1.2.2 Jacinto Benavente (XIX-II): *El nido ajeno*

A força relativa (51) para a variável ambiguidade na peça *El nido ajeno* evidencia sua significativa contribuição para a expressão do

sujeito pronominal. A Tabela 26 apresenta os resultados para essa variável:

Tabela 26: Sujeito expresso segundo a variável “Ambiguidade” (*El nido ajeno*)

Ambiguidade	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Forma verbal exclusiva	71/739	9%	0,40
Referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo em análise	51/248	20%	0,71
Referente identificado por meio da expressão do sujeito antes do verbo	6/6	100%	-
Referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático após o verbo em análise	23/29	79%	0,91
Referente identificado somente por meio da expressão do sujeito ou não identificado	0/1	0%	-
TOTAL	151/1023	14%	Range: 51

O fator “forma verbal exclusiva” (94) é o contexto menos provável de que ocorra um pronome sujeito explícito – em comparação com os outros fatores da variável ambiguidade –, conforme sinaliza seu peso relativo (0,40); sendo esse resultado bastante semelhante ao obtido na peça anterior, ainda que sua porcentagem corresponda a metade (9%) da obtida na peça *La visionaria* (20%). Também semelhante ao resultado da peça *La visionaria* (XIX-I), apresenta o fator “referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático após o verbo em análise” (95), sendo este um contexto bastante favorável à presença do sujeito pronominal (0,91; 79%).

(94) MANUEL.—*Cualquiera diría que le tienes miedo... Mira, ¿sabes lo que pienso? Que debemos castigarle como a los chicos temerosos... Nos vamos al teatro y le dejamos solito. ¡Es mucha rareza de genio!* (forma verbal exclusiva)

(95) *Pero un día llegó el viajero, el amigo a quien se abre la casa como a hermano..., llegó risueño, halagador de la imaginación y de los sentidos..., y una vida de honradez, de virtudes, no pudo resistir al atractivo encanto de aquel hombre. Era yo muy niño...,* (referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático após o verbo, pois, até que a informação posterior ao verbo fosse dada (“*muy niño*”), o referente mais provável para “*era*” seria “*el viajero*”, que era o tópico discursivo até então)

Já o fator “referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo” (96), isto é, quando não há possibilidade de ambiguidade, apresenta um comportamento não esperado, pois favorece a expressão do sujeito, conforme peso relativo (0,70; 20%), quando se esperava o contrário. É possível que certas ocorrências das 51 que foram explicitadas nesse caso sejam motivadas por outras variáveis, tais como conexão do discurso e comparação, por exemplo, as quais também foram selecionadas na análise multivariada.

(96) EMILIA.—*Si hace tantos años que anda por esos mundos... Desde antes de casarse su hermano; y mi amistad en esta casa es por la señorita María. He oído hablar mucho de él, de sus viajes, de sus aventuras. ¿Se parece a su hermano? Dicen que es otro genio.* LUISA.—*No se parece en nada... Es muy simpático, buen mozo, muy alegre, muy cariñoso...* (referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo, pois a pergunta “*¿Se parece a su hermano?*” já aclara o referente de “*no se parece*” e “*es*”)

Em comparação com a peça anterior, o número de ocorrências de referentes identificados por meio da expressão do sujeito antes do verbo (97) é pelo menos quatro vezes menor: apenas seis ocorrências, motivo pelo qual este fator não foi incluído na análise multivariada. Menor ainda é o número de ocorrências em contextos ambíguos, nos quais apenas a expressão do sujeito aclara o referente (98): apenas um caso, o qual permanece ambíguo, pois o sujeito não foi explicitado.

(97) MANUEL.—*(Siguiendo su idea y dirigiéndose a MARÍA principalmente.) Ya sabes cómo vivíamos en nuestra casa. Eráis vecinos, y tu padre igual en carácter al nuestro; por algo eran socios. Allí nadie tenía más voluntad que la de mi padre. ¡Qué rigidez, qué severidad! Cuando él estaba en casa hablábamos en voz baja; nuestros*

juegos le incomodaban, nuestras risas le hacían daño. (referente identificado por meio da expressão antes do verbo, neste caso o referente da oração “*cuando él estaba*” seria potencialmente ambíguo – se não houvesse a explicitação do sujeito – até que fosse aclarado com informações posteriores ao verbo: “*en casa*” e “*hablábamos en voz baja*”, pois poderia ser “*cuando yo estaba*”, por exemplo)

(98) JOSÉ.—(*Aparte.*) *Esta mujer me desespera... ¿Habla con intención..., o habla por hablar, sin saber lo que dice, y soy yo quien va dando intención a cada palabra suya?... EMILIA.—¿Estaba usted ayer tarde en el paseo de Coches con María? JOSÉ.—No, si he llegado hoy... EMILIA.—¡Ya decía yo! Una amiga, Paca Contreras, porfiaba que había usted llegado ayer, que había visto a María en el paseo con su esposo..., y yo que sería su esposo, sería su hermano, y ella que sí... MANUEL.—(Exasperado.) Y usted que no... Pues tenía usted razón... Eramos María y yo. Ya lo sabe usted... (Aparte.) ¡Qué mujer! José Luis está lívido¹¹⁵. ¡Mucho será que no le suelte algún exabrupto¹¹⁶!* (referente não identificado, pois tanto Manuel – que estava exasperado, ou seja, irritado – quanto José Luis – que estava pálido, atônito – poderiam ser o referente da oração em questão)

Como é possível apreender com base nos resultados obtidos, a variável ambiguidade mostra-se bastante significativa para as amostras do século XIX, conforme aponta a força relativa obtida nas duas peças analisadas até então.

6.1.2.3 Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

Ao observar os resultados da Tabela 27, referentes à peça representante do período XX-I, vemos que a variável ambiguidade ainda tem um peso bastante relevante nessa faixa temporal (força relativa: 0,52), tendo sido a terceira em importância para o fenômeno nesta amostra.

¹¹⁵ *Lívido*: pálido.

¹¹⁶ *Exabrupto*: salida de tono, respuesta descortés e insolente.

Tabela 27: Sujeito expreso segundo a variável “Ambiguidade” (*El pobrecito embustero*)

Ambiguidade	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Forma verbal exclusiva	112/628	17%	0,39
Referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo em análise	107/358	29%	0,65
Referente identificado por meio da expressão do sujeito antes do verbo	12/12	100%	-
Referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático após o verbo em análise	16/19	84%	0,91
Referente identificado somente por meio da expressão do sujeito ou não identificado	2/2	100%	-
TOTAL	249/1019	24%	Range: 52

Quanto ao fator “forma verbal exclusiva” (99), este apresenta comportamento semelhante aos das peças anteriores: desfavorecimento da expressão do sujeito (0,39; 17%). Com peso relativo um pouco menor que o da peça da metade de século anterior (XIX-II), mas também favorecendo a presença do sujeito pronominal (0,65; 29%), está o fator “referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo em análise” (100).

(99) LORENZO.—*¡Ah! ¡Claro! Es que arriba, en el despacho, cuando me pongo a leer no me entero de nada.* (forma verbal exclusiva)

(100) LORENZO.—*¡Chis! ¡Clotilde!* CLOTILDE.—*¡Ay! LORENZO.— ¡Está ahí ya? CLOTILDE.—Sí, señor. Acaba de llegar con la señora y la señorita, que han ido a buscarle a la estación.* (referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo, pois anteriormente já se havia falado sobre a visita do sobrinho de Lorenzo (Pedrín), que viajou da América para a Espanha)

Os casos em que o referente é identificado por meio da expressão do sujeito antes do verbo (101) somam apenas 12 ocorrências, os quais não foram incluídos na análise multivariada por serem categóricos e em pequena quantidade.

(101) ROSALÍA.—(*Con hondísima amargura.*) *Sí, don Julián. La farsa de mi marido no ha caído bien en Villanueva. En este pueblo la gente es muy seria. Y cuando alguien dice que se muere es para morir de verdad... ¡Pues no faltaría más!* DON JULIÁN.—*¡Qué barbaridad!* ROSALÍA.—*Por eso, como yo sabía que la enfermedad de Lorenzo era un embuste suyo y estaba muy segura de que no se moría, porque yo soy muy mal pensada y siempre pienso lo peor...* (referente identificado por meio da expressão antes do verbo, pois o referente poderia ser tanto “yo sabía” quanto “usted sabía”, até que fosse aclarado pelas informações posteriores ao verbo “estaba muy segura de que no se moría”)

Quanto ao fator “referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático após o verbo” (102), esse segue sendo um contexto bastante favorável à expressão do sujeito, conforme evidencia seu elevado peso relativo e porcentagem (0,91; 84%), mas é interessante notar que seu número de ocorrências (19 no total) decresce com relação às duas peças do século XIX (ambas com 29 ocorrências).

(102) CLOTILDE.—(*Comprensiva.*) *Vamos, lo que la señora quiere es organizarle al señor una fiestecita de despedida.* DOÑA AGUEDA.—*Eso es.* CLOTILDE.—*Pues no sé, no sé. El señor tiene muchos compromisos, y como le quedan pocos días de vida...* DOÑA AGUEDA.—*¡Qué lástima...* CLOTILDE.—*Pero ya hará él un huequecito...* (referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático após o verbo, pois o referente de “ya hará” poderia ser “usted” até que informações posteriores ao verbo aclarassem o referente (él = Lorenzo) “un huequecito”)

Por fim, as ocorrências em que o sujeito é identificado apenas por meio da expressão (103), ou permanece ambíguo quando o sujeito não é expreso, restringem-se a apenas 2, tendo ambas sido expressas.

(103) DON JULIÁN.—(*Absorto.*) *¡Demonios! Entonces, ¿a ti te perjudica que tu marido haya recobrado la salud?* ROSALÍA.—*Naturalmente, doctor. ¿No lo está usted viendo?* DON JULIÁN.—*Vaya,*

hija. Pues te acompaño en el sentimiento... ROSALÍA.—Muchas gracias, don Julián. Pero ya no tiene remedio. He vuelto a ser la mujer de un hombre del que se ríe todo el mundo... (Se seca una lágrima, vuelve la cabeza y se queda mirando en éxtasis el retrato del general.) Si él levantara la cabeza... DON JULIÁN.—¿Quién? ROSALÍA.—¿El general! DON JULIÁN.—¡Ah! (Todos sugestionados, se quedan mirando con embeleso el retrato.) ROSALÍA.—¡El sí era un gran hombre! (referente identificado somente por meio da expressão do sujeito ou não identificado; aqui temos um caso interessante, pois mesmo expresso o sujeito pronominal ainda existe ambiguidade do referente – expressa pela pergunta “¿Quién?” – até que novas informações sejam aportadas “¡El general!”)

De modo geral, as três peças analisadas até aqui apresentam comportamento bastante semelhante quanto à variável ambiguidade. É provável que esse resultado decorra da expressiva presença do pronome de tratamento *usted* nas relações sociais nas épocas representadas, mas que aparenta estar perdendo, gradualmente, espaço para o pronome *tú*, o que diminui, conseqüentemente, os contextos potencialmente ambíguos, uma vez que as formas verbais correspondentes a esta última forma pronominal dispõem de desinência exclusiva em todos os tempos verbais.

6.1.2.4 Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

Nesta última peça, a variável ambiguidade também foi selecionada pelo programa Goldvarb como significativa para a expressão do sujeito pronominal, com força relativa expressiva (45). Eis os resultados obtidos:

Tabela 28: Sujeito expresso segundo a variável “Ambiguidade” (*Siete hombres buenos*)

(continua)			
Ambigüidade	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Forma verbal exclusiva	74/852	8%	0,60
Referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo em análise	17/241	7%	0,17

(conclusão)

Ambiguidade	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Referente identificado por meio da expressão do sujeito antes do verbo	3/3	100%	-
Referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático após o verbo em análise	3/7	42%	0,62
Referente identificado somente por meio da expressão do sujeito ou não identificado	3/3	100%	-
TOTAL	100/1106	9%	Range: 45

Analisando os resultados da Tabela 28, percebemos certo contraste entre esta peça – pertencente a XX-II – e as outras três analisadas anteriormente. Em primeiro lugar, ainda que percentualmente mais baixo que as outras três peças (8% de expressão), o fator “forma verbal exclusiva” (104) se mostra um contexto favorável à expressão do sujeito, conforme seu peso relativo (0,60), quando o esperado era o contrário. Tal comportamento pode ser devido à influência de outras variáveis que também foram selecionadas como significativas, especialmente a variável comparação (105).

(104) *DÁMASO: Como en mi sueño: todos os ibais; me dejabais solito.* (forma verbal exclusiva)

(105) *DÁMASO: Soñé que yo era él y que todos los demás os ibais.* *NICOLÁS: Yo he soñado que lo mataba con mis propias manos.* (forma verbal exclusiva, neste caso, o sintagma “*Yo he soñado*” é uma comparação contrastiva com mesmo verbo em relação ao sintagma “*soñé*”)

Já os casos em que o referente é “identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo” (106), os resultados obtidos (0,17; 7%) corroboram nossa hipótese de que este seria um contexto favorável à não expressão do sujeito, pelo fato de que não há

ambigüidade potencial, haja vista que o referente é identificado por elementos (contextuais ou sintáticos) prévios à realização do verbo. Vale lembrar que, diferentemente desta obra em análise, nas duas peças anteriores (*El nido ajeno* e *El pobrecito embustero*, XIX-II e XX-I) os pesos relativos obtidos (acima de 0,50) contrariam nossa conjectura de que este seria um contexto desfavorável à presença do sujeito pronominal.

(106) *JULIÁN: Las losetas siguen siendo de rombos. A lo largo del paseo se ponen los hombres estatua. La quiosquera se llama Martina. Seguro que quitaba el hipo hace treinta años.* (referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo, pois o referente de “*quitaba el hipo...*” é dito na sentença anterior “*La quiosquera se llama Martina*”)

Quanto aos casos em que o referente é “identificado por meio da expressão antes do verbo” (107), é relevante notar que há um decréscimo do número de ocorrências (apenas 3), principalmente se comparados com os da peça da primeira metade do séc. XIX (27 ocorrências). Também há um decréscimo do número de ocorrências dos casos em que o referente é “identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático depois do verbo” (108): 7 ocorrências (das quais 3 são de sujeito explícito), com peso relativo e porcentagem também menores que as outras peças analisadas (0,62; 42%). Como sinalizamos na análise da peça anterior, parece estar havendo uma diminuição dos contextos potencialmente ambíguos ao longo do período analisado: i) *La visionaria* (56 ocorrências¹¹⁷); ii) *El nido ajeno* (35 ocorrências); iii) *El pobrecito embustero* (31 ocorrências); e iv) *Siete hombres buenos* (10 ocorrências). Coincidência ou não, paralelamente ao decréscimo do número de ocorrências potencialmente ambíguas, ocorre uma gradual diminuição dos contextos de uso de *usted*, conforme vimos no Quadro 24, que mostra os tipos de relações sociais e o tratamento usado em cada peça.

(107) *ROGELIO: El tirano puede estar contento, la jugada le ha salido bien. (Lo imita, frotándose las manos.) <<A ver qué historia me invento*

¹¹⁷ O número de ocorrências potencialmente ambíguas foi calculado somando-se o número total de ocorrências em que o **referente é identificado por meio da expressão antes do verbo** e em que o **referente é identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático depois do verbo**.

para encizañar a estos...>> (Le interrumpen ladridos que asustan a Dámaso. Pese a la explicación de Rogelio, Dámaso no dejará de asustarse cuantas veces oiga los ladridos.) Es el perro de los vecinos. A él lo han ingresado y ella se va muy de mañana al hospital. El pobre se vuelve loco, encerrado todo el día. (referente identificado por meio da expressão antes do verbo, pois o referente de “se va” poderia ser “el perro” ou “el vecino” até que fossem dadas mais informações após o verbo “muy de mañana al hospital”)

(108) LUCAS: *Que me muera aquí mismo si miento. Estoy tomando una copa en el Colón cuando veo que la gente se agolpa en el mostrador, junto a la tele. Y allí estaba él, en la pantalla, Doménech. (referente identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático depois do verbo, pois o referente de “allí estaba” poderia ser “yo” ou “la gente” até que fosse aclarado com a expressão do sujeito posposto ao verbo e com o nome do referente “Doménech”)*

Os casos em que a ambiguidade é desfeita apenas por meio da expressão do sujeito (109) restringem-se a três ocorrências, as quais foram todas explicitadas, impedindo que se gerasse uma interpretação ambígua quanto ao referente em questão.

(109) DÁMASO: *¿Por qué tu madre lleva treinta años diciendo que lo mataron los militares? Cuando acabamos de enterrarlo, Pablo le dio el pésame y ella le dijo: <<Va a haber una guerra y tenemos que ganarla>>. (referente identificado somente por meio da expressão ou não identificado, neste caso a omissão do pronome em “ella le dijo” levaria à continuidade referencial, ou seja, o ouvinte atribuiria a referência a “Pablo”).*

Ao analisarmos a variável ambiguidade, verificamos que esta se mostra relevante em todas as épocas analisadas, ainda que sua influência tenha se mostrado maior na peça representante da primeira metade do século XIX, época na qual se usava frequentemente e em mais contextos o pronome de tratamento *usted*. Conforme havíamos previsto, o controle mais refinado desta variável sinaliza que o “falante” é sensível à possível dificuldade de identificação do referente por parte do “ouvinte” e que a expressão do sujeito é uma estratégia utilizada para facilitar essa tarefa em contextos potencialmente ambíguos. Em certos estudos, a ambiguidade é explicada com base nas desinências verbais exclusivas e não exclusivas (ENRÍQUEZ, 1984; SOARES DA SILVA, 2006), razão

pela qual é tida como irrelevante para o fenômeno da expressão do sujeito. Todavia, ao ser controlado o **contexto** (sintático e/ou discursivo), vemos que a ambiguidade não pode ser descartada dos estudos sobre a variável linguística objeto desta tese, uma vez que, como vimos, tem se mostrado significativa neste estudo e em Hurtado (2001).

6.1.3 Comparação

6.1.3.1 Juan Eugenio Hartzenbusch (XIX-I): *La visionaria*

Os resultados para a variável **comparação** correspondem à nossa conjectura inicial, segundo a qual haveria um grau decrescente de favorecimento da expressão, iniciando nos casos corroborativos e contrastivos (com os maiores pesos relativos e percentuais), seguidos dos casos em que havia alternância de referentes (com valores menores que aqueles), e, por fim, os contextos em que não havia alternância de referente (com os menores valores de sujeito explícito). Os resultados obtidos para a variável comparação são apresentados na Tabela 29:

Tabela 29: Sujeito expresso segundo a variável “Comparação” (*La visionaria*)

Comparação	Ocorrência	Porcentagem	Peso relativo
Comparação contrastiva (negativa) mesmo verbo	11/20	55%	0,86
Comparação contrastiva (negativa) diferente verbo	61/87	70%	0,89
Comparação corroborativa (positiva) mesmo verbo	6/11	54%	0,91
Comparação corroborativa (positiva) diferente verbo	9/9	100%	-
Alternância não comparativa de referentes	369/781	47%	0,49
Ausência de alternância de referentes	67/439	15%	0,37
TOTAL	523/1347	38%	Range: 54 Input: 0,221 Significance: 0,006

Ao observarmos os valores obtidos para a variável comparação, vemos que os resultados para a amostra do período XIX-I se

assemelham aos de Enríquez (1984), do período XX-II. Assim como na pesquisa da referida autora, em nossa amostra, os contextos **corroborativos** (110 e 111) são os mais favoráveis à presença do pronome sujeito (0,91; 54%), juntamente com os **contrastivos** (112 e 113) com verbos diferentes (0,89; 70%) ou iguais (0,86; 55%). Os casos em que não havia comparação, mas sim menção a diferentes referentes (114), apresentam valores medianos (0,49; 47%) e, por fim, aqueles em que há continuidade do referente (115) são favoráveis à omissão do sujeito (0,37; 15%).

(110) VALENTINA. *No lo permita Dios. DOÑA CRÍSPULA. Ni yo lo deseo.* (Neste dado, o sintagma “*ni yo lo deseo*” é analisado como uso corroborativo com diferente verbo: “*permita*” vs. “*deseo*”)

(111) RAIMUNDO. *No, señora: ¡qué diantre! Tenga usted ambicion, como yo la tengo.* (Neste dado, os sintagmas “*tenga usted ambicion*” e “*como yo la tengo*” são analisados como usos corroborativos com mesmo verbo)

(112) CRÍSPULA. *¡Qué desenvoltura! ¡Qué atrevimiento! Con mas miedo me tienes, que la escuadra inglesa á nuestros barcos mercantes. Me has de quitar á pesadumbres la vida.* (Neste dado, o sintagma “*con mas miedo me tienes*” é analisado como uso contrastivo com mesmo verbo, uma vez que se subentende a seguinte ideia: “*que la escuadra inglesa tiene miedo*”)

(113) DOÑA CRÍSPULA. *¿Qué lorito, ni qué mochuelo? Aquel arrimon, aquel hombre.* VALENTINA. *¿Y quién es, madre?* DOÑA CRÍSPULA. *Eso es lo que yo te iba á preguntar, hija.* (Neste dado, o sintagma “*que yo te iba á preguntar*” é analisado como uso contrastivo com diferente verbo; já o sintagma “*quién es*” é analisado como ausência de alternância, pois, mesmo após a troca de turno, o referente continua o mesmo: “*aquel hombre*” e “*quien es [él]*”)

(114) DON VICENTE. *Cierto: en Santa Eulalia se hallaba usted el domingo. Y si no me engaño, la acompañaba á usted una jóven.* (Neste dado, o sintagma “*si no me engaño*” é analisado como alternância de referente, tomando como base a ocorrência anterior “*se hallaba usted*”)

(115) DOÑA CRÍSPULA. *¡Qué veo! ¿Estás llorando? ¡Hija querida! No ha sido mi ánimo el afligirte: ya sé yo que no viene al caso nada de*

lo que he dicho, sino que unas palabras traen otras y... Mira, mejor es que abandones artificios de que no necesitas, y que te expliques francamente con el Indiano. ¿Lo harás? (Neste dado, os sintagmas “que abandones...”, “de que no necesitas”, “que te expliques...” e “Lo harás?” são analisados como ausência de alternância, tomando como ponto inicial da referência o verbo “Mira [tú]”)

6.1.3.2 Jacinto Benavente (XIX-II): *El nido ajeno*

Os valores obtidos para essa variável são apresentados na Tabela 30:

Tabela 30: Sujeito expreso segundo a variável “Comparação” (*El nido ajeno*)

Comparação	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Comparação contrastiva (negativa) mesmo verbo	11/20	55%	0,94
Comparação contrastiva (negativa) diferente verbo	28/37	75%	0,98
Comparação corroborativa (positiva) mesmo verbo	10/12	83%	0,98
Comparação corroborativa (positiva) diferente verbo	0/1	0%	-
Alternância não comparativa de referentes	94/638	14%	0,44
Ausência de alternância de referentes	23/433	5%	0,42
TOTAL	166/1141	14%	Range: 56 Input: 0,046 Significance: 0,000

Os resultados obtidos para a variável comparação, nesta peça representante da segunda metade do século XIX, também confirmam nossa conjectura, uma vez que os usos em que existe comparação – contrastivos (116 e 117) e corroborativos (118 e 119) – mostram-se fortemente favoráveis à expressão do sujeito pronominal (com pesos

relativos acima de 0,94); enquanto os usos em que existe continuidade do sujeito – não alternância de referentes (120) – são os menos propícios à explicitação (0,42; 5%), juntamente com os usos em que existe alternância do referente (0,44; 14%), mas não há comparação entre eles (121).

(116) MANUEL.—*Tenemos un plan... JOSÉ.—(Aparentando jovialidad.) ¿Cada uno, o los dos el mismo?... Es curioso: hoy nos dimos todos a hacer planes... Yo tengo otro. (Neste dado, a oração “Yo tengo otro” é analisada como contraste com mesmo verbo, tomando como base a oração “Tenemos un plan”)*

(117) MARÍA.—*¡Estás ciego, José Luis, estás loco! ¿Cómo nació en ti esa sospecha?... Solo en celoso desvarío pudiste sospechar de tu hermano. Pero ¿de mí? ¡Tan cruel es la ofensa, que ni por locura puedo perdonarla! ¿Qué devaneos, qué liviandad, qué ligereza siquiera, viste en mí para hacerla posible?... ¿Esa estimación te merecí?... ¡a cambio de consagrarte mi vida entera!... ¡Si no he vivido más que para ti! ¿Sacrificada?... No; porque el cariño no se sacrifica nunca...; complacida, porque era mi única dicha verte dichoso a mi lado... ¡Y no lo conseguí! ¡No lo fuiste nunca! En lo que era para mí gustoso deber cumplido sin pena, veías tú sumisión forzosa. (Neste dado, a oração “veías tú sumisión...” é analisada como contraste com diferente verbo, tomando como base a oração “En lo que era para mí...”)*

(118) MANUEL.—*¡Así tuvieras razón! ¡A poder escogerle, no hubiera yo escogido otro padre!... Pero escucha: don Gabriel me refirió muchas veces la historia, la última vez al morir, ya expirante, y en esa hora, la eternidad abierta ante nosotros, nadie miente. ¿Y para qué mentir, si mi corazón como a padre le veneraba? Nuestro padre tuvo celos de su amigo, su hermano casi..., como tú los tuviste de mí... Dudó de nuestra madre, santa, bendita..., como dudaste tú de María... ¿Por qué? (...) (Neste dado, temos 3 ocorrências do fator “corroboração com mesmo verbo”: em primeiro lugar, a oração “como tú los tuviste...” em comparação a “Nuestro padre tuvo celos...” (a qual não entra na análise por ser o sujeito um sintagma nominal); em segundo lugar, a oração “Dudó de nuestra madre”, para a qual já havia a intenção comparativa com a terceira ocorrência “como dudaste tú...”)*

(119) MANUEL.—*También tú sin vestir... Vamos... ¿Qué tardas?... JOSÉ.—No voy al teatro..., estoy malo... Hace mucho frío..., no tengo*

humor de teatros... *MARÍA*.—(Sentándose a su lado.) *Me quedaré entonces...* *Ve tú, Manuel*. (Neste dado, a oração “*Me quedaré entonces*” é analisada como corroboração com diferente verbo, em comparação com a oração “*No voy al teatro [yo]*”)

(120) *EMILIA*.—*Y el señorito, ¿está mejor?* *LUISA*.—*Delicado, como siempre. La semana pasada tuvo uno de sus ataques; quedó muy resentido; pero desde que llegó el señorito Manuel, parece que está más animado*. (Neste dado, as ocorrências “*tuvo*” e “*quedó*” são analisadas como ausência de alternância, tomando como base a referência “*Y el señorito, ¿está mejor?*”)

(121) *JOSÉ*.—*Me han hablado de un negocio en proyecto... Iré a estudiarlo, y, de paso, cumpliré lo ofrecido a María*. *MANUEL*.—*Yo creí que iría a descansar. ¡Un viaje de negocios..., no vale la pena!* (Neste dado, a ocorrência “[*usted*] *iría a descansar*” é analisada como alternância de referentes, tomando como base a ocorrência anterior “*Yo creí*”)

Em comparação com a peça anteriormente analisada (*La visionaria*), o que chama a atenção em *El nido ajeno* é a expressiva diminuição do percentual de sujeito exposto com o fator “alternância de referentes”: 47% em *La visionaria*, e 14% em *El nido ajeno*. É possível que essa diferença seja devido ao menor uso do pronome *usted* na segunda em relação à primeiramente aqui citada, uma vez que, como vimos, o frequente uso de *usted* leva a um maior número de casos potencialmente ambíguos. Também o percentual dos usos em que não há alternância de referentes diminui significativamente com relação à peça anterior: 15% em *La visionaria* e 5% em *El nido ajeno*, sendo que o número total de ocorrências é quase idêntico nas duas peças (439 na primeira e 433 nesta última).

6.1.3.3 Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

Os resultados para a variável comparação, de modo geral, apresentam bastante semelhança com os das peças anteriormente analisadas, conforme é possível observar na Tabela 31:

Tabela 31: Sujeito expresso segundo a variável “Comparação” (*El pobrecito embustero*)

Comparação	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Comparação contrastiva (negativa) mesmo verbo	5/6	83%	0,95
Comparação contrastiva (negativa) diferente verbo	36/54	66%	0,93
Comparação corroborativa (positiva) mesmo verbo	10/12	83%	0,95
Comparação corroborativa (positiva) diferente verbo	3/3	100%	-
Alternância não comparativa de referentes	165/692	23%	0,54
Ausência de alternância de referentes	44/408	10%	0,31
TOTAL	263/1175	22%	Range: 64 Input: 0,128 Significance: 0,015

Ao analisar os valores da Tabela 31, em comparação com os da peça anterior (*El nido ajeno*), observa-se que os usos **comparativos** apresentam pesos relativos muito aproximados dos da peça anterior (acima de 0,90), o que evidencia a forte influência desses fatores para a presença do sujeito pronominal: i) contraste mesmo verbo (0,95; 83%), dado 122; ii) contraste diferente verbo (0,93; 66%), dado 123; iii) corroboração mesmo verbo (0,95;83%), dado 124; iv) corroboração diferente verbo (100%, apenas 3 ocorrências), dado 125.

(122) LORENZO.—(*Indignado.*) *Pero, señorita, usted no se parece en nada a Isabel la Católica...* (Neste dado, a ocorrência “*usted no se parece*” é analisada como contraste com mesmo verbo, uma decisão metodológica tomada e justificada no capítulo anterior (subseção 5.3.1.3), uma vez que, apesar de não haver outro verbo, a expressão “*parecer-se a*” é um verbo que compara dois referentes)

(123) ROSALÍA.—*A mi me mortificaba muchísimo tener que decirle a Victoria que mi viaje de bodas había sido a Pamplona. Ella había estado en París... ¿Comprendes? Y entonces le escribí diciéndole que Lorenzo y yo habíamos estado en Italia...* (Neste dado, a ocorrência “*Ella había estado*” é analisada como contraste com diferente verbo, em comparação com “*había sido*”)

(124) DON JULIÁN.—*¡Pobre señor!* LORENZO.—*Eso digo yo.* (Neste dado, a ocorrência “*digo yo*” é analisada como corroboração com mesmo verbo, ainda que não haja outro verbo, uma vez que, com o uso da expressão “*eso*”, subjaz a ideia “*eso que usted dice lo digo yo también*”)

(125) PEDRÍN.—*Un horror. Como que, si quieres, ya no nos separamos...* LORETO.—*Eso... Eso pensaba yo... (Llora.)* (Neste dado, a ocorrência “*pensaba yo*” é analisada como corroboração com diferente verbo, uma vez que se subentende a seguinte ideia: “*eso que tú dijiste, pensaba yo*”)

Curiosamente, o percentual de casos em que há alternância de referentes, mas não comparação entre eles, (126) é nove pontos percentuais maior (23%) que na peça anterior (*El nido ajeno*, XIX-II; 14%), e seu peso relativo é superior a 0,50 (0,54 para sermos exatos), o que pode ser devido ao fato de que o número de ocorrências do pronome *usted* tenha aumentado na peça *El pobrecito embustero* (XX-I). A presença expressiva do pronome *usted* acompanhando o verbo não parece ser devida somente a casos potencialmente ambíguos, mas também como forma de respeito do falante perante seu interlocutor (127).

(126) LINDA.—*Pues verán ustedes. Desde hace quince días estamos rodando exteriores en el pueblo de al lado. Es una película rural, ¿comprenden? Una de esas películas que llevan dentro el alma de Castilla...* (Neste dado, as ocorrências “*estamos rodando*” e “*¿comprenden?*” são analisadas como alternância de referentes)

(127) LORENZO.—*¡Don Julián! ¿Se siente mal?* DON JULIÁN.—*Muy mal. Me estoy mareando. Me voy a caer de un momento a otro... Tengo frío. ¡Tengo mucho frío!* LORENZO.—*¡Caramba! ¿Quiere usted que le ponga la manta?*

Quanto aos casos em que há continuidade do referente, a expressão do sujeito é desfavorecida (0,31; 10%), dado 128, assim como em todas as outras peças.

(128) ROSALÍA.—*Victoria cree que Lorenzo es un héroe de la guerra, ¿sabes? Tiene muchas condecoraciones. Es célebre, valiente, audaz. También tiene mucho partido con las mujeres. ¡Como es tan guapo!* (Neste dado, as ocorrências “*es célebre*”, “*tiene mucho partido*” e “*es tan guapo*” são analisadas como ausência de alternância, tomando como base “*Tiene muchas condecoraciones*”)

Como é possível notar, o comportamento da variável comparação na peça *El pobrecito embustero* se assemelha ao das peças anteriormente analisadas.

6.1.3.4 Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

Os resultados obtidos para a variável comparação na peça representante da segunda metade do século XX assemelham-se bastante aos das três peças anteriormente analisadas, conforme é possível observar na Tabela 32:

Tabela 32: Sujeito expreso segundo a variável “Comparação” (*Siete hombres buenos*)

Comparação	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Comparação contrastiva (negativa) mesmo verbo	22/23	95%	0,99
Comparação contrastiva (negativa) diferente verbo	26/33	78%	0,99
Comparação corroborativa (positiva) mesmo verbo	7/11	63%	0,95
Comparação corroborativa (positiva) diferente verbo	2/2	100%	-
Alternância não comparativa de referentes	34/694	4%	0,48
Ausência de alternância de referentes	13/466	2%	0,33
TOTAL	104/1229	8%	Range: 66 Input: 0,035 Significance: 0,118

Alguns detalhes referentes aos valores obtidos nesta última peça chamam a atenção. Primeiro: a importância dessa variável para a expressão do sujeito, assim como na peça anterior (também pertencente ao século XX); em ambas, a variável comparação aparece em segundo lugar, em termos de relevância para o fenômeno em análise, com força relativa bastante semelhante (*El pobrecito embustero* = 64; *Siete hombres buenos* = 66). Segundo: os pesos relativos e os percentuais para os fatores “contraste com mesmo (129) ou diferente verbo (130)” são maiores nesta peça (0,99; 95% e 0,99; 78% respectivamente) do que em todas as outras, ainda que aproximados dos daquelas.

(129) PABLO: *Eres un exiliado rico, Rogelio, pero eres un exiliado.* ROGELIO: *No es lo mismo estar en el exilio que ser un exiliado. Tú eres un exiliado: comes en El Gato Negro, tomas café en el Colón... Hasta los muebles te los hiciste traer de allí.* (Neste dado, a ocorrência “*Tú eres un exiliado*” é analisada como contraste com mesmo verbo, em comparação com “*Eres un exiliado rico*”)

(130) JULIÁN: *Dámaso, por favor, refréscame la memoria. ¿Quién era Antonio Aguirre?* DÁMASO: *Un hombre muy guapo. Tú no vales ni la mitad de la mitad.* (Neste dado, a ocorrência “*Tú no vales*” é analisada como contraste com diferente verbo, em comparação com “*¿Quién era Antonio Aguirre?*” e “[Antonio Aguirre era] un hombre muy guapo”)

Terceiro: ainda que com pesos relativos semelhantes aos das peças anteriores, os percentuais obtidos para os fatores “alternância de referentes” (0,48; 4%, dado 131) e “ausência de alternância” (0,33; 2%, dado 132) são os menores entre as quatro obras analisadas, o que pode ser devido ao escasso número de ocorrências de *usted*, uma vez que, conforme vimos, a presença frequente desse pronome na amostra eleva as taxas de vários fatores.

(131) PABLO: *Déjalo, Rogelio. Veamos dónde quiere ir a parar.* (Neste dado, as ocorrências “*veamos*” e “*quiere*” são analisadas como alternância de referentes)

(132) JULIÁN: *Volé desde allí. Conseguí un pasaporte falso y entré en mi propio país como turista.* (Neste dado, as ocorrências “*Conseguí*” e “*entré*” são analisadas como ausência de alternância)

Quanto ao fator “corroboração com mesmo verbo” (133), assim como nas peças anteriores, este é um contexto favorável à presença do sujeito pronominal, como indicam seu peso relativo (0,95) e seu percentual (63%).

(133) *DÁMASO: Si Pablo lo estaba buscando, la vida de Antonio corría peligro. Yo también me puse a buscarlo, quería encontrarlo antes de que lo hiciese Pablo, para llevarlo a un lugar seguro.* (Neste dado, a ocorrência “*Yo también me puse a buscarlo*” é analisada como corroboração com mesmo verbo, em comparação com “*Si Pablo lo estaba buscando*”)

O fator “corroboração com diferente verbo” (134), por sua vez, não foi incluído na análise multivariada – da mesma forma que nas peças anteriores – por dispor de escassas ocorrências: apenas 02, as quais apresentam o sujeito expresso.

(134) *PABLO: Yo no voy a morir aquí. Yo voy a morir allí, en la calle o en la cárcel. Si me dejan, hablaré con los que queden. Hablaré con mi mujer. Cosas que ni ella ni yo entendemos, quizá las entendamos juntos. Voy a tomar ese avión. Ven conmigo, Nicolás. (Silencio. Nicolás no reacciona.) El pueblo nos exige serenidad y mando, y no podemos defraudarlo. Yo no voy a defraudarlo, y sé que tú tampoco lo harás.* (Neste dado, as ocorrências “*Yo no voy a defraudarlo*” e “*tú tampoco lo harás*” são analisadas como usos corroborativos com diferentes verbos)

Como é possível observar, a variável comparação se mostra relevante para todas as obras analisadas e se comporta de modo bastante semelhante em todas elas, sendo que os contextos comparativos (contrastivos ou corroborativos) favorecem amplamente a presença do sujeito enquanto os contextos não comparativos (alternância de referentes e ausência de alternância) são menos propícios à sua explicitação, conforme nossa hipótese inicial e em direção aos resultados obtidos por Enríquez (1984) para a variável **contraposição**. É importante destacar que a variável *comparación* (ou *contraposición*, na terminologia usada por Enríquez) não costuma ser controlada nos estudos sociolinguísticos sobre a expressão do sujeito pelo fato de o contraste ser considerado um contexto categórico de sujeito expresso, sendo excluído *a priori* do envelope de variação. Como foi possível observar ao longo da presente análise, os contextos comparativos

(fatores contrastivos e corroborativos) não se mostram categóricos, como se apregoa, e constituem um contexto variável.

6.1.4 Classe semântica do verbo

6.1.4.1 Juan Eugenio Hartzenbusch (XIX-I): *La visionaria*

Na amostra da primeira metade do século XIX, a variável classe semântica do verbo foi selecionada pela análise multivariada. Contudo, sua importância para o fenômeno da expressão do sujeito não é tão significativa quanto à de outras variáveis (forma pronominal, ambiguidade e comparação, por exemplo), conforme sinaliza sua força relativa (23). A Tabela 33 apresenta os resultados obtidos para essa variável:

Tabela 33: Sujeito expreso segundo a variável “Classe semântica do verbo” (*La visionaria*)

Classe semântica do verbo	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Processos mentais	147/349	42%	0,60
Estimativos	13/31	41%	0,49
Verbos de estado	69/215	32%	0,49
Verbos <i>dicendi</i>	58/159	36%	0,51
Verbos de atividade	76/321	23%	0,37
TOTAL	363/1075¹¹⁸	33%	Range: 23

Segundo nossa hipótese, construída com base em Enríquez (1984), esperava-se que os contextos nos quais a subjetividade é maior – com verbos estimativos e de processos mentais – apresentassem os valores mais altos, isto é, que fossem favoráveis à expressão do sujeito pronominal; e, por outro lado, esperava-se que os verbos cujo significado fosse mais objetivo – atividade externa – favorecessem a omissão do pronome sujeito. Quanto aos verbos de estado, estimava-se um comportamento intermediário entre estes e os anteriores.

¹¹⁸ Os verbos no **imperativo** não foram considerados para esta variável, tendo sido utilizado o recurso **não se aplica** nesses casos.

Como podemos observar na Tabela 33, os verbos de processos mentais (135), de estado (136) e de atividade (137) correspondem à nossa hipótese: os primeiros favorecem a expressão do sujeito (0,60; 42%); os segundos apresentam comportamento medial (0,49; 32%) e os últimos são mais propensos à omissão do sujeito (0,37; 23%).

(135) RAIMUNDO. *Yo quisiera que me dijese usted qué necesidad tiene de casarse tan pronto.* VALENTINA. *Yo quisiera que me explicase usted qué precision hay de que usted se embarque.* (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como verbos de procesos mentais)

(136) DOÑA CRÍSPULA. *¿Tiene usted algun parentesco con doña Dolores Montaner de Bausá?* DON VICENTE. *Somos primos.* DOÑA CRÍSPULA. *¿Primos? Pues Dolores es madrina de mi hija.* DON VICENTE. *Por muchos años.* DOÑA CRÍSPULA. *De manera que usted y el difunto don Jaime...* DON VICENTE. *Éramos hermanos.* (Neste dado, as ocorrências destacadas com sublinhado são analisadas como de estado)

(137) DOÑA CRÍSPULA. *¡Oiga! ¿Pues á qué vienen las moji gangas que hace?* VALENTINA. *¿Y cuáles son?* DOÑA CRÍSPULA. *Rondar la calle arriba y abajo, sin perder de vista nuestra casa... Una miradita á esas rejas, otra á los balcones del cuarto principal, que está desalquilado... Se viene despues al portal; sube la escalera, dando un pisoton en cada peldaño; silba, canta, golpea con el baston puertas y paredes... ¿Para qué armará tal estrépito, sino para que al oírle, te asomes?* (Neste dado, os verbos destacados com sublinhado são analisados como de atividade)

Os verbos estimativos (138) não atestam nossa hipótese de que seria o contexto mais favorável à presença do sujeito (0,49; 41%). Por outro lado, o baixo número de ocorrências com esse tipo de verbos (31 no total) não nos permite muitas observações. A respeito desse fator, uma das dificuldades encontradas foi a de diferenciar os usos estimativos dos de processos mentais, em alguns casos, como os verbos “suponer”, “plantearse” e “imaginar”, por exemplo. Enríquez (1984) menciona esses verbos como sendo verbos estimativos (classificação realizada na presente tese) e inclui a explicação “parecer sobre algo”, ao lado de “opinar”, “julgar”, como características dessa classe de verbos. Ao codificar as ocorrências, nesta tese, foram seguidos esses critérios.

Contudo, ao redigir a tese e rever as ocorrências, pareceu-nos que emitir um parecer não necessariamente significa uma opinião ou um julgamento, mas sim um conhecimento (informação, ideia, suspeita, etc.) que se tem de algo no momento da enunciação, o que estaria mais consoante com os verbos de processos mentais (ainda que os estimativos sejam uma subclasse desses). Outro verbo para o qual houve dificuldade de classificação foi “*creer*”, novamente pelas razões apresentadas para os verbos “*suponer*” e “*imaginar*”. Dessa forma, é possível que alguns verbos codificados como “estimativos” sejam, de fato, de processos mentais. Os verbos *dicendi* (139), por sua vez, também não corroboram nossa hipótese, segundo a qual apresentariam comportamento semelhante aos verbos de atividade – inclusive, os verbos *dicendi* são incluídos na categoria de verbos de atividade em Enríquez (1984) – uma vez que apresentam valor medial (0,51; 36%). Uma possível explicação para o comportamento não esperado de alguns fatores pode ser a de que outras variáveis mais influentes conflitem com essa variável e sejam mais determinantes para a presença ou omissão do sujeito.

(138) *DOÑA CRÍSPULA. Lo que yo creo es que debes dejarte de misterios y tonterías; que es tiempo ya de pensar con juicio, y determinarse al vado ó á la puente.* (Neste dado, o verbo sublinhado é analisado como estimativo)

(139) *DON VICENTE. Con toda mi alma.—Me presenté á don Leon... DOÑA CRÍSPULA. El tío de Raimundo. DON VICENTE. Como dueño de la casa... DOÑA CRÍSPULA. Y él le hablaria á usted de nosotras. DON VICENTE. Sí, me dijo que el piso principal estaba desalquilado, y que el bajo le ocupaban una señora viuda y su hija, personas de honor y virtud á carta cabal.* (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como verbos *dicendi*)

Ao codificar a variável classe semântica para esta peça, uma das dificuldades foi a de interpretar alguns sintagmas verbais, que, para esta pesquisadora, são inusuais. Vale destacar que até mesmo com alguns verbos usuais esta tarefa interpretativa e classificatória não é fácil. Por essa razão, para algumas ocorrências desta e das outras peças, foi utilizado o recurso de “não se aplica”. O procedimento metodológico adotado foi analisar o contexto da ocorrência e depreender o que se pretendeu significar. Alguns exemplos dessa dificuldade podem ser as seguintes sentenças: i) “¡Pues gasta muy buenos modales!”, que foi

codificada como verbo de estado, pois se compreendeu que o significado é o mesmo que “*tiene buenos modales*”; ii) “*Te ha hecho alguna indicación?*”, que provavelmente tem o mesmo sentido de “*te ha dicho algo?*”, mas, por dúvida, optou-se por utilizar o recurso de “não se aplica” neste caso; iii) “*es usted muy dueño*”, que, no contexto, parece significar algo como “*siéntase a gusto*”, mas, na dúvida, utilizou-se “não se aplica”¹¹⁹.

6.1.4.2 Jacinto Benavente (XIX-II): *El nido ajeno*

A variável classe semântica do verbo foi eliminada na análise multivariada, o que é compreensível considerando que as porcentagens obtidas para todos os fatores são bastante aproximadas na peça representante da segunda metade do século XIX, conforme é possível constatar na Tabela 34:

Tabela 34: Sujeito expreso segundo a variável “Classe semântica do verbo” (*El nido ajeno*)

Classe semântica do verbo	Ocorrências	Porcentagem
Processos mentais	53/356	14%
Estimativos	6/39	15%
Verbos de estado	46/269	17%
Verbos <i>dicendi</i>	12/77	15%
Verbos de atividade	26/214	12%
TOTAL	143/955	14%

Analisando os resultados obtidos é possível observar que os verbos de atividade são os que apresentam os menores percentuais de expressão (12%), comportamento esperado. Contudo, a diferença entre este e os outros fatores não permite que façamos muitas considerações, por ser pouco significativa. O que podemos concluir com base nesses valores é que, para a peça analisada, o significado do verbo não se mostrou relevante.

¹¹⁹ Segue o contexto em que foi utilizada a expressão em questão: “*DON VICENTE. Señora mía. ¿Me permite usted pasar á la sala para ver cómo se disimula el ajuste de estas puertecillas? VALENTINA. Es usted muy dueño. (Arrima una silla á la mesa.) Por esta silla bajará usted mas fácilmente*”.

6.1.4.3 Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

Como é possível observar na Tabela 35, a variável classe semântica do verbo se mostra bastante significativa para a peça do período XX-I, considerando sua força relativa (*range* = 42).

Tabela 35: Sujeito expresso segundo a variável “Classe semântica do verbo” (*El pobrecito embustero*)

Classe semântica do verbo	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Processos mentais	98/337	29%	0,52
Estimativos	22/37	59%	0,84
Verbos de estado	56/274	20%	0,42
Verbos <i>dicendi</i>	21/88	23%	0,47
Verbos de atividade	41/221	18%	0,50
TOTAL	238/957	24%	Range: 42

Ainda que com poucos dados (apenas 37 ocorrências no total), o que mais se destaca na Tabela 35 é o peso relativo dos verbos estimativos (0,84; 59%). Tal resultado corresponde ao esperado nesse contexto, isto é, uma tendência à expressão do sujeito com verbos que conlevam uma tomada de posição (opinião ou julgamento) perante algo (140).

(140) LORENZO.—*¡Je! Un hombrecito, claro. ¡Un hombrecito! Y tanto que lo es. De Méjico a Madrid, en avión. Y de Madrid aquí, en tren. El solito, como un hombre. Oye, Clotilde, ¿tú crees que yo le haré buen efecto? ¿Eh? Fíjate...*(Neste dado, a ocorrência sublinhada é analisada como verbo estimativo)

Todos os demais fatores apresentam peso relativo medial, ou seja, em torno a 0,50, sendo os verbos de estado os menos propensos à explicitação do sujeito, quando o esperado era que os verbos de atividade o fossem. Por outra parte, o fato de termos separado os verbos de estado que implicavam maior subjetividade (incluindo-os na categoria de processos mentais) – com base no seu predicativo –

daqueles mais objetivos pode ter favorecido esse resultado, uma vez que se esperava que quanto maior a objetividade menor frequência de expressão e vice-versa, o que se confirmou nesta peça: verbos de atividade (18%, dado 141); verbos de estado (20%, dado 142); verbos *dicendi* (23%, dado 143); verbos de processos mentais (29%, dado 144) e verbos estimativos (59%).

(141) DOÑA AGUEDA.—*¡Oh! (Se oyen fuera unos entusiastas aplausos que vienen de la calle.)* CLOTILDE.—*¡Digo! Ahí llega el señor...* DOÑA AGUEDA.—*Pero ¿es que le aplauden?* CLOTILDE.—*Sí, señora. Son las niñas del Instituto. Antes le seguían por la calle riéndose de él y haciéndole mil diabluras. Pero ahora, desde que saben que se va a morir, le acompañan todas hasta casa muy calladitas, y cuando entra en el portal le aplauden.* (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como verbo de atividade)

(142) ROSALÍA.—*¡Sí! Un sabio que con sus manías y sus rarezas es el hazmerreír de toda Villanueva... Victoria, en cambio, se casó con un hombre extraordinario, que se la llevó de aquí el mismo día de la boda para no volver más. Y ahora, después de veinte años en América, cuando ya son millonarios, Victoria nos manda este hijo para que conozca España...* (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como verbos de estado)

(143) DOÑA AGUEDA.—*¿No será un error?* CLOTILDE.—*¡Ca! Puede estar tranquila la señora. ¡Se muere!* DOÑA AGUEDA.—*Cuando tú lo dices...* CLOTILDE.—*El señor es muy serio..., y si ha dicho que se muere, se muere.* (Neste dado, as ocorrências sublinhas são analisadas como verbos *dicendi*)

(144) ROSALÍA.—*Conozco muy bien a Victoria, y sé que todo lo hacía para hacerme rabiar. Porque su marido no será tanto, ni muchísimo menos. Por eso, cuando me casé, en la primera carta que le escribí a la vuelta del viaje de novios, ya le conté una mentira. (Avergonzadísima.) ¿Te acuerdas de mi viaje de novios? Fuimos a Pamplona.* (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como verbos de processos mentais)

6.1.4.4 Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

A variável classe semântica do verbo se mostra bastante significativa para a peça representante da segunda metade do século, conforme sinaliza sua força relativa ($range = 45$). Todavia, os resultados obtidos contradizem nossa expectativa:

Tabela 36: Sujeito expreso segundo a variável “Classe semântica do verbo” (*Siete hombres buenos*)

Classe semântica do verbo	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Processos mentais	21/304	6%	0,42
Estimativos	1/42	2%	0,24
Verbos de estado	32/238	13%	0,67
Verbos <i>dicendi</i>	6/108	5%	0,22
Verbos de atividade	27/296	9%	0,58
TOTAL	87/988	8%	Range: 45

Ao analisarmos os valores da Tabela 36, surpreende-nos o fato de os verbos estimativos serem os que apresentam menor percentual de expressão do sujeito (2%) e um dos menores pesos relativos (0,24), sendo que o esperado era que fossem os maiores percentuais e peso relativo. Por outro lado, da mesma forma que nas peças anteriores, o número de ocorrências com verbos estimativos em *Siete hombres buenos* não é muito expressivo. Na tentativa de compreender tais resultados, olhamos para as ocorrências com esse tipo de verbo e notamos que a quase totalidade deles era de verbos com desinência exclusiva (145 e 146). É possível que essa característica tenha favorecido a omissão do sujeito com os verbos estimativos.

(145) *MARCIAL: Sabéis lo pienso sobre Alejo, pero creo que debemos tomar ese avión.* (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como verbos estimativos)

(146) *JULIÁN: Lo absolverías aunque hubiera estrangulado a tu madre. Sé que nunca dirás fuera de aquí lo que de verdad piensas sobre Pablo. Pero a nosotros, esta noche, sí debes decirnos lo que piensas. Silencio. MARCIAL: Pablo, creo que hiciste bien si hiciste lo que*

entonces creías necesario. (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como verbos estimativos)

Além dos verbos estimativos, todos os outros fatores também apresentam percentuais de expressão baixos, sendo a maioria abaixo de 10%: verbos *dicendi* (5%, dado 147), verbos de processos mentais (6%, dado 148) e verbos de atividade (9%, dado 149). Os verbos de estado são os que apresentam a maior frequência de expressão (13%, dado 150) e peso relativo favorável à presença pronominal (0,67). Também inesperado é o fato de os verbos de atividade apresentarem peso relativo maior que os outros verbos (0,58), quando o estimado era o contrário.

(147) NICOLÁS: ¿Has dicho <<focos de resistencia>>? || MARCIAL: He dicho <<pequeños focos de resistencia>>. (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como verbos *dicendi*)

(148) NICOLÁS: ¿Recuerdas a Benjamín Calderón? PABLO: ¿Benjamín? Cómo no voy a acordarme. (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como verbos de processos mentais)

(149) JULIÁN: (A Pablo.) Nunca será como fue. Nunca más entrarás en mi casa, ni te acercarás a mi madre. Tú, que me sentaste sobre tus rodillas. Tú, a quien quise como a un padre. (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como verbos de atividade)

(150) NICOLÁS: ¿Qué sabemos de ese hombre? ROGELIO: No es ningún desconocido. Tiene un negocio de frutas en... (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como verbos de estado)

Com base na análise da variável classe semântica do verbo para cada obra teatral, surge-nos uma possível explicação para o fato de os percentuais decrescerem tão significativamente da primeira (*La visionaria*, XIX-I) para a última peça controlada (*Siete hombres buenos*, XX-II): o decrescente uso do pronome *usted* e sua respectiva forma plural *ustedes*. Como foi possível observar ao longo das análises, os contextos de uso dessa forma de tratamento foram diminuindo – pelo menos nas peças analisadas – ao longo do tempo. Isso, além de minimizar os contextos potencialmente ambíguos, leva a uma diminuição da expressão do sujeito, uma vez que, provavelmente para demonstrar respeito, deferimento, formalidade, utiliza-se a forma verbal

acompanhada do pronome sujeito *usted/ustedes*, ainda que sua presença seja desnecessária em termos de identificação do referente (151 a 154).

(151) **LA VISIONARIA – VALENTINA.** *¿Manda usted? DOÑA CRÍSPULA. Ven aquí: deja la labor. VALENTINA. Si usted me permite concluir este ramo.... Son dos puntadas. DOÑA CRÍSPULA. Hazme el gusto de quitarte de la ventana inmediatamente. VALENTINA. Voy: no se enfade usted. (Se levanta.)* (Diálogo entre mãe e filha. Note-se que quando a mãe (Doña Crispula) se dirige à filha (Valentina), faz uso do tratamento informal *tú*, não o expressando: “*ven aquí*”, “*deja la labor*”, “*hazme el gusto...*”; de modo diferente ocorre o tratamento da filha dirigido à mãe: “*manda usted*”, “*si usted me permite*”, “*no se enfade usted*”)

(152) **EL NIDO AJENO – MARÍA.**—(A JULIÁN.) *Vea usted si se ha levantado el señorito Manuel y sirva usted el almuerzo en seguida. (Sale JULIÁN. A EMILIA.) ¿Quieres almorzar?* (Primeiro: diálogo de María (patroa) a Julián (um empregado da família). Segundo: diálogo de María a Emilia (amigas íntimas). Note-se que a patroa trata o empregado de maneira formal (*usted*) enquanto trata a amiga de maneira informal (*tú*) e, da mesma forma que na peça anterior, quando se usa *usted* se expressa o sujeito “*vea usted*”, “*sirva usted*” e quando se usa *tú*, não “*quieres almorzar?*”)

(153) **EL POBRECITO EMBUSTERO – LINDA.**—*¿Han visto ustedes “Una mala mujer”?* MAGDALENA.—*¡Sí!* ROSALÍA.—*¡Huy! Dos veces. De mala mujer estaba usted monísima.* (Diálogo entre uma atriz (não íntima) e duas fãs. Note-se que novamente aparece o pronome de tratamento *usted(es)* expresso)

(154) **SIETE HOMBRES BUENOS – DÁMASO:** *Nos deja sin plan Hidrológico. Va a salir. NICOLÁS: Dámaso, no puedes irte. Tú no. Vuelva aquí, señor ministro. Es usted un ministro de la República. ¡Recuerde quién es usted!* (Diálogo entre amigos íntimos, mas em uma reunião formal de “trabalho”. Note-se que o tratamento oscila entre informal *tú* e formal *usted*, de acordo com o teor da conversa e do andamento da reunião)

Conforme vimos, não é possível extrair padrões de comportamento para a variável classe semântica do verbo com base nos resultados obtidos na presente pesquisa.

6.1.5 Conexão do discurso

6.1.5.1 Juan Eugenio Hartzenbusch (XIX-I): *La visionaria*

Para a variável conexão do discurso, prevíamos resultados crescentes de favorecimento da presença do sujeito pronominal. Conforme é possível observar na Tabela 37, os resultados referentes à peça *La visionaria* correspondem a essa conjectura:

Tabela 37: Sujeito expresso segundo a variável “Conexão do discurso” (*La visionaria*)

Conexão do discurso	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Máximo grau de conexão 1	19/139	13%	0,28
Altíssimo grau de conexão 2	26/184	14%	0,28
Alto grau de conexão 3	32/119	26%	0,50
Médio grau de conexão 4	11/40	27%	0,64
Baixo grau de conexão 5	33/79	41%	0,62
Baixíssimo grau de conexão 6	90/174	51%	0,78
TOTAL	211/735	28%	Range: 50

As ocorrências nas quais há **manutenção do referente** – havendo diferença apenas quanto à manutenção ou não do plano discursivo (tempo-aspecto-modo) – mostram-se favoráveis à omissão do pronome sujeito, conforme evidenciam os pesos relativos e os percentuais: máximo grau de conexão (0,28; 13%) e altíssimo grau de conexão (0,28; 14%). No outro extremo – orações intervenientes com pessoa determinada e mudança de tópico ou subtópico –, os resultados são inversos, isto é, há favorecimento da presença do pronome sujeito: baixo grau de conexão (0,62; 41%) e baixíssimo grau de conexão (0,78; 51%) – dado 155.

(155) *DOÑA CRÍSPULA*. *Supongo que esta vez no dirás que veo visiones, que interpreto al revés las cosas. Mira allí, mira. VALENTINA. ¿Qué he de mirar? ¿Qué no saqué á la reja el lorito?* (Neste dado, as ocorrência “*Supongo*” e “*he de mirar*” são analisadas com o critério

“não se aplica” por serem o primeiro verbo do turno de fala; a ocorrência “*dirás*” é analisada como mudança de subtópico [baixíssimo grau de conexão]; as ocorrências “*veo*” e “*Mira*” são analisadas como: há oração(ões) interveniente(s) com pessoa determinada (*dirás* = *tú*, no primeiro caso e “*veo*” e “*interpreto* = *yo*, no segundo) entre o sujeito e sua menção anterior [baixo grau de conexão]; a ocorrência “*interpreto*” é analisada como: há manutenção do referente e do plano discursivo [máximo grau de conexão]; a ocorrência “*saqué*” é analisada como: há manutenção do referente e mudança do plano discursivo [altíssimo grau de conexão].

Os casos em que há orações intervenientes com referentes não determinados (médio grau de conexão) também tendem a favorecer a expressão do sujeito, de acordo com seu peso relativo (0,64; 27%) – dado 156. Já para os casos em que há passagem a tópico através da mudança de função para sujeito (alto grau de conexão), os resultados mostram-se medianos, como indica seu peso relativo (0,50; 26%) – dado 157.

(156) VALENTINA. *¿Quererme? Ni piensa en mí siquiera. ¡Valiente cabeza de gorrion! Tres dias hace ya que no parece por casa.* (Neste dado, a ocorrência “*parece*” é analisada como: há oração interveniente com sujeito indeterminado (*tres dias hace*) entre o sujeito e sua menção anterior [médio grau de conexão])

(157) *¡Se me luce la buena crianza que te he dado!* (Neste dado, a ocorrência “*he dado*” é analisada como mudança de outra função para a função de sujeito [alto grau de conexão])

Nesta peça representante da primeira metade do século XIX, a variável conexão do discurso se mostra bastante significativa, conforme sinaliza sua força relativa (*range* = 50) e os resultados obtidos corroboram nossa hipótese inicial, conforme vimos.

6.1.5.2 Jacinto Benavente (XIX-II): *El nido ajeno*

Na peça do período XIX-II, a variável conexão do discurso se mostra bastante relevante (*range* = 64) e os resultados obtidos, assim como na peça anterior, corroboram nossa hipótese, como é possível observar na Tabela 38:

Tabela 38: Sujeito expresso segundo a variável “Conexão do discurso” (*El nido ajeno*)

Conexão do discurso	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Máximo grau de conexão 1	5/178	2%	0,19
Altíssimo grau de conexão 2	11/149	7%	0,27
Alto grau de conexão 3	18/151	11%	0,49
Médio grau de conexão 4	5/47	10%	0,53
Baixo grau de conexão 5	27/121	22%	0,71
Baixíssimo grau de conexão 6	45/168	26%	0,83
TOTAL	111/814	13%	Range: 64

Conforme prevíamos, os contextos em que há manutenção do referente são os mais propícios para a omissão do sujeito: máximo grau de conexão (2%; 0,19) e altíssimo grau de conexão (7%; 0,27). Por outro lado, os contextos em que a conexão discursiva é considerada menor são mais propícios à expressão: baixo grau de conexão (22%; 0,71) e baixíssimo grau de conexão (26%; 0,83). Os dados a seguir ilustram como foram analisadas as ocorrências para esta variável:

(158) *DOÑA CRÍSPULA. Aunque pudiera decidir por mí sola, quiero consultar con ella, porque está mas interesada que yo.* (Neste dado, a ocorrência “*quiero*” é analisada como manutenção do referente e mudança do plano discursivo [altíssimo grau de conexão]; a ocorrência “*está*” é analisada como mudança de função a sujeito [alto grau de conexão])

(159) *RAIMUNDO. Pues ya se ve. Señor, si no es propio de la situación. Si yo le digo á usted que la quiero, ¿cómo le he de decir que me marcho?* (Neste dado, a ocorrência “*quiero*” é analisada como manutenção do referente e do plano discursivo [máximo grau de conexão]; as ocorrências “*he de decir*” e “*me marcho*” são analisadas como manutenção do referente e mudança do plano discursivo [altíssimo grau de conexão])

(160) *DOÑA CRÍSPULA. Cuando llegué á la lonja de don Agustin, la cartera iba conmigo. Yo queria que don Agustin, como es persona tan inteligente en esto de papel moneda, viese los billetes.* (Neste dado, a ocorrência “*queria*” é analisada como: há oração interveniente com referente não pessoa (*la cartera*) entre o sujeito e sua menção anterior [médio grau de conexão])

(161) *DOÑA CRÍSPULA. ¡Acabáramos! Me habias dado un susto. ¿Quieres que sepa don Vicente que tienes otro amante, para que los zelos aviven su cariño? No me parece del todo mal ese rasgo de coquetería.* (Neste dado, a ocorrência “*Quieres*” é analisada como manutenção do referente e mudança do plano discursivo [altíssimo grau de conexão]; a ocorrência “*tienes*” é analisada como: há oração interveniente com sujeito determinado (*sepa don Vicente*) entre o sujeito e sua menção anterior [baixo grau de conexão])

(162) *DOÑA CRÍSPULA. Digo que no le habrás dado la mano.* (Neste dado, a ocorrência “*habrás dado*” é analisada como mudança de subtópico discursivo [baixíssimo grau de conexão])

6.1.5.3 Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

Diferentemente das peças representantes do século XIX, para as duas peças representantes do século XX, a variável conexão do discurso não se mostrou relevante em termos de tendências, haja vista que não foi selecionada na análise multivariada. Os resultados de frequência de uso, por outra parte, são apresentados na Tabela 39:

Tabela 39: Sujeito expreso segundo a variável “Conexão do discurso” (*El pobrecito embustero*)

Conexão do discurso	Ocorrências	Porcentagem
Máximo grau de conexão 1	16/164	9%
Altíssimo grau de conexão 2	23/129	17%
Alto grau de conexão 3	30/123	24%
Médio grau de conexão 4	3/32	9%
Baixo grau de conexão 5	40/109	36%
Baixíssimo grau de conexão 6	34/146	23%
TOTAL	146/703	20%

Com base nos percentuais obtidos, é possível observar que o contexto em que há manutenção do referente e do plano discursivo (máximo grau de conexão) apresenta o menor percentual de expressão (9%). Contudo, apresentam esse mesmo percentual os casos em que há oração interveniente, mas com sujeitos não determinados (médio grau), contrariando nossa hipótese inicial. Ademais, dois dos contextos em que se esperava maior percentual de omissão apresentam percentuais maiores que o médio grau de conexão: i) altíssimo grau de conexão: há manutenção do referente e apenas mudança do plano discursivo (17%); ii) alto grau de conexão: há mudança de função para sujeito (24%). Um dos fatores em que se considera haver menor conexão do discurso apresenta o maior percentual de expressão: entre o sujeito em análise e sua menção prévia há oração(ões) interveniente(s) cujo referente é determinado (36%). Porém, o último fator, que corresponde a baixíssimo grau, apresenta percentual próximo (23%) ao do alto grau de conexão.

Como é possível observar na Tabela 39, os resultados obtidos contrariam nossa hipótese inicial de que os valores aumentariam progressivamente do primeiro ao último fator controlado. Tal resultado nos leva a pensar que outras variáveis controladas e selecionadas na análise multivariada possam ser mais relevantes para a expressão do sujeito do que a conexão do discurso. Também é possível que outro tipo de amostra apresente resultados diferentes, pois é preciso reconhecer que ainda que se tente aproximar o texto teatral da oralidade, este é um discurso (re)elaborado e não espontâneo. O que nos leva a utilizar este recurso em análises sociolinguísticas e funcionalistas é a dificuldade de se obter textos orais espontâneos de sincronias mais antigas.

6.1.5.4 Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

A variável conexão do discurso também não foi selecionada pelo programa estatístico como relevante para nosso objeto de estudo na peça *Siete hombres buenos*. Na Tabela 40 são apresentados os resultados de frequência de uso obtidos:

Tabela 40: Sujeito expresso segundo a variável “Conexão do discurso” (*Siete hombres buenos*)

Conexão do discurso	Ocorrências	Porcentagem
Máximo grau de conexão 1	7/187	3%
Altíssimo grau de conexão 2	10/184	5%
Alto grau de conexão 3	12/123	9%
Médio grau de conexão 4	2/50	4%
Baixo grau de conexão 5	7/66	10%
Baixíssimo grau de conexão 6	24/152	15%
TOTAL	62/762	8%

Com base na Tabela 40, é compreensível que a conexão do discurso não tenha sido selecionada, uma vez que o percentual de cada fator não difere substancialmente entre eles. Todavía, ainda que não tão significativos, os resultados sinalizam que os contextos em que a conexão do discurso é maior apresentam os menores percentuais de expressão (3% e 5%), enquanto aqueles em que a conexão do discurso é menor apresentam os maiores percentuais de presença do pronome sujeito (10% e 15%). Já o médio grau de conexão, no qual entre o sujeito em análise e sua menção prévia há oração(ões) interveniente(s) com sujeito indeterminado, coletivo ou genérico, mostra-se – nas peças representantes do século XX – um contexto de maior conexão do que o previsto em nossa distribuição dos fatores, haja vista seu percentual de expressão (4%).

6.1.6 Tempo verbal

6.1.6.1 Juan Eugenio Hartzenbusch (XIX-I): *La visionaria*

A variável tempo verbal não foi selecionada para a amostra referente à primeira metade do século XIX. A Tabela 41 apresenta a frequência de uso do sujeito expresso:

Tabela 41: Sujeito expresso segundo a variável “Tempo verbal” (*La visionaria*)
(continua)

Tempo verbal	Ocorrências	Porcentagem
<i>Presente indicativo (amo)</i>	214/620	34%
<i>Presente subjuntivo (ame)</i>	27/66	40%
<i>Pretérito perfecto simple indicativo (amé)</i>	24/105	22%

(conclusão)

Tempo verbal	Ocorrências	Porcentagem
<i>Pretérito perfecto compuesto indicativo (he amado)</i>	37/132	28%
<i>Pretérito perfecto subjuntivo (haya amado)</i>	0/3	0%
<i>Pretérito imperfecto indicativo (amaba)</i>	43/94	45%
<i>Pretérito imperfecto subjuntivo (amase/amara)</i>	15/32	46%
<i>Pretérito pluscuamperfecto indicativo (había amado)</i>	4/10	40%
<i>Pretérito pluscuamperfecto subjuntivo (hubiese(ra) amado)</i>	2/14	14%
<i>Futuro imperfecto indicativo (amaré)</i>	21/89	23%
<i>Futuro perfecto indicativo (habré amado)</i>	3/6	50%
<i>Futuro perifrástico indicativo (voy a amar)</i>	4/10	40%
<i>Condicional(amaría)</i>	13/25	52%
<i>Condicional perfecto(habría amado)</i>	-	-
TOTAL	407/1206¹²⁰	33%

Ainda que, em termos de tendências, não possamos fazer considerações, uma vez que o programa estatístico excluiu a variável *tempo verbal*, podemos extrair observações a respeito do número de ocorrências e da frequência de uso. Com base na Tabela 41, vemos que os tempos verbais mais recorrentes na amostra são: presente do indicativo (620 ocor.), pretérito perfeito composto (132 ocor.), pretérito perfeito simples (105 ocor.), pretérito imperfeito do indicativo (94 ocor.), futuro imperfeito do indicativo (89 ocor.) e presente do subjuntivo (66 ocor.). Dentre esses tempos verbais, o pretérito imperfeito do indicativo (45%; 43/94 ocorrências) e o presente do subjuntivo (40%; 27/66 ocorrências) são os que apresentam maior frequência do sujeito expresso, ambos acima de 40%. Coincidentemente ou não, esses tempos verbais compartilham desinências verbais em alguns casos – *yo, él/ella, usted amaba, ellos/ellas, ustedes amaban; yo, él/ella, usted ame, ellos/ellas, ustedes amen* –; já com os outros tempos

¹²⁰ Os verbos no **imperativo** não foram considerados para esta variável, tendo sido utilizado o recurso **não se aplica** nesses casos.

verbais, o compartilhamento se dá somente entre a terceira pessoa (plural e singular) e as formas de tratamento (*usted* e *ustedes*) – *él/ella, usted ama; él/ella, usted ha amado; él/ella, usted amó; él/ella, usted amaré*. Essa conjectura se respalda no fato de a variável ambiguidade ter sido selecionada como condicionadora do fenômeno. Quanto aos outros tempos verbais, optamos por não fazer conjecturas com base no escasso número de ocorrências, em comparação com os tempos verbais mais frequentes.

6.1.6.2 *Jacinto Benavente (XIX-II): El nido ajeno*

Diferentemente da peça anterior, na peça *El nido ajeno* a variável tempo verbal foi selecionada com força relativa elevada (*range* = 77):

Tabela 42: Sujeito expresso segundo a variável “Tempo verbal” (*El nido ajeno*)
(continua)

Tempo verbal	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
<i>Presente indicativo (amo)</i>	82/541	15%	0,52
<i>Presente subjuntivo (ame)</i>	4/44	9%	0,19
<i>Pretérito perfecto simple indicativo (amé)</i>	14/126	11%	0,49
<i>Pretérito perfecto compuesto indicativo (he amado)</i>	3/71	4%	0,25
<i>Pretérito perfecto subjuntivo (haya amado)</i>	0/1	0%	-
<i>Pretérito imperfecto indicativo (amaba)</i>	19/77	24%	0,65
<i>Pretérito imperfecto subjuntivo (amase/amara)</i>	13/31	41%	0,86
<i>Pretérito pluscuamperfecto indicativo (había amado)</i>	1/4	25%	0,09
<i>Pretérito pluscuamperfecto subjuntivo (hubiese(ra) amado)</i>	1/6	16%	0,74

(conclusão)

Tempo verbal	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
<i>Futuro imperfecto indicativo (amaré)</i>	9/92	9%	0,44
<i>Futuro perfecto indicativo (habré amado)</i>	0/2	0%	-
<i>Futuro perifrástico indicativo (voy a amar)</i>	0/12	0%	-
<i>Condicional (amaría)</i>	5/16	31%	0,53
<i>Condicional perfecto (habría amado)</i>	-	-	-
TOTAL	151/1023	14%	Range: 77

Como é possível observar na Tabela 42, os tempos verbais com maior número de ocorrências na amostra são os mesmos que na peça anterior, ainda que em ordem diferente: presente do indicativo (541 ocor.), pretérito perfeito simples (126 ocor.), futuro imperfecto do indicativo (92 ocor.), pretérito imperfecto do indicativo (77 ocor.), pretérito perfeito composto (71 ocor.) e presente do subjuntivo (44 ocor.). À diferença de *La visionaria*, neste caso podemos falar de tendências de uso. Contudo, vamos nos restringir aos tempos verbais frequentes, mencionados neste parágrafo. Destes, os tempos verbais que se mostram favoráveis à omissão são o presente do subjuntivo (0,19; 9%) e o pretérito perfeito composto (0,25; 4%). Já o tempo verbal em que a presença do sujeito é favorecida é o pretérito imperfecto do indicativo (0,65; 24%). Diferentemente da peça anterior, neste caso não é possível atribuir os resultados ao maior ou menor número de compartilhamento de desinências, uma vez que no presente do subjuntivo, em que há maior compartilhamento, a omissão é favorecida, quando o esperado seria o contrário.

Analisando as ocorrências com o presente do subjuntivo, observamos que, em muitas delas, a forma verbal possui desinência distintiva exclusiva (163) e que, quando esta compartilha desinência com outros possíveis referentes, a referência geralmente é resolvida pelo contexto antes da explicitação da forma verbal, ou seja, ainda que o tempo verbal presente do subjuntivo compartilhe desinências em determinados casos, não há ambiguidade potencial na maioria dos casos, o que justifica o fato de este ser um contexto favorável à omissão. Por

outro lado, há ocorrências que parecem ser motivadas por certa dificuldade de identificação do referente (164).

(163) *MARÍA.*—*¡Adiós! No para siempre... MANUEL.*—*¡Para siempre, no!... Hasta que seamos muy viejos y no quepan desconfianzas ni recelos entre nosotros... Cuando no podamos dudar... ni de nosotros mismos... Entonces volveré a buscar un rincón donde morir en el nido ajeno.* (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como presente do subjuntivo)

(164) *JOSÉ.*—*(Con decisión.) Manuel... No es culpa mía. Nuestra situación era violenta. Joven, soltero, famoso por tus aventuras, sospechoso por tu vida pasada, tu estancia en mi casa ha dado ocasión a murmuraciones... La gente es mal pensada...; llegaron hasta mí... Tu asiduidad con mi esposa, tus obsequios, eran asunto de comentarios que yo no podía tolerar. La honra de María es para mí antes que todo... Mientras yo exista, nadie; por ninguna ocasión, pondrá sospecha en ella, sea quien fuere... No extrañes que no te detenga, que te deje salir de mi casa de este modo. Por fortuna tuya, para nada me necesitas...; yo a ti, tampoco... ¡Sé muy feliz! ¡De corazón te lo deseo!* (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como presente do subjuntivo; note-se que na ocorrência “*Mientras yo exista*” há uma ambiguidade potencial, uma vez que outros referentes haviam sido mencionados anteriormente (Manuel e María) e poderiam disputar o *status* de referente da ocorrência em questão)

Analisando as ocorrências referentes ao tempo verbal pretérito imperfeito do indicativo, identificamos várias possíveis motivações, dentre elas “comparação” (165), “presença do pronome de tratamento *usted*” (166) e “ambiguidade potencial” (167).

(165) *MANUEL.*—*¡Qué buena es María! ¿Verdad? ¡Bien he tenido ocasión de apreciar lo que vale! (Pausa.) Llegué a España, pesaroso ya de haber emprendido el viaje de regreso. Era triste hallarme extranjero en todas partes. ¡Pero volver a mi patria y sentirme también extranjero en ella...! ¿Quién se acordaba ya de mí? ¿Quién me esperaría?... Tú estabas casado...; nos separamos casi niños, y nuestro afecto paternal llevaba revueltos rencorillos y rivalidades... Tú eras el preferido de nuestro padre; yo, el de mi madre... La lucha era continua entre nosotros... Y tú vencías siempre!* (Neste dado, as ocorrências

sublinhadas são analisadas como pretérito imperfeito do indicativo; note-se que tais ocorrências estão em contexto comparativo)

(166) *EMILIA.—Trabajan ustedes demasiado. Es mi tema con Fernando... Fernando es fuerte; pero el afán de los negocios, la Bolsa, el Congreso..., es no parar en todo el día. Al fin, él tiene cuatro hijos por quien mirar...; pero usted, solo con su mujercita... Debía usted dejarse de negocios y descansar y cuidarse y divertirse mucho, que la vida es corta.* (Neste dado, a ocorrência sublinhada é analisada como pretérito imperfeito do indicativo; note-se que o fato de o pronome *usted* favorecer a presença pronominal pode ser a motivação maior para a explicitação do pronome sujeito neste caso)

(167) *JOSÉ.—Gracias a mi intervención, todo pudo arreglarse a tiempo. Hice bien en no detenerme. La cantidad era insignificante, y se trataba de uno de mis corresponsales más estimados por su honradez y su actividad. De ningún modo podía yo consentir que fuese declarado en quiebra.* (Neste dado, a ocorrência sublinhada é analisada como pretérito imperfeito do indicativo; note-se que o referente de “*podía*” poderia ser confundido com “*uno de mis corresponsales*” até que a referência fosse aclarada após o verbo “*consertir que fuese declarado en quiebra*”)

Quanto aos outros tempos verbais mais frequentes, estes apresentam valores intermediários: presente do indicativo (0,52; 15%); pretérito perfeito simples (0,49; 11%); futuro imperfeito do indicativo (0,44; 9%).

6.1.6.3 Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

A variável tempo verbal não foi selecionada pelo Goldvarb. Eis os resultados da frequência de uso:

Tabela 43: Sujeito expreso segundo a variável “Tempo verbal” (*El pobrecito embustero*)

(continua)		
Tempo verbal	Ocorrências	Porcentagem
<i>Presente indicativo (amo)</i>	149/626	23%
<i>Presente subjuntivo (ame)</i>	7/43	16%
<i>Pretérito perfecto simple indicativo (amé)</i>	9/49	18%

(conclusão)

Tempo verbal	Ocorrências	Porcentagem
<i>Pretérito perfecto compuesto indicativo (he amado)</i>	16/91	17%
<i>Pretérito perfecto subjuntivo (haya amado)</i>	½	50%
<i>Pretérito imperfecto indicativo (amaba)</i>	26/67	38%
<i>Pretérito imperfecto subjuntivo (amase/amara)</i>	9/25	36%
<i>Pretérito pluscuamperfecto indicativo (había amado)</i>	3/5	60%
<i>Pretérito pluscuamperfecto subjuntivo (hubiese(ra) amado)</i>	4/10	40%
<i>Futuro imperfecto indicativo (amaré)</i>	11/48	22%
<i>Futuro perfecto indicativo (habré amado)</i>	1/1	100%
<i>Futuro perifrástico indicativo (voy a amar)</i>	7/42	16%
<i>Condicional (amaría)</i>	6/9	66%
<i>Condicional perfecto (habría amado)</i>	0/1	0%
TOTAL	249/1019	24%

De modo semelhante às peças anteriormente analisadas, nesta obra os tempos verbais com maior número de ocorrência são: presente do indicativo (626 ocor.), pretérito perfeito composto (91 ocor.), pretérito imperfeito do indicativo (67 ocor.), pretérito perfeito simples (49 ocor.), futuro imperfeito do indicativo (48 ocor.), presente do subjuntivo (43 ocor.) e futuro perifrástico do indicativo (42 ocor.). Destaca-se o aumento no número de ocorrências do futuro perifrástico, o qual apresenta menos de 12 ocorrências nas peças anteriores. Na mesma direção que as obras anteriormente analisadas, em *El pobrecito embustero* o tempo verbal “pretérito imperfeito do indicativo” apresenta o percentual mais alto de expressão do sujeito (38%), dentre os tempos verbais mais recorrentes citados previamente. Já entre os tempos verbais que apresentam os menores percentuais estão o presente do subjuntivo (16%) – de forma semelhante à peça *El nido ajeno* – e o futuro perifrástico (16%).

6.1.6.4 Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

Diferentemente de nossa hipótese inicial de que o tempo verbal não condicionaria o fenômeno, esta variável foi selecionada pelo programa estatístico e com força relativa significativa (*range* = 63):

Tabela 44: Sujeito exposto segundo a variável “Tempo verbal” (*Siete hombres buenos*)

Tempo verbal	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
<i>Presente indicativo (amo)</i>	42/503	8%	0,47
<i>Presente subjuntivo (ame)</i>	4/38	10%	0,55
<i>Pretérito perfecto simple indicativo (amé)</i>	16/192	8%	0,49
<i>Pretérito perfecto compuesto indicativo (he amado)</i>	11/109	10%	0,45
<i>Pretérito perfecto subjuntivo (haya amado)</i>	0/2	0%	-
<i>Pretérito imperfecto indicativo (amaba)</i>	11/90	12%	0,66
<i>Pretérito imperfecto subjuntivo (amase/amara)</i>	0/12	0%	-
<i>Pretérito pluscuamperfecto indicativo (había amado)</i>	3/16	18%	0,90
<i>Pretérito pluscuamperfecto subjuntivo (hubiese(ra) amado)</i>	1/6	16%	0,54
<i>Futuro imperfecto indicativo (amaré)</i>	4/80	5%	0,27
<i>Futuro perfecto indicativo (habré amado)</i>	1/1	100%	-
<i>Futuro perifrástico indicativo (voy a amar)</i>	6/28	21%	0,82
<i>Condicional (amaría)</i>	1/26	3%	0,61
<i>Condicional perfecto (habría amado)</i>	0/3	0%	-
TOTAL	100/1106	9%	Range: 63

Os tempos verbais com maior número de ocorrência nesta peça correspondem quase que na totalidade aos das peças anteriores: presente do indicativo (503 ocor.), pretérito perfeito simples (192 ocor.), pretérito perfeito composto (109 ocor.), pretérito imperfeito do indicativo (90 ocor.), futuro imperfeito do indicativo (80 ocor.); excetua-se o tempo “presente do subjuntivo” que apresenta uma diminuição gradual no número de ocorrências da primeira para a última obra analisada (66; 44; 43 e 38 ocorrências no total das amostras). Em termos de tendências de uso, destacam-se o pretérito imperfeito do indicativo, com favorecimento da expressão (0,66; 12%), seguindo comportamento semelhante ao observado nas outras peças, e o futuro imperfeito do indicativo, com favorecimento da omissão do sujeito (0,27; 5%).

Analisando cada ocorrência com o tempo verbal pretérito imperfeito do indicativo, observamos que das 11 ocorrências com o sujeito explícito, grande parte delas coincide com contextos comparativos (contrastivos ou corroborativos), conforme ilustram os dados 168 e 169. Não se observou influência da variável ambiguidade, uma vez que as ocorrências ou apresentavam desinência distintiva exclusiva ou sua referência era resolvida pelo contexto sintático e/ou discursivo antes da menção do verbo.

(168) *ROGELIO: La vida te lleva por donde menos lo esperas. Yo no podía quedarme, y mi mujer no quiso seguirme. Al despedirme, les dije: <<Nos reuniremos muy pronto>>.* (Neste dado, a ocorrência sublinhada é analisada como pretérito imperfeito do indicativo; note-se que a ocorrência “*yo no podía quedarme*” está em comparação com “*y mi mujer no quiso seguirme*”)

(169) *DÁMASO: Hoy he tenido un sueño. Los que se quedaron se iban, y yo me quedaba, yo era el único que me quedaba.* (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como pretérito imperfeito do indicativo; note-se que as ocorrências “*yo me quedaba*” e “*yo era el único...*” estão em comparação com “*Los que se quedaron...*”)

Quanto ao futuro imperfeito do indicativo, este aparece entre os tempos verbais com menor frequência de uso em Enríquez (1984), comportamento este observado em nossos resultados. Com relação aos demais tempos verbais (com ocorrências acima de 40), os valores obtidos são medianos: presente do indicativo (0,47; 8%); pretérito perfeito simples (0,49; 8%) e pretérito perfeito composto (0,45; 10%).

Ainda que a variável tempo verbal tenha sido selecionada em apenas duas das obras investigadas, é interessante destacar as semelhanças encontradas em todas elas. Conforme vimos, os tempos verbais mais recorrentes costumam ser os mesmos, notadamente o presente do indicativo, que apresenta o maior número de ocorrências em todas as obras. Dentre os tempos verbais mais frequentes, destaca-se também o pretérito imperfeito do indicativo, que favorece a expressão (peso relativo) e/ou apresenta as frequências mais elevadas (percentual) de presença do sujeito pronominal: i) *La visionaria* (45%); ii) *El nido ajeno* (0,65; 24%); iii) *El pobrecito embustero* (38%); iv) *Siete hombres buenos* (0,66; 12%).

6.1.7 Tipo de cláusula

6.1.7.1 Juan Eugenio Hartzenbusch (XIX-I): *La visionaria*

A variável tipo de cláusula foi selecionada apenas para a peça *La visionaria* e descartada em todas as outras obras. Sua força relativa (*range* = 22) aponta que, ainda que relevante, tal variável não é tão significativa para o fenômeno da expressão do sujeito.

Tabela 45: Sujeito expreso segundo a variável “Tipo de cláusula” (*La visionaria*)

Tipo de Cláusula	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Afirmativa	240/834	28%	0,44
Negativa	56/161	34%	0,58
Interrogativa parcial (<i>Wh-question</i> = com interrogativo)	34/66	51%	0,60
Interrogativa total (<i>Yes/no question</i> = perguntas sim/não)	74/141	52%	0,66
TOTAL	404/1202¹²¹	33%	Range: 22

Diferentemente do esperado, as orações negativas apresentam peso relativo e percentual maiores (0,58; 34%) que as afirmativas (0,44;

¹²¹ Os verbos no **imperativo** não foram considerados para esta variável, tendo sido utilizado o recurso **não se aplica** nesses casos.

28%), o que significa que é mais provável ocorrer um sujeito exposto com aquelas do que com estas, ainda que os pesos relativos correspondentes estejam próximos ao valor medial para ambas. As orações interrogativas – tanto parciais (0,60; 51%) como totais (0,66; 52%) – são os contextos mais favoráveis à expressão. Chamam atenção os percentuais acima de 50% das orações interrogativas. Ao refletirmos sobre esse resultado, pensamos que fosse devido ao pronome de tratamento *usted*, que é muito frequente e explicitado recorrentemente nessa peça. Ao analisar as ocorrências, verificamos que isso se confirma, uma vez que a maioria das ocorrências interrogativas com *usted* aparece com o sujeito explicitado e posposto. Também ocorrem sujeitos explícitos com outras formas pronominais, mas a frequência é muito menor do que com o pronome de tratamento *usted* (170).

(170) VALENTINA. *Madre, madre, por las entrañas de María Santísima, ¿quiere usted decirme en qué la desagrado, en qué la desobedezco, en qué falta á los deberes de buena hija? ¿No me ve usted dia y noche amarrada á ese bastidor, sin alzar cabeza, para que el fruto de mi trabajo nos saque de la estrechez en que nos pone la corta viudedad que usted goza? ¿Con quién gasto yo conversacion? ¿A quién escribo? ¿Qué suspiros me sorprende usted? ¿Qué joyas ha encontrado en mi papelera? Diga usted: ¿en qué se fundan esas acusaciones con que me aflige continuamente? ¿Quiere usted que cansada, aburrida de sospechas á que no doy motivo, llegue á justificarlas al fin, abandonando despechada mi mano al primero que se presente á pedirla?* (Neste dado, as ocorrências sublinhadas são analisadas como orações interrogativas. Durante a codificação, surgiu a dúvida de como analisar as orações inseridas em um período interrogativo, mas que não apresentam características de pergunta, como, por exemplo, “*la corta viudedad que usted goza*”; optou-se por considerar o período em que estas se inserem e codificar todas as orações como interrogativas)

6.1.7.2 Jacinto Benavente (XIX-II): *El nido ajeno*

Conforme é possível observar na Tabela 46, os valores percentuais entre os diferentes fatores não apresentam grandes diferenças entre si, o que justifica o fato de esta variável não ter sido selecionada:

Tabela 46: Sujeito expresso segundo a variável “Tipo de cláusula” (*El nido ajeno*)

Tipo de Cláusula	Ocorrências	Porcentagem
Afirmativa	108/744	14%
Negativa	28/154	18%
Interrogativa parcial (<i>Wh- question = com interrogativo</i>)	3/33	9%
Interrogativa total (<i>Yes/no question = perguntas sim/não</i>)	11/91	12%
TOTAL	150/1022	14%

6.1.7.3 Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

Da mesma forma que na peça anterior, os percentuais de cada fator não contrastam significativamente entre si, razão pela qual, provavelmente, esta variável não foi selecionada pelo programa estatístico.

Tabela 47: Sujeito expresso segundo a variável “Tipo de cláusula” (*El pobrecito embustero*)

Tipo de Cláusula	Ocorrências	Porcentagem
Afirmativa	140/623	22%
Negativa	31/130	23%
Interrogativa parcial (<i>Wh- question = com interrogativo</i>)	21/70	30%
Interrogativa total (<i>Yes/no question = perguntas sim/não</i>)	55/193	28%
TOTAL	247/1016	24%

6.1.7.4 Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

Enquanto nas duas peças anteriores a diferença entre o fator com menor e maior percentual de expressão era de oito a nove pontos percentuais; nesta peça essa diferença é ainda menor, especificamente de três pontos percentuais. Com base nesses resultados, pode-se afirmar que o tipo de cláusula não se mostra significativo para a expressão do sujeito nas amostras mais recentes.

Tabela 48: Sujeito expresso segundo a variável “Tipo de cláusula” (*Siete hombres buenos*)

Tipo de Cláusula	Ocorrências	Porcentagem
Afirmativa	74/783	9%
Negativa	16/169	9%
Interrogativa parcial (<i>Wh- question</i> = com interrogativo)	4/56	7%
Interrogativa total (<i>Yes/no question</i> = perguntas sim/não)	6/98	6%
TOTAL	100/1106	9%

6.1.8 Modo

6.1.8.1 Juan Eugenio Hartzenbusch (*XIX-I*): *La visionaria*

Ainda que com percentuais contrastantes, como vemos na Tabela 49, a variável modo não foi selecionada pelo programa Goldvarb (2001).

Tabela 49: Sujeito expresso segundo a variável “Modo” (*La visionaria*)

Modo	Ocorrências	Porcentagem
Indicativo	351/1068	32%
Subjuntivo	56/139	40%
Imperativo	119/170	70%
TOTAL	526/1377	38%

Ao analisar os percentuais obtidos, destaca-se o imperativo, com elevado valor de sujeito expresso, o que contrasta com a sincronia atual, na qual esse modo é inclusive excluído das análises variacionistas por ser inesperado um sujeito expresso nesse contexto, exceto em contextos marcados, como uma comparação, por exemplo: *hazlo tú* (não *yo, él, ella*, etc.). Tal resultado é provavelmente devido à ampla presença do pronome de tratamento *usted* (dados 171 e 172), predominante na segunda pessoa do singular nesta obra.

(171) VALENTINA. *Yo no lo sé. Infórmese usted de él mismo, y saldrá de la duda.* DOÑA CRÍSPULA. *A ver, á ver. (Llegándose á la ventana.) ¿Qué se le ofrece á usted, caballero?* DON VICENTE. *Perdone usted mi franqueza, señora. Yo tenia precision de molestar á usted con una*

visita. (Neste dado, as ocorrências “*Infórmese*” e “*Perdone*” são analisadas como modo imperativo)

(172) VALENTINA. *Voy: no se enfade usted*. (Neste dado, a ocorrência “*no se enfade*” é analisada como modo imperativo)

6.1.8.2 *Jacinto Benavente (XIX-II): El nido ajeno*

Os resultados obtidos para a variável modo nesta peça da segunda metade do séc. XIX não se mostram expressivos para o fenômeno da expressão do sujeito, conforme é possível observar na Tabela 50:

Tabela 50: Sujeito expreso segundo a variável “Modo” (*El nido ajeno*)

Modo	Ocorrências	Porcentagem
Indicativo	129/928	13%
Subjuntivo	22/95	23%
Imperativo	16/128	12%
TOTAL	167/1151	14%

Em comparação com a peça anterior, todos os fatores apresentam menor percentual de expressão, notadamente o modo imperativo (12%, nesta e 70% naquela). Uma explicação possível para esses resultados tão contrastantes pode ser o fato de que nesta peça a maioria dos tratamentos referentes à segunda pessoa do singular é com o pronome *tú*, que possui desinência distintiva exclusiva em todos os tempos verbais; já naquela peça, a maioria dos tratamentos de segunda pessoa singular são feitos com o pronome de tratamento *usted*, que compartilha desinências com outras pessoas do discurso, além de ser explicitado em sinal de respeito e deferência ao interlocutor, conforme já comentamos em outras passagens da análise: i) *La visionaria: tú* (18/106; 16%; 0,25); *usted* (313/370; 85%; 0,91); ii) *El nido ajeno: tú* (35/354; 9%; 0,51); *usted* (44/47; 93%; 0,99).

6.1.8.3 *Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): El pobrecito embustero*

A variável modo foi selecionada na análise multivariada apenas nesta peça. Os valores obtidos são apresentados na Tabela 51:

Tabela 51: Sujeito expresso segundo a variável “Modo” (*El pobrecito embustero*)

Modo	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Indicativo	222/929	23%	0,57
Subjuntivo	27/90	30%	0,46
Imperativo	15/171	8%	0,16
TOTAL	264/1190	22%	Range: 41

Como é possível ver, o modo imperativo é o contexto menos propício para a expressão do sujeito (8%; 0,16), já que se trata de um contexto em que o referente, neste caso, o interlocutor, é, além da questão morfológica, discursivamente explícito. Já o modo indicativo (23%; 0,57), ainda que o peso relativo não seja tão alto, é o contexto mais favorável à expressão do sujeito, em comparação com os outros fatores. O modo subjuntivo apresenta valor intermediário entre os outros dois fatores (30%; 0,46).

6.1.8.4 Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

A variável modo não se mostra significativa em termos de tendências de uso para a amostra do período XX-II, o que é compreensível haja vista a proximidade dos percentuais de todos os fatores controlados, sendo todos abaixo de 10%, conforme é possível constatar na Tabela 52:

Tabela 52: Sujeito expresso segundo a variável “Modo” (*Siete hombres buenos*)

Modo	Ocorrências	Porcentagem
Indicativo	94/1021	9%
Subjuntivo	6/85	7%
Imperativo	4/123	3%
TOTAL	104/1229	8%

Por outro lado, tal resultado nos mostra que a expressão do sujeito é a mais baixa com todos os fatores, em comparação com as outras peças analisadas. No que tange ao imperativo, particularmente, pode-se observar que esse modo se comporta de diferente maneira de acordo com a amostra considerada. Na peça da primeira metade do século XIX, o imperativo apresenta alto percentual de expressão do sujeito (70%), sendo 119 ocorrências expressas de um total de 170.

Destaca-se que esse é o período em que mais se constata o uso de “*usted*”, o que pode explicar o elevado número de presença do sujeito com esse modo. Já nas peças subsequentes, o percentual de expressão no modo imperativo vai decrescendo: período XIX-II (12%; 16/128 ocorrências); período XX-I (8%; 15/171 ocorrências); período XX-II (3%; 4/123 ocorrências), o que pode estar relacionado com o decrescente uso e contextos de uso do pronome de tratamento “*usted*”. Com relação aos demais modos, nas três peças anteriores, o subjuntivo apresenta percentuais maiores do que o indicativo; o que não acontece nesta peça, na qual o indicativo (9%) apresenta percentual maior do que o subjuntivo (7%), ainda que a diferença entre ambos seja mínima.

Como havíamos hipotetizado, a variável modo não se mostra condicionadora do fenômeno linguístico em análise, sendo que a elevada frequência do sujeito com o modo imperativo na peça da primeira metade do século XIX provavelmente se deve ao caráter social que implica o uso do pronome de tratamento *usted*.

6.1.9 Operador do discurso

6.1.9.1 Juan Eugenio Hartzenbusch (XIX-I): *La visionaria*

A variável operador do discurso não foi selecionada na análise multivariada, o que sinaliza que esse contexto não se mostra operante para a presença ou ausência do pronome sujeito na peça analisada. Os resultados obtidos são apresentados na Tabela 53:

Tabela 53: Sujeito expreso segundo a variável “Operador do discurso” (*La visionaria*)

Operador do discurso	Ocorrências	Porcentagem
Sim	14/25	56%
Não	512/1351	37%
TOTAL	526/1376	38%

Vale observar que o número de ocorrências de operadores discursivos de base verbal não é frequente na amostra analisada: foram identificadas 25 ocorrências em um total de 1376.

6.1.9.2 Jacinto Benavente (XIX-II): *El nido ajeno*

Como é possível observar na Tabela 54, o recurso “operador do discurso” quase não foi utilizado pelo autor: de um total de 1151 ocorrências controladas, apenas 12 são referentes a operadores discursivos, razão pela qual não faremos outras considerações acerca desta variável.

Tabela 54: Sujeito expreso segundo a variável “Operador do discurso” (*El nido ajeno*)

Operador do discurso	Ocorrências	Porcentagem
Sim	1/12	8%
Não	166/1139	14%
TOTAL	167/1151	14%

6.1.9.3 Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

Diferentemente das peças anteriores, para as quais a variável operador do discurso não se mostra relevante para o fenômeno da expressão do sujeito, nesta peça representante da primeira metade do século XX, essa variável é um recurso bastante presente na obra (77 ocorrências no total) – o que é sinal de que o autor se preocupou em aproximar as falas dos personagens à linguagem real e espontânea – e, apesar de não apresentar força relativa (*range* = 28) tão significativa quanto outras variáveis, se mostra importante, conforme vemos na Tabela 55:

Tabela 55: Sujeito expreso segundo a variável “Operador do discurso” (*El pobrecito embustero*)

Operador do discurso	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Sim	5/77	6%	0,24
Não	259/1111	23%	0,52
TOTAL	264/1188	22%	Range: 28

Os valores da Tabela 55 sinalizam que os operadores do discurso desfavorecem a presença do sujeito (6%; 0,24); e os dados que não são considerados operadores do discurso mostram-se valores medianos (23%; 0,52). Os dados a seguir ilustram os fatores controlados:

(173) MAGDALENA.—*Lo creo... Victoria es una señora. PEDRÍN.—Por eso... Coquetea con todos. MAGDALENA.—¡Virgen! ROSALÍA.—¡Ay! PEDRÍN.—(Ríe, encantadísimo.) ¡Sí, sí! ROSALÍA.—Oye... ¿Y qué dice tu padre?* (Neste dado, a ocorrência “oye” é analisada como operador do discurso)

(174) LORENZO.—*(Dentro.) ¡Socorro! LORETO.—¡Ay! ¿Has oído? || PEDRÍN.—¡El tío Lorenzo!... LORENZO.—(Dentro, más cerca.) ¡Rosalía! ¡Magdalena! ¡Clotilde! LORETO.—¡Don Lorenzo! LORENZO.—(Dentro.) ¡Socorro! LORETO.—¿Oyes? Está pidiendo socorro...* (Neste dado, as ocorrências “Has oído”, “Oyes” e “Está pidiendo” são analisadas como não operador do discurso)

6.1.9.4 Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

Assim como nas peças representantes do século XIX (*La visionaria* e *El nido ajeno*), a variável operador do discurso não foi selecionada na análise multivariada, em consonância com os resultados de Enríquez (1984), estudo no qual os marcadores discursivos não se mostraram relevantes. A Tabela 56 apresenta os resultados obtidos:

Tabela 56: Sujeito expresso segundo a variável “Operador do discurso” (*Siete hombres buenos*)

Operador do discurso	Ocorrências	Porcentagem
Sim	0/2	0%
Não	104/1227	8%
TOTAL	104/1229	8%

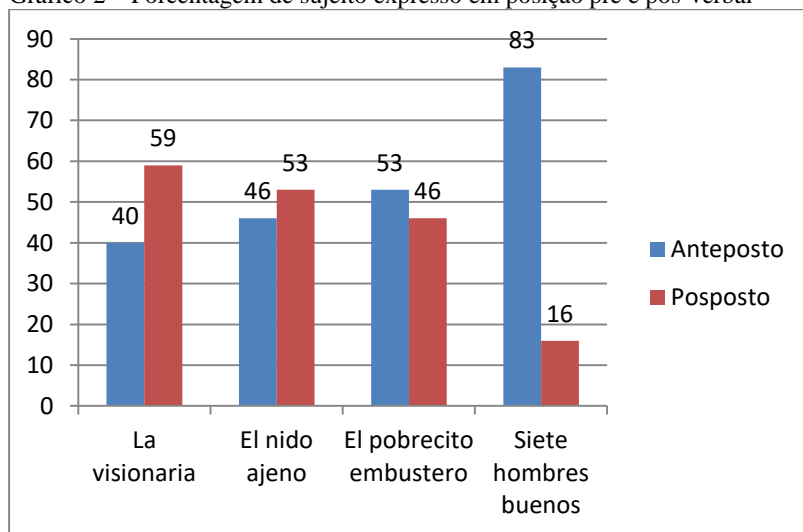
Como é possível observar, o autor da peça analisada praticamente não utilizou este recurso bastante presente na oralidade espontânea, tendo sido identificadas apenas 2 ocorrências no total da amostra.

6.2 ANÁLISE DA POSPOSIÇÃO DO SUJEITO AO VERBO

No capítulo 5 (seção 5.4), lançamos uma hipótese acerca da posposição do sujeito ao verbo. Indagamos se essa posição poderia vir a ser uma possível estratégia compensatória para a expressão de **ênfase**, considerando a afirmação de Silva-Corvalán (1982) de que os contextos

de contraste e ambiguidade parecem preferir a posição pré-verbal. Além disso, pretendíamos observar se a posposição do sujeito tem aumentado ou diminuído ao longo dos séculos considerados. Nossa expectativa era de que os percentuais estivessem diminuindo ao longo do tempo, tomando como base pesquisas sobre sincronias recentes que apontam que essa posição é pouco frequente (SOARES DA SILVA, 2006; WILDNER, 2011). Como podemos observar no Gráfico 2, esta última hipótese se confirma:

Gráfico 2 – Porcentagem de sujeito expresso em posição pré e pós-verbal



Com base no Gráfico 2, podemos observar que nas obras do século XIX (*La visionaria* e *El nido ajeno*) a posposição do sujeito ao verbo (59% e 53%; 315 e 90 ocorrências, respectivamente) é superior à anteposição (40% e 46%; 211 e 77 ocorrências, respectivamente). Já nas peças do século XX, esse comportamento se inverte, pois os percentuais na posição anteposta (53% e 83%; 141 e 87 ocorrências, respectivamente) superam os na posição posposta (46% e 16%; 123 e 17 ocorrências, respectivamente). Chama a atenção o contraste do número de ocorrências pospostas entre as três primeiras obras (acima de 90 ocorrências) e a última delas (apenas 17 ocorrências).

Outra diferença observada entre a última obra e as três anteriores é que nestas o número de ocorrências na posição pós-verbal em contextos não comparativos supera significativamente as de

contextos comparativos, enquanto naquela o número de ocorrências comparativas supera o das não comparativas: i) **contexto comparativo:** *La visionaria* (28 oc.), *El nido ajeno* (19 oc.), *El pobrecito embustero* (11 oc.), *Siete hombres buenos* (12 oc.); ii) **contexto não comparativo:** *La visionaria* (285 oc.), *El nido ajeno* (70 oc.), *El pobrecito embustero* (112 oc.), *Siete hombres buenos* (5 oc.).

É importante destacar, por outro lado, que o número de ocorrências **comparativas** na posição pré-verbal supera amplamente o número de ocorrências comparativas na posição pós-verbal em todas as peças analisadas, o que já havia sido sinalizado por Silva-Corvalán (1982): i) **contexto comparativo pré-verbal:** *La visionaria* (59 oc.), *El nido ajeno* (30 oc.), *El pobrecito embustero* (44 oc.), *Siete hombres buenos* (45 oc.); ii) **contexto comparativo pós-verbal:** *La visionaria* (28 oc.), *El nido ajeno* (19 oc.), *El pobrecito embustero* (11 oc.), *Siete hombres buenos* (12 oc.).

Esses resultados podem ser indícios de que a posposição do sujeito ao verbo venha a especializar-se (ao longo do processo de mudança) na expressão de “ênfase” (construção marcada), quando (e se) houver um espriamento/expansão da expressão do sujeito a contextos não marcados na posição pré-verbal, isto é, de pronome independente acentuado a pronome anafórico não acentuado. Resumindo: segundo essa hipótese – que não pode ser confirmada e está distante da atual sincronia do espanhol de Castela –, a posição pré-verbal (com a maioria dos sujeitos explícitos, semelhante ao inglês, por exemplo) viria a ser a construção não marcada e a posição pós-verbal, a marcada, podendo ambas coexistirem com outras estratégias de marcação, como o acento melódico, por exemplo. Como já dissemos anteriormente, na amostra que se refere à sincronia mais recente (*Siete hombres buenos*) pelo menos o dobro do número das ocorrências na posição pós-verbal refere-se a contextos comparativos, o que pode sinalizar que essa posição esteja se especializando – lenta e gradualmente – em contextos marcados.

6.3 ANÁLISE DOS VERBOS DE ATIVIDADE EXTERNA

A fim de testarmos nossa hipótese de tese, de que poderia estar havendo um processo incipiente em direção a uma maior expressão do sujeito pronominal na região dialetal de Castela (Espanha), analisaremos as ocorrências de verbos de atividade externa. Conforme vimos ao longo da análise dos resultados obtidos, os percentuais de expressão do sujeito

pronominal parecem contradizer nossa conjectura, uma vez que nas peças teatrais mais antigas há maior índice de expressão. Todavia, ao isolarmos as ocorrências com o pronome de tratamento *usted(es)*, vemos que, ainda que os percentuais tenham decrescido e oscilado ao longo do tempo, os pesos relativos referentes a outros pronomes mostram aumento nas amostras controladas, ao contrastarmos a peça da primeira metade do século XIX (*La visionaria*) com a da segunda metade do século XX (*Siete hombres buenos*) – Tabela 57.

Tabela 57 – Comparação dos pesos relativos referentes à expressão do sujeito pronominal com exclusão dos pronomes de tratamento *usted(es)*

	Pesos relativos	
	<i>La visionaria</i> (XIX-I)	<i>Siete hombres buenos</i> (XX-II)
<i>Yo</i>	0,47	0,62
<i>Tú</i>	0,25	0,40
<i>Él</i>	0,11	0,71
<i>Ella</i>	0,04	0,99
<i>Nosotros(as)</i>	0,04	0,14
<i>Vosotros(as)</i>	-	0,36
<i>Ellos</i>	0,23	0,84
<i>Ellas</i>	-	-

Essa elevação dos pesos relativos dos demais pronomes pode sinalizar que é mais fácil ocorrer um pronome expresso com esses pronomes na sincronia mais atual do que na mais antiga. Para dar respaldo a essa interpretação ou refutá-la, analisamos as ocorrências de sujeito expresso com verbos de atividade externa, uma vez que esse é um contexto em que a presença do sujeito pronominal é menos esperada, devido a maior objetividade presente nessa classe semântica, em comparação com outras, como, por exemplo, verbos de processos mentais, dentre os quais estão os estimativos (“opinativos”).

Em um primeiro momento, comparamos o número de ocorrências expressas e total de verbos de atividade externa, bem como os percentuais de explicitação do sujeito em cada um das peças – Tabela 58:

Tabela 58 – Frequência de uso do sujeito pronominal com verbos de atividade externa em todas as peças

Peças teatrais	Ocorrências explícitas/ total	% Sujeitos expressos
<i>La visionaria</i>	76/321	23%
<i>El nido ajeno</i>	26/214	12%
<i>El pobrecito embustero</i>	41/221	18%
<i>Siete hombres buenos</i>	27/296	9%

Pautando-nos na Tabela 58, vemos que o percentual de frequência de uso do sujeito com verbos de atividade externa oscila, sendo que o maior percentual é com a peça do período XIX-I (23%) e o menor, com a peça do período XX-II (9%). Olhando individualmente cada ocorrência, dividimos as ocorrências entre aquelas cuja forma verbal possui desinência exclusiva e aquelas em que há compartilhamento com outras formas pronominais – Tabela 59:

Tabela 59 – Ocorrências de sujeito explícito segundo a desinência verbal

Peças teatrais	Desinência exclusiva	Desinência compartilhada
<i>La visionaria</i>	16	60
<i>El nido ajeno</i>	13	13
<i>El pobrecito embustero</i>	19	22
<i>Siete hombres buenos</i>	21	6

Ao analisar a Tabela 59, chama a atenção o contraste, entre as peças, do número de ocorrências de sujeito explícito com **formas verbais compartilhadas**, particularmente a obra *La visionaria*, que destoa das demais por seu elevado valor (60 ocorrências). Analisando mais atentamente cada ocorrência, observamos que grande parte delas corresponde ao pronome *usted(es)*:

Tabela 60 – Ocorrências de sujeito explícito com *usted(es)*, *yo* e demais pronomes

Peças teatrais	<i>Usted(es)</i>		<i>Yo</i>		Outros pronomes
	DC	DE	DC	DE	DC
<i>La visionaria</i>	48	13	7	3	5
<i>El nido ajeno</i>	9	9	1	4	3
<i>El pobrecito embustero</i>	10	10	6	9	6
<i>Siete hombres buenos</i>	0	14	2	7	4

Como já comentamos, o pronome *usted(es)* tende a ser explicitado em todas as peças analisadas, o que parece ser devido ao seu caráter formal e/ou de deferência e respeito. Sendo assim, se olharmos a Tabela 60 sem levar em conta esse pronome, vemos que não há diferenças significativas entre as obras, sendo que o pronome *yo* apresenta o maior número de ocorrências explícitas em todas elas.

Em uma última análise, separamos as ocorrências que se referem a contextos comparativos (de contraste ou corroboração) e não comparativos – Tabela 61.

Tabela 61 – Ocorrências de sujeito explícito em contextos comparativos e não comparativos

Peças teatrais	Contextos comparativos	Contextos não comparativos
<i>La visionaria</i>	16	60
<i>El nido ajeno</i>	9	17
<i>El pobrecito embustero</i>	31	10
<i>Siete hombres buenos</i>	14	13

Como nosso objetivo é analisar as ocorrências que exprimem maior objetividade, descartamos aquelas referentes aos contextos comparativos e estreitamos nosso olhar para aquelas que ocorrem em contextos não comparativos. Observando a Tabela 61, salta aos olhos novamente o contraste entre a peça *La visionaria* (60 ocorrências) e as demais. Como vimos, grande parte das 76 ocorrências totais se refere ao pronome *usted(es)* (48 ocorrências); logo, infere-se que uma grande parte das 60 ocorrências em contextos não comparativos também se

refiram a esse pronome; feita a análise de cada ocorrência se confirma essa suposição, uma vez que das 60 ocorrências em contexto não comparativo, 40 delas correspondem ao pronome *usted(es)*, restando 20 para os demais pronomes. Tendo em vista o caráter social que tem o pronome *usted(es)*, optamos por excluí-lo da análise dos verbos não comparativos – sempre tendo em vista obtermos o contexto de maior objetividade – restando, assim, 20 ocorrências de *La visionaria*, 9 ocorrências de *El nido ajeno*, 2 ocorrências de *El pobrecito embustero* e 13 ocorrências de *Siete hombres buenos*.

Feita essa delimitação, analisamos quais verbos apareciam nessas ocorrências, dentre os quais citamos alguns: *ver, temblar, llorar, acostarse, desayunar, beber, trabajar, ir, venir, volver, retirarse, salir, llegar, saludar, hacer* (algo), *traer, llevar, casarse, votar*.

Dentre as ocorrências, observamos que a maioria corresponde ao pronome *yo* – lembrando que excluímos *usted* e *ustedes* nessa fase. Certas ocorrências trazem pistas ou características que podem nos auxiliar numa possível interpretação da presença pronominal. Um exemplo é o uso de sinais de interrogação ou exclamação (dados de 174 a 177), que parecem sinalizar ênfase.

(175) DON VICENTE. *¿Y á qué asunto he venido yo aqui? (La visionaria)*

(176) JOSÉ.— (...) *Dímelo todo. ¿Qué no haría yo por verla dichosa? (El nido ajeno)*

(177) LORENZO.— *¡Yo voy a llorar! (El pobrecito embustero)*

Outro exemplo é o indeterminado *uno/una*, que sempre é expresso em sua primeira menção (dados de 178 a 180), ainda que as seguintes menções no mesmo período possam vir com pronome omissos.

(178) RAIMUNDO. (...) *¡Cómo se empolva uno, cuando corre horizontalmente por esas calles! (La visionaria)*

(179) EMILIA.— (...) *Un día antes de casarse, los lleva una de modistas, de tiendas, al teatro, donde una quiere, como corderitos..., y después de casados... no hay quien les haga ir a ninguna parte. No se case usted. (El nido ajeno)*

(180) LINDA.—(Muy mundana.) ¡Pchs! Tanto como novio... ¿Qué voy a decirles a ustedes? Uno de esos amores destinados a la publicidad... ¿Qué no hará una por la publicidad? Y como si no tiene una novio no la retratan... Claro que con novio, toda la publicidad que se quiera. Si es soltero, una plana; si es casado, plana doble. Ya se sabe. (El pobrecito embustero)

Certos elementos explícitos também nos permitem identificar o que Enríquez (1984), dentre outros autores, chama de “contraposição implícita”, o que, explicado resumidamente, seria: a intenção do sujeito em “individualizar” o que expressa (fala, escreve, faz, etc.), ou seja, reforçar que o que está dizendo é de sua “responsabilidade” (181).

(181) DON VICENTE. *Que haga usted lo posible para que se me venda esta casa.* VALENTINA. *¿No mas que eso? De mil amores. Poco valgo; pero yo hablaré, yo trabajaré cuanto esté de mi parte...* (La visionaria)

Em outros casos, ocorrem sujeitos explícitos em contextos de alternância de referentes, sem que exista uma comparação entre eles (182 e 183).

(182) RAIMUNDO. *El señor es el cerrajero, y yo traigo las llaves; la de la puerta y la otra. Doña Crispula, con permiso de usted, voy a enseñar el cuarto de arriba al señor don Vicente, que parece nos quiere comprar la casa.* (La visionaria)

(183) PEDRÍN.—¡Sí! *La vida es muy triste. ¡Y todo es mentira! ¿Sabes? No creas nunca nada, Loreto. Los mayores mienten siempre. Cuando yo llegué aquí creía que mi tío Lorenzo era otro hombre distinto... Tía Rosalía nos había engañado durante veinte años, haciéndonos creer que tío Lorenzo era un héroe.* (El pobrecito embustero)

Ao concluirmos a análise das ocorrências com verbos de atividade externa, percebemos que seu comportamento apresenta bastante semelhança nas obras analisadas, ainda que a peça do período XIX-I (*La visionaria*) apresente maior número de ocorrências, mesmo depois de realizados os recortes dos dados.

Quanto à razão de termos realizado essa análise mais detalhada com os verbos de atividade, pode-se dizer que alcançamos nosso objetivo que era o de identificar **indícios** de presença do sujeito pronominal em contextos de maior objetividade. Conforme vimos, em

todas as peças ocorrem sujeitos expressos com verbos de atividade em contextos não comparativos. Em outras palavras, nossa pesquisa mostra que, ainda que com baixa frequência, ocorrem sujeitos expressos em contextos não condicionadores, como é o caso dos verbos de atividade externa.

6.4 RESPONDENDO ÀS QUESTÕES GERAIS DE PESQUISA

Nesta seção são rerepresentadas as questões de pesquisa formuladas no capítulo introdutório. Como o leitor se dará conta, respostas às duas primeiras questões, retomadas a seguir, foram sendo apresentadas ao longo do presente capítulo, e servem como forma de síntese e suporte para a resposta da última questão. Esta consiste no argumento central desta pesquisa e visa encontrar elementos que sustentem a hipótese de que o caminho evolutivo do sujeito pronominal na variedade analisada seja de esporádico para frequente, marcado para não marcado, discursivo para sintático. A seguir são expostas as perguntas e respectivas respostas.

(i) Que variáveis atuam na variação do fenômeno da expressão do sujeito pronominal em língua castelhana na região dialetal de Castela (Espanha)?

Para responder a esse questionamento, enfatizamos os resultados obtidos para a amostra mais recente (*Siete hombres buenos*) – ainda que nos refiramos às demais peças –, uma vez que o foco, neste caso, é a sincronia mais recente. As variáveis selecionadas para a peça representante da segunda metade do século XX foram, em ordem de importância, **forma pronominal, comparação, tempo verbal, ambiguidade e classe semântica do verbo.**

A forma pronominal mostrou-se a variável condicionadora mais influente sobre a expressão do sujeito em todas as amostras analisadas. Conforme esperávamos, o pronome de primeira pessoa do singular (*yo*) é um contexto favorável à presença do sujeito, atrás do pronome *usted*, que, como vimos, é o fator mais condicionador da expressão, dentre as formas pronominais.

Quanto à variável comparação, selecionada em todas as amostras, os resultados também correspondem à nossa conjectura, uma vez que os contextos comparativos favorecem amplamente a presença pronominal.

Com relação ao tempo verbal, observou-se uma tendência de uso com o pretérito imperfeito do indicativo como favorecedor da

expressão, semelhante ao comportamento observado nas outras peças. Por outra parte, ao analisar individualmente as ocorrências de sujeito expreso no pretérito imperfeito do indicativo na peça *Siete hombres buenos*, percebemos que grande parte delas referia-se a contextos comparativos. Vale destacar, também, que não se observou a atuação da ambiguidade sobrepondo-se ao tempo verbal nesse caso, já que as ocorrências com sujeito explícito ou dispunham de desinência verbal exclusiva ou seu referente era aclarado pelo contexto.

No que se refere à variável “ambiguidade”, também selecionada em todas as amostras, observamos que o fator correspondente a formas verbais com desinência exclusiva apresenta o menor percentual de expressão do sujeito (8%), ao lado do fator cujo referente é identificado pelo contexto discursivo e/ou sintático antes do verbo em análise (7%) – ambos contextos em que não há ambiguidade potencial –; embora o peso relativo referente ao primeiro tenha se comportado de forma estranha, favorecendo a expressão do sujeito (0,60), enquanto o peso relativo do segundo é compatível com sua frequência de uso baixa (0,17). Quanto aos fatores em que pode haver ambiguidade potencial, os quais representam a minoria dos casos (baixo número de ocorrências totais), estes apresentam os maiores valores de sujeito expreso. Os resultados para essa variável independente sinalizam que o falante é sensível a uma possível dificuldade de identificação do referente por parte do interlocutor, o que, geralmente, é evitado através da presença do pronome sujeito; e, também, que esses contextos potencialmente ambíguos não são frequentes, em nenhuma das peças analisadas.

Quanto à classe semântica do verbo, os resultados obtidos não corresponderam à nossa expectativa, uma vez que, esperávamos que os contextos em que a subjetividade se mostra mais operante, como no caso dos verbos estimativos, apresentariam os maiores valores de sujeito expreso e ocorreu justamente o contrário, pois esses verbos apresentaram os menores valores de presença do sujeito. Ao analisarmos as ocorrências com verbos estimativos, observamos que, em grande parte das ocorrências, o verbo dispunha de desinência verbal exclusiva, o que pode ter favorecido a omissão do sujeito.

Como é possível notar, não são muitas as variáveis que condicionam a expressão do sujeito na amostra analisada, uma vez que a maioria das variáveis independentes controladas não se mostraram significativas.

(ii) Em que medida é possível sustentar (ou refutar) estudos que assumem a presença do sujeito pronominal como exclusivamente motivada por questões discursivas?

Ao longo deste capítulo, pôde-se observar que os principais e mais atuantes condicionadores da presença pronominal se relacionam, de fato, ao discurso. A presença do sujeito pronominal serve para realizar comparações (contrastivas ou corroborativas), marcar a mudança de tópico/subtópico discursivo, aclarar o referente evitando possível ambiguidade, mostrar deferimento ao(s) interlocutor(es) no caso do *usted(es)*, destacar a “autoria” de certos posicionamentos, atitudes, ações, entre outros. Por outra parte, também vimos que a expressão do sujeito pronominal é um fenômeno variável na amostra representante da variedade peninsular, que é considerada a mais conservadora quanto a esse fenômeno, conforme sinalizam estudos empíricos sobre o tema (ENRÍQUEZ, 1984; SOARES DA SILVA, 2011; WILDNER, 2011). Como foi possível constatar através da pesquisa realizada, ocorrem sujeitos expressos em contextos não marcados ou menos marcados (verbos de atividade, ausência de alternância do sujeito, continuidade referencial, verbos com desinência exclusiva) e ocorrem sujeitos não expressos em contextos marcados ou mais marcados (contextos comparativos, verbos estimativos, contextos ambíguos).

(iii) Em que medida é possível, através de um estudo diacrônico, relacionar o objeto ao fenômeno da sintaticização?

Ao iniciarmos a presente pesquisa, estávamos cientes de que o **sujeito implícito** seria a opção predominante na amostra que se refere à sincronia mais recente, tendo em vista estudos empíricos sobre o tema com amostras de falantes espanhóis (ENRÍQUEZ, 1984; SOARES DA SILVA, 2006; WILDNER, 2011). Dessa forma, esperávamos encontrar, por meio de um olhar mais qualitativo, apenas **indícios** que sinalizassem um possível espraiamento da presença do sujeito pronominal para contextos não apenas discursivos, mas também sintáticos. Conforme vimos na questão anterior, ainda que esteja fortemente condicionado por fatores relacionados ao discurso, há casos em que o sujeito explícito atua como elemento anafórico, como, por exemplo, em contexto de continuidade referencial, em que o esperado seria um sujeito não expresso. Além disso, houve significativa expressão do sujeito em contextos não comparativos (não marcados) em que há apenas alternância de referentes ou até mesmo ausência de alternância.

Quanto à hipótese de que, ao longo dos últimos séculos, haveria expansão de contextos de uso do sujeito pronominal e/ou alterações substanciais nos pesos relativos das variáveis condicionadoras do fenômeno, vimos que, ao contrário do esperado, houve diminuição da frequência de uso do sujeito pronominal da peça do período XIX-I para a peça do período XX-II. A esse respeito, no que concerne ao baixo índice de sujeito expresso com a peça representante da segunda metade do século XX *Siete hombres buenos*, é possível que, se tivéssemos realizado uma análise com dados de oralidade e não de escrita, o percentual de sujeitos expressos fosse maior, com base nos resultados obtidos por Enríquez (1984), Soares da Silva (2006) e Wildner (2011), cujas pesquisas com amostras de fala de espanhóis apresentam percentuais de expressão superiores aos 8% obtidos nessa peça: 25,64%, 24% e 19%, respectivamente.

Por outro lado, houve alterações significativas quanto aos pesos relativos, com aumento dos valores de algumas variáveis e/ou fatores controlados. Além disso, ao longo da análise das variáveis, fomos observando que os altos índices de expressão do sujeito nas peças mais antigas, especialmente a da primeira metade do século XIX (*La visionaria*), se deve em grande parte ao extenso uso do pronome de tratamento *usted(es)*, que é explicitado tanto como forma de deferimento ao interlocutor como para evitar ambiguidade potencial. Ademais, ao isolarmos essa forma de tratamento e o pronome indeterminado *uno(a)*, observamos que o comportamento das formas pronominais entre as peças apresentava mais semelhanças que diferenças.

Outro indício a favor de nossa hipótese da sintaticização é o fato de que a posposição do sujeito ao verbo apresenta uma acentuada redução da peça do período XIX-I para a peça mais recente. Ao analisarmos as ocorrências pospostas, observamos que, nas três peças mais antigas (períodos XIX-I, XIX-II e XX-I), o número de ocorrências em contextos não comparativos supera o de comparativos, isto é, a posposição parecia ser usada como um recurso estilístico; já na peça do período XX-II, a mais recente, ocorre comportamento inverso, ou seja, a maior parte das ocorrências de sujeito posposto é referente a contextos comparativos. Esses resultados sinalizam que a posposição pode estar se especializando para determinados contextos, enquanto a anteposição tem se tornado a opção preferida, para contextos marcados ou não.

A respeito do conceito de **marcação**, retomemos a seguinte citação givoniana:

O mecanismo diacrônico para desenfatar e assim desacentuar pronomes independentes é provavelmente devido à sobreutilização [uso excessivo], uma estratégia de ‘comprar garantia extra’. Este envolve extenso uso dos pronomes acentuados de contextos contrastivos para não contrastivos, isto é, em um subdomínio previamente coberto pelas anáforas zero (GIVÓN, 2001, p. 421).

É evidente que a variedade analisada nesta tese ainda está muito distante de que haja uma “sobreutilização [uso excessivo]” do sujeito pronominal, mas, como foi possível constatar com este estudo, já é possível encontrar indícios de mudança, sendo o primeiro deles a própria existência de variação quanto a esse fenômeno. Além disso, o funcionalismo concebe a gramática como funcionalmente motivada, ou seja, a mudança linguística começa no **discurso**. A gramática de hoje é o discurso de ontem. Então, o discurso de hoje pode se tornar a gramática de amanhã (sintaticização).

Nessa direção, considerando que, na perspectiva funcionalista, a presença de variação já é uma manifestação de mudança (em andamento) e tomando como base os resultados obtidos no presente estudo, ousamos assumir que pode estar havendo um processo incipiente de mudança em direção a uma maior explicitação do sujeito na variedade analisada. Nesse sentido, o esperado é que o percurso evolutivo do sujeito pronominal na variedade madrilena, que, como vimos, é utilizado preferentemente em contextos mais marcados e com baixa frequência de uso, passe, ao longo do tempo, por um processo de sintaticização, tornando-se uma característica gramatical, não marcada e com a maior frequência de uso, processo ocorrido no inglês e que parece estar ocorrendo de forma mais avançada em variedades americanas do espanhol, notadamente as caribenhas, e também no português do Brasil (DUARTE, 1995; PAREDES DA SILVA, 2003).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não faremos aqui uma repetição exaustiva do que foi tratado no capítulo anterior. Destacaremos pontualmente algumas observações e reflexões advindas do processo de escrita do presente trabalho.

Inicialmente conjecturamos que a frequência do sujeito pronominal poderia estar aumentando ao longo do tempo. Contudo, os resultados evidenciaram um comportamento diferente do previsto, uma vez que as amostras mais antigas, especialmente a representante da primeira metade do século XIX, apresentam uma maior frequência de expressão do sujeito. Por outra parte, observamos que, nas amostras referentes a sincronias mais antigas, o pronome de tratamento *usted(es)* era usado em uma ampla gama de contextos sociais e que, na amostra mais recente, este pronome ocorre em escassos contextos sociais. Constatamos que, em todas as amostras controladas, esse pronome de tratamento é altamente favorável à expressão. Dessa forma, uma explicação para a contrastante diferença dos valores do sujeito pronominal entre a primeira metade do século XIX (*La visionaria*) e a segunda metade do século XX (*Siete hombres buenos*) deriva, em parte, desse pronome, que demonstra estar perdendo contextos de uso ao longo do tempo.

Nesse sentido, são necessários estudos empíricos com amostras orais e escritas que contemplem contextos favoráveis à utilização do pronome “*usted*” na atual sincronia – como, por exemplo, diálogos de filmes, novelas, propagandas, sessões políticas – para verificar se a frequência de uso com esse pronome se assemelha à da peça *El pobrecito embustero* (64% de expressão), representante da primeira metade do século XX, ou se destoa significativamente desta.

Somente estudos como o sugerido no parágrafo anterior podem esclarecer se o pronome *usted(es)* segue se comportando de forma diferenciada dos outros pronomes ou se houve mudança em sua forma de uso (em termos de frequência de uso). Tal dúvida é gerada pelo fato de que, ao isolarmos os valores obtidos por *usted(es)*, há aumento nos pesos relativos referentes a outros pronomes da peça mais antiga para a mais recente. Nesse sentido, parece ser mais provável explicitar certos pronomes na atual sincronia do que na sincronia do período XIX-I, como o pronome “*nosotros(as)*”, por exemplo. A respeito desse pronome, importa mencionar que este se mostra um dos contextos mais resistentes à presença pronominal em todas as peças, especialmente na peça representante da primeira metade do século XIX (*La visionaria*).

Importa ressaltar também que, conforme havíamos previsto, o controle mais refinado da variável **ambiguidade** se mostrou bastante relevante para a explicação do fenômeno, ao contrário do que a pesquisa de Enríquez (1984) apontou. Contudo, essa diferença de resultados se deve a diferenças metodológicas utilizadas em ambos os estudos. Enríquez (1984) interpretou a ambiguidade com base no controle do tempo verbal, isto é, pautando-se nos resultados de desinências distintas ou compartilhadas. Uma vez que o tempo verbal não se mostrou significativo na pesquisa dessa autora e que não havia uma correlação entre desinência distinta e presença do sujeito pronominal, Enríquez (1984) deduziu que a ambiguidade não era atuante. Em nossa pesquisa, buscamos controlar o papel do contexto sintático e/ou discursivo para a identificação do referente, e não apenas a desinência verbal. Para a construção da variável ambiguidade nos pautamos em Hurtado (2001), uma vez que, nesse estudo, a ambiguidade se mostrou relevante. Em direção a Hurtado (2001), nossa pesquisa evidenciou que a expressão do sujeito é sensível à presença de desinências exclusivas e compartilhadas, na variedade madrilena, quando o contexto não deixa clara a referência, haja vista que essa variável foi selecionada com força relativa significativa em todas as amostras controladas. Nesse sentido, destacamos que a forma como analisamos as variáveis influencia os resultados obtidos.

Cabem, também, algumas considerações sobre a variável comparação. Conforme esperávamos, esta variável mostra ser uma das principais condicionadoras da expressão do sujeito. Todavia, como se costuma excluir os usos contrastivos das análises sociolinguísticas, por se assumir que este é um contexto categórico, esperávamos que essa fosse a mais relevante das variáveis, o que não aconteceu, uma vez que a variável forma pronominal mostra-se a mais influente em todas as obras analisadas. Além disso, os resultados obtidos mostram que os fatores comparativos (contrastivos e corroborativos), apesar de altamente favoráveis à presença do sujeito pronominal, também apresentam ocorrências com sujeito implícito, não sendo, portanto, um contexto categórico de sujeito explícito. Tal resultado sinaliza que é importante controlar certas variáveis para averiguar se de fato são categóricas. Além disso, o fato de certas variáveis serem categóricas demanda um olhar mais detalhado para sua relação com o objeto de estudo analisado.

Outra questão que merece ser destacada se refere à multifuncionalidade dos verbos, razão pela qual é necessário considerar um contexto mais amplo do que a simples forma verbal para proceder à codificação. Além disso, em amostras de sincronias mais antigas,

ocorrem verbos e construções verbais não mais usuais, o que exige um trabalho de pesquisa sobre os significados dos mesmos, sendo que nem sempre estes estão acessíveis ao pesquisador. Devido à complexidade e dificuldade que envolve a classificação semântica dos verbos, para a variável classe semântica do verbo, foi bastante utilizado o recurso “não se aplica”, devido, também, à restrição do tempo para a execução do presente trabalho.

É necessário aqui fazer uma ressalva sobre os pesos relativos obtidos para a peça *Siete hombres buenos*, uma vez que alguns fatores apresentaram comportamento muito distante do esperado. Chamou a atenção o fato de o pronome *él* apresentar um peso relativo tão alto (0,71), dado que, em outros estudos, essa forma pronominal é um contexto favorável à omissão do sujeito (ENRÍQUEZ, 1984; SOARES DA SILVA, 2006; WILDNER, 2011, entre outros). A respeito das formas pronominais cabe salientar que algumas delas apresentam escassas ou até mesmo nenhuma ocorrência em certa obra e várias ocorrências em outra, como é o caso de *vosotros(as)*, *uno(a)*, *ella*, *ellas*, *ellos* e *ustedes*. Por essa razão, fica dificultada a comparação das tendências no que se refere a esses pronomes, em parte porque a análise multivariada do programa estatístico não funciona com contextos categóricos e em outra parte porque não é prudente formular explicações com base em escassos dados.

Reconhecendo os limites não alcançados, importa ainda mencionar aspectos deste estudo que melhor contribuem para o desenvolvimento de pesquisas sobre o mesmo fenômeno. A esse respeito, consideramos que a maior contribuição desta tese consiste em possibilitar olhar para amostras antigas de língua, uma vez que existe uma carência de estudos empíricos sobre a expressão do sujeito pronominal em espanhol numa perspectiva diacrônica. Outro aspecto que consideramos positivo em nosso estudo se refere ao maior detalhamento dado à nossa forma de análise e controle dos dados, na apresentação das variáveis independentes no capítulo metodológico. Estamos cientes de que certos aspectos metodológicos do presente trabalho poderiam ter sido refinados e melhorados; por outro lado, nenhuma pesquisa é findável e sempre haverá aspectos a serem estudados e descobertos ao lidarmos com um objeto de estudo tão complexo e atraente como a linguagem humana.

Segue a mudança, segue a pesquisa, segue a vida...

REFERÊNCIAS

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1994.

BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; KATO, Mary Aizawa. Null Subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, volume 4, n. 2. 2005.

BENTIVOGLIO; Paola; ORTIZ; Luis A.; SILVA-CORVALÁN, Carmen. *La variable “expresión del sujeto pronominal”*: guía de codificación. Junio, 2011. Disponível em: <http://preseea.linguas.net/Portals/0/Metodologia/guia_codificacion_sujetos_julio_2011.pdf>. Acesso: 01 mar 2015.

BYBEE, Joan L. Mechanism of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CALDERÓN CAMPOS, Miguel. Formas de tratamiento. In: ALEZA IZQUIERDO, Milagros; ENGUITA UTRILLA, José María (coords.). *La lengua española en América: normas y usos actuales*. Universitat de València, Valencia, 2010. p. 225-236. Disponível em: <<http://www.uv.es/aleza/>> Acesso: 20 mar 2015.

CAMERÓN, Richard. Ambiguous agreement, functional compensation, and nonspecific tú in the Spanish of San Juan, Puerto Rico and Madrid, Spain. *Language Variation and Change* 5, 1993. p. 305-334.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CORREA, Paulo. *Dimensiones sintácticas del español: su relación con el discurso y el aprendizaje por hablantes de portugués*. Maringá: Eduem, 2009.

DAL MAGO, Diane. *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

DELANCEY, Scott. Grammaticalization and syntax: a functional view. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (eds). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 365-377.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, 1995.

_____. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.) *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história I*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____. O sujeito de referência indeterminada em sentenças infinitivas. *Revista do GEL*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, 2008.

ECKERT, P. *Language variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

_____. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto. 41, 2012, p. 87-100. Disponível em: <http://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev-anthro-092611-145828#article-denial>. Acesso em agosto de 2017.

ENRÍQUEZ, Emilia V. *El pronombre personal sujeto en la lengua española hablada en Madrid*. Madrid: C.S.I.C. (Consejo Superior de Investigaciones Científicas Instituto Miguel de Cervantes), 1984.

ERKER, Daniel; GUY, Gregory R. The role of lexical frequency in syntactic variability: variable subject personal pronoun expression in Spanish. *Language*. V. 88, n. 33., 2012, p. 526-557

FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. El pronombre personal: formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española: sintaxis básica de las clases de palabras* (Vol. 1). Madrid: Espasa, 1999.

FLORES-FERRÁN, Nydia. La expresión del sujeto en el español de Nueva York: el factor de la perseverancia. *ASJU*, XXXVIII-1, 2004, 353-366.

GIVÓN, Talmy. *A compreensão da gramática*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta; Filipe Albani. São Paulo: Cortez, 2012 [1979].

_____. *Syntax: an introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; REZENDE, T. F. (Orgs.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 35-63.

_____; _____. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE*, Vol.15 - Números 1/2, 2013. p. 75-97

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 575-601.

_____; KUTEVA, Tania. *Language contact and grammatical change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

HOPPER, Paul. *Emergent grammar*. BLS 13, 1987, p. 139-157.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. V. 1. Amsterdam: Benjamins, 1991, p. 17-36.

_____; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HURTADO, Luz Marcela. *La variable expresión del sujeto en el español de los colombianos y colombo-americanos residentes en el Condado de Miami-Dade*. Tesis doctoral. Miami: University of Florida, 2001.

KATO, Mary Aizawa; TARALLO, Fernando. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In: SCHLIEBE-LAMNE, B.; VILLAÇA KOCH, I.; JUNGBLUTH, K. (orgs). *Dialog zwischen den Schulen*. Münster: Nodus Publikationen, 2003 [1988]. p. 101-129.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. *Lengua hablada en la Rumania: español, francés, italiano*. Tradução de Araceli López Serena. 2ª ed. Madrid: Gredos, 2007 [1990].

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. Where does the linguistic variable stop? A responde to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, n° 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978. p. 01-17

_____. *Principles of linguistic change – Internal factors*. Cambridge: B.Blackwell, 1994.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LAVANDERA, Beatrice. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, Great Britain, 1978, p. 171-182.

LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41 (2), maio-ago, 2012. p. 793-805.

LUJÁN, Marta. Expresión y omisión del pronombre personal. In: BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española: sintaxis básica de las clases de palabras* (Vol. 1). Madrid: Espasa, 1999.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Las variedades de la lengua española y su enseñanza*. Madrid: Arco Libros, 2009.

_____. *La lengua española en su geografía*. Madrid: Arco Libros, 2010.

_____; CESTERO MANCERA, A. M.; MOLINA MARTOS, I.; PAREDES GARCÍA, F. *Corpus PRESEEA-ALCALÁ. Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América*. Hablantes de instrucción superior. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2004/5.

_____; CESTERO MANCERA, A. M.; MOLINA MARTOS, I.; PAREDES GARCÍA, F. *Corpus PRESEEA-ALCALÁ. Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América*. Hablantes de instrucción superior. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2007.

_____; CESTERO MANCERA, A. M.; MOLINA MARTOS, I.; PAREDES GARCÍA, F. *Corpus PRESEEA-ALCALÁ. Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América*. Hablantes de instrucción superior. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2002.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. *Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

OROZCO; Rafael; GUY, Gregory. El uso variable de los pronombres sujetos: ¿qué pasa en la costa Caribe colombiana? *Selected Proceedings of the 4th Workshop on Spanish Sociolinguistics*. ed. by M. Westmoreland & J. Thomas. Somerville, MA: Cascadilla, 2008, p. 70-80.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 97-128.

_____. Por trás das frequências. *Organon*: Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, n. 18, 1991, p. 23-36.

POPLACK, Shanna. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG; HEINE (eds.), 2011, p. 209-224. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (ed.). *Handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 209-224.

ROBERTS, Ian. A generalização de Taraldsen e a mudança lingüística: dois modos de perder sujeitos nulos. In: TORRES MORAIS, M. A. C. R.; ANDRADE, M. L. da C. V. de O. (orgs.). *História do português paulista*. Série Estudos, v. II. Campinas, SP: UNICAMP, Publicações IEL, 2009.

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen; TAGLIAMONTE, Sali. *Goldvarb 2001: Um aplicativo de análise multivariada para Windows*. (Trad. Luís Amaral, UFPel). University of York, 2001.

ROMAINE, Suzanne. On the problem of syntactic variation and pragmatic meaning in Sociolinguistic Theory. *Folia Linguistica*. Volume 18, Issue 3-4, 1984. p. 409-438.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. Subject expression and placement in Mexican-American Spanish. In: AMASTAE, John; ELIAS-OLIVARES, Lucía (org.). *Spanish in the United States*. New York: Cambridge University Press, 1982. p. 93-120.

_____. *Sociolingüística y pragmática del español*. Washington, DC: Georgetown University Press, 2001.

_____. Otra mirada a la expression del sujeto como variable sintáctica. In: MORENO FERNÁNDEZ, Francisco; SAMPER PADILLA, José Antonio; VAQUERO, María; GUTIÉRREZ ARAUS, María; HERNÁNDEZ ALONSO, César; GIMENO MENÉNDEZ, Francisco.

Lengua, variación y contexto: estudios dedicados a Humberto López Morales. Vol. 2. Madrid: Arco Libros, 2003. p. 849-860.

SOARES DA SILVA, Humberto. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SOARES DA SILVA, Humberto. *Evidências da mudança paramétrica em dados da Língua-E: o sujeito pronominal no português e no espanhol*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas/Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

TAVARES, Maria Alice. *Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística*. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014, p. 203-223.

_____. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria. *Variação e sociofuncionalismo*. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.

TORIBIO, Almeida Jacqueline. *Setting parametric limits on dialectal variation in Spanish*. *Lingua* 10, 2000, p. 315-341.

TORRES CACCOULOS, Rena. *Variation and grammaticalization*. *The handbook of Hispanic sociolinguistics*. 2011.

TORRES CACCOULLOS, Rena; TRAVIS, Catherine E. *Variable yo expression in New Mexico: English influence?* In: RIVERA-MILLS

Susana; VILLA Daniel J. (org.). *Spanish of the US Southwest: a language in transition*. Madrid: Iberoamericana, 2010. p. 185-206.

TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalization and mechanisms of change. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (ed.). *Handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 19-30.

_____. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.). *Subjectification and intersubjectification and grammaticalization*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p. 29-70.

_____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 624-647.

VALLE, Carla R. Martins. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ZAMORA VICENTE, A. *Dialectología española*. Madrid: Editorial Gredos, 1967.

WEINER, Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistic*, Cambridge, v. 19, 1983, p. 29-58.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WILDNER, Ana Kaciara. A expressão do sujeito no espanhol e no português brasileiro: abordagem sociolinguística. In: OLIVEIRA, L. C.; WILDNER, A. K.; HAEMING, W. K. *Linguagem e ensino: teorias, práticas e debates no Instituto Federal de Santa Catarina*. Florianópolis: IF-SC, 2009, p. 43-50.

WILDNER, Ana Kaciara. *Sujeito pronominal nulo e explícito em espanhol oral: distribuição complementar ou variação linguística?* 2011.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

APÊNDICE A – Variáveis excluídas da análise multivariada em todas as peças analisadas

ESPECIFICIDADE DO SUJEITO

Juan Eugenio Hartzenbusch (XIX-I): *La visionaria*

Tabela 62 – Sujeito expresso segundo a variável “Especificidade do sujeito” (*La visionaria*)

Especificidade do sujeito	Ocorrências	Porcentagem
Específico	522/1344	38%
Não específico	4/22	18%
Coletivo	0/9	0%
TOTAL	526/1375	38%

Jacinto Benavente (XIX-II): *El nido ajeno*

Tabela 63 – Sujeito expresso segundo a variável “Especificidade do sujeito” (*El nido ajeno*)

Especificidade do sujeito	Ocorrências	Porcentagem
Específico	156/1114	14%
Não específico	11/33	33%
Coletivo	-	-
TOTAL	167/1147	14%

Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

Tabela 64 – Sujeito expresso segundo a variável “Especificidade do sujeito” (*El pobrecito embustero*)

Especificidade do sujeito	Ocorrências	Porcentagem
Específico	257/1127	22%
Não específico	7/32	21%
Coletivo	0/24	0%
TOTAL	264/1183	22%

Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

Tabela 65 – Sujeito expreso segundo a variável “Especificidade do sujeito” (Siete hombres buenos)

Especificidade do sujeito	Ocorrências	Porcentagem
Específico	104/1207	8%
Não específico	0/18	0%
Coletivo	0/4	0%
TOTAL	104/1229	8%

PROGRESSIVIDADE¹²²

Juan Eugenio Hartzbusch (XIX-I): *La visionaria*

Tabela 66 – Sujeito expreso segundo a variável “Progressividade” (*La visionaria*)

Progressividade	Ocorrências	Porcentagem
Progressivo	2/20	10%
Não progressivo	405/1187	34%
TOTAL	407/1207	33%

Jacinto Benavente (XIX-II): *El nido ajeno*

Tabela 67 – Sujeito expreso segundo a variável “Progressividade” (*El nido ajeno*)

Progressividade	Ocorrências	Porcentagem
Progressivo	0/9	0%
Não progressivo	151/1014	14%
TOTAL	151/1023	14%

Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

Tabela 68 – Sujeito expreso segundo a variável “Progressividade” (*El pobrecito embustero*)

Progressividade	Ocorrências	Porcentagem
Progressivo	3/31	9%
Não progressivo	246/988	24%
TOTAL	249/1019	24%

¹²² Os verbos no **imperativo** não foram considerados para esta variável, tendo sido utilizado o recurso **não se aplica** nesses casos.

Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

Tabela 69 – Sujeito expesso segundo a variável “Progressividade” (*Siete hombres buenos*)

Progressividade	Ocorrências	Porcentagem
Progressivo	3/37	8%
Não progressivo	97/1069	9%
TOTAL	100/1106	9%

FORMA VERBAL¹²³

Juan Eugenio Hartzenbusch (XIX-I): *La visionaria*

Tabela 70 – Sujeito expesso segundo a variável “Forma Verbal” (*La visionaria*)

Forma verbal	Ocorrências	Porcentagem
Simple	324/914	35%
Composta	45/155	29%
Perífrase modal/aspectual	34/128	26%
Perífrase de futuro	4/10	40%
TOTAL	407/1207	33%

Jacinto Benavente (XIX-II): *El nido ajeno*

Tabela 71 – Sujeito expesso segundo a variável “Forma Verbal” (*El nido ajeno*)

Forma verbal	Ocorrências	Porcentagem
Simple	130/840	15%
Composta	5/83	6%
Perífrase modal/aspectual	15/87	17%
Perífrase de futuro	1/13	7%
TOTAL	151/1023	14%

Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

Tabela 72 – Sujeito expesso segundo a variável “Forma Verbal” (*El pobrecito embustero*)

¹²³ Os verbos no **imperativo** não foram considerados para esta variável, tendo sido utilizado o recurso **não se aplica** nesses casos.

Forma verbal	Ocorrências	Porcentagem
Simplex	202/794	25%
Composta	25/104	24%
Perífrase modal/aspectual	15/79	18%
Perífrase de futuro	7/42	16%
TOTAL	249/1019	24%

Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

Tabela 73 – Sujeito expreso segundo a variável “Forma Verbal” (*Siete hombres buenos*)

Forma verbal	Ocorrências	Porcentagem
Simplex	70/790	8%
Composta	16/135	11%
Perífrase modal/aspectual	8/153	5%
Perífrase de futuro	6/28	21%
TOTAL	100/1106	9%

TURNOS DE FALA

Juan Eugenio Hartzenbusch (XIX-I): *La visionaria*

Tabela 74 – Sujeito expreso segundo a variável “Turno de fala” (*La visionaria*)

Turno de fala	Ocorrências	Porcentagem
Início de turno de fala	176/325	54%
Continuidade de turno de fala	287/896	32%
TOTAL	463/1221	37%

Jacinto Benavente (XIX-II): *El nido ajeno*

Tabela 75 – Sujeito expreso segundo a variável “Turno de fala” (*El nido ajeno*)

Turno de fala	Ocorrências	Porcentagem
Início de turno de fala	30/157	19%
Continuidade de turno de fala	128/862	14%
TOTAL	158/1019	15%

Víctor Ruiz Iriarte (XX-I): *El pobrecito embustero*

Tabela 76 – Sujeito expreso segundo a variável “Turno de fala” (*El pobrecito embustero*)

Turno de fala	Ocorrências	Porcentagem
Início de turno de fala	59/213	27%
Continuidade de turno de fala	190/869	21%
TOTAL	249/1082	23%

Juan Mayorga (XX-II): *Siete hombres buenos*

Tabela 77 – Sujeito expresso segundo a variável “Turno de fala” (*Siete hombres buenos*)

Turno de fala	Ocorrências	Porcentagem
Início de turno de fala	25/292	8%
Continuidade de turno de fala	70/853	8%
TOTAL	95/1145	8%

ANEXO A – Guia de codificação

FACTORES LINGÜÍSTICOS Y EXTRALINGÜÍSTICOS PARA EL ANÁLISIS

FACTORES LINGÜÍSTICOS

Variable dependiente:

1. Sujeto pronominal: (solo personales)

e = expresado (yo fui al mercado)

n = no expresado (Ø fui al mercado)

Variables independientes:

2. Persona del sujeto:

p = primera persona sing. (yo)

s = segunda persona sing. (tú)

u = segunda persona sing. (ud.)

o = segunda persona sing. (vos)

t = tercera persona sing. (él...)

n = primera persona pl. (nosotros...)

v = segunda persona pl. (vosotros, uds.)

c = tercera persona pl. (ellos...)

e = uno, una

3. Especificidad del sujeto:

e = específico

n = no específico (En este país tú no puedes/ Ud. no puede descansar porque te quedas/se queda atrás; Dicen que la economía mejorará.).

4. Modo:

i = indicativo

s = subjuntivo

5. Tiempo verbal:

s = presente

t = pretérito

m = imperfecto

f = futuro morfológico

g = futuro perifrástico (ir a + Inf.)

c = condicional

6. Progresividad:

p = progresivo (Pedro está leyendo/acabando de leer el diario)

n = no progresivo (Pedro lee/acaba de leer el diario)

7. Perfectividad:

c = tiempo compuesto (Ha venido / Ha querido/podido venir)

s = tiempo simple (Vino / Quiso venir)

8. Ambigüedad:

a = forma verbal morfológicamente ambigua (Quería venir)

n = forma verbal no ambigua (Quiere venir)

[Esta es una codificación mínima, que no considera ni el contexto ni variaciones dialectales asociadas con pérdida de consonantes sino solo las formas que las gramáticas consideran ambiguas entre 1^a. y 3^a. p.sg.: imperfecto, condicional, tiempos del subjuntivo.]

9. Clase semántica del verbo:

p = procesos mentales (Yo a veces pienso en eso)

e = verbo de estado (El está en la universidad)

d = verbo *dicendi* (Pedro dice siempre la verdad)

a = verbo de actividad (jugar, cantar, etc.)

o = otra clase

[Esta es una codificación mínima, que puede ser revisada. Ver nota arriba.]

10. Tipo de cláusula:

a = afirmativa

n = negativa

i = interrogativa (con palabra interrogativa: ¿Dónde estabas?)

y = preguntas sin palabra interrogativa (¿Tú te vas ya?; ¿Ella se lo llevó?)

11. Correferencialidad:

c = correferencial con sujeto previo (i.e., el mismo sujeto del verbo precedente: Luis fue a la playa; él no regresará hoy.)

a = correferencial o parcialmente correferencial con cualquier argumento que no sea sujeto. (Invita a Juan. Él no tiene muchos amigos aquí.)

d = no correferencial (el sujeto no es mencionado en la oración precedente)

n = no aplicable (Ej. Cuando está comenzando un turno de habla.)

12. Turno de habla:

i = el mismo turno de habla

c = cambio de turno (A: ¿Por qué te fuiste tan temprano? B: Porque 0 tenía mucho trabajo.)

FACTORES SOCIALES:

13. Edad:

a = Generación 1 (20-34 años)

b = Generación 2 (35 a 54 años)

c = Generación 3 (55 años o más)

14. Sexo del hablante:

m = masculino

f = femenino

15. Nivel educativo:

p = enseñanza primaria (o menos)

s = enseñanza secundaria

e = enseñanza superior

16. Dialecto:

p = Puerto Rico

v = Venezuela etc.